



Patrick Süskind

O PERFUME

A História de um Assassino



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Patrick Süskind

Perfume

Título original

Das Parfum

Tradução

Flávio R. Kothe



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

PRIMEIRA PARTE

No século XVIII viveu na França um homem que pertenceu à galeria das mais geniais e detestáveis figuras daquele século nada pobre em figuras geniais e detestáveis. A sua história é contada aqui. Ele se chamava Jean-Baptiste Grenouille e se, ao contrário dos nomes de outros geniais monstros como, digamos, Sade, Saint-Just, Fouché, Bonaparte etc , o seu nome caiu hoje no esquecimento, isto certamente não ocorreu porque Grenouille tenha ficado atrás desses homens das trevas mais famosos em termos de arrogância, desprezo à raça humana, imoralidade, ou seja, em impiedade, mas porque o seu gênio e a sua única ambição se concentravam numa área que não deixa rastros na história: o fugaz reino dos perfumes.

Na época de que falamos, reinava nas cidades um fedor dificilmente concebível por nós, hoje. As ruas fediam a merda, os pátios fediam a mijó, as escadarias fediam a madeira podre e bosta de rato, as cozinhas, a couve estragada e gordura de ovelha; sem ventilação, salas fediam a poeira, mofo, os quartos, a lençóis sebosos, a úmidos colchões de pena, impregnados do odor azedo dos penicos. Das chaminés fedia o enxofre, dos curtumes, as lixívias corrosivas, dos matadouros fedia o sangue coagulado. Os homens fediam a suor e a roupas não lavadas; da boca eles fediam a dentes estragados, dos estômagos fediam a cebola e, nos corpos, quando já não eram mais bem novos, a queijo velho, a leite azedo e a doenças infecciosas. Fediam os rios, fediam as praças, fediam as igrejas, fedia sob as pontes e dentro dos palácios. Fediam o camponês e o padre, o aprendiz e a mulher do mestre, fedia a nobreza toda, até o rei fedia como um animal de rapina, e a rainha como uma cabra velha, tanto no verão quanto no inverno. Pois à ação desagregadora das bactérias, no século XVIII, não havia sido ainda colocado nenhum limite e, assim, não havia atividade humana, construtiva ou destrutiva, manifestação alguma de vida, a vicejar ou a fenecer, que não fosse acompanhada de fedor.

Naturalmente, em Paris o fedor era maior, pois Paris era a maior cidade da França. E em Paris, por sua vez, um lugar havia onde o fedor imperava de modo especialmente infernal, entre a Rue aux Fers e a Rue de la Ferronnerie, ou seja, no Cimetière des Innocents. Ao longo de oitocentos anos, tinham sido para ali trazidos os mortos do hospital Hotel-Dieu e das comunidades eclesiais das redondezas; ao longo de oitocentos anos, carretas traziam até ali, dia após dia, cadáveres às dúzias, jogados em longas covas; ao longo de oitocentos anos, acumulados nas criptas e ossários, camadas e mais camadas de ossinhos. E só mais tarde, às vésperas da Revolução Francesa, depois que algumas das covas haviam desabado perigosamente e o fedor do saturado cemitério havia levado os moradores das cercanias não mais a

meros protestos, mas a verdadeiros levantes, é que ele foi finalmente fechado e transferido, tendo os milhões de ossos e crânios sido enterrados nas catacumbas de Montmartre e, no seu lugar, surgiu uma praça com uma feira livre.

Bem ali, no lugar mais fedorento de todo o reino, foi que nasceu Jean-Baptiste Grenouille, em 17 de julho de 1738.

Era um dos dias mais quentes do ano. O calor pairava como chumbo por sobre o cemitério e empurrava para as ruas vizinhas os gases da putrefação que cheiravam a uma mistura de melões podres e chifre queimado. Quando as dores começaram, a mãe de Grenouille estava numa peixaria da Rue aux Fers e escamava pescadas, as quais acabara de eviscerar. Os peixes, presumidamente recolhidos do Sena naquela manhã, já fediam tanto que o seu fedor se sobrepunha ao dos cadáveres. Mas a mãe de Grenouille não percebia nem o cheiro dos peixes nem o dos cadáveres, pois o seu nariz era praticamente insensível a odores e, além disso, doía-lhe o corpo, e a dor tirava-lhe toda sensibilidade para sensações externas. Queria só uma coisa: que a dor cessasse, e deixar para trás o quanto antes o horror do parto. Era o seu quinto. Os quatro anteriores ela havia resolvido ali na peixaria, e os quatro haviam nascido mortos ou semimortos, pois a carne ensanguentada que dela saía não se diferenciava muito das vísceras dos peixes que já estavam atiradas pelo chão, e também não vivia mais muito tempo, e à noite era tudo jogado junto em carretas e levado para o cemitério ou lá para baixo no rio. Assim deveria ocorrer também hoje. A mãe de Grenouille era uma mulher ainda jovem, nos meados dos vinte anos, ainda bonita, quase todos os dentes na boca, um resto de cabelo e que, além de gota e de sífilis e de uma leve tísica, não tinha nenhuma doença grave; esperava ainda viver muito tempo, talvez uns cinco ou dez anos, e até talvez um dia casar e ter de verdade filhos, como a honrada esposa de um artesão enviuvado ou coisa parecida...

A mãe de Grenouille queria que tudo já tivesse acabado. E quando as dores se tornaram mais intensas, ela se acorou debaixo da mesa de limpar peixe e lá pariu, como já das quatro outras vezes, e cortou com a faca de peixe o cordão umbilical dessa coisa recém nascida. Em seguida, porém, por causa do calor e do mau cheiro, que ela só percebia como algo insuportável, anestésico — como um campo de lírios ou um quarto estreito em que haja narcisos demais —, ela desmaiou, caiu de lado, resvalou de debaixo da mesa para o meio da rua e lá ficou, com a faca na mão.

Gritaria, correria, parada em círculo a multidão de olho arregalado, busca-se a polícia. A mulher continua, com a faca na mão, deitada na rua; lentamente, recobra os sentidos.

O que lhe teria acontecido?

— Nada.

O que estaria fazendo com a faca?

— Nada.

De onde viria o sangue de sua saia?

— Dos peixes.

Ela se levanta, joga fora a faca e vai se lavar.

Nesse instante, contrariando as expectativas, a coisa recém-nascida começa a chorar debaixo da mesa de limpar peixe. Procura-se, encontra-se o bebê num enxame de moscas e entre vísceras e cabeças de peixe, é puxado para fora.

Ex-officio ele é entregue a uma ama, a mãe é presa. E porque ela é ré confessa e sem delongas reconhece que por certo teria deixado a coisa perecer, como aliás já fizera com quatro outros, é processada, condenada por múltiplo infanticídio e, poucas semanas mais tarde, é decapitada na Place de Greve Nessa época, a criança já tinha trocado três vezes de ama. Nenhuma queria ficar com ela mais que por uns poucos dias. Dizia-se que era faminta demais, mamava por duas, tirava o leite das outras crianças amamentadas e, com isso, o ganha-pão das amas de leite, já que era impossível amamentar rentavelmente uma só criança. O policial responsável, um certo La Fosse, logo se saturou com esse problema e já queria repassar a criança para á Central de Recolhimento de Crianças Perdidas e Órfãs, de onde diariamente partiam carregamentos de crianças para a grande creche pública de Rouen. Já que, no entanto, esses transportes eram feitos por carregadores que usavam canastras de cortiça, nas quais, por questão de racionalidade, se enfiavam até quatro bebês ao mesmo tempo; já que, por isso, a taxa de mortalidade no caminho era extraordinariamente alta; já que, por essa razão, os carregadores eram obrigados a só levar bebês batizados e só aqueles que tivessem um certificado regular de transporte, que tinha de ser carimbado em Rouen; já que, no entanto, o pequeno Grenouille não era batizado, nem sequer tinha nome que se pudesse colocar de acordo com a lei no certificado de transporte; já que não teria sido admissível da parte da polícia largar anonimamente uma criança diante das portas da central de recolhimento, o que por si teria tornado desnecessário o preenchimento das demais formalidades... portanto, por uma série de dificuldades técnicas, de natureza burocrática e administrativa, que pareciam resultar do despacho da criança, o policial La Fosse voltou atrás na sua resolução inicial e deu ordens para entregar o garoto a uma instituição religiosa qualquer em troca de um recibo, para que fosse lá batizado e lá se decidisse quanto ao seu destino. Conseguiram largá-lo no convento de Saint-Merri, na Rue Saint-Martin. Foi batizado e recebeu o nome de Jean-Baptiste. E porque naquele dia o prior estava de bom humor e os fundos de caridade ainda não estavam esgotados, a criança acabou não sendo expedida para Rouen, mas criada à custa do convento. Para esse fim, foi entregue a uma ama de nome Jeanne

Bussie, na Rue Saint-Denis, que passou a receber três francos por semana por seus cuidados, até segunda ordem.

Semanas mais tarde, a ama Jeanne Bussie estava com uma cesta na mão, diante da portinhola do convento de Saint-Merri, dizendo ao padre Terrier, um monge cinquentão, careca, cheirando levemente a vinagre: — Eis aí — e colocou a cesta no limiar da portinhola.

— O que é isso? — perguntou Terrier, curvando-se sobre o cesto e dando uma cheirada, pois supunha ser algo de comer.

— O bastardo da infanticida da Rue aux Fers!

O padre remexeu com o dedo na cesta e descobriu o rosto da criança que dormia.

— Tem boa cara. Rosado e bem alimentado.

— Porque encheu a pança à minha custa. Porque me sugou toda, me esvaziou até os ossos. Mas agora acabou. Vocês mesmos podem continuar tratando dele com leite de cabra, mingau, suco de beterraba. Come de tudo, o bastardo.

Padre Terrier era um homem calmo e sossegado. Era de sua competência a administração do fundo de caridade do convento, a distribuição do dinheiro aos pobres e necessitados. E ele esperava que, por isso, se dissesse "muito obrigado" e ele não fosse mais incomodado. Detalhes técnicos desagradavam-no muito, pois detalhes sempre significam dificuldades, e dificuldades significam perturbação do sossego, e isso ele não suportava. Ficou irritado por ter aberto a porta. Queria que essa mulher pegasse a cesta e fosse embora e o deixasse em paz com esses problemas do bebê. Ergueu-se aos poucos e aspirou de uma só vez o aroma de leite, queijo e lã de ovelha que a ama exalava. Era agradável.

— Não entendo o que está querendo. Realmente não entendo onde quer chegar. Para mim, não ia fazer nenhum mal esse bebê ficar ainda um bom tempo nos peitos.

— A ele não — rosnou a ama — mas a mim. Já perdi cinco quilos, e isso comendo por três. E a troco de quê? Três francos por semana!

— Ah, entendo — disse Terrier com certo alívio. — Já entendi: é uma questão de mais dinheiro.

— Não! — disse a ama.

— É sim! É sempre questão de dinheiro. Quando batem nessa porta, é dinheiro. Eu bem que gostaria de abrir uma vez a porta e encontrar alguém que viesse tratar de outra coisa. Alguém, por exemplo, que viesse trazer um presentinho: umas frutas ou algumas nozes. Pois no outono há um monte de coisas que se poderia trazer de

presente. Flores, talvez. Ou se ao menos viesse alguém e dissesse: "Deus seja louvado, padre Terrier, desejo-lhe um bom dia!" Mas nunca vou chegar a ver isso. Se não é mendigo, é um negociante, e se não é um negociante, é um artesão, e se não quer esmola, apresenta uma conta. Já nem posso mais andar pela rua. Quando vou à rua, dou três passos e já estou rodeado de gente querendo dinheiro!

— Não é o meu caso — disse a ama.

— Mas eu lhe digo uma coisa: você não é a única ama na paróquia. Há centenas de amas de leite de primeira classe que vão disputar para, a três francos por semana, dar o peito a esse encanto de bebê ou enchê-lo de mingaus, sucos e outras coisas...

— Então dê para uma dessas!

— ...Por outro lado, não é bom ficar assim empurrando uma criança por aí. Quem sabe se ela vai se desenvolver com o leite de outra tão bem quanto com o seu? Está acostumado ao aroma do seu peito, sabe, e à batida do seu coração.

Tornou a aspirar profundamente o vapor quente que a ama exalava e, ao notar que as suas palavras não tinham causado nenhuma impressão, disse:

— Leve essa criança para casa! Vou discutir o assunto com o prior. Vou propor passar a dar quatro francos por semana.

— Não — disse a ama.

— Está bem, cinco!

— Não.

— Quanto quer, afinal? — berrou-lhe Terrier. — Cinco francos é um monte de dinheiro por um ínfimo trabalho como alimentar uma criança!

— Eu não quero dinheiro — disse a ama. — Só quero este bastardo longe.

— Mas por que isso, cara senhora? — perguntou Terrier e se pôs de novo a mexer com o dedo na cesta. — Ele tem um tom rosado, não chora, dorme bem e é batizado.

— Ele está possuído pelo demônio.

Rapidamente Terrier tirou o dedo da cesta.

— Impossível! É absolutamente impossível que um bebê esteja possuído pelo demônio. Um bebê não é gente, mas um projeto de gente, e a sua alma é incompleta. Por isso não interessa ao demônio. Será que ele já fala? Tem convulsões? Mexe com as coisas no quarto? Sai um cheiro ruim dele?

— Ele não tem cheiro nenhum — disse a ama.

— Então, está vendo? É um sinal muito claro. Se fosse um possuído pelo

demônio, federia.

Para acalmar a ama e colocar à prova a própria coragem, Terrier levantou a cesta e colocou-a debaixo do seu nariz.

— Não estou cheirando nada de anormal — disse ele, depois de ter farejado por algum tempo. — Realmente nada de anormal. Me parece, porém, como se alguma coisa cheirasse aí das fraldas. — E passou-lhe a cesta para que confirmasse a sua impressão.

— Eu não estou falando disso — afirmou a ama de mau humor, afastando a cesta. — Não estou falando disso que está nas fraldas. O cocô dele cheira bem. Ele, o bastardo, é que não tem cheiro nenhum.

— Porque é saudável — exclamou Terrier. — É saudável, por isso não cheira! Só crianças doentes é que cheiram, isso todo mundo sabe. Sabe-se que uma criança que tem bexigas cheira a bosta de cavalo, e uma que tem escarlatina cheira a maçã velha, e uma criança com tísica cheira a cebola. A criança é saudável, isso é tudo o que lhe falta. Será que tem que feder? Os seus filhos fedem?

— Não — disse a ama. — Minhas crianças cheiram como filhos de gente devem cheirar.

Terrier colocou a cesta cuidadosamente de volta no chão, pois sentia subirem nele as primeiras ondas de raiva contra a insubmissão da mulher. Não era de se excluir que, no transcorrer da discussão, precisasse dos dois braços livres, e não queria que o bebê levasse alguma sobra. Primeiro, no entanto, entrelaçou firmemente as mãos às costas, esticou a sua pancinha na direção da ama e perguntou de modo cortante:

— Afirma, portanto, que sabe como uma criança, que de qualquer modo também é — gostaria de lembrar, ainda mais uma vez, batizada — um filho de Deus, tem de cheirar?

— Sim — respondeu a ama.

— E além disso afirma que se não cheira como acha que deve cheirar, você — a ama Jeanne Bussie, da Rue Saint-Denis! — insinua então que é um filho do demônio?

Terrier balançou a mão esquerda e colocou-lhe diante do rosto o dedo indicador, ameaçadoramente curvado como um ponto de interrogação. A ama ficou pensando. Não lhe parecia justo que, de repente, a conversa degenerasse num interrogatório teológico, no qual ela só podia sair perdendo.

— Eu não queria dizer isso — respondeu ela cuidadosamente. — Se a coisa tem ou não tem a ver com o diabo, isso vocês mesmos têm que decidir, padre

Terrier, e não tenho competência para isso. Eu só sei uma coisa: que fico arrepiada de horror desse bebê, porque ele não cheira como crianças devem cheirar.

— Ahá! — exclamou Terrier satisfeito, deixando o braço pender novamente. — Então nós retiramos essa coisa do demônio. Mas por favor me diga agora: como é que cheira, então, um bebê que cheira assim como você acredita que deva cheirar? Hein?

— Cheira bem — disse a ama.

— O que quer dizer "bem"? — berrou Terrier. — Bem cheira muita coisa. Uma lavanda cheira bem. Sopa de carne cheira bem. Os jardins da Arábia cheiram bem. Como cheira um bebê, isso é o que eu quero saber.

A ama vacilou. É claro que ela sabia como bebês cheiram, ela sabia com toda exatidão; afinal já tinha alimentado, limpado, embalado, beijado dezenas deles... à noite ela conseguia achá-los com o nariz, mesmo agora ela tinha nítido no nariz o cheiro de bebê. Mas jamais até então o havia transformado em palavras.

— E então? — latiu Terrier, estalando impaciente as pontas dos dedos.

— Ora... — começou a ama —, não é tão fácil dizer, porque... porque eles não têm o mesmo cheiro por toda a parte, ainda que por toda parte eles cheirem bem, padre, por favor, entenda, por isso, por exemplo, nos pés, aí eles cheiram como uma pedra quente e polida — não, é mais como panelas... como manteiga fresca, sim, exato: cheiram como manteiga fresca. E no corpo cheiram como... como uma bolacha ensopada no leite. E na cabeça, em cima, atrás, onde o cabelo faz um tufo, aí, veja, padre, aí onde no senhor não tem mais nada... — e ela ficou tateando a careca de Terrier, o qual havia ficado por um momento sem fala diante dessa torrente de detalhadas besteiras e, obediente, baixara a cabeça... — aqui, exatamente aqui, é que eles cheiram melhor. Aí eles cheiram a caramelo, cheiram tão doce, tão maravilhoso, padre, o senhor nem imagina! Quando a gente cheira uma vez aí, então se a gente gosta deles, não importa se são nossos ou de outros. E assim que criancinhas têm que cheirar. E se não cheiram assim, se não cheiram a nadinha aí em cima, menos ainda do que vento frio, como este, o bastardo, então... O senhor pode explicar isso como quiser, padre, mas eu — ela cruzou decidida os braços sob os seios e lançou um olhar tão enojado para a cesta a seus pés como se contivesse sapos — eu, Jeanne Bussie, não assumo mais isso!

O padre Terrier levantou lentamente a caneca e passou o dedo várias vezes na careca, como se quisesse pôr os cabelos em ordem, colocou o dedo como que por acaso debaixo do nariz e pigarreou pensativamente.

— Como caramelo...? — perguntou, tentando reencontrar o seu tom severo... — Caramelo? Que caramelo? Já comeu caramelo?

— Comer, não comi — disse a ama. — Mas estive uma vez num grande hotel na Rue Saint-Honoré e fiquei olhando como é feito de açúcar queimado e creme de leite. Cheirava tão bem que nunca mais esqueci.

— Sim, sim, tudo bem — disse Terrier e afastou o dedo do nariz. — Por favor, cale agora! Para mim é um esforço demasiado grande continuar conversando com você nesse nível. Seja lá por que for, vejo que se recusa a continuar alimentando o bebê que lhe foi confiado, Jean-Baptiste Grenouille, e, com isso, o devolve ao seu responsável provisório, o convento de Saint-Merri. Considero isso lamentável, mas não posso alterar nada. Está dispensada.

Com isso, pegou o cesto, tornou a aspirar o perfume cálido, de leite e lã, a se dissipar, e bateu o portão na fechadura. Daí foi para a sua sala.

Padre Terrier era um homem culto. Não tinha estudado apenas teologia, mas também lido os filósofos, e se ocupava além disso de botânica e alquimia. Tinha certa consideração pelo seu próprio espírito crítico. É certo, não teria ido tão longe quanto alguns no sentido de questionar os milagres, as profecias ou verdades dos textos da Bíblia Sagrada, mesmo que a rigor não fossem explicáveis apenas pela razão e inclusive até com frequência a contradissem diretamente. Preferia ficar longe de tais problemas; eram-lhe demasiado desconfortáveis e só o fariam cair na mais penosa insegurança e inquietação, quando, justamente para poder se utilizar da razão, era preciso segurança e calma.

Mas o que ele decididamente combatia eram credences supersticiosas do povo simples: bruxaria e cartomancia, amuletos, mau-olhado, esconjuros, feitiçaria à lua cheia e tudo o mais que ainda praticavam. Era deprimente ver que, após mais de mil anos de firme instauração da religião cristã, tais costumes pagãos ainda não haviam sido extintos! Inclusive a maioria dos casos do assim chamado "estar possuído pelo demônio" e do "pacto com o demo" demonstravam ser, após exame mais acurado, uma comédia espetacular de superstições.

É claro que negar a existência de Satã, duvidar de sua força... Terrier não chegaria a esse ponto; para decidir tais problemas, que mexiam com os fundamentos da teologia, eram convocadas outras instâncias que não um humilde e simples frade. Por outro lado, era evidente que, se uma pessoa ingênua como aquela ama afirmava ter descoberto o espírito diabólico, o demônio nunca, jamais podia ter a sua mão na massa. Justamente o fato de ela acreditar tê-lo descoberto era uma prova segura de que aí não havia nada de demoníaco para se descobrir, pois o diabo também não ficava fazendo papel de bobo, a ponto de se deixar desmascarar pela ama Jeanne Bussie. E ainda por cima com o nariz! Com o primitivo órgão do olfato, o mais baixo dos sentidos! Como se o inferno cheirasse a enxofre e o paraíso, a incenso e mirra! A pior das superstições, como na mais obscura era pagã, quando os homens ainda viviam como animais, quando ainda não possuíam olhos aguçados, não conheciam as cores, mas acreditavam poder cheirar sangue, pensavam poder distinguir o amigo do inimigo pelo cheiro, imaginavam ser ameaçados por canibais gigantescos e lobisomens e farejados por erínias, e levavam a seus horrendos deuses fedorentos e fumacentos holocaustos. Incrível! O idiota enxerga mais com o nariz do que com os olhos e, provavelmente, a luz da razão dada por Deus teria de brilhar ainda por mais mil outros anos antes de terem sido espantados os últimos restos da credence primitiva.

— Ah, e a pobre da criancinha! A inocente criatura! Está deitada na sua cesta e dormita, não adivinhando nada das horríveis suspeitas que contra ela são levantadas. Que não cheira como filho de gente deve cheirar, é o que a sem vergonha ousa afirmar. Sim, e o que é que nós então dizemos a isso? Bilubilu!

E ele embalou de mansinho a cesta sobre os joelhos, acariciou a cabeça do bebê com o dedo e, de tempos em tempos, dizia "bilubilu", o que considerava uma expressão carinhosa e de efeito calmante para criancinhas.

— Devia cheirar a caramelo, mas que besteira, bilubilu!

Passado algum tempo, recolheu o dedo, colocou-o de baixo do nariz, farejou, mas não cheirou nada senão o repolho comido ao meio dia.

Vacilou por um momento, olhou em volta para ver se ninguém o observava, ergueu a cesta, e enfiou o grosso narigão lá dentro. Bem perto, de tal modo que os finos cabelos avermelhados da criança lhe coçaram as ventas, ficou farejando por cima da cabeça do bebê, esperando captar cheiro. Não sabia bem como deveria cheirar a cabeça de um bebê. Naturalmente, não a caramelo, isso era certo, pois caramelo era açúcar queimado, e como é que um bebê, que até agora só tinha bebido leite, iria cheirar a açúcar queimado? Poderia cheirar a leite, a leite de ama. Mas não cheirava a leite. Podia cheirar a cabelo, a pele e cabelo, e talvez a um ligeiro suor de criança. E Terrier ficou fungando, preparando-se para cheirar pele, cabelo e um ligeiro suor de criança. Mas não cheirou nada. Com a maior das boas vontades, nada. Provavelmente um bebê não cheira, pensou ele, e assim é que deve ser. A medida que é mantido limpo, um bebê simplesmente não cheira, assim como tampouco fala, corre ou escreve. Essas coisas só vêm com a idade. A rigor, o ser humano só exala odor quando chega à puberdade. Não escreve já Horácio "o rapaz cabriteia, a virgem exala em flor um perfume como um branco narciso..."? Os romanos sabiam das coisas! O odor humano é sempre um odor carnal — portanto um odor pecaminoso.

Então, como pode ter cheiro um bebê que nem sequer em sonhos conhece ainda os pecados da carne? Como poderia cheirar? Bilubilu? De jeito nenhum!

Tinha recolocado a cesta sobre os joelhos e a embalava devagarinho. A criança continuava ferrada no sono. A mão direita espiava do cobertor, pequena e vermelha, e às vezes esfregava o rosto. Terrier sorriu e sentiu-se bem. Por um momento permitiu-se a fantasia de que era o pai. Não se tinha tornado frade, era um cidadão normal, talvez um honrado artesão, tinha se casado com uma mulher quentinha, cheirando a lã e leite, e gerara com ela um filho que agora embalava sobre os joelhos, o seu próprio filho, bilubilu... Sentiu-se bem com esse pensamento. O pensamento tinha algo tão correto em si. Um pai embala o filho sobre os joelhos, bilubilu, era um quadro tão antigo quanto o mundo e sempre um quadro novo e

correto enquanto o mundo fosse mundo. Terrier sentiu que se lhe aquecia o coração e estava ficando sentimental.

Nesse momento a criança acordou. O nariz acordou primeiro. O narizinho mexeu-se, apontou para cima e fungou. Inspirou o ar e o soltou em pequenas ondas, como num espirro interrompido. Depois se repuxou e a criança abriu os olhos. Eram de cor indefinida, entre cinza-ostrea e opala-branco leitoso, recobertos por uma espécie de membrana viscosa, evidentemente ainda não muito adequados para enxergar. Terrier teve a impressão de que eles nem o percebiam. Outra coisa, porém, o nariz. Enquanto os olhos mortícios se voltavam para o indefinido, o nariz parecia fixar objetivo determinado, e Terrier tinha a sensação muito estranha de que esse objetivo era ele, o próprio Terrier. As asinhas do nariz, em torno dos dois buraquinhos, inchavam como uma flor prestes a se abrir. Ou antes como as cúpulas daquelas plantinhas carnívoras no jardim botânico do rei. E, como destas, parecia sair deles um estranho fluxo. Para Terrier era como se a criança o visse com as narinas, como se ela o olhasse de um modo agudo e examinador, de um modo mais penetrante do que se poderia fazê-lo com olhos, como se engolisse algo com seu nariz, algo que saía dele, Terrier, e que ele não conseguia reter nem ocultar... Essa criança sem cheiro cheirava-o todo, desavergonhadamente! Farejava-o! E de repente ele se sentiu fedorento, fedendo a suor e vinagre, a chucrute e roupa suja. Sentiu-se nu e nojento, como que surpreendido por alguém que, por sua vez, nada de si revelava. A criança parecia cheirar até mesmo através de sua pele, dentro dele.

Os sentimentos mais delicados, os pensamentos mais sujos ficavam desnudos diante daquele narizinho ansioso, que nem nariz era ainda, só um toquinho, um ínfimo órgão, esburacado, que se franzia, inchava, e estremecia e vibrava sem parar. Terrier tremeu. Sentiu-se nauseado. Franziu então o nariz, por sua vez, como diante de algo que cheirasse mal, algo com que ele não queria ter nada a ver. Lá se foi qualquer pensamento de um lar; tratava-se da sua própria carne e sangue. Arrasado o idílio sentimental de papai e filhinho e mamãe cheirosinha. Estava como que arrancado o confortável véu conceitual que o envolvia e que ele havia fantasiado em torno da criança e de si mesmo: um ser estranho e frio estava deitado sobre os seus joelhos, um animal hostil, e se ele não fosse uma personalidade tão equilibrada e guiada pela racionalidade e pelo temor a Deus teria, num acesso de nojo, jogado a criança longe, como se afasta uma aranha.

Num só impulso Terrier pôs-se de pé e colocou o cesto sobre a mesa. Queria livrar-se dessa coisa, rápido, se possível logo, imediatamente.

A coisa começou a chorar. Apertava as pálpebras, abria a goela vermelha e gritava de um modo tão estridente que o sangue congelou nas veias de Terrier. Ele sacudia o cesto e gritava "bilubilu" para fazer a criança calar, mas ela gritava cada

vez mais alto, até ficar azul no rosto, parecendo prestes a estourar de tanto gritar.

Fora com isso!, pensou Terrier, fora já com esse... "demônio", quase disse, mas controlou-se e conteve-se... fora com esse bandido, com essa criança insuportável! Mas para onde? Conhecía uma dúzia de amas e orfanatos no bairro, mas seria perto demais. Aquela coisa tinha de ir para mais longe, tão longe que não se pudesse ouvi-la, tão longe que não se pudesse colocá-la a cada hora de novo diante da portinhola. Se possível, devia ir para uma outra diocese, para o outro lado do rio ou, o que seria ainda melhor, para fora dos muros da cidade, no Faubourg Saint-Antoine — sim, era isto! Para lá é que devia ir o moleque sem vergonha, bem longe, para lá da Bastilha, lá onde os portões eram fechados à noite.

Arrumou a sua sotaina, pegou o cesto que berrava e saiu correndo, pelo labirinto de ruelas até a Rue du Faubourg Saint-Antoine, subiu o Sena na direção leste, para fora da cidade, longe, bem longe, até a Rue de Charonne, e por esta quase até o fim, onde, perto do convento da Madeleine de Trenelle, ele tinha o endereço de uma certa Madame Gaillard. Desde que lhe pagassem, ela aceitava crianças de qualquer idade e de qualquer espécie. Foi lá que ele entregou a criança, que continuava a chorar, pagou adiantado por um ano e voou de volta para a cidade; assim que chegou ao convento, arrancou do corpo as roupas como algo sujo, lavou-se da cabeça aos pés e, uma vez em seu cubículo, enfiou-se na cama, onde fez muitos sinais da cruz, rezou longamente e, por fim, aliviado, pegou no sono.

Embora ainda não tivesse trinta anos, Madame Gaillard já tinha vivido a sua vida. Por fora, aparentava a sua idade real e, ao mesmo tempo, uns 200 ou 300 anos mais velha, ou seja, a múmia de uma jovem; por dentro, porém, estava morta há muito. Quando criança, o pai batera-lhe com o atizador na testa, pouco acima do nariz, e, desde então, perdera o olfato e toda a sensibilidade para o calor e para a frieza humana, para qualquer paixão. Com aquela única pancada, a delicadeza tornara-se para ela algo tão estranho quanto a aversão, tão estranha a alegria quanto o desespero. Mais tarde, não sentiu nada quando dormiu com um homem, e nada quando pariu os seus próprios filhos. Não lamentou aqueles que lhe morreram nem se alegrou com os que lhe restaram. Quando o marido lhe batia, não reclamava, e não sentiu qualquer alívio quando ele morreu de cólera no Hotel-Dieu. As duas únicas sensações que conhecia eram um certo desânimo quando se aproximava a menstruação e uma levíssima reanimação quando a menstruação acabava. Fora isto, morta por dentro, a mulher não sentia nada.

Por outro lado... ou talvez exatamente por causa de sua absoluta falta de emotividade, Madame Gaillard possuía um senso impiedoso de ordem e justiça. Não privilegiava nenhuma das crianças que lhe eram confiadas, nem prejudicava nenhuma delas. Ministrava três refeições ao dia e nenhum bocado a mais, por menor que fosse. Trocava as fraldas dos pequerruchos três vezes ao dia, mas só até o segundo aniversário. Depois disso, quem ainda fazia nas calças recebia um neutro tapa do lado da orelha e uma refeição a menos. Exatamente a metade do dinheiro recebido ela gastava com as crianças, exatamente a metade guardava para si. Em épocas baratas, não procurava aumentar os seus ganhos; mas nas épocas difíceis tampouco acrescentava nenhum tostão, mesmo que se tratasse de uma questão de vida ou morte. Senão o negócio não teria mais valido a pena para ela. Precisava do dinheiro. Tinha calculado isso intimamente com toda a exatidão. Pretendia ter uma renda para quando fosse velha, e, além disso, ter ainda tanto que pudesse dar-se o luxo de morrer em casa e não estrebuchar no Hotel-Dieu como o marido. A morte dele, em si, a havia deixado fria. Mas o que a horrorizava era morrer em público, entre centenas de estranhos. Queria o luxo da morte privada e, para isto, precisava de dinheiro. É verdade que havia invernos em que, das duas dúzias de pensionistas, morriam-lhe uns três ou quatro. Mas, assim mesmo, ainda estava bem acima da maioria das outras amas particulares e superava de longe as grandes creches públicas ou religiosas, cujas quotas de perdas atingiam com frequência nove décimos. Paris produzia mais de dez mil enjeitados por ano, bastardos e órfãos.

Assim, algumas perdas podiam, ser toleradas.

Para o pequeno Grenouille, o estabelecimento de Madame Gaillard foi uma bênção. Provavelmente não teria sobrevivido em nenhum outro lugar. Mas aí, junto a essa mulher tão pobre por dentro, deu-se bem. Quem, como ele, tinha sobrevivido ao próprio nascimento no lixo não se deixava expulsar tão facilmente do mundo. Era capaz de comer sopa aguada dias e dias, sobrevivia com o leite mais diluído, suportava os legumes e as carnes mais podres. Ao longo da infância, sobreviveu ao sarampo, disenteria, varicela, cólera, a uma queda de seis metros num poço e a queimadura no peito com água fervente. É verdade que trazia disso cicatrizes, arranhões, feridas e um pé meio aleijado que o fazia capengar, mas sobreviveu. Era duro como uma bactéria resistente e autossuficiente como um carrapato colado numa árvore, que vive de uma gotinha de sangue sugada ano passado. Precisava de um mínimo de alimentação e vestimenta para o corpo. Para a alma, não precisava de nada. Calor humano, dedicação, delicadeza, amor — ou seja lá como se chamam todas as coisas que dizem que uma criança precisa — eram completamente dispensáveis para o menino Grenouille. Ou então, assim nos parece, ele as tinha tornado dispensáveis simplesmente para poder sobreviver. O grito depois do seu nascimento, o grito sob a mesa de limpar peixe, o grito com que ele se tinha feito notar e levado a mãe ao cadafalso, não fora um grito instintivo de compaixão e amor. Fora bem pesado, quase se poderia dizer um grito maduramente pensado e pesado, com que o recém-nascido se decidira *contra* o amor e, mesmo assim, *a favor* da vida. Nas circunstâncias, isto era possível sem aquilo, e, se a criança tivesse exigido ambos, então teria, sem dúvida, fenecido miseramente. Também teria podido, no entanto, escolher naquela ocasião a segunda possibilidade que lhe estava aberta, calando e legando o caminho do nascimento para a morte sem esse desvio pela vida, e assim teria poupado a si e ao mundo uma porção de desgraças. Mas, para se omitir tão humildemente, teria sido necessário um mínimo de gentileza inata, e isto Grenouille não possuía. Foi um monstro desde o começo. Ele se decidiu em favor da vida por pura teimosia e maldade.

Obviamente, não se decidiu, é claro, como se decide um adulto, usando razão e experiência mais ou menos grandes, para escolher entre diferentes opções. Decidiu-se de um modo vegetativo, assim como um feijão jogado fora decide se deve germinar ou deixar para lá.

Ou como um carrapato em cima de uma árvore, ao qual a vida não oferece outra coisa senão uma hibernação permanente. O pequeno e horrível carrapato, que dá uma forma esférica a seu corpo cinza-marrom para oferecer ao mundo externo a menor superfície possível; que torna a sua pele lisa e dura, para nada deixar, nada fluir de si, para não deixar transpirar o mínimo de si mesmo. O carrapato que, de

propósito, se faz pequeno e invisível, para que ninguém o veja e pise em cima. O solitário carrapato que, recolhido em si, fica escondido na sua árvore, cego, surdo e mudo, e só fareja, a milhas de distância, o sangue dos animais que passam e que ele jamais há de alcançar com as suas próprias forças. O carrapato poderia deixar-se cair. Poderia deixar-se cair no mato, arrastar-se com as suas seis perninhas alguns milímetros para lá e para cá, deitando-se debaixo da folhagem para morrer; Deus sabe que nada se perderia com ele. Mas rebelde, teimoso e horrendo, o carrapato vive à espera. Espera até que o acaso mais improvável conduza o sangue, na figura de um animal, diretamente para a sua árvore. E só então ele sai da sua discreta reserva, deixa-se cair e escava, perfura e morde na carne alheia...

Esse carrapato era Grenouille. Vivia encapsulado em si mesmo, à espera de melhores tempos. Ao mundo não dava senão as suas fezes; nenhum sorriso, nenhum grito, nenhum brilho dos olhos, nem sequer um cheiro próprio. Qualquer outra mulher teria repelido esse menino monstruoso. Mas não Madame Gaillard. Ela não sentia que ele não tinha cheiro nenhum, e ela não esperava qualquer manifestação afetiva dele, pois a sua própria afetividade estava bem lacrada.

As outras crianças, no entanto, logo perceberam o que ocorria com Grenouille. Desde o primeiro dia o novato lhes causava mal-estar. Evitavam a caixa em que ele estava deitado e tratavam de ficar mais perto umas das outras em seus berços, como se tivesse ficado mais frio no quarto. As mais novas às vezes choravam e gritavam à noite: era como se uma ventania passasse pelo dormitório. Outras sonhavam que algo lhes prendia a respiração. Certa vez as mais velhas se juntaram para sufocá-lo. Amontoaram panos e cobertores e palha em cima do seu rosto e, por cima, colocaram tijolos para fazer peso. Na manhã seguinte, quando Madame Gaillard o desenterrou, estava esmagado, amassado e azulado, mas vivo. Tentaram a mesma coisa outras vezes, em vão. Estrangular, pegar pelo pescoço com as próprias mãos, sem lhe tapar a boca ou o nariz, teria sido um método mais seguro, mas não ousavam. Não queriam tocá-lo. Horrorizavam-se e se enojavam diante dele como de uma grande aranha, que não se esmaga com as próprias mãos.

Quando ele cresceu, desistiram das tentativas de assassinato. Convenceram-se de que não havia como eliminá-lo, limitaram-se a sair do seu caminho, fugiam dele, evitavam todo e qualquer contato. Não o odiavam. Tampouco eram ciumentos ou invejosos quanto à comida. A casa Gaillard não dava o menor motivo para tais sentimentos. Perturbava-as simplesmente que ele estivesse ali. Não conseguiam sentir o seu cheiro. Tinham-lhe medo.

Visto objetivamente, ele não tinha nada que fizesse medo. Ao crescer não era especialmente grande, nem forte, embora feio, mas não tão feio a ponto de assustar. Não era agressivo, nem irascível, nem traiçoeiro, não provocava. Preferia manter-se distante. Sua inteligência tampouco parecia qualquer coisa de temível. Ao contrário. Só começou a andar aos três anos; a primeira palavra foi emitida aos quatro — a palavra "peixe" que, num momento de súbita excitação, nele brotou como um eco, quando um peixeiro vinha subindo a Rue de Charonne, anunciando a sua mercadoria. As próximas palavras que proferiu foram "gerânio", "curral de cabra", "couve" e "Jaquesorrível". Esta última era o nome de um ajudante de jardinagem do convento das Filhas da Cruz, que ficava ali perto, homem que às vezes fazia certos trabalhos mais pesados e difíceis na casa de Madame Gaillard, e que se destacava por jamais ter-se banhado uma única vez na vida. Com os verbos, os adjetivos e as partículas ele não tinha muito a ver. Com exceção do "sim" e do "não" — que, aliás, só articulou pela primeira vez bastante tarde —, ele só proferia palavras principais, a rigor só nomes próprios de coisas concretas, plantas, animais e pessoas, e também só quando essas coisas, plantas, animais ou pessoas sem querer o dominassem olfativamente.

Ao sol de março, sentado sobre uma pilha de achas de faia que estalavam ao calor, é que ele proferiu pela primeira vez a palavra "madeira". Já vira madeira centenas de vezes, tinha ouvido a palavra centenas de vezes. Também a entendia, pois fora enviado muitas vezes, no inverno, a buscar lenha lá fora. Mas o objeto nunca lhe parecera suficientemente interessante para se dar o trabalho de proferir o seu nome. Isso só aconteceu naquele dia de março, quando ficou sentado sobre a pilha de achas. A pilha estava amontoada como um banco nos fundos do galpão de Madame Gaillard, debaixo de um telhado que a cobria. Com picante doçura cheiravam as achas de cima, musgoso era o odor que subia do fundo da pilha e, no calor das paredes de pinheiro do galpão, exalava um odor intermitente de resina.

Grenouille estava sentado, com as pernas esticadas, sobre a pilha de lenha, as costas apoiadas na parede do galpão; tinha os olhos fechados e não se mexia. Só o odor da madeira, que se elevava ao seu redor e ficava preso debaixo do teto como sob uma campânula. Bebeu esse odor, afogou-se nele, impregnou-se dele até o último e mais íntimo poro, tornou-se ele mesmo madeira, como um boneco de pau. Como um Pinóquio, como morto, ficou estirado sobre a pilha de madeira, até que, muito tempo depois, talvez mais de meia hora, é que proferiu a palavra "madeira". Como se estivesse recheado de madeira até as orelhas, como se a madeira lhe

chegasse até o pescoço, como se ele tivesse o estômago, a goela, o nariz cheios de madeira, assim ele vomitou a palavra. E isso o despertou, salvou-o, pouco antes que a presença poderosa da própria madeira, o seu odor, ameaçasse sufocá-lo. Catou os seus pedaços, resvalou da pilha e saiu balançando como em pernas de pau. Dias mais tarde ainda estava completamente fora de si devido à intensa vivência do cheiro e, quando essa recordação lhe subia com demasiada intensidade, ficava recitando "madeira, madeira", para esconjurar.

Assim aprendeu a falar. Tinha a maior dificuldade com palavras que não designassem algo que cheirasse, portanto com conceitos abstratos, sobretudo de natureza ética e moral. Não conseguia lembrar-se deles, confundia-os; ainda quando adulto ele os empregava sem satisfação e muitas vezes erroneamente: direito, consciência, deus, alegria, responsabilidade, humildade, gratidão *etc.* — o que com isso devia ser expresso era e continuou sendo para ele algo misterioso.

Por outro lado, logo a linguagem corrente já não mais bastaria para designar todas aquelas coisas que ele reunira em si enquanto conceitos olfativos. Em breve ele não cheirava mais apenas madeira, mas tipos de madeira, bordo, carvalho, pinheiro, olmo, pereira, madeira velha, nova, podre, mofada, musgosa, até mesmo pilhas, lascas, serragem de madeira — e cheirava-os como objetos nitidamente distintos. Outras pessoas não teriam conseguido diferenciá-los nem com os olhos. Algo parecido acontecia-lhe com outras coisas. Que aquela bebida branca que, a cada manhã, Madame Gaillard aprontava para as suas crias fosse simplesmente chamada de leite, quando, segundo a percepção de Grenouille, cheirava e tinha um gosto completamente diferente conforme estivesse quente, conforme a vaca de que provinha, conforme o que essa vaca tivesse comido, conforme a quantidade de nata que tivesse sido deixada e assim por diante... que a fumaça, com seus cem odores individuais, a mudar a cada minuto, a cada segundo, constituindo uma nova constelação de odores composta em uma nova unidade, a fumaça do fogo, só tivesse exatamente um único nome, "fumaça"..., que a terra, a paisagem, ares que a cada passo e, no respirar, de inspiração em inspiração estavam plenos de um outro cheiro e, com isso, animados por outra identidade, mesmo assim tivessem de ser designados por aquelas três grosseiras palavras... todos esses grotescos desacertos entre a riqueza do mundo percebido pelo olfato e a pobreza da linguagem fizeram o garoto Grenouille duvidar do próprio sentido da linguagem, e ele resolveu só empregá-la quando o contato com outras pessoas tornasse isso absolutamente necessário.

Aos seis anos, já havia captado olfativamente todas as suas redondezas. Não havia na casa de Madame Gaillard nenhum objeto, na Rue de Charonne, ao norte, não havia lugar, ser humano, pedra, árvore, arbusto ou cerca de ripas, nenhuma

superfície, por menor que fosse, que ele não conhecesse pelo cheiro, que não reconhecesse e não guardasse firmemente na memória, em seu caráter único. Dez mil, cem mil odores peculiares e específicos ele havia reunido, mantendo-os à sua disposição tão nitidamente, tão sob controle, que não só se recordava deles quando voltava a cheirá-los como de fato os cheirava quando recordava deles; sim, ainda mais do que isso, sabia combiná-los de um modo novo entre si apenas em sua fantasia e, assim, criava em si mesmo odores que nem sequer existiam no mundo real. Era como se possuísse um enorme vocabulário de odores aprendido por ele mesmo, que o capacitava a formar uma quantidade enorme, simplesmente tantas quantas quisesse, de novas frases de odores — e isso numa idade em que outras crianças gaguejavam as primeiras frases convencionais, com as palavras que com esforço lhes foram enfiadas na cabeça, frases absolutamente insuficientes para descrever o mundo. Talvez o seu talento fosse comparável ao de uma criança prodígio no âmbito da música, que tivesse, a partir das melodias e harmonias, decifrado o alfabeto dos tons individuais e que agora compusesse ela mesma melodias e harmonias completamente novas. A diferença, é claro, era que o alfabeto dos odores era incomparavelmente maior e mais diferenciado do que o dos tons e, além disso, a atividade criativa de Grenouille se realizava somente em seu interior e não podia ser percebida por ninguém, exceto por ele mesmo.

Externamente, tornou-se cada vez mais fechado. De preferência percorria sozinho o lado norte do Faubourg Saint-Antoine, através de hortas, plantações de uva, campos. Às vezes nem voltava à noite para casa, ficava dias inteiros desaparecido. A consequente punição com a vara, ele a suportava sem manifestações de dor. Prisão domiciliar, privação de comida, trabalho punitivo, nada conseguia alterar o seu comportamento. A esporádica frequência, por um ano e meio, à escola paroquial de Notre-Dame de Bon Secours não teve qualquer efeito. Aprendeu a soletrar um pouco e a escrever o próprio nome. Fora isso, nada. O professor considerava-o débil mental.

Madame Gaillard, ao contrário, observou que ele possuía determinadas capacidades e peculiaridades muito incomuns, para não dizer sobrenaturais: assim, parecia-lhe completamente alheio o medo infantil do escuro e da noite. Podia-se mandá-lo a qualquer momento fazer alguma coisa no porão, onde as crianças raramente ousavam ir com uma lâmpada, ou então lá para fora, no galpão, buscar lenha na noite escura como breu. Jamais levava uma luz consigo e, mesmo assim, achava tudo direitinho, trazendo logo o solicitado, sem um único movimento errado, sem tropeçar ou derrubar qualquer coisa. Ainda mais notável parecia ser que ele, como Madame Gaillard acreditava ter constatado, era capaz de enxergar através de papel, tecido, madeira, até mesmo através de sólidas paredes e portas trancadas. Sem sequer ter posto os pés lá dentro, sabia quantas e quais crianças se encontravam

no quarto de dormir. Sabia que havia uma lagarta dentro de uma cabeça de couve antes desta ter sido aberta. E uma vez, quando ela havia escondido o dinheiro tão bem que nem ela mesma o achava mais (vivia mudando os esconderijos), ele indicou, sem procurar por um segundo, um lugar atrás da viga da lareira e, veja só, lá estava o dinheiro! Conseguia enxergar até o futuro, ao anunciar, por exemplo, a visita de uma pessoa bem antes de ela chegar, ou prever infalivelmente a aproximação de uma tempestade, antes de haver a menor nuvenzinha no céu. Não enxergava tudo, isso é óbvio, não via tudo com os olhos, mas farejava com o seu nariz com um faro cada vez mais agudo e preciso: a lagarta na couve, o dinheiro atrás da viga, as pessoas através das paredes e a uma distância de várias quadras. A esta conclusão Madame Gaillard não teria chegado nem em sonhos, mesmo que aquela cacetada com o aticador não lhe tivesse prejudicado o olfato. Estava convencida de que o garoto devia ter — maluco ou não — uma segunda visão. E como ela sabia que os videntes atraem desgraça e morte, ele tornou-se para ela uma presença inquietante. Ainda mais difícil, praticamente insuportável, era-lhe a ideia de viver sob o mesmo teto com alguém que tinha o dom de ver, através de paredes e vigas, dinheiro cuidadosamente escondido. Ao descobrir essa espantosa capacidade de Grenouille, tratou de se livrar dele e foi uma feliz coincidência que, mais ou menos à mesma época — Grenouille estava com oito anos de idade —, o convento de Saint-Merri, sem apresentar razões, cancelou os seus pagamentos anuais. Madame não reclamou. Para manter as aparências, esperou ainda uma semana e, quando o dinheiro não chegou, tomou o garoto pela mão e foi com ele para a cidade.

Na Rue de la Mortellerie, perto do rio, conhecia o dono de um curtume chamado Grimal, que tinha notória e permanente carência de jovens para o trabalho — não de aprendizes ou operários regulares, mas de braços bem baratos. Havia no curtume certos trabalhos — tirar o couro de animais em estado de decomposição, misturar venenosos caldos de curtição e coloração, retirar taninos corrosivos — que eram tão perigosos à vida que um mestre com responsabilidade não desperdiçava neles, se possível, os seus auxiliares já treinados, mas sim gentilha desempregada, vagabundos ou justamente crianças sem responsáveis, pelas quais, em casos de dúvida, ninguém ficava fazendo perguntas. Naturalmente, Madame Gaillard sabia que, no que fosse possível, Grenouille não tinha chance de sobreviver no curtume de Grimal. Mas não era mulher de ficar se preocupando com isso. Cumprira a sua obrigação. O contrato de criação estava encerrado. O que daí por diante acontecesse com o garoto não era da sua conta. Se conseguisse sobreviver, tudo bem; se morresse, também estava bem — o importante era que tudo transcorresse legalmente. E, assim, ela fez com que *Monsieur* Grimal lhe desse um recibo pela entrega e transferência do garoto, quitou por sua vez o recibo de cinquenta francos de provisões e pôs-se a caminho de casa, na Rue de Charonne. Não sentiu o menor

laivo de arrependimento. Pelo contrário, acreditava não só ter agido legalmente, como também corretamente, pois a permanência de uma criança pela qual ninguém pagava ocorreria necessariamente à custa das outras crianças ou até à custa dela, e provavelmente teria ameaçado o futuro das outras crianças e até o seu próprio futuro, isto é, a sua própria morte em particular, que era a única coisa que ainda desejava na vida.

Já que nesse ponto da história abandonamos Madame Gaillard e que não a tornaremos a encontrar de novo, queremos em algumas frases descrever o final dos seus dias.

Madame, embora já morta por dentro desde criança, para a sua infelicidade durou muito, muito. No ano de 1782, com quase setenta anos de idade, cessou suas atividades e sentou-se em sua casinha, esperando a morte. Que não veio. Em vez dela, veio, porém, algo com que nenhum ser humano na face da terra podia ter contado, e que jamais tinha acontecido no país. Uma revolução, o que quer dizer uma arrasadora modificação de todas as relações e condições sociais, morais e transcendentais. No primeiro momento, essa revolução não teve consequências sobre o destino pessoal de Madame Gaillard. Mas — estava então com quase oitenta anos — de repente foi dito que aquele que lhe pagava as rendas tivera que emigrar, tinha sido desapropriado e as suas propriedades haviam sido leiloadas a um fabricante de calças. Por algum tempo parecia que essa alteração não teria qualquer consequência fatal sobre Madame Gaillard, pois o fabricante de calças continuou pagando pontualmente as rendas. Mas chegou o dia em que ela não recebeu mais o seu dinheiro em moeda forte, mas em forma de papeizinhos impressos, e este foi o começo do seu fim material.

Após dois anos, as rendas já não chegavam mais nem para pagar a lenha. Madame viu-se obrigada a vender a casa por um preço ridiculamente baixo, pois de repente havia, além dela, milhares de outras pessoas que igualmente precisavam vender suas casas. E de novo ela recebeu apenas aquelas folhinhas idiotas, e de novo, após dois anos, elas já valiam tanto quanto nada; e em 1797 — ela ia agora para os noventa anos — havia perdido todo seu patrimônio reunido num secular trabalho cheio de cuidados, passando a viver num ínfimo quartinho mobiliado na Rue de Coquilles. E só com dez, vinte anos de atraso, a morte acabou chegando — e veio sob a forma de um prolongado tumor, que pegou Madame pela garganta e lhe roubou o apetite e depois a voz, de tal modo que não pôde proferir nenhuma palavra de protesto quando foi despachada para o Hotel-Dieu. Lá ela foi levada para o mesmo ambulatório, povoado por centenas de pessoas mortalmente doentes, no qual o seu marido havia morrido: foi enfiada numa cama coletiva, junto com cinco outras mulheres completamente estranhas, deitadas lado a lado, um corpo encostado ao

outro, e ali foi deixada a morrer por três semanas de um modo totalmente público. Em seguida foi costurada dentro de um saco, jogada às quatro horas da madrugada junto com cinquenta outros cadáveres numa carroça de transporte e, sob o tímido tilintar de uma sineta, levada para o recém criado cemitério de Clamart, a um quilômetro e meio dos portões da cidade, e lá encomendada, numa cova coletiva, para seu último descanso, sob uma grossa camada de cal virgem.

Isso ocorreu no ano de 1799. Graças a Deus, Madame nada adivinhara desse seu destino quando, naquele dia de 1747, foi para casa, abandonando o garoto Grenouille e a nossa história. Possivelmente teria perdido a sua crença na justiça e, com isso, no único sentido da vida que lhe era concebível.

Ao primeiro olhar que lançou sobre *Monsieur* Grimal — não, com a primeira lufada sorvida da aura de odor de Grimal, Grenouille soube que este homem era capaz de surrá-lo até a morte à menor desobediência. A sua vida valia então exatamente tanto quanto o trabalho que fosse capaz de executar; consistia apenas ainda na utilidade que Grimal lhe atribuísse. E, assim, humildemente Grenouille submeteu-se, sem qualquer tentativa de rebeldia. De um dia para o outro, encapsulou de novo em si mesmo toda a energia da sua persistência e do seu caráter arisco, empregando-a somente para, à maneira do carrapato, sobreviver à era glacial vindoura: persistente, autossuficiente, sem chamar a atenção, mantendo a luz da esperança de vida na chama mínima, mas bem protegida. Era agora um modelo de submissão, de despreensão e de vontade de trabalhar. Obedecia literalmente, aceitava com gosto qualquer comida. À noite deixava-se bravamente prender num tabique construído ao lado da oficina, onde aparelhos eram guardados e peles cruas salgadas eram penduradas. Aí dormia sobre o chão batido. Trabalhava o dia todo, enquanto estivesse claro, no inverno oito horas, no verão catorze, quinze, dezesseis horas: tirava as peles de um fedor bestial, aguava, tirava o pelo, passava cal, curtia, macerava, esfregava soda cáustica, rachava lenha, descascava bétulas e teixos, descia nas covas de curtir couro cheias de vapor corrosivo, empilhava — conforme lhe ordenavam os companheiros — peles, couros e cascas, espalhava bugalhos amassados, cobria o horrendo monte de restos com ramos de teixo e terra. Muito depois teria de desencavá-los novamente e tirar de sua cova os cadáveres de pele mumificados em couro curtido.

Quando não estava enterrando ou desenterrando couros e peles, carregava água. Durante meses carregava água para cima, desde o rio, sempre dois baldes, centenas de baldes por dia, pois o curtume exigia imensas quantidades de água para lavar, amaciar, cozinhar, tingir. Durante meses ele não tinha um fio seco no corpo, de tanto carregar água; à noite as roupas lhe pingavam de tanta água, e a sua pele estava sempre fria, mole e inchada como camurça.

Após um ano dessa existência mais animal do que humana, ficou com esplenite, a inflamação do baço que era uma temível doença para aqueles que trabalhavam em curtume e que normalmente acabava em morte. Grimal já o tirara de sua lista e andava procurando substituto — não sem lamentar, aliás, pois jamais tivera um trabalhador tão parcimonioso e eficiente quanto esse Grenouille. No entanto, contra toda expectativa, Grenouille superou a doença. Ficaram-lhe apenas as cicatrizes dos grandes carbúnculos negros atrás das orelhas, no pescoço e nas faces, que o

deformavam e o tornavam ainda mais feio do que de qualquer modo ele já era. Além disso, ficou-lhe ainda — imensurável vantagem — uma resistência contra a esplenite, de tal modo que, daí por diante, até com mãos feridas e sangrentas podia tirar os piores couros e peles, sem correr perigo de se contaminar novamente. Através disso, ele se distinguia não só dos aprendizes e colegas, mas também dos seus próprios sucessores potenciais. E porque já não era mais tão fácil substituí-lo, o valor do seu trabalho subiu e, com isso, o valor de sua vida. De repente não precisou mais dormir sobre o chão batido, mas pôde construir no galpão uma armação de madeira, obteve palha para pôr em cima e um cobertor próprio. Para dormir, não era mais trancafiado.

A comida era mais abundante. Grimal não o tratava mais como um animal qualquer, mas como um útil animal doméstico.

Ao completar doze anos de idade, Grimal deu-lhe metade do domingo livre, e com treze até podia, à noite, após o serviço, sair por uma hora e fazer o que quisesse. Vencera, pois vivia, e tinha um pouco de liberdade que bastava para continuar vivendo. A época de hibernação havia passado. O carrapato Grenouille fez-se novamente sentir. Farejou o ar da manhã. O desejo de caçar dominou-o. A maior área de odores do mundo estava a seus pés: a cidade de Paris.

Era como num reino da utopia. Só os vizinhos bairros de Saint-Jacques-de-la-Boucherie e de Saint-Eustache já eram um reino encantado. Nas ruelas laterais às Rues Saint-Denis e Saint-Martin, as pessoas viviam tão amontoadas, as casas ficavam tão perto umas das outras, com cinco, seis andares, que não se via o céu e, embaixo, no chão, o ar circulava como que em canais úmidos, repletos de odores.

Misturavam-se odores de pessoas e de animais, vapores de comidas e de doenças, de água e pedra e cinza e couro, de sabão e de pão recém assado e de ovos fritos no azeite, de massas e de latão esfregado até o branco, de salva e cerveja e lágrimas, de gordura e de palha molhada e seca. Milhares e milhares de odores constituíam um mingau invisível, que enchia as gargantas das ruazinhas, volatilizando-se só raramente por cima dos telhados, jamais embaixo, no chão.

As pessoas que viviam nesse mingau já não cheiravam mais nada em especial; afinal, originava-se delas e tinha voltado a passar tantas e tantas vezes por elas, era o ar que respiravam e do qual viviam, era como uma roupa quente longamente usada, que não se cheira mais e não se sente mais sobre a pele. Mas Grenouille cheirava tudo como que pela primeira vez. E cheirava não só a totalidade dessa mistura de cheiros, mas a dividia analiticamente em suas menores e mais longínquas partes e partículas. O seu refinado nariz decifrava o emaranhado de odores e fedores em fios individuais de aromas fundamentais, que não eram mais divisíveis avante. Sentia um indizível prazer em desfiar esses fios e voltar a tecê-los.

Muitas vezes ele ficava parado, apoiando-se na parede de uma casa ou comprimindo-se num canto escuro, com os olhos cerrados, a boca semiaberta e as narinas infladas, quieto como um peixe em caça em águas extensas, escuras, a escorrer lentamente. E se por fim uma lufada de ar lhe lançava o resto de um fiapo suave de aroma, então ele avançava e não o soltava mais, não cheirava senão esse aroma, segurava-o, absorvia-o dentro de si e o resguardava em si para o todo sempre. Podia ser um aroma há muito conhecido ou uma variação dele, mas podia ser também um totalmente novo, algum sem nenhuma ou quase nenhuma relação com tudo aquilo que até então havia cheirado: por exemplo, o cheiro de seda passada, o cheiro de um chá de serpilho, o cheiro de uma peça de brocado bordada com prata, o cheiro de uma rolha de uma garrafa com um vinho raro, o cheiro de um pente de tartaruga. Grenouille estava em busca desses odores que ainda lhe eram desconhecidos, perseguia-os com a paixão e a paciência de um pescador e os colecionava dentro de si.

Quando tinha se saturado dos odores do denso mingau dessas ruazinhas, ia para

os terrenos mais arejados, onde os odores eram mais finos e se misturavam com o vento e se desdobravam quase como um perfume: na praça do mercado por exemplo, onde o dia continuava à noite nos odores, invisível, mas tão nítido, como se os negociantes ainda aí estivessem a correr em sua faina, como se ainda aí tivessem as cestas cheias de legumes e ovos, os tonéis cheios de vinho e vinagre, os sacos com temperos e batatas e farinha, as caixas com pregos e parafusos, os tablados de carne, os tablados cheios de tecidos e talheres e solas de sapatos e todas as outras centenas de coisas que aí eram vendidas durante o dia... toda essa atividade estava até o menor detalhe presente no ar, onde havia deixado o seu rastro. Se assim se pode dizer, Grenouille, cheirando, via todo o mercado. E ele o cheirava de modo ainda mais exato do que muitos o poderiam ver, pois o percebia *a posteriori*, e, por isso, de um modo superior: como essência, como o espírito de algo que não era perturbado pelos atributos usuais do presente, quando aí estão o ruído, a aberração, a feia confusão dos homens de carne e osso.

Ou então ia lá onde a sua mãe havia sido decapitada, à Place de Greve, que avançava para dentro do rio como uma grande língua. Aí estavam, puxados para a margem ou amarrados a postes, navios, cheirando a carvão e grãos e feno e algas úmidas.

E de oeste vinha, através dessa única picada que o rio cortava pela cidade, uma forte corrente de ar, trazendo odores do campo, dos pastos de Neuilly, das matas entre Saint-Germain e Versailles, das cidades situadas bastante longe, como Rouen ou Caen, e às vezes até do mar. O mar cheirava como uma vela inflada, dentro da qual água, sal e sol frio estivessem presos. Cheirava simples o mar, mas ao mesmo tempo cheirava grandioso e único, de tal modo que Grenouille vacilava em dividir os seus odores de peixe, de sal, de água, de algas, de frescor e assim por diante. Preferia deixar o cheiro do mar reunido, preservava-o como um todo na memória e o fruía indiviso. O aroma do mar agradava-lhe tanto que ele desejava recebê-lo um dia tão puro e sem mistura e em tal quantidade que nele pudesse embebedar-se. E mais tarde, ao ficar sabendo, através de narrativas, quão grande era o mar e que nele se podia navegar durante dias com navios sem ver terra alguma, nada mais o seduzia tanto quanto imaginar que estava num desses navios, lá em cima, na cesta da gávea, no mastro da frente, a voar aí dentro através do infinito aroma do mar, que, a rigor, nem era um aroma, mas um hálito, um sopro, o fim de todos os odores, e se desfazia de prazer nesse hálito. Mas isso nunca deveria chegar a ocorrer, pois Grenouille, parado na Place de Greve, junto à margem, várias vezes inspirando e expirando um fragmento de vento do mar que havia chegado ao seu nariz, jamais em sua vida haveria de ver o mar, o mar de verdade, o grande e imenso oceano que havia a ocidente, nem jamais haveria de misturar-se com esse aroma.

Em breve ele havia farejado todo o bairro entre Saint-Eustache e o Hotel de Ville, de modo que, mesmo na noite mais escura, conseguia se orientar dentro dele. E, assim, ampliou o seu território de caça, primeiro na direção oeste até o Faubourg Saint-Honoré, depois subindo a Rue Saint-Antoine até a Bastilha e, por fim, até o outro lado do rio, no bairro da Sorbonne e no Faubourg Saint-Germain, onde moravam as pessoas ricas. Pelas grades de ferro dos portões cheirava couro de carruagens e talco das perucas dos pajens, enquanto por cima dos altos muros sentia dos jardins o aroma das giestas e das rosas e dos ligustros recém-podados. Foi aí também que Grenouille cheirou pela primeira vez perfume no sentido próprio da palavra: uma simples água de lavanda ou água de rosas, com que, nas festividades, as fontes ornamentais dos jardins eram alimentadas, mas também aromas mais complexos, mais caros, de tintura de almíscar misturada com óleo de nerol e jacinto, jasmim ou canela, que à noite flutuavam como uma pesada faixa atrás dos coches elegantes. Registrava esses aromas como registrava odores profanos, com curiosidade, mas sem especial admiração. Evidentemente notava que o propósito dos perfumes era atuar de um modo embriagador e atraente, e ele reconhecia a qualidade das essências individuais em que eles consistiam. Mas, como um todo, pareciam-lhe grosseiros e simplórios, mais amontoados do que compostos, e ele sabia que seria capaz de produzir aromas agradáveis completamente distintos se ao menos dispusesse dos mesmos materiais básicos.

Muitos desses materiais básicos ele já conhecia das bancas de flores e temperos do mercado; outros lhe eram novos, e estes ele filtrava a partir das misturas de aromas e os guardava sem nome na memória: âmbar, almíscar, alecrim, menta, sândalo, bergamota, manjerição, benjoim, lúpulo, castor...

Não agia seletivamente. Não diferenciava, ainda não diferenciava entre aquilo que era designado como um bom e como um mau odor. Era ambicioso. O objetivo de suas caçadas consistia em simplesmente possuir tudo o que o mundo tinha a oferecer em odores, e a única condição era que os odores fossem novos. O cheiro de um cavalo suado valia para ele tanto quanto o suave aroma verde de um botão de rosa a desabrochar; o marcante fedor de um percevejo, não menos que o vapor de um assado gordo a evolir das cozinhas dos senhores. Devorava tudo, tudo, tudo ele sugava para si. E também ainda não preponderava um princípio estético na sintetizadora cozinha de cheiros da sua fantasia, na qual ele compunha constantemente novas combinações. Eram bizarrices que criava e logo destruía, como uma criança que brinca com bloquinhos de madeira, cheia de inventividade e destrutividade, sem um princípio criativo reconhecível.

No dia 1º de setembro de 1753, aniversário da coroação do rei, a cidade de Paris fez uma queima de fogos de artifício no Pont Royal. Não foi tão espetacular quanto os fogos de artifício em comemoração ao casamento do rei, ou quanto aquela legendária queima de fogos por ocasião do nascimento do delfim, mas mesmo assim foi uma queima impressionante. Nos mastros dos navios haviam sido montadas rodas solares douradas. Da ponte, os chamados "touro de fogo" cuspiam chuvas de estrelas a queimar sobre o rio. E enquanto por toda parte, sob um barulho ensurdecedor, rebentavam petardos e buscapés ziguezagueavam por cima do calçamento, foguetes subiam ao céu e pintavam brancos lírios no firmamento negro. Uma multidão de milhares de pessoas, reunidas tanto sobre a ponte quanto também no cais às duas margens do rio, acompanhava o espetáculo com entusiásticos ahs e ohs e bravos e até com vivas — embora o rei já tivesse subido ao trono há quarenta e oito anos e o ápice de sua popularidade já estivesse há muito ultrapassado. De tanto é capaz uma queima de fogos.

Grenouille estava parado, quieto, à sombra do Pavillon de Flore, na margem direita, em frente ao Pont Royal. Não movia um dedo para aplaudir, nem sequer olhava quando os foguetes subiam. Viera porque acreditava poder farejar alguma coisa nova, mas logo viu que os fogos de artifício nada tinham a oferecer em termos olfativos. O que aí fulgurava e borbilhava e estourava e assoviava, numa multiplicidade dispersiva, deixava um cheiro extremamente uniforme, misto de enxofre, óleo e salitre.

Já estava a ponto de abandonar a monótona festividade e voltar para casa ao longo da Galerie du Louvre quando o vento lhe trouxe algo mínimo, quase impossível de notar, um pequeno fragmento, um átomo de aroma, não, ainda menos: a noção de um aroma mais que um aroma de fato — e ao mesmo tempo, no entanto, a segura sensação de algo jamais cheirado antes. Voltou até o muro, fechou os olhos e inflou as narinas. O aroma era tão excepcionalmente suave e fino que ele não conseguia retê-lo, fugia sempre à sua percepção, era encoberto pela fumaça da pólvora dos petardos, bloqueado pela transpiração das massas humanas, despedaçado e esmigalhado pelos milhares de outros cheiros da cidade. Mas, de repente, estava de novo aí, só um pedacinho, a ser respirado por um curto segundo enquanto maravilhosa sugestão... e logo desaparecia. Grenouille sentiu-se torturado. Pela primeira vez não era apenas o seu caráter ávido que experimentava algo doentio, mas o seu coração que sofria. Palpitava-lhe a extraordinária sensação de que esse aroma seria a chave para ordenar todos os outros aromas, que não se

entenderia nada de aromas se não se tivesse entendido esse; e ele, Grenouille, teria desperdiçado a vida se não conseguisse pegá-lo. Precisava tê-lo, não pela mera posse, mas para sossego do seu coração.

Quase passou mal de tanta excitação. Não tinha sequer descoberto de que direção provinha. Às vezes eram demorados os intervalos antes de lhe ser soprado de novo um pequeno fragmento, por longos minutos, e toda vez sobrevinha-lhe um horrível medo de que o teria perdido para sempre.

Por fim ele se salvava na desesperada crença de que o aroma vinha da outra margem do rio, de algum lugar na direção sudeste.

Afastou-se do muro do Pavillon de Flore, mergulhou na multidão e abriu caminho através da ponte. A cada poucos passos ficava parado, punha-se na ponta dos pés para farejar por cima da cabeça das pessoas, não cheirava de início nada de tanta excitação e nervosismo; então, por fim, cheirava de fato alguma coisa, captava o aroma, ainda mais forte até do que antes, verificava estar no caminho certo, mergulhava, escavava o seu caminho pela multidão dos basbaques e dos fogueteiros, que a todo momento encostavam os seus archotes às mechas dos foguetes, perdia o seu aroma na picante fumaceira da pólvora, ficava em pânico, avançava e empurrava e se retorcia, alcançando após infindáveis minutos a outra margem, o Hotel de Mailly, o cais Malaquais, a confluência da Rue de Seine...

Aí ficou parado, recompôs-se e farejou. Conseguira.

Tinha-o firme. Como uma fita, o aroma descia a Rue de Seine, inconfundivelmente nítido e, mesmo assim, sempre bem suave e fino. Grenouille sentiu como o seu coração estava pulando, e sabia que não era o esforço da correria que o fazia pular, mas o seu excitado desamparo diante da presença desse aroma. Procurou lembrar-se de alguma coisa comparável, e teve de desistir de todas as comparações. Esse aroma tinha frescor; mas não o frescor das limas ou das laranjas, não o frescor da mirra ou das folhas de canela ou da hortelã ou da bétula ou da cânfora ou das agulhas de pinheiro, nem da chuva de maio ou do vento da geada ou da água da fonte... e ao mesmo tempo tinha calor; mas não como bergamota, cipreste ou almíscar, nem como jasmim ou narciso, nem como lenha de roseira e nem como íris...

Esse cheiro era uma mistura de ambos, do fugaz e do pesado, não uma mistura, mas uma unidade e, além disso, restrita e fraca e, ainda assim, sólida e fundamental, como um pano de fina seda cintilante... e de novo também não como seda, mas como leite doce feito mel em que um biscoito se dissolva — o que, afinal, mesmo com a melhor das boas vontades, não se conjugava: leite e seda! Incompreensível esse aroma, indescritível, de modo nenhum classificável, a rigor nem sequer deveria existir. E, no entanto, aí estava ele, em maravilhosa obviedade. Grenouille o

acompanhou, com o coração a saltar de medo, pois adivinhava que não estava seguindo o aroma, mas que o aroma o havia aprisionado e, agora, irresistivelmente, o atraía para si.

Subiu a Rue de Seine. Não havia ninguém na rua. As casas estavam vazias e quietas. As pessoas estavam lá embaixo, perto dos fogos de artifício. Nenhum frenético cheiro de gente perturbava, nenhum picante fedor de pólvora.

A rua tinha os costumeiros odores de água, estrume, ratos e restos de legumes. Mas por cima disso fluía suave e nítida a fita que conduzia Grenouille. Após uns poucos passos, a parca luz noturna do céu tinha sido engolida pelas altas casas, e Grenouille continuou caminhando na escuridão. Não precisava enxergar nada. O cheiro o conduzia com segurança.

Cinquenta metros adiante, dobrou à direita na Rue des Marais, uma viela, se possível ainda mais escura, mal tendo uma braça de largura. Estranhamente, o aroma não se tornou muito mais forte. Só se tornou mais puro e, através disso, através da sua pureza crescente, adquiriu um poder de atração cada vez maior. Grenouille caminhava sem vontade própria. Em determinado ponto, o aroma puxou-o abruptamente para a direita, aparentemente para o muro de uma casa. Uma passagem baixa se abriu, levando para o pátio interno. Como um sonâmbulo, Grenouille percorreu essa passagem, passou pelo pátio interno, dobrou num canto, chegou num segundo pátio interno, menor, e aí havia finalmente luz: o lugar compreendia apenas uns poucos passos da quadra. Do muro saltava um pequeno telhado oblíquo. Sobre uma mesa aí debaixo havia uma vela.

Uma jovem estava sentada junto a essa mesa e limpava nectarinas. Pegava as frutas de uma cesta à sua esquerda, tirava-lhes o cabinho e o caroço com uma faca e deixava-as cair num balde. Devia ter uns treze ou catorze anos. Logo ele saberia qual era a fonte do aroma que havia cheirado a quase dois quilômetros de distância, da outra margem do rio: não esse pátio sujo, não as nectarinas. A fonte era a garota. Ficou tão perturbado por um momento que, de fato, pensou que jamais em sua vida vira algo tão bonito quanto essa moça. Ele só via, no entanto, de trás a sua silhueta contra a vela. Queria dizer, naturalmente, que jamais havia cheirado algo tão belo. Mas como conhecia odores humanos, milhares deles, odores de homens, mulheres, crianças, não conseguia entender que um aroma tão precioso pudesse originar-se de um ser humano. Normalmente as pessoas cheiravam de um modo insignificante ou miserável. Crianças cheiravam insipidamente, os homens a urina, suor acre e a queijo, mulheres a banha rançosa e peixe podre. De um modo totalmente desinteressante, repelente, é que cheiravam os seres humanos... E assim é que acontecia que, pela primeira vez em sua vida, Grenouille não confiava em seu nariz, tendo de pedir ajuda aos olhos para acreditar no que cheirava. A perturbação dos

sentidos não perdurou, na verdade, por longo tempo. Foi, de fato, apenas um momento de que ele precisou para certificar-se visualmente e daí entregar-se de modo tanto mais desenfreado às percepções do seu olfato. Agora *cheirava* que se tratava de uma pessoa, cheirou o suor de suas axilas, a gordura dos seus cabelos, o cheiro de peixe do seu sexo, cheirando tudo com o maior prazer. O suor dela odorava tão fresco quanto a brisa do mar, o sebo dos seus cabelos, tão doce quanto o óleo das amêndoas, o seu sexo como um buquê de lírios-d'água, a pele como flores de pessegueiro... e a conjunção de todos esses componentes resultava num perfume tão rico, tão equilibrado, tão fascinante que tudo o que Grenouille havia cheirado até então, em termos de perfume, tudo o que ele brincando havia criado dentro de si em construções aromáticas, tudo de repente degenerou em simples absurdo. Centenas de milhares de odores pareciam não ter mais nenhum valor diante desse único aroma. Este um era o supremo princípio, de acordo com que os demais tinham de se ordenar.

Era a pura beleza, beleza pura.

Para Grenouille era certo que, sem a posse desse aroma, a sua vida não teria mais sentido. Até o menor detalhe, até a sua última e mais suave ramificação, precisava conhecê-lo; a sua mera e complexa recordação não bastava. Queria demarcar no caos da sua negra alma, como que com um sinete, o apoteótico perfume, pesquisá-lo em toda a exatidão e, daí por diante, só pensar, viver, cheirar segundo as estruturas internas dessa fórmula mágica.

Encaminhou-se lentamente até a jovem, cada vez mais perto, ficou debaixo do telhado, colocando-se a um passo atrás dela. Ela não o ouviu.

Tinha cabelos ruivos e trajava um vestido cinza sem mangas. Os braços eram muito alvos e as mãos estavam amarelas do suco das nectarinas cortadas. Parado, Grenouille curvava-se sobre ela e aspirava agora o seu odor sem qualquer mistura, tal como subia de sua nuca, dos seus cabelos, do decote de seu vestido, deixando-o fluir para dentro de si como uma brisa suave. Nunca se sentira tão bem. Mas a moça sentiu-se enregelar.

Ela não via Grenouille. Mas começou a ter uma sensação de medo, um estranho calafrio, como se sente quando um antigo medo, já posto de lado, voltava a atacar de repente. Para ela, era como se houvesse uma corrente de ar frio às suas costas, como se alguém tivesse aberto uma porta que levasse a um enorme porão gelado. Ela largou a faca de cozinha, colocou as mãos sobre o peito e voltou-se.

Estava tão gélida de susto quando o viu que ele teve bastante tempo para lhe colocar as mãos em torno do pescoço. Ela não tentou qualquer grito, não se mexeu, não fez qualquer gesto de defesa. Ele, por sua vez, nem a olhou.

Não viu seu rosto com sardas do verão, a boca rubra, os grandes olhos completamente verdes, pois manteve os seus olhos bem cerrados enquanto a estrangulava, tendo somente uma preocupação: não perder nada de sua fragrância.

Quando estava morta, ele a deitou no chão, em meio aos caroços de nectarina, e rasgou o seu vestido, e o fluxo de aroma tornou-se uma enchente, inundando-o com o seu cheiro agradável. Ele mergulhou o rosto na sua pele e, com as narinas bem infladas, percorreu o ventre até o peito, até o pescoço, percorreu o seu rosto e os cabelos, voltando até o ventre, descendo até o seu sexo, até suas coxas, até suas pernas brancas. Ele a farejou da cabeça até os dedos dos pés, coletou os últimos restos de sua fragrância no queixo, no umbigo e nas dobras dos cotovelos.

Tendo sugado todo o seu cheiro, ficou ainda por algum tempo agachado a seu lado para se recompor, pois estava impregnado dela. Não queria desperdiçar nada do seu aroma. Primeiro tinha de fechar bem as comportas interiores. Em seguida levantou-se e apagou a vela com um sopro.

Nesse momento voltavam do rio as primeiras pessoas, cantando e dando vivas, Rue de Seine acima. Grenouille farejou-os na ruazinha e lá pela Rue des Petits Augustins, que, paralela à Rue de Seine, levava até o rio. Pouco depois descobriu-se a morta. Ergueu-se uma gritaria. Archotes foram acendidos. Veio a guarda. Há tempo que Grenouille já estava na outra margem.

Nessa noite, o seu tabique pareceu-lhe um palácio, e o seu catre de tábuas, uma cama celestial. Até então, ele não havia experimentado em sua vida o que era a felicidade.

No máximo conhecera estados extremamente raros de reprimido contentamento. Mas agora tremia de felicidade e, de tanta alegria, não conseguia conciliar o sono. Era como se nascesse pela segunda vez, não, não pela segunda, pela primeira vez, pois até então tinha apenas existido como um animal, num conhecimento muitíssimo nebuloso de si mesmo. Mas com o dia de hoje parecia-lhe que finalmente sabia quem era realmente: ou seja, nada menos que um gênio; e que a sua vida tinha sentido e finalidade e objetivo e destinação mais elevados. Ou seja, nada menos do que revolucionar o mundo dos aromas; e que só ele no mundo tinha todos os meios: ou seja, o seu refinadíssimo nariz, a sua fenomenal memória e, mais importante que tudo, o marcante odor dessa mocinha da Rue des Marais, na qual, numa fórmula mágica, estava contido tudo o que constitui um grande aroma, um perfume: suavidade, força, permanência, multiplicidade e uma assustadora beleza irresistível.

Tinha achado o norte para a sua vida futura. E como todos os monstros geniais, aos quais um evento externo deita um trilho reto dentro da caótica espiral de suas almas, Grenouille não se desviou mais daquilo que acreditava ter reconhecido como direcionamento do seu destino. Agora se tornou claro para ele por que se atinha de

modo tão tenaz e persistente à vida: tinha de ser um criador de perfumes. E não apenas um qualquer. O maior perfumista de todos os tempos.

Ainda na mesma noite, inspecionou, primeiro desperto e depois em sonhos, o imenso campo de destroços das suas recordações. Examinou os milhões e mais milhões de tijolos de odores, colocando-os numa ordem sistemática: bom com bom, ruim com ruim, fino com fino, grosseiro com grosseiro, fedor com fedor, ambrosíaco com ambrosíaco. No decurso das semanas seguintes, essa ordem se tornou cada vez mais sutil, o catálogo dos odores cada vez mais rico e diferenciado, a hierarquia cada vez mais nítida. E em breve ele já podia começar a montar os primeiros prédios de cheiros: casas, muros, escadas, torres, porões, quartos, câmaras secretas... uma fortaleza interior, a se ampliar a cada dia, cada dia mais embelezada e mais perfeitamente estruturada, com as mais maravilhosas combinações de perfumes.

Que o início dessa maravilha tenha sido um assassinato isso lhe era, se de algum modo consciente, totalmente indiferente. Já nem conseguia mais se lembrar da imagem da mocinha da Rue des Marais, do seu rosto, do seu corpo. Tinha preservado e se apropriado do melhor dela: o princípio do seu perfume.

Naquela época havia em Paris uma boa dúzia de perfumistas. Seis deles viviam na margem direita do rio, seis deles na esquerda, e um exatamente no meio, ou seja, no Pont au Change, que ligava a margem direita com a He de la Cite. Essa ponte estava de tal modo tomada por casarões de quatro andares que, ao se atravessá-la, não se conseguia ver o rio em nenhum lugar, dando a impressão de tratar-se de uma rua normal, firmemente fundada e, além disso, exatamente elegante. De fato, o Pont au Change era considerado um dos melhores endereços comerciais da cidade. Nele se encontravam as lojas mais renomadas, os ourives, os marceneiros de madeiras nobres, os melhores peruqueiros e fabricantes de bolsas, os confeccionistas das mais finas roupas íntimas e meias, moldureiros, fabricantes de botas de montaria, bordadores, fundidores de botões de ouro e banqueiros. E nele também estavam a loja e a casa do perfumista e luveiro Giuseppe Baldini. Por sobre a sua vitrine estendia-se um vistoso baldaquim esverdeado, do qual pendiam as armas de Baldini, totalmente em ouro, um frasco dourado, com um ramo de flores douradas brotando, e diante da porta estendia-se um tapete vermelho, que também ostentava as armas, bordadas em dourado. Abrindo-se a porta, ressoava então um jogo de sinos persas e duas garças prateadas começavam a cuspir de seus bicos água de violetas em uma bacia dourada, que, por sua vez, era um frasco com a forma das armas.

Por trás do balcão de faia clara ficava o próprio Baldini velho e empertigado como uma coluna, com uma peruca salpicada de prata e um jaquetão azul com adornos aourados. Uma nuvem de água de Frangipani, com que ele se vaporizava a cada manhã, envolvia-o de um modo quase visível e deslocava a sua pessoa para uma nebulosa distância. Em sua imobilidade, parecia ser seu próprio inventário. Só quando os sininhos ressoavam e as garças jorravam água — essas duas coisas não aconteciam com grande frequência — é que de repente surgia vida nele, a sua figura como que mergulhava em si mesmo, tornando-se pequena e vivaz e, com muitos rapapés, vinha zunindo de trás do balcão, tão rápida que a nuvem de Frangipani quase não conseguia acompanhá-lo, para oferecer uma cadeira ao freguês e apresentar-lhe seletos aromas e cosméticos.

Baldini tinha milhares deles. Seu mostruário ia de essências, óleos, tinturas, extratos, secreções, bálsamos, resinas e drogas secas, líquidas ou cerosas, passando por diversas pomadas, pastas, pós, sabonetes, sachês, cremes, brilhantinas, fixadores de barba, gotas para verrugas e aplicações de embelezamento até águas-de-colônia, loções, sais aromáticos, vinagre de toalete e uma quantidade infinita de perfumes autênticos. Mas Baldini não se contentava com esses produtos clássicos do ramo

dos cosméticos. Sua ambição era reunir em sua loja tudo o que aromatizasse ou de algum modo servisse ao aroma. E, assim, ao lado de pastilhas, velas e bandagens aromáticas, encontrava-se também tudo quanto é especiaria — de semente de anis até canela, xaropes, licores e caldos de frutas, vinhos de Chipre, Málaga e Corinto, mel, cafés, chás, frutas secas e cristalizadas, figos, bombons, chocolates, castanhas, e inclusive alcaparras, pepinos e cebolas em conserva e atum ao escabeche. E ainda lacre aromatizado, papel de carta perfumado, tintas eróticas cheirando a óleo de rosas, pastas de documentos de camurça espanhola, porta canetas de sândalo branco, bandejas para pétalas, incensários e turíbulo de latão, frascos e cadinhos de cristal com tampinhas polidas de âmbar, luvas e lenços perfumados, almofadinhas de agulhas recheadas com noz-moscada e tapetes recendendo a almíscar e que podiam perfumar um quarto por mais de cem anos.

Naturalmente, todas essas mercadorias não tinham lugar na pomposa loja, situada diante da rua (ou da ponte), e, por isso, à falta de um porão, tinham de funcionar como depósito não só a despensa da casa, mas todo o primeiro e segundo andares, bem como quase todos os quartos do andar térreo de frente para o rio. A consequência disso era que na Casa Baldini reinava um indescritível caos de odores. Assim como era selecionada a qualidade de cada produto — pois Baldini só comprava coisas de primeira qualidade —, também era insuportável a sua ressonância aromática, como uma orquestra de mil membros em que cada músico tocasse em *fortíssimo* uma outra melodia. Baldini e os seus empregados já estavam embotados contra o caos, como os velhos maestros, que são todos meio surdos, assim como a sua esposa, que morava no terceiro andar e se defendia tenazmente contra qualquer outro avanço dos depósitos, mal percebia ainda os múltiplos odores como algo perturbador. O mesmo não acontecia com o freguês que entrava pela primeira vez na loja. A mistura de aromas atingia-o como uma bofetada no rosto: de acordo com a sua constituição, deixava-o exaltado ou atordoado, perturbava em todo caso de tal modo seu senso que com frequência ele nem sabia mais por que viera. Meninos de recados esqueciam as suas encomendas. Renitentes cavalheiros ficavam acanhados. E muitas senhoras sofreram ataques, meio histéricos e meio claustrofóbicos, desmaiando, e só conseguindo restabelecer-se ainda com o mais forte sal de cheiro, feito de óleo de cravos, amoníaco e cânfora.

Nessas circunstâncias, não era propriamente de se admirar que o jogo de sininhos persas à porta da loja de Giuseppe Baldini tocasse cada vez mais raramente e as garças prateadas jorrassem cada vez menos.

— Chénier! — gritou Baldini de trás do balcão, onde havia ficado durante horas, rígido, olhando fixamente para a porta. — Ponha a sua peruca!

E, entre tonéis de óleo de oliva e chouriços de Bayonne pendurados, apareceu Chénier, o empregado de Baldini, um pouco mais novo do que este, mas também já um senhor idoso, vindo para a frente, para a parte mais fina da loja. Puxou a peruca do bolso do jaquetão e colocou-a na cabeça.

— Vai sair, Sr. Baldini?

— Não — disse Baldini —, quero me esconder por algumas horas em meu gabinete de trabalho e não desejo ser perturbado.

— Ah, entendo! O senhor vai criar um novo perfume.

BALDINI: É isso. Para perfumar uma camurça espanhola para o conde Verhamont. Ele quer uma coisa completamente nova. Quer uma coisa como... como... acho que se chamava *Amor e Psique* o que ele queria, e se supõe que venha desse tapado lá da Rue Saint-André des Arts, esse... esse tal de...

CHÉNIER: Pélissier.

BALDINI: Isso. Pélissier. Correto. Assim se chama o tapado. *Amor e Psique* de Pélissier. Conhece?

CHÉNIER: Sim, sim. Claro, claro. Pode-se cheirá-lo agora por toda a parte. Em qualquer esquina se pode cheirá-lo. Mas se quer o meu parecer: nada de extraordinário! De maneira alguma poderá medir-se com esse que o senhor há de compor, Sr. Baldini.

BALDINI: Naturalmente não.

CHÉNIER: Cheira extremamente comum, esse *Amor e Psique*.

BALDINI: Vulgar?

CHÉNIER: Completamente vulgar, como tudo do Pélissier. Acho que leva óleo de lima.

BALDINI: Realmente? E o que mais?

CHÉNIER: Talvez essência de flor de laranjeira. E talvez tintura de alecrim. Mas não sei dizer com certeza.

BALDINI: Também me é completamente indiferente.

CHÉNIER: É natural.

BALDINI: Tanto se me dá o que o tapado de Pélissier andou enfiando no perfume dele. Nem vou me deixar inspirar por ele!

CHÉNIER: Tem toda razão, *monsieur*.

BALDINI: Como você sabe, jamais me deixo inspirar. Como você sabe, eu mesmo elaboro os meus perfumes.

CHÉNIER: Eu sei, *monsieur*.

BALDINI: Eu os crio a partir de mim mesmo!

CHÉNIER: Eu sei.

BALDINI: E quero criar para o conde Verhamont algo que realmente faça furor.

CHÉNIER: Disso eu estou convencido, mestre Baldini.

BALDINI: Tome conta da loja. Preciso de paz. Tire-me tudo das costas, Chénier...

E, com isso, saiu arrastando os pés, não mais como uma estátua, mas, como convinha à sua idade, curvado, já quase como que surrado, e subiu lentamente a escada até o primeiro andar, onde era o seu gabinete de trabalho.

Chénier assumiu o lugar atrás do balcão, colocou-se exatamente como o mestre tinha estado antes e ficou olhando fixamente para a porta. Ele sabia o que iria se passar nas próximas horas: ou seja, nada na loja, e lá em cima, no gabinete de trabalho, a catástrofe de sempre. Baldini tiraria o seu jaquetão azul impregnado de água de Frangipani, sentar-se-ia à escrivaninha, esperando por uma inspiração. A inspiração não viria. Então ele sairia correndo para o armário com as centenas de frasquinhos de amostras e misturaria um tanto arbitrariamente. Essa mistura seria um fracasso. Ele praguejaria, abriria a janela e jogaria a mistura no rio. Experimentaria outra coisa, que também fracassaria; gritaria e urraria, então acabaria tendo uma crise de choro no quarto a cheirar de um modo já narcotizante.

Por volta das sete horas da noite, reapareceria em estado miserável, tremendo e chorando e dizendo: — Chénier, eu não tenho mais nariz, não sei fazer o perfume, não posso mais fornecer a camurça espanhola para o conde, estou perdido, estou morto por dentro, quero morrer, Chénier, me ajude a morrer!

E Chénier proporia que se mandasse alguém até Pélissier para comprar uma garrafa de *Amor e Psique* e Baldini concordaria, sob a condição de que ninguém ficasse sabendo dessa vergonha; Chénier juraria, e à noite, em segredo, perfumariam a camurça para o conde Verhamont com o perfume alheio. Assim é que tudo acabaria, e Chénier só desejava já ter todo esse teatro atrás de si. Baldini não era mais um grande perfumista. Sim, antigamente, em sua juventude, há trinta, quarenta anos, havia inventado o *Rosa do Sul* e o *Buquê Galante de Baldini*, dois perfumes realmente grandiosos, aos quais devia a sua fortuna. Mas estava velho e gasto e não

conhecia mais as modas da época e o novo gosto das pessoas; se por acaso ainda compunha um perfume próprio, era algo completamente fora de moda, invendável, que um ano mais tarde eles diluiriam dez vezes e passariam adiante como complemento à água de chafariz. Lamentável, pensou Chénier, examinando no espelho a colocação de sua peruca, lamentável pelo velho Baldini, lamentável pelo seu belo negócio, pois ele vai acabar com tudo; e lamentável por mim, pois até ele conseguir acabar com tudo estarei velho demais para assumi-lo...

É verdade que Giuseppe Baldini havia tirado o seu cheiro do jaquetão, mas só por um velho hábito. A fragrância da água de Frangipani há muito já não o perturbava, ele já a levava consigo há decênios e nem a percebia mais. Ele também havia trancado a porta do gabinete de trabalho e posto o aviso de "não perturbar", mas não se sentou à escrivaninha para meditar e esperar por uma inspiração, pois sabia muito melhor do que Chénier que nenhuma inspiração viria: ele jamais tivera uma. É verdade que estava velho e gasto, isso estava correto, e também não era mais um grande perfumista; mas sabia que jamais o fora. *Rosa do Sul* ele havia herdado do seu pai, e a receita para o *Buquê Galante de Baldini* havia comprado de um comerciante de especiarias genovês que por ali passara. O resto dos seus perfumes eram misturas há muito conhecidas. Jamais tinha inventado algo. Não era um inventor. Era um cuidadoso confeccionista de aromas comprovados, como um cozinheiro que, com rotina e boas receitas, faz uma grande cozinha, sem jamais, contudo, ter inventado um prato próprio.

Toda aquela farsa de laboratório, e experimentações, inspirações e segredinhos, só a encenava porque fazia parte da imagem do ofício de um *maitre parfumeur et gantier*. Um perfumista era meio alquimista, alguém que faz milagres: assim o queriam as pessoas — e que assim fosse! Que a sua arte era um ofício como outro qualquer, disso só ele sabia, e era este o seu orgulho. Nem queria ser um inventor. Invenção para ele era algo muito suspeito, pois significava sempre a ruptura de uma regra. Também nem estava pensando em inventar um novo perfume para o conde Verhamont.

Mas também não se deixaria, à noite, convencer por Chénier a fim de providenciar o *Amor e Psique* de Pélissier. Já o tinha. Aí estava ele, sobre a escrivaninha diante da janela, num pequeno frasco, com uma tampinha trabalhada. Já o havia comprado há alguns dias. É claro que não pessoalmente. Não podia, afinal, ir pessoalmente ao Pélissier e comprar um perfume! Mas através de um intermediário, e este por sua vez através de um outro intermediário... Era preciso cautela. Pois Baldini nem queria o perfume simplesmente para aromatizar a camurça espanhola: para isso, a pequena quantidade sequer teria bastado. Tinha algo pior em mente: queria copiá-lo.

Isso, aliás, não era proibido. Só extremamente deselegante. Imitar secretamente o perfume de um concorrente e vendê-lo sob outro nome era terrivelmente deselegante.

Porém ainda mais deselegante era deixar-se surpreender fazendo isso, e

portanto Chénier não devia ficar sabendo de nada, pois daria com a língua nos dentes.

Ah, que coisa terrível que um honesto trabalhador se visse obrigado a percorrer caminhos tão tortuosos! Que terrível era ter de manchar de modo tão sórdido o mais precioso que se possui, a própria honra! Mas o que podia ele fazer? De qualquer modo, o conde Verhamont era um cliente que não se podia perder de jeito nenhum. Especialmente considerando que ele quase não tinha mais clientes. Já precisava correr de novo atrás da clientela como no início da década de 20, quando estava no começo da sua carreira e saía pelas ruas com o mostruário pendurado à barriga. Sabe Deus como ele, Giuseppe Baldini, proprietário do maior comércio de material aromático no melhor ponto comercial de Paris, mal conseguia ainda, em termos financeiros, pagar as contas ao visitar residências com a maleta na mão.

E isso não o agradava nem um pouco, pois já tinha bem mais de sessenta anos e detestava esperar em gélidos vestibulos e apresentar a velhos marqueses *Água de Mil Flores* e *Vinagre dos Quatro Ladrões* ou empurrar-lhes uma pomada contra enxaqueca. Além disso, nesses vestibulos reinava uma concorrência horrorosa. Ali estava aquele arrivista Brouet, da Rue Dauphine, que afirmava ter o maior catálogo de pomadas da Europa; ou Calteau, da Rue Mauconseil, que havia conseguido tornar-se o fornecedor da corte da condessa de Artois; ou esse completamente imprevisível Antoine Péliissier, da Rue Saint-André des Arts, que a cada estação lançava um novo perfume, pelo qual o mundo todo ficava maluco.

Um desses perfumes de Péliissier podia deixar o mercado todo fora de ordem. Se num ano a moda era água húngara e, de acordo com isso, Baldini havia se provido de lavanda, bergamota e alecrim para atender à demanda, vinha Péliissier com um *Air de Musc*, uma essência de almíscar ultracarregada. De repente, todo mundo tinha de cheirar a bicho, e Baldini podia tratar de reelaborar o seu alecrim para uma água capilar e costurar a lavanda em sachês. Se, pelo contrário, encomendara para o ano seguinte quantidades adequadas de almíscar e castóreo, Péliissier inventava um perfume chamado *Flor Silvestre*, que prontamente se tornava o sucesso. E se por fim, após noites a fio de experimentos ou após elevadíssimas propinas, Baldini descobria em que consistia *Flor Silvestre* — lá vinha de novo Péliissier com *Noites Turcas* ou *Aroma Lisboeta* ou *Bouquet de la Cour* ou sabe o diabo com que mais. Esse homem era, em todo caso, em sua desenfreada criatividade, um perigo para toda a classe. Era de se desejar que voltasse à rigidez do antigo direito das corporações. Era de se desejar a aplicação das medidas mais draconianas contra esse descontrolado, contra esse inflacionador de aromas. A patente deveria ser-lhe retirada, ser-lhe imposta uma rigorosa proibição de exercer a profissão... e sobretudo o sujeitinho deveria primeiro aprender regularmente a

profissão! Pois esse Pélissier não era um mestre em perfumaria e mestre luveiro diplomado. Seu pai não fora mais que um fazedor de vinagre, e fazedor de vinagre era também Pélissier, nada mais. E só porque ele, como fazedor de vinagre, tinha o direito de mexer com espírito de vinho e adjacências, é que chegava a penetrar nos meandros dos autênticos perfumistas e fuçar por aí como um zorrilho. Por que se precisava de um novo perfume a cada estação? Era isso necessário? Antes o público também estava muito satisfeito com água de violetas e simples essências de flores, que talvez a cada dez anos fossem um pouco alteradas. Durante milênios os homens tinham preferido incenso e mirra, alguns bálsamos, óleos e ervas ressequidas. E inclusive quando haviam aprendido a destilar com balões e alambiques, aprendendo a extrair, por meio do vapor d'água, às ervas, flores e madeiras o princípio aromático em forma de óleo etéreo, aprendido a espremer-lo com prensas de carvalho a partir de sementes e caroços e cascas de frutas ou extraí-los, com sebos cuidadosamente depurados, das pétalas de flores, o número de aromas ainda era modesto. Naquela época, uma figura como Pélissier nem teria sido possível, pois se precisava, para criar uma simples pomada, de habilidades com que esse misturador de vinagres nem sequer conseguia sonhar. Não só se precisava saber destilar; também se precisava ao mesmo tempo ser um produtor de pomadas e um manipulador de drogas, um alquimista e artesão, comerciante, humanista e hortelão. Era preciso saber distinguir entre sebo de rins de carneiro e sebo de bezerro, e entre uma violeta Vitória e uma violeta de Parma. Era preciso dominar o latim. Era preciso saber quando o heliotrópio deve ser colhido e quando o gerânio floresce e saber que a flor do jasmim perde o seu perfume com o sol nascente. De tais coisas, esse Pélissier não tinha obviamente nenhuma noção.

Provavelmente jamais havia saído de Paris, jamais em sua vida vira jasmim florindo. Para não falar, afinal, de que não tinha a menor noção da gigantesca trabalhadeira necessária para conseguir extrair de centenas de milhares de flores de jasmim uma pequena mancha de *concrète* ou algumas gotas de *essence absolue*. Provavelmente só conhecia estes últimos, conhecia jasmim apenas como um concentrado líquido marrom-escuro, guardado no cofre em um frasquinho ao lado de muitos outros frasquinhos, a partir dos quais misturava os seus perfumes da moda. Não, uma figura como esse Pélissier falastrão não teria conseguido fincar pé nos bons e velhos tempos corporativos. Para isso lhe faltava tudo: caráter, formação, modéstia e o senso de hierarquia corporativa. Devia os seus êxitos perfumísticos tão somente a uma descoberta que, há mais de duzentos anos, o genial Mauritius Frangipani — aliás um italiano — fizera e que consistia no fato de que substâncias aromáticas são solúveis em espírito de vinho. Quando Frangipani misturou os seus pozinhos de cheiro com álcool e, com isso, transpôs o seu aroma para um líquido volátil, libertou o aroma da matéria, volatilizou o aroma, sublimando-o, inventando o

aroma enquanto puro aroma, em suma: criando o perfume. Que feito! Que realização incrível! Comparável realmente apenas aos maiores eventos da espécie humana, como a invenção da escrita pelos assírios, a geometria euclidiana, as ideias de Platão e a transformação da uva em vinho pelos gregos. Um feito realmente prometérico!

E, mesmo assim, como todos os grandes feitos espirituais, não só lançou luz, mas também sombras, e preparou para a humanidade, ao lado de benefícios, também desgostos e miséria, assim também a maravilhosa descoberta de Frangipani teve, infelizmente, consequências ruins: pois agora, já que se tinha aprendido a fixar o espírito das flores e ervas, das madeiras, resinas e secreções animais em tinturas, enchendo garrafinhas com elas, a arte da perfumaria escapou paulatinamente aos poucos artesãos de saber universal, ficando exposta aos oportunistas que possuíssem apenas nariz medianamente refinado como, por exemplo, esse zorrilho do Pélissier. Sem se preocupar como pudesse ter uma vez surgido o maravilhoso conteúdo das suas garrafinhas, ele podia simplesmente seguir os seus caprichos olfativos e sair misturando o que no momento lhe passasse pela cabeça ou o que o público estivesse querendo.

Certamente esse bastardo do Pélissier, com seus trinta e cinco anos, já possuía agora uma fortuna maior do que ele, Baldini, conseguira finalmente acumular na terceira geração através de duro e persistente trabalho. E a de Pélissier aumentava a cada dia, enquanto a sua, de Baldini, diminuía a cada dia. Uma coisa dessas nem teria sido possível antigamente! Que um respeitado artesão e experiente *commerçant* tivesse de lutar por sua simples existência, isso só se via há alguns poucos decênios! Desde que, por toda parte e em todos os setores, havia rebentado a frenética ânsia de inovação, essa desenfreada paixão por fatos e feitos, esse frenesi de experimentações, essa ambição louca no comércio, nos negócios e nas ciências!

Ou a loucura da velocidade! Para que se precisava de todas essas estradas novas, que eram escavadas por toda parte, e as novas pontes? Para quê? Será que era vantagem poder viajar até Lyon em uma semana? A quem importava isso? A quem isso seria vantajoso? Ou viajar por sobre o Atlântico, e zunir em um mês até a América — como se durante milênios não se tivesse passado muito bem sem esse continente. O que é que o homem civilizado tinha perdido na mata virgem dos índios ou entre os negros? Até para a Lapônia se ia, isso ficava ao norte, nos gelos eternos, onde viviam selvagens devoradores de peixe cru. E ainda queriam descobrir mais um continente, que se supunha estar no oceano meridional, seja lá onde isso fosse. E para que essa loucura? Porque os outros também o faziam, os espanhóis, os malditos ingleses, os impertinentes holandeses, com os quais se precisava então ficar brigando, luxo a que nem se podia se dar. Um navio de guerra desses custava

300.000 libras bem contadas, e se afundava em cinco minutos com um único tiro de canhão, para nunca mais ser visto, pago com os nossos impostos. O dízimo de todas as entradas de caixa é o que agora o senhor Ministro das Finanças exigia, e isso era ruinoso, mesmo que não se pagasse essa parte. Pois toda a mentalidade já era corruptora.

A infelicidade do ser humano provém do fato de ele não querer ficar quieto no seu quarto, onde é o seu lugar. Diz Pascal. Mas Pascal fora um grande homem, um Frangipani do espírito, um artesão autêntico, e hoje um homem desses não é mais procurado. Hoje se ficam lendo livros subversivos e revolucionários de huguenotes ou ingleses. Ou se escrevem tratados ou as assim chamadas grandes obras científicas, em que toda e qualquer coisa é questionada. Nada mais, diz-se, deve estar correto; tudo deve ser agora, de repente, diferente. Num copo d'água deveriam, desde há pouco, nadar uns bichinhos bem pequenos, que antigamente não se enxergavam; a sífilis seria uma doença normal, e não mais uma punição de Deus; Deus não teria mais criado o mundo em sete dias, mas em milhões, se é que chegou a fazê-lo; os selvagens seriam seres humanos como nós; nós criaríamos erroneamente os nossos filhos; e a Terra não seria mais redonda como até agora, mas chata em cima e embaixo como um melão — como se isso fizesse diferença! Em cada setor se questionava e se mexia e se pesquisava e se intrometia, faziam-se experiências. Não bastava mais dizer o que é e como é — agora tudo precisava ser também demonstrado, de preferência com testemunhas e números e umas ridículas experiências quaisquer. Esses Diderots e d'Alemberts e Voltaires e Rousseaus e como se chamavam todos esses escrevinhadores — até elementos do clero havia entre eles, e senhores da aristocracia! Eles realmente haviam conseguido espalhar por toda a sociedade a sua própria pérfida inquietação, o simples prazer de não-estar-contente e de não-conseguir-se-dar-por-satisfeito com nada desse mundo, em suma: o caos sem limites que imperava em suas cabeças!

Onde quer que se olhasse, imperava a correria. Pessoas simples, até mulheres, liam livros. Padres se acomodavam em cafés. E quando a polícia uma vez intervinha e enfiava na cadeia um desses supersafadões, então os editores se lamentavam e faziam correr abaixo-assinados, e elevados cavalheiros e damas faziam valer a sua influência até que, após um par de semanas, ele era de novo solto ou se deixava que mudasse para o estrangeiro, onde continuava a panfletar desenfreadamente. Nos salões só se pairava ainda sobre órbitas de cometas e expedições, sobre potência de alavanca e Newton, sobre construções de canais, circulação de sangue e circunferência da Terra.

E até mesmo o rei deixava que lhe apresentassem um absurdo qualquer da moda, uma espécie de tempestade artificial chamada eletricidade: à vista de toda a

corte, um homem esfregara numa garrafa e esta soltara faíscas, e Sua Majestade, assim se dizia, mostrara-se profundamente impressionado. Inconcebível que o seu bisavô, o realmente Grande Luís, sob cujo abençoado reinado Baldini ainda tivera a felicidade de viver durante longos anos, tivesse tolerado ante os seus olhos uma tão ridícula demonstração! Mas esse era o espírito da nova época, e tudo isso ainda iria acabar mal!

Pois se já se podia desavergonhadamente e do modo mais safado colocar em dúvida a autoridade da Igreja de Deus; se se falava sobre a não menos por Deus desejada monarquia e a sagrada pessoa do rei como se os dois não fossem mais que meros postos variáveis dentro de todo um catálogo de outras formas de governo que se podia escolher a gosto; se, por fim, se chegava ao atrevimento de, como ocorria, colocar Deus Todo-Poderoso, Ele pessoalmente, como dispensável e, com toda a seriedade, afirmar que ordem, bons costumes e felicidade sobre a terra poderiam ser pensados sem Ele, tão só a partir da moralidade e da razão inerentes aos próprios homens... Oh Deus! Oh Deus! — então de fato não se precisava ficar admirado se tudo andava de cabeça para baixo e os usos e costumes degeneravam e a humanidade atraía o juízo punitivo Daquele que ela negava. Isso havia de acabar mal. O grande cometa de 1681, do qual teriam rido, dizendo que nada mais era que um monte de estrelas, fora realmente um sinal de advertência de Deus, pois tinha — agora se sabia — anunciado um século de dissolução, de desagregação, do pântano espiritual, político e religioso que a própria humanidade havia criado para si, no qual ela mesma um dia haveria de afundar e no qual só medravam ainda flores do pântano, fedorentas como esse Pélissier!

O velho Baldini estava à janela e olhava com ódio para o sol que, oblíquo, se estendia sobre o rio. Barcaças emergiam debaixo dele e deslizavam lentamente para oeste, para o Pont Neuf, e o cais diante das galerias do Louvre. Nenhuma era arrastada com varas contra a corrente; pegavam o braço do rio no outro lado da ilha. Aqui tudo só fluía rio abaixo, os barcos vazios e os carregados, os botes a remo e as canoas rasas dos pescadores, a água cor de lodo sujo e a ondulação dourada, tudo fluía, embora devagar, larga e incessantemente. E se Baldini olhasse fixo para baixo, bem ao longo da parede da casa, era como se a água corrente sorvesse e arrastasse as fundações da ponte; e ele ficava tonto.

Havia sido um erro comprar a casa sobre a ponte, e um duplo erro ficar com uma do lado oeste. Tinha permanentemente diante dos olhos o rio a correr, e, para ele, era como se fosse junto com a correnteza, ele, a sua casa e a sua riqueza obtidas em decênios, tudo junto com o rio, como se fosse velho e fraco demais para se contrapor à poderosa corrente. Às vezes, quando tinha algo a fazer na margem esquerda, no bairro em torno da Sorbonne e de Saint-Sulpice, não ia pela ilha e pelo

Pont Saint-Michel, mas tomava o caminho mais longo, pelo Pont Neuf, pois esta ponte não era cheia de casas. E ele se postava no parapeito leste e ficava olhando rio acima, para ao menos uma vez ver tudo correndo na sua direção; e por alguns momentos se regalava imaginando que a tendência da sua vida se invertera; os negócios floresciam, a família prosperava, as mulheres corriam atrás dele e a sua existência, em vez de se diluir, só fazia revigorar-se.

Mas logo, erguendo um pouco o olhar, via a algumas centenas de metros de distância a sua própria casa, tão frágil, estreita e alta sobre o Pont au Change, a janela do seu gabinete de trabalho no primeiro andar, e via a si mesmo parado à janela, olhando o rio e observando a água que seguia correndo, como agora. E com isso desvanecia-se o belo sonho, e Baldini, sobre o Pont Neuf, afastava-se, mais abatido do que antes, tão abatido quanto agora, quando se afastou da janela, foi até a escrivaninha e sentou-se.

Diante dele estava o frasco com o perfume de Pélissier. O líquido cintilava, ouro escuro, à luz do sol, claro, sem a menor turvação. Parecia inocente como chá e, contudo, continha, além de quatro quintos de álcool, um quinto de uma mistura cheia de segredos, capaz de deixar excitada toda uma cidade. Essa mistura podia, por sua vez, consistir em três ou em trinta materiais diferentes, que estavam em variadas relações possíveis de volumes, numa relação perfeitamente determinada entre eles. Essa era a alma do perfume — na medida em que, no caso de um perfume desse frio mercador Pélissier, se pudesse falar de alma. E agora era preciso descobrir a sua constituição.

Baldini assoou cuidadosamente o nariz e baixou a veneziana. A luz direta do sol era prejudicial ao material aromático e a todo concentrado aromático mais fino. Tirou da gaveta um lenço rendado, branco e limpo, e desdobrou-o.

Com uma leve torção, abriu o frasco. Manteve a cabeça bem afastada, comprimindo as asas do nariz, pois não queria, pelo amor de Deus, captar diretamente da garrafinha uma impressão demasiado apressada. Perfume precisava ser cheirado em estado livre, arejado, jamais concentrado. Borrifou algumas gotas sobre o lenço, sacudiu-o para evaporar o álcool, e em seguida colocou-o sob o nariz. Com três curtas inspirações, aos sorvos, aspirou o aroma como se fosse pólvora, soprou-o de novo, farejou outras três vezes e, para concluir, inspirou fundo, soltando vagarosamente, parando várias vezes, como que o deixando deslizar sobre uma longa escada suave. Jogou o lenço sobre a mesa e deixou-se cair contra o encosto da cadeira.

O perfume era um desgosto de tão bom. O miserável Pélissier, infelizmente, era um entendido. Um mestre, que Deus o perdoe, ainda que mil vezes nada tivesse estudado!

Baldini desejava que fosse seu esse *Amor e Psique*. Nada tinha de ordinário. Absolutamente clássico, redondo e harmônico. E, apesar disso, fascinantemente novo. Era fresco, mas não barato nem banal; aromático, sem ser gorduroso, tinha profundidade, uma maravilhosa, fascinante, embriagadora profundidade marrom escura — e, no entanto; não era nem um pouco sobrecarregado ou opressivo.

Baldini levantou-se quase reverente e tornou a levar o lenço ao nariz. "Maravilhoso, maravilhoso...", murmurou, farejando ansiosamente, "tem um caráter sereno, é delicado, é como uma bela melodia, deixa a gente de bom humor... que besteira, bom humor!" Arremessou com raiva o pedacinho de pano de volta sobre a

mesa, afastouse pa-ra o canto da sala, como se sentisse vergonha de seu entusiasmo.

Ridículo! Deixar-se arrastar a tais elogios. "Como uma bela melodia. Sereno. Maravilhoso. Bom humor." Besteira de criança! Impressão de momento. Velho engano. Questão de temperamento. Provavelmente herança italiana. Não julgue enquanto cheira! Esta é a primeira regra, Baldini, velho teimoso! Quando está cheirando, fique cheirando, e julgue depois! *Amor e Psique* não é um perfume desequilibrado. É um produto plenamente realizado. Uma obra habilmente composta. Para não dizer um engodo. E de um homem como Pélissier não se podia esperar outra coisa que não um engodo. Naturalmente um sujeito como Pélissier não fabricaria um produto barato. O safado enganava com a máxima maestria, perturbava o olfato com perfeita harmonia, um lobo em pele de cordeiro da clássica arte do aroma, é o que era esse homem; em uma palavra: um monstrengo com talento. E isso era pior do que misturador da antiga tradição.

Mas você, Baldini, não se deixará enganar. Só ficou surpreendido um momento pela primeira impressão do artefato. Mas será que se sabe, então, como isso há de cheirar dentro de uma hora, quando as suas substâncias mais fugazes tiverem se volatilizado e o seu corpo central aparecer? Ou como há de cheirar hoje à noite, quando só forem ainda perceptíveis aqueles componentes pesados, obscuros, que agora jazem olfativamente como um lusco-fusco, sob agradáveis véus de florescências? Espere, Baldini!

Regra número dois: o perfume vive no tempo; tem a sua juventude, a sua maturidade e a sua velhice. E somente quando nas três diferentes idades o seu aroma é igualmente agradável, ele pode ser considerado realizado. Quantas vezes já tivemos o caso de uma mistura cheirar maravilhosamente refrescante à primeira prova, e a legume podre depois de pouco tempo e, finalmente, horror, a puro almíscar, por nós dosado alto demais. Cuidado com almíscar! Uma gota a mais acarreta catástrofes. Velha fonte de erros. Quem sabe... Pélissier não terá usado almíscar demais? Do seu ambicioso *Amor e Psique*, talvez só reste, hoje à noite, um resquício de mijo de gato. Veremos.

Vamos cheirá-lo. Assim como um machado afiado divide a lenha em achas menores, nosso nariz há de dividir o seu perfume em cada detalhe. Então há de se provar que esse aroma pretensamente mágico formou-se por um caminho muito normal, conhecido. Nós, Baldini, perfumistas, já vamos descobrir os truques de Pélissier, o misturador de vinagres. Vamos arrancar-lhe a máscara e mostrar a esse inovador do que é capaz o velho artesanato. Com toda exatidão há de se imitar a mistura do seu perfume da moda.

Sob nossas mãos ele há de ressurgir, tão perfeitamente copiado que nem um cão de caça poderá distingui-lo do seu original. Não! Isso não basta! Vamos melhorá-lo!

Vamos provar os seus erros, e eliminá-los e esfregá-los no seu nariz: você é um tratante, Péliissier! Um merda! Um arrivista no ramo da perfumaria, e nada mais! Ao trabalho agora, Baldini! O nariz aguçado, a cheirar sem sentimentalismo! O aroma dividido segundo as regras da arte! Até hoje à noite você precisa estar de posse da fórmula!

Voltou rápido para a escrivaninha, apanhou papel, tinta e um lenço limpo, pôs tudo em ordem e começou o seu trabalho analítico. Passava rapidamente o lenço embebido de perfume fresco sob o nariz e procurava captar da esvoaçante nuvem aromática um ou outro componente, sem deixar-se desviar demais pela complexa mistura de todas as partes; depois, mantendo o braço estendido, o lenço bem afastado de si, procurava anotar depressa o nome do componente localizado; em seguida, o lenço voltava ao nariz, para farejar o fragmento aromático seguinte, e assim por diante...

Trabalhou duas horas ininterruptamente. Seus movimentos se tornaram cada vez mais febris, cada vez mais nervosos os estalidos de sua pena sobre o papel, cada vez mais elevadas as doses do perfume que derramava do frasco no lenço e levava ao nariz.

Agora já mal conseguia cheirar qualquer coisa, estava anestesiado pelas substâncias contendo éter que inspirava, e não conseguia mais reconhecer o que no começo acreditava ter identificado indubitavelmente. Sabia que não tinha sentido continuar cheirando. Jamais desvendaria de que era composto esse novo perfume. Nem hoje, nem amanhã, quando o seu nariz, com a graça de Deus, estivesse recuperado. Nunca tinha aprendido a decompor cheiros. Dividir um todo, bem ou mais ou menos bem estruturado, em seus fragmentos simples, era uma maldição. Não o interessava. Não queria continuar.

Mecanicamente porém, a mão continuou aquele gracioso movimento, mil vezes ensaiado, de embeber o lenço rendado, sacudi-lo e perpassá-lo rapidamente ao longo do rosto, e a cada voo injetar em si uma poção do ar impregnado do aroma para deixá-lo depois fluir, segundo as regras da arte. Até que, por fim, o seu próprio nariz libertou-o da tortura, inchando alergicamente. Era como se uma rolha de cera o fechasse. Não podia cheirar mais nada e estava quase sem respirar. Parecia um resfriado forte, e nos cantos dos olhos formaram-se pequenas lágrimas. Graças a Deus! Agora podia parar, com a consciência em paz. Cumprira a sua obrigação, com o melhor de suas forças, segundo todas as regras da arte, e, como tantas vezes antes, tinha fracassado. *Ultra posse nemo obligatur*. Basta. Amanhã de manhã mandaria alguém até Pélissier para comprar um vidro grande de *Amor e Psique* e aromatizaria, conforme a encomenda, a camurça espanhola do conde Verhamont. Depois, pegaria a sua maletinha, com os sabonetes fora de moda, *sentbon*, pomadas e sachês, e faria o seu giro pelos salões de duquesas encarquilhadas. E, um belo dia, a última duquesa estaria morta e, com ela, o seu último cliente. E ele seria um ancião e teria de vender a sua casa para Pélissier ou para qualquer um desses negociantes ambiciosos. Talvez até ganhasse alguns milhares de libras com ela. E arrumaria uma, duas malas, e viajaria para a Itália com a sua velha esposa, caso ela ainda não estivesse morta. E se sobrevivesse à viagem, compraria uma casinha no campo perto de Messina, onde era barato. E lá morreria ele, Giuseppe Baldini, um dia o maior perfumista de Paris, na mais amarga miséria, quando a Deus provesse. E assim estava bem.

Fechou o frasco, soltou a pena da mão e esfregou pela última vez o lenço umedecido na testa. Sentiu o frescor do álcool se volatilizando, e nada mais. Em

seguida o sol se pôs.

Baldini levantou-se. Abriu a veneziana e o seu corpo mergulhou até os joelhos na luz da noite, fulgurante como um archote em brasa. Viu atrás do Louvre a rubro-escura franja do sol e o fogo mais suave sobre os telhados oblíquos da cidade. A seus pés o rio brilhava como ouro, os arcos tinham desaparecido. E começou então a soprar um vento, pois à superfície da água as ondas se dispunham como escamas e rebrilhavam ali e acolá e cada vez mais perto, como se uma gigantesca mão semeasse pela água milhões de luíses de ouro; e a direção do rio parecia ter-se invertido por um momento: corria na direção de Baldini, uma brilhante torrente de ouro puro.

Os olhos de Baldini estavam úmidos e tristes. Ficou parado algum tempo, observando o quadro maravilhoso. De repente, escancarou a janela com força e atirou fora o frasco com o perfume de Pélissier. Viu-o ricochetear e, por um momento, rasgar o cintilante tapete de água.

O ar fresco inundou o gabinete. Baldini procurou respirar e notou que desaparecia o inchaço do seu nariz. Fechou a janela. Quase no mesmo instante fez-se noite, de repente. O quadro dourado e brilhante da cidade e do rio congelou-se numa silhueta cinza-escura. De um momento para o outro era noite no gabinete. Baldini estava parado de novo na mesma postura anterior e olhava fixamente pela janela; "não vou mandar ninguém amanhã no Pélissier", disse e, com as duas mãos, agarrou o encosto traseiro de sua cadeira. "Não vou fazer isso. E também não vou dar o meu giro pelos salões. Mas vou ao notário vender a minha casa e a minha firma. É isto o que vou fazer. E basta!"

Fez cara de garoto teimoso e, de repente, sentiu-se muito feliz. Era de novo o jovem Baldini, animado e decidido como sempre, pronto a enfrentar o destino — ainda que essa atitude no momento fosse apenas de retirada. E daí?

Não havia outra coisa a fazer. Esses tempos idiotas não deixavam escolha. Deus dá bons e maus tempos, mas não quer que nos tempos maus choremos e lamentemos; quer a prova de que somos homens. E ele dera um sinal. A enganadora imagem da cidade, em dourado e na rubra cor de sangue, fora uma advertência: trate de agir, Baldini, antes que seja tarde demais! Por enquanto a casa ainda é sólida, ainda estão repletos os depósitos, você ainda há de conseguir bom preço por um negócio decadente. As decisões ainda estão com você. Envelhecer modestamente em Messina, esta não foi a meta da sua vida — mas é mais honrado e agradável a Deus do que arruinar-se com pompa em Paris. Deixe os Brouets, Calteaux e Pélissiers simplesmente triunfarem. Giuseppe Baldini sai de campo. Mas o faz por livre iniciativa e sem se curvar!

Estava agora até orgulhoso de si mesmo. E infinitamente aliviado. Pela primeira

vez em muitos anos desapareceram de suas costas as câimbras que lhe deixavam a nuca tensa e os ombros cada vez mais devotamente curvados, e sem esforços conseguiu ficar ereto, aliviado e livre, alegrando-se com isso. A respiração passava com facilidade pelo nariz. Percebeu com nitidez o cheiro de *Amor e Psique* que dominava o gabinete, mas não se deixou mais afetar por ele. Baldini havia alterado a sua vida e sentia-se admiravelmente bem. Subiria agora até a sua esposa para informá-la das suas resoluções e depois peregrinaria até a catedral de Notre-Dame e acenderia uma vela para agradecer a Deus pela misericordiosa indicação e pela incrível fortaleza de caráter que Ele emprestara a Giuseppe Baldini, seu servo.

Com um *élan* quase juvenil, jogou a peruca sobre a calva, enfiou-se no jaquetão azul, pegou o castiçal sobre a escrivaninha e saiu. Nem bem havia acendido a vela na lamparina da escadaria para iluminar o seu caminho até a parte residencial no alto quando ouviu a sineta no andar térreo. Não era o belo tilintar persa da porta da loja, mas a barulhenta e horrível sineta da entrada de serviço, um barulho desagradável, que sempre o havia incomodado. Muitas vezes quisera jogar essa coisa fora e substituí-la por uma sineta mais agradável, mas sempre lastimara a despesa, e agora, lembrou-se de repente, dando uma risadinha, agora tudo isso era indiferente; venderia a sineta irritante junto com o resto da casa. Que o seu sucessor se incomodasse com isso!

De novo ressoou a horrível sineta. Ele espiou para baixo. Evidentemente Chénier já tinha ido embora. Também a criada não dava sinal de aparecer. Assim, o próprio Baldini desceu para abrir.

Puxou a tranca, abriu a pesada porta — e não enxergou nada. A escuridão engolia completamente a luz da vela. Depois, pouco a pouco, conseguiu discernir uma pequena figura, uma criança ou um rapazinho crescido, que trazia algo no braço.

— O que é que você quer?

— Venho da parte de *Maitre Grimal*, trago a camurça de cabrito — disse a figura, aproximando-se e estendendo para Baldini o braço dobrado com algumas peles.

Sob a luz, Baldini divisou o rosto de um jovem com olhos assustadiços espiando. Era de atitude humilde. Parecia até que se escondia atrás do braço estendido como alguém que espera pancadas. Era Grenouille.

O couro de cabrito para a camurça espanhola! Baldini lembrou-se. Tinha encomendado os couros há alguns dias. Camurça da mais fina e macia para a pasta do conde Verhamont, a quinze francos a peça. Mas agora, a rigor, não precisava mais disso, podia poupar-se o dinheiro. Por outro lado, se simplesmente mandasse o garoto embora...?

Quem sabe isso poderia causar uma impressão desagradável, comentariam, boatos poderiam surgir: Baldini havia se tornado inadimplente, Baldini não recebia mais encomendas, Baldini não podia mais pagar... e uma coisa dessas não era boa, não, não, pois uma coisa dessas possivelmente baixaria o valor de venda do negócio. Era melhor aceitar esses inúteis couros de cabrito. Ninguém precisava ficar sabendo antes da hora que Giuseppe Baldini alterara a sua vida.

— Entre!

Deixou o rapazinho entrar e foram até a loja, Baldini à frente com o castiçal, Grenouille com suas camurças atrás.

Era a primeira vez que Grenouille entrava numa perfumaria, um local onde aromas não eram acessórios, mas estavam claramente no centro dos interesses. Naturalmente, conhecia todas as perfumarias e drogarias da cidade, noites a fio ficara parado diante das vitrines, enfiara o seu nariz nas fendas das portas. Conhecia todos os aromas comercializados e já os tinha com frequência combinado dentro de si, imaginariamente, em maravilhosos perfumes. Portanto, nada de novo o esperava. Mas assim como uma criança com pendores musicais sonha ver uma orquestra de perto, ou subir uma vez até o coro da igreja, para a escondida parte dos registros e teclas do órgão, assim sonhava Grenouille com a oportunidade de examinar uma perfumaria por dentro. Quando ouviu que camurças precisavam ser entregues a Baldini, fizera de tudo para poder ser encarregado disso.

E agora ele se encontrava na loja de Baldini, o local de Paris onde estava reunido o maior número de aromas profissionais no menor espaço. Não viu muito à luz flutuante da vela que passava, só brevemente a sombra do balcão com a balança, as duas garças sobre a bacia, uma cadeira para os clientes, as prateleiras escuras pelas paredes, o fugaz rebrilhar de aparelhagens de latão e brancas etiquetas sobre vidros e tigelas; e também cheirou mais do que já havia cheirado da rua. Mas logo sentiu a seriedade que imperava nessas salas, quase se diria a sagrada seriedade — se a palavra "sagrada" tivesse qualquer significado para Grenouille; sentiu a fria seriedade, a sobriedade artesanal, o impessoal senso comercial que estavam

impregnados em cada móvel, em cada aparelho, nas boticas e garrafas e alguidares e cadinhos. E enquanto caminhava atrás de Baldini, à sombra de Baldini, pois Baldini não se deu o trabalho de iluminar o caminho para ele, ocorreu-lhe a ideia de que ali era o seu lugar, nenhum outro, que ali ele ficaria, que a partir daí viraria o mundo de cabeça para baixo.

Esse pensamento era, naturalmente, de uma falta de modéstia que raiava o grotesco. Não havia nada, realmente nada nem coisa alguma, que desse a um empregado de curtume, de duvidosa origem, sem ligações ou proteção, sem a menor posição nas corporações, o direito de ter a esperança de firmar pé na mais renomada casa comercial de perfumes e aromas de Paris; tanto menos, como sabemos, quando a liquidação do negócio já era questão decidida.

Mas não se tratava de uma esperança que se manifestava no imodesto pensamento de Grenouille; tratava-se de uma certeza. Dessa loja, disso ele sabia, só sairia para buscar as suas roupas na casa de Grimal, e depois não mais. O carrapato havia farejado sangue. Durante anos tinha estado quieto, encapsulado, esperando. Agora se deixava cair, pela vida ou pela morte, completamente sem esperanças. E por isso é que a sua certeza era tão grande.

Tinham atravessado a loja. Baldini abriu a sala dos fundos, disposta na direção do rio, que servia em parte como depósito, em parte como oficina e laboratório, onde os sabonetes eram cozinhados, as pomadas eram mexidas e as águas de cheiro misturadas em garrafas bojudas.

— Ali! — disse ele, indicando uma grande mesa, colocada diante da janela. — Coloque ali!

Grenouille saiu da sombra de Baldini, colocou as camurças sobre a mesa e saltou então depressa de volta, postando-se entre Baldini e a porta. Baldini ficou ainda por um momento parado. Mantinha a vela um pouco de lado, para que nenhuma gota de cera caísse sobre a mesa, e deslizou o dorso do dedo sobre a superfície lisa da camurça.

Depois virou uma pele de lado e percorreu a aveludada parte interna, ao mesmo tempo áspera e macia. Muito boa camurça. Como que nascida para uma camurça espanhola.

Ao secar, quase não se repuxaria; quando esfregada corretamente com a dobradeira, ficaria novamente elástica e em boa forma, isso ele sentia só ao esfregá-la entre o polegar e o indicador; podia impregnar-se com aroma por cinco ou dez anos; era uma camurça muito, muito boa — talvez fizesse luvas com ela, três pares para ele e três pares para a sua esposa, para a viagem a Messina.

Retirou a mão. Comovedora era a aparência da mesa de trabalho, como tudo

estava disposto: a bacia de vidro para o banho de vapor, o prato para secar, os alguidares para misturar as tinturas, pistilo e espátula, pincel, dobradeira e tesoura. Era como se as coisas só dormissem porque estava escuro e amanhã elas reviveriam novamente. Talvez devesse levar a mesa para Messina? E uma parte do seu instrumental, só as peças mais importantes...? Podia-se trabalhar muito bem nessa mesa. Feita de tábuas de carvalho.

A armação era reforçada obliquamente, por isso nada tremia nem balançava nessa mesa, ela não era afetada por acidez nem por óleo e nem por cortes de faca — e iria custar uma fortuna transportá-la até Messina! Mesmo de navio!

E por isso ela seria vendida, amanhã seria vendida, e tudo o que estava aí em cima, embaixo e do lado também, seria vendido! Pois ele, Baldini, tinha, é verdade, um coração sentimental, mas também uma personalidade forte e, portanto, por mais que isso lhe custasse, acabaria levando a cabo a sua resolução; com lágrimas nos olhos, desfar-se-ia de tudo, apesar de tudo ele o faria, pois sabia que era o certo, havia recebido um sinal.

Virou-se para sair. Só que à porta estava esse sujeitinho todo torto, que ele quase havia esquecido.

— É bom — disse Baldini. — Diga ao mestre que o couro é bom. Vou passar por lá nos próximos dias para pagar.

— Sim, senhor — disse Grenouille, parado e atravancando o caminho de Baldini, que se preparava para abandonar a oficina. Baldini ficou um pouco perplexo, mas, em sua inocência, atribuiu o comportamento do jovem à timidez.

— O que há? — perguntou. — Você ainda tem alguma coisa a me dizer? Então? Vá dizendo!

Grenouille estava humildemente parado e olhava Baldini com aquele olhar que aparentava temor, mas que na verdade se originava de uma tensa observação.

— Eu quero trabalhar com o senhor, *Maitre* Baldini. Com o senhor, na sua oficina.

Isso não fora dito em tom de súplica, mas de exigência, e não fora propriamente dito, mas expresso, explodido, silvado como por uma cobra. E de novo Baldini achou que a inaudita petulância de Grenouille fosse infantil desamparo. Sorriu cordialmente para ele.

— Você é aprendiz de curtume, meu filho — disse ele —, e eu não tenho serviço para um aprendiz de curtume. Eu tenho um auxiliar, e não preciso de um aprendiz.

— O senhor quer fazer essa camurça cheirar bem, *Maitre* Baldini? Esse couro que eu lhe trouxe? — sussurrou Grenouille, como se nem tivesse tomado conhecimento da resposta de Baldini.

— De fato — disse Baldini.

— Com *Amor e Psique* de Pélissier? — perguntou Grenouille, encolhendo-se ainda mais humildemente.

Baldini levou um susto. Não porque se perguntasse de onde o garoto sabia disso com tanta exatidão, mas simplesmente por causa da citação do nome desse detestado perfume, em cuja decifração ele havia hoje fracassado.

— Como é que você chega à absurda ideia de que eu iria usar um perfume alheio para...

— O senhor está com o cheiro dele! — sussurrou Grenouille. — O senhor está com ele na testa, e no bolso direito do jaquetão o senhor tem um lenço que está cheio dele. Não é bom, esse *Amor e Psique*. É ruim, tem bergamota e alecrim demais, e óleo de rosa de menos.

— Ah! — exclamou Baldini, completamente surpreso com a mudança do rumo da conversa. — E o que mais?

— Flor de laranjeira, lima, cravo, almíscar, jasmim, espírito de vinho e uma coisa que eu não sei o nome, ali, olhe, ali! Nessa garrafa! — E ele apontou com o dedo na escuridão.

Baldini dirigiu a luz na direção apontada; seu olhar acompanhou o indicador do jovem e recaiu sobre uma garrafa na prateleira, cheia de bálsamo cinza-amarelado.

— Estoraque? — perguntou ele.

Grenouille acenou a cabeça.

— Sim. Isso aí dentro. Estoraque.

E em seguida se curvou como que repuxado por câimbras e murmurou ao menos uma dúzia de vezes a palavra "estoraque" para si mesmo: "estoraqueestoraqueestoraqueestoraque..."

Baldini deslocou a vela na direção desse montinho de gente a crocitar "estoraque" e pensou: baixou um espírito nele, ou é um safado de um enganador, ou um talento abençoado. Pois que os materiais citados, nas proporções corretas, pudessem resultar no perfume *Amor e Psique* era completamente possível; era até provável. Óleo de rosas, cravo e estoraque — por esses três componentes é que ele havia hoje à tarde tão desesperadamente procurado; com eles se ajustavam as outras partes da composição — que ele acreditava também ter identificado — como segmentos de uma bela torta. Restava agora apenas ainda a questão de saber em que

exata proporção era preciso ajustá-los. Para descobrir isso, ele, Baldini, teria de ficar fazendo experiências dias a fio, um trabalho horrendo, quase pior ainda do que a mera identificação dos componentes, pois era preciso então mensurar e pesar e anotar e ainda tomar um cuidado infernal, pois à menor falta de atenção — um tremor com a pipeta, um engano na contagem das gotas —, podia-se estragar tudo. E cada tentativa desperdiçada era tremendamente cara. Cada mistura estragada custava uma pequena fortuna...

Queria fazer um teste com o rapazinho, perguntar-lhe a fórmula exata de *Amor e Psique*. Se ele a soubesse, exatamente nos gramas e gotas — então se tratava obviamente de um enganador, que de algum modo tinha roubado a receita de Pélissier para arranjar um emprego junto a Baldini. Mas se ele a adivinhasse mais ou menos, então era um gênio olfativo e, como tal, exigia o interesse profissional de Baldini. Não que Baldini questionasse a resolução de fechar a firma! O que a ele importava não era o perfume de Pélissier enquanto tal. Mesmo que o garoto o produzisse aos litros para ele, Baldini não pensava nem em sonhos perfumar com ele a camurça espanhola do conde Verhamont.

Mas... mas não havia sido, afinal, toda a sua vida um perfumista, não se havia ocupado a vida toda com a composição de aromas para, de uma hora para outra, perder toda a sua paixão profissional! Agora interessava-lhe descobrir a fórmula desse maldito perfume e, ainda mais, pesquisar o talento desse desgraçado jovem, que lhe havia lido na testa um perfume. Queria saber o que se escondia ali. Estava simplesmente curioso.

— Você tem, ao que parece, um nariz refinado, meu jovem — disse ele depois de Grenouille ter terminado com o seu crocitar, retornando à oficina para depor cuidadosamente o castiçal sobre a mesa de trabalho. — Um nariz indubitavelmente fino, mas...

— Eu tenho o melhor nariz de Paris, *Maitre* Baldini — irrompeu Grenouille no meio. — Conheço todos os cheiros do mundo, todos os que estão em Paris, todos, só não sei o nome de alguns, mas posso aprender esses nomes, todos os cheiros que têm nome, não são muitos, só são alguns milhares, e vou aprender todos eles, nunca mais vou esquecer o nome do bálsamo, estoraque, o bálsamo se chama estoraque, estoraque...

— Cale-se! — berrou Baldini. — Não me interrompa quando estou falando! Você é atrevido e petulante. Nenhum ser humano conhece milhares de aromas pelo nome. Mesmo eu não conheço mil pelo nome, mas apenas algumas centenas, pois no nosso ofício não existem mais do que algumas centenas, todo o resto não é aroma, mas só fedor!

Grenouille, que durante a sua intervenção mais longa e abrupta quase crescera

corporeamente, até por um momento na excitação tinha agitado dois braços em círculo, para descrever "todos, todos" os que ele conhecia, recolheu-se instantaneamente em si com a assertiva de Baldini, como um pequeno sapo negro, e se manteve no umbral da porta, espiando sem se mexer.

— Obviamente — continuou Baldini — há muito tempo que eu sei que *Amor e Psique* é feito de estoraque, óleo de rosas e cravo, bem como bergamota, extrato de alecrim *etc.* Para descobrir isto, só se precisa, como já disse, de um nariz razoável, e pode mesmo ocorrer que Deus tenha dado a você um nariz razoavelmente refinado, como também a muitos, muitos outros homens, inclusive em sua idade. O perfumista, no entanto — e aqui Baldini ergueu o indicador e estufou o peito — o perfumista, no entanto, precisa mais do que um nariz razoável. Precisa de um órgão do olfato educado e treinado durante vários decênios, um órgão que trabalhe sem se corromper, que o coloque em condições de decifrar com segurança inclusive os perfumes mais complicados, segundo espécies e quantidades, assim como capaz de criar novas e desconhecidas misturas aromáticas. Um nariz desses — e ele bateu várias vezes com o dedo no seu próprio nariz — não se *tem*, meu rapaz! Um nariz desses só se consegue com persistência e esforço. Ou será que você seria capaz de me dizer de uma tacada a fórmula exata de *Amor e Psique*? Então? Seria capaz disso?

Grenouille não respondeu.

— Será que seria capaz de me dizer mais ou menos como é? — perguntou Baldini, curvando-se um pouco para poder enxergar com maior exatidão o sapo ali parado. — Só assim, mais ou menos, adivinhando? Então? Fale, você, o melhor nariz de Paris!

Grenouille continuou calado.

— Está vendo? — disse Baldini, tão satisfeito quanto decepcionado, postando-se de novo ereto. — Não é capaz disso. Naturalmente que não. E como é que poderia ser capaz? Você é alguém que ao comer sente se na sopa tem repolho ou salsa. Muito bem, isso já é alguma coisa. Mas nem por isso já é um cozinheiro. Em cada arte e em cada ofício também — note isso antes de ir embora! — o talento de nada vale, mas vale tudo a experiência que se adquire com modéstia e esforço.

Pegava o candelabro sobre a mesa, quando a voz contida de Grenouille esganiçou lá da porta.

— Eu não sei o que é uma fórmula, *maitre*, mas de resto eu sei tudo!

— Uma fórmula é o alfa e o ômega de cada perfume — respondeu Baldini com severidade, pois queria acabar com aquela conversa. — É a descrição exata da proporção em que os diversos ingredientes devem ser misturados para que surja o

perfume desejado, inconfundível: isso é uma fórmula. É a receita — se você entende essa palavra melhor.

— Fórmula, fórmula — crocitou Grenouille, ficando um pouco maior na porta —, eu não preciso de nenhuma fórmula. Eu tenho a receita no meu nariz. Posso misturá-la para o senhor, *maitre*, posso misturá-la, posso?

— Mas como? — exclamou Baldini num tom bastante alto e colocando a vela diante do rosto do gnomo. — Misturar como?

Pela primeira vez Grenouille não deu um salto para trás.

— Mas estão todos aí, tudo que a gente precisa, os cheiros... estão todos aí, nesta sala — disse ele e apontou de novo para a escuridão. — Óleo de rosas aí! Flor de laranjeira aí! Cravo, alecrim...

— É claro que estão aí! — berrou Baldini. — Todos estão aí! Mas eu estou lhe dizendo, seu teimoso, que isso não adianta quando não se tem a fórmula!

— ...jasmim aí! Espírito de vinho aí! Bergamota aí! Estoraque aí! — continuou crocitando Grenouille e, a cada nome, apontava outro ponto da sala, onde estava tão escuro que no máximo se podia adivinhar a sombra das prateleiras com as garrafas.

— Quer dizer que também enxerga no escuro, hein? — observou Baldini. — Você não só tem o nariz mais fino, mas também os olhos mais agudos de Paris, não é? E se tem os ouvidos apenas razoáveis, então abra-os e ouça! Você é um enganadorzinho. Provavelmente andou pegando alguma coisa lá no Pélissier, andou espionando um pouco, não é? E acha que poderia me passar para trás?

Grenouille agora estava totalmente desenvolto, por assim dizer, em plena grandeza de corpo, à porta, com as pernas levemente abertas e os braços ligeiramente afastados do corpo, de tal modo que parecia uma aranha negra, a se agarrar firmemente no umbral da porta.

— Dê-me dez minutos — disse ele, à vontade — e eu faço o *Amor e Psique* para o senhor. Agora, aqui mesmo. *Maitre*, me dê cinco minutos!

— E acha que eu vou deixar você fuçando pelo meu laboratório? Com essências que valem uma fortuna? Você?

— Sim — disse Grenouille.

— Bah! — exclamou Baldini, soltando de uma só vez todo o ar dos pulmões.

Depois respirou fundo, ficou olhando longamente para o aracnídeo Grenouille e se pôs a pensar. No fundo, tanto faz, pensou, pois amanhã de qualquer modo tudo vai acabar. Eu bem sei que ele não é capaz de fazer isso que diz que sabe. Teria de ser maior que o grande Frangipani. Mas por que não o deixo demonstrar isso que eu já sei? Se não, possivelmente há de me vir um dia em Messina — às vezes a gente

fica muito estranho, quando velho, e acaba se fixando nas ideias mais malucas — o pensamento de que não reconheci um gênio olfatório, um ente sobre o qual pousava em total plenitude a graça de Deus, um menino prodígio... Isso está completamente fora. De acordo com tudo aquilo que a razão me diz, isso está fora — mas milagres existem, isso também é certo. Bom, e se um dia eu morrer em Messina, e no leito de morte me vier a ideia: aquela vez em Paris, naquela noite, você fechou os olhos diante de um milagre...? Não seria muito agradável, Baldini! Se o idiota desperdiçar algumas gotas de óleo de rosas e tintura de almíscar, você mesmo as teria desperdiçado se o perfume de Pélissier realmente ainda interessasse. E o que são, afinal, essas poucas gotas — ainda que caras, muito, muito caras! — comparadas com a certeza de saber, e depois ter uma noite bem descansada?

— Cuidado! — disse ele com uma voz artificialmente severa, — cuidado! Eu... como é que você se chama, afinal?

— Grenouille — disse Grenouille. — Jean-Baptiste Grenouille.

— Bem, tome cuidado, Jean-Baptiste Grenouille! Estive pensando. Vai ter a chance de demonstrar agora, imediatamente, a sua afirmação. Isso será, ao mesmo tempo, a oportunidade para você, através de um enorme fracasso, aprender a virtude da modéstia. Na sua pouca idade, talvez desculpavelmente, essa virtude ainda esteja pouco desenvolvida. Mas é condição imprescindível para o seu posterior progresso como membro da sua corporação, como homem honrado, como súdito, como ser humano e como bom cristão. Estou pronto a pagar-lhe essa lição, pois hoje estou, por certas razões, disposto a fazer uma doação e, quem sabe, talvez um dia a recordação dessa cena há de me permitir algumas gargalhadas. Mas não acredite que pode me enganar! O nariz de Giuseppe Baldini está velho, mas é afiado o bastante para perceber a menor diferença entre a sua mistura e este produto aqui. — Ao dizer isto, Baldini tirou do bolso o lenço embebido de *Amor e Psique* e o abanou em frente ao nariz de Grenouille. — Chegue mais perto, melhor nariz de Paris! Chegue mais perto desta mesa e mostre o que sabe! Mas preste atenção para não virar nem derrubar nada! Não toque em nada! Primeiro, precisamos de mais luz. Queremos uma grande iluminação para essa pequena experiência, não é mesmo?

Com isso, pegou dois outros castiçais que estavam na beira da grande mesa de carvalho e acendeu-os. Postou os três lado a lado sobre a mesa e afastou a camurça, deixando livre a parte central. Depois, com movimentos ao mesmo tempo calmos e rápidos, buscou num pequeno aparador os aparelhos necessários: a grande e bojuda garrafa de misturar, o funil de vidro, a pipeta, os copos de medida, o pequeno e o grande, colocando-os ordenados diante de si sobre a mesa.

Enquanto isso Grenouille se afastara da porta. Já durante o pomposo discurso de Baldini haviam desaparecido dele a rigidez, a contida espreita. Ouviu apenas a

concordância, o sim, com o júbilo interior de uma criança que conseguiu arrancar uma permissão e que não se interessa pelas restrições, condições e advertências morais. Ali parado, descontraído, pela primeira vez parecendo mais um ser humano do que um animal, deixou escorrer o resto do palavreiro de Baldini, sabendo que havia dominado esse homem, que agora lhe dava licença.

Enquanto Baldini ainda manejava os seus castiçais sobre a mesa, Grenouille já deslizara para a parte escura do laboratório, para as prateleiras com as preciosas essências, óleos e tinturas; seguindo o faro seguro do seu nariz, apanhou as garrafinhas necessárias. Eram nove: essência de flor de laranjeira, óleo de lima, óleo de cravo e de rosas, extrato de jasmim, bergamota e alecrim, tintura de almíscar e bálsamo de estoraque. Recolheu-os rapidamente e os dispôs sobre a mesa. Finalmente, aproximou um balão com espírito de vinho de alto teor. Colocou-se em seguida atrás de Baldini, que, sempre com calculado pedantismo, arrumava os seus misturadores, empurrava um vidro um pouco para cá, outro mais para lá, para que tudo ficasse na boa e antiga ordem, apresentando-se sob a luz mais propícia dos castiçais. Grenouille ficou esperando, a tremer de impaciência, que o velho se afastasse e lhe desse espaço.

— Assim! — disse Baldini por fim, e se afastou para o lado. — Aí está tudo o que você precisa para o seu — vamos chamá-lo de "experimento". Não me quebre nada, não me deixe cair nada! Veja bem: esses líquidos, os quais você agora pode manipular durante cinco minutos, são de uma preciosidade e uma raridade como nunca mais na sua vida você há de segurar nas suas mãos!

— Quanto o senhor quer que eu faça, *maitre*! — perguntou Grenouille.

— Fazer o quê...? — disse Baldini, que ainda não concluía seu discurso.

— Quanto do perfume? — crocitou Grenouille. — Quanto o senhor quer dele? Quer que eu encha essa garrafa, até em cima? — E indicava um garrafão de misturar, no qual cabiam bem uns três litros.

— Não, isso não! — gritou Baldini indignado, e de dentro dele gritava o medo, tão profundamente arraigado quanto espontâneo, ante a perda da sua propriedade. E como se se envergonhasse desse grito desmascarador, berrou logo em seguida. — E não deve me interromper quando estou falando! — Logo prosseguia num tom mais calmo, colorido de ironia: — Para que precisamos de três litros de um perfume que não apreciamos? No fundo bastaria uma meia medida. Como, no entanto, essas pequenas quantidades são imprecisas demais para misturar, vou-lhe permitir preparar um terço da garrafa.

— Está bem — disse Grenouille. — Vou encher um terço dessa garrafa com *Amor e Psique*. Mas, *Maitre* Baldini, vou fazer isso do meu jeito. Eu não sei se é

esse o jeito da corporação, pois não o conheço. Vou fazer do meu jeito.

— Por favor! — disse Baldini, que sabia que nesse negócio não havia um jeito meu ou um jeito seu, mas só *um* jeito possível e correto, que consistia em, conhecendo-se a fórmula e refazendo-se os cálculos de acordo com a quantidade a ser obtida, produzir a partir das diferentes essências um concentrado medido com toda exatidão, que, por sua vez, precisava ser diluído em álcool, de novo em proporção exata, que em geral oscilava entre um por dez a um por vinte, para formar o perfume definitivo. Outro jeito não existia, e ele o sabia. E por isso tinha de lhe parecer simplesmente um milagre aquilo que ele pôde então contemplar e que no começo observou com zombeteiro distanciamento, depois com perturbação e, finalmente, com nada mais que desamparado espanto. E a cena penetrou de tal modo em sua memória que até o fim dos seus dias não mais a esqueceu.

O baixinho Grenouille destampou primeiro o balão com espírito de vinho. Precisou de força para conseguir levantar o pesado vasilhame. Teve de erguê-lo até quase a altura da cabeça, pois estava muito alto o garrafão de misturar com o seu funil de vidro, no qual, sem auxílio de um medidor, despejou o álcool do balão. Baldini tremia diante de tanta falta de jeito: não só o sujeitinho virava de cabeça para baixo a ordem perfumística do mundo, começando pelo solvente sem ter antes o concentrado a ser dissolvido, como sequer fisicamente tinha condições para o trabalho! Tremia do esforço, e Baldini esperava que a qualquer momento o pesado balão caísse com estrondo, destruindo tudo sobre a mesa. As velas, pensou, pelo amor de Deus, as velas! Vai haver uma explosão, a minha casa vai pegar, fogo!... E já queria precipitar-se para arrancar o balão das mãos desse maluco, quando Grenouille trouxe-o são e salvo para o chão e tornou a tampá-lo. O líquido leve e claro dançava no garrafão — nenhuma gota havia caído fora. Grenouille fez uma breve pausa para descansar, com a cara satisfeita de quem já tivesse deixado para trás a parte pesada do trabalho. E de fato o restante transcorreu com uma tal velocidade que Baldini mal pôde acompanhá-lo com os olhos, e muito menos reconhecer alguma sequência sequer.

Aparentemente ao acaso, Grenouille ia apanhando os frascos com as essências aromáticas, arrancava a tampinha de vidro, colocava o conteúdo por um segundo sob o nariz, deixava cair algumas gotas. Pipeta, vidro de reagente, medidor, colherinha e bastão de mexer — todos os aparelhos que para o perfumista tornavam controlável o complicado processo de mistura, Grenouille não tocou em nada disso. Era como se apenas brincasse, como uma criança que, com água, capim e barro, cozinha um miserável caldo e depois garante que se trata de uma sopa. Sim, como uma criança, pensou Baldini; de repente parece mesmo uma criança, apesar de suas mãos calejadas, apesar do seu rosto cheio de cicatrizes, de aspecto pouco cristão e do nariz empelotado de velho. Achei que fosse mais velho do que é, e agora me parece ainda mais jovem; como se tivesse três ou quatro anos. Como aqueles selvagens homúnculos primitivos, inacessíveis, incompreensíveis, teimosos, que se diz que só pensam em si mesmos, que querem submeter todo o mundo, e o fariam mesmo se a gente os deixasse imporem sua mania de grandeza e não os disciplinassem pouco a pouco através de medidas educacionais mais rigorosas e não os conduzisse à existência autorregulada do homem bem desenvolvido. Uma dessas criancinhas fanáticas é que havia nesse jovem que, com olhos em fogo, estava junto à mesa e tinha esquecido tudo o que restava ao seu redor e que, evidentemente, nem sabia

mais que havia no laboratório alguma outra coisa que não ele e essas garrafas, que com rapidez e desajeitadamente ia levando até o funil, para misturar, a sua maluca beberagem, da qual depois ele afirmaria, com absoluta certeza — e inclusive acreditando nisso! — que era o elegante perfume *Amor e Psique*. Baldini horrorizou-se de ver, à luz das velas, esse homem manipular de um modo tão aberrante, errado e arrogante: uma coisa dessas — assim pensou ele e, por um momento, ficou de novo tão triste e miserável e raivoso quanto à tarde, quando ficara olhando para a cidade que rubra fulgurava ao crepúsculo — uma coisa dessas não teria ocorrido antigamente; esse era um exemplar novo da espécie, que só podia surgir nessa época doentia e desmoralizada... Mas ele que aprendesse a sua lição, esse rapazola convencido! Iria poder esfregar isso em sua cara ao término dessa ridícula encenação, de tal modo que ele desapareceria daí com o rabo entre as pernas, como o humilde montinho de coisa nenhuma que era ao chegar. Pulha! Hoje em dia já não dava mesmo para dar confiança a ninguém, só havia pulhas!

Baldini estava tão ocupado com a sua indignação e o horror à sua época que não entendeu direito quando Grenouille pôs-se de repente a tampar todos os frascos, tirou o funil do garrafão, pegou-o pelo gargalo, tapou-o com a mão esquerda e o sacudiu violentamente. Só quando o garrafão havia sido revolvido várias vezes pelo ar, arremessando o seu precioso conteúdo como limonada do fundo até o gargalo e de volta, é que Baldini soltou um berro de raiva e de indignação.

— Pare! — esganiçou ele. — Agora chega! Pare! Basta! Coloque imediatamente a garrafa sobre a mesa e não toque em mais nada, entendeu, em mais nada! Devo ter estado maluco só por chegar a ouvir essa sua conversa. A maneira como você mexe com as coisas, essa sua brutalidade, sua primitiva falta de entendimento mostram que você é um ignorante sem jeito, um bárbaro ignorante e, ainda por cima, um moleque chato e desavergonhado! Você não serve para fazer limonada, nem sequer para vendedor da mais simples água de alcaçuz. E muito menos para perfumista! Fique satisfeito, fique grato e contente se e o seu mestre deixar você ainda mexer com aqueles molhos do curtume! Não ouse isto outra vez, escutou? Não ouse nunca mais colocar o pé à soleira de um perfumista!

Assim falava Baldini. E enquanto ainda falava, a sala já estava saturada de *Amor e Psique*. Há um poder de convicção no perfume que é mais forte do que palavras, do que olhar, sentimento e vontade. O poder de convicção do aroma não pode ser descartado, entra dentro de nós como o ar em nossos pulmões, nos ocupa completamente, não há antídoto contra ele.

Grenouille tinha deposto o garrafão e tirara do gargalo a mão úmida de perfume, secando-a na beira do jaquetão. Um, dois passos para trás e o desajeitado curvar-se do seu corpo sob a matraca de Baldini provocaram suficientes ondas no ar

para espalhar ao redor o perfume recém-produzido. Mais não era necessário. É verdade que Baldini ainda vociferava, reclamava e xingava; no entanto, a cada inspiração a sua raiva exposta encontrava por dentro menos alimento. Palpitava-lhe por dentro a noção de que havia sido rebatido, razão pela qual o seu discurso por fim só podia ainda alçar-se num *pathos* oco e vazio. E quando calou, quando já tinha calado há algum tempo, nem precisava mais da observação de Grenouille: "Está pronto." Disso ele já sabia..

Apesar de tudo, embora o envolvesse de todos os lados o ar carregado de *Amor e Psique*, aproximou-se da velha mesa de carvalho para fazer uma prova. Puxou um lenço de renda, bem fresco e limpo, do bolso esquerdo do jaquetão, desdobrou-o e borrifou sobre ele algumas gotas que com a pipeta longa extraíra da garrafa. Agitou o lenço na mão estendida para arejá-lo e depois, com delicado movimento treinado, passou-o sob o nariz, aspirando o aroma.

Enquanto o soltava a intervalos, sentou-se sobre um banquinho. Embora há pouco ainda estivesse rubro por causa do acesso de raiva, de repente ficara pálido.

— Incrível — murmurou baixinho. — Por Deus, incrível!

Ficou levando o lenço ao nariz, farejando e balançando a cabeça, murmurando "incrível": era *Amor e Psique*, sem a menor dúvida, a genial mistura aromática digna de ódio. Copiada com tal exatidão que nem o próprio Pélissier seria capaz de diferenciá-la do seu produto. "Incrível..."

Pequeno e pálido estava o grande Baldini ali sentado no banquinho, com uma aparência tão ridícula, na mão o lencinho que apertava contra o nariz como uma solteirona resfriada. A fala o havia agora abandonado completamente. Nem sequer dizia "incrível", mas só murmurava ainda, balançando continuamente a cabeça e olhando para o conteúdo do garrafão, um monótono "hum, hum, hum... hum, hum, hum... hum, hum, hum..." Depois de algum tempo, Grenouille aproximou-se da mesa, silencioso como uma sombra.

— Não é um bom perfume — disse. — É muito mal composto.

— Hum, hum, hum — disse Baldini, e Grenouille continuou: — Se o senhor permite, *maitre*, vou melhorá-lo. Dê-me um minuto e vou fazer disso um perfume decente.

— Hum, hum, hum — disse Baldini, acenando com a cabeça. Não porque concordasse, mas porque estava tão apático que teria dito e acenado "hum, hum, hum" a qualquer coisa. E também continuou a acenar com a cabeça e a murmurar "hum, hum, hum" sem dar sinais de querer intervir quando Grenouille começou pela segunda vez a misturar, verteu espírito de vinho no garrafão, acrescentando-o ao perfume que já se encontrava ali, tornando a verter o conteúdo dos frascos no funil,

em sequência e quantidade aparentemente arbitrárias. Só ao final do processo — desta vez Grenouille não sacudiu o garrafão, mas só o balançou de mansinho como um copo de conhaque, talvez em consideração à sensibilidade de Baldini, talvez porque desta vez o conteúdo lhe parecesse mais precioso —, só então, quando o líquido já circulava pronto no garrafão é que Baldini acordou de seu estado de narcose e se levantou, o lenço sempre apertado ao nariz, como se quisesse se defender contra um novo ataque.

— Está pronto, *maitre* — disse Grenouille. — Um perfume bastante bom.

— Sim, sim, está bem, está bem — respondeu Baldini, interrompendo-o com a mão livre.

— Não quer provar? — perguntou Grenouille, cheio de bazófia. — Não quer, *maitre*? Nenhuma prova?

— Mais tarde, agora não estou disposto para uma prova... tenho outras coisas na cabeça. Agora vá! Acompanhe-me!

Apanhou um dos castiçais e passou pela porta, na direção da loja. Grenouille seguiu-o. Chegaram ao estreito corredor que levava à entrada de serviço. O velho arrastou os pés até a porta, puxou a tranca e abriu. Ficou de lado para deixar o jovem sair.

— Posso agora trabalhar para o senhor, *maitre*, posso? — perguntou Grenouille, já parado no umbral, de novo humilde, de novo com os olhos à espreita.

— Não sei — disse Baldini. — Vou pensar. Vá!

Grenouille desapareceu, engolido pela escuridão. Baldini ficou parado, com os olhos arregalados, olhando para dentro da noite. Na mão direita mantinha o castiçal, na esquerda o lenço, como alguém com sangramento do nariz.

Estava apenas com medo. Trancou rápido a porta. Tirou então o lenço protetor do nariz, enfiou-o no bolso e andou pela loja de volta para o laboratório.

O aroma era tão divinamente bom que Baldini ficou logo com os olhos marejados. Não precisou fazer nenhuma prova, ficou apenas parado junto à mesa de trabalho, respirando. O perfume era maravilhoso. Em comparação com *Amor e Psique*, era como uma sinfonia comparada ao arranhar solitário de um violino. E era mais. Baldini cerrou os olhos e pôde ver nele despertadas recordações das mais sublimes. Viu-se caminhando, jovem, por jardins, à noite, em Nápoles; viu-se deitado nos braços de uma mulher com negras franjas e viu a silhueta de um ramalhete de rosas no peitoril da janela, pela qual soprava um vento noturno; ouviu pássaros cantando e, de longe, a música de uma taberna; ouviu coisas sussurradas bem pertinho do seu ouvido, um *eu te amo*, e sentiu como seus cabelos se eriçavam de puro leite, agora! Nesse instante! Abriu bem os olhos. Gemeu de prazer. Esse não

era um perfume como até então se conhecia. Não era um perfume que fazia com que se tivesse um cheiro melhor, não era um *sent bon*, nenhum artigo de toalete. Era algo completamente novo, capaz de criar um mundo todo a partir de si mesmo, e de uma golfada fazia com que fosse esquecida a nojeira ao redor e cada um se sentisse tão rico, tão bem, tão livre, tão agradável...

Os cabelos eriçados do braço de Baldini se deitaram e uma sedutora paz de espírito dele se apossou. Pegou a camurça sobre a mesa, apanhou uma faca e recortou o couro. Deitou em seguida os pedaços na bacia de vidro e espargiu-os com o novo perfume. Colocou uma tampa de vidro sobre a bacia, pôs o resto do perfume em dois frascos, nos quais afixou etiquetas em que escreveu o nome *Nuit Napolitaine*. Depois apagou a luz e saiu.

Lá em cima, ao jantar com a esposa, não disse palavra. Sobretudo não disse nada sobre a mais que sagrada resolução que tomara à tarde. Também sua esposa não disse nada, pois notou que ele estava contente, e, com isso, ela ficava muito satisfeita. Ele também não foi mais para a Notre-Dame, a fim de agradecer a Deus por sua fortaleza de caráter. Sim, nessa ocasião, inclusive pela primeira vez, esqueceu de rezar à noite.

Na manhã seguinte foi direto à casa de Grimal. Primeiro pagou a camurça, sem reclamar e sem qualquer regateio. Convidou Grimal para uma garrafa de vinho branco no Tour d'Argent e negociou com ele o aprendiz Grenouille.

Obviamente não revelou por que o queria nem para que dele necessitava. Fantasiou algo em torno de um grande contrato de camurças perfumadas, precisando de um auxiliar sem experiência para poder atender a isso. Tinha que ser um garoto com iniciativa, alguém que lhe executasse as tarefas mais simples. Cortar a camurça e assim por diante. Encomendou mais uma garrafa de vinho e ofereceu vinte libras como indenização pelo incômodo que causava a Grimal com a saída de Grenouille. Vinte libras eram uma soma considerável. Grimal aceitou logo. Foram ao curtume, onde Grenouille estranhamente já os esperava com a trouxa arrumada; Baldini pagou as vinte libras e levou-o logo consigo, consciente de ter feito o melhor negócio de sua vida.

Grimal, que, por sua vez, também estava convencido de ter feito o melhor negócio de sua vida, voltou ao Tour d'Argent, tomou outras duas garrafas de vinho, mudou, por volta do meio-dia, para o Lion d'Or, na outra margem, se embebedou tão desenfreadamente que, quando tarde da noite quis novamente retornar para o Tour d'Argent, confundiu a Rue Geoffroi L'Anier com a Rue des Nonaindières e com isso, em vez de ir dar no Pont Marie, acabou no Quai des Ormes, onde caiu na água como numa cama macia.

Morreu instantaneamente. Mas o rio ainda precisou de um bom tempo para arrastá-lo da margem rasa, passando pelas barcaças fundeadas, até a corrente mais forte. Só pelas primeiras horas da manhã é que o curtidor Grimal, ou melhor, o seu úmido cadáver, flutuava em marcha acelerada rio abaixo, rumo oeste.

Quando passou, sem fazer ruído, pelo Pont au Change, sem se prender nas colunas da ponte, Jean-Baptiste, vinte metros acima, ia justamente para a cama. Tinha recebido um catre nos fundos do laboratório de Baldini e agora dele tomava posse; enquanto isso, o seu antigo patrão, com as quatro patas espichadas, flutuava pelo Sena abaixo.

Sentindo-se bem, Grenouille enrolou-se todo, fazendo-se pequeno como o carrapato. No primeiro sono, mergulhou fundo em si mesmo e fez uma marcha triunfal para dentro de sua fortaleza interior, onde sonhou uma olfativa festa da vitória, uma gigantesca orgia com incenso e mirra a fumegar em sua própria honra.

Com a aquisição de Grenouille, começou a ascensão da casa Giuseppe Baldini rumo à fama nacional e europeia. Os sininhos persas não permaneciam mais quietos, e as garças não paravam de jorrar água na loja do Pont au Change.

Já na primeira noite Grenouille teve de preparar um grande garrafão de *Nuit Napolitaine*, do qual no decorrer dos dias seguintes foram vendidos mais de oitenta frascos.

A fama do perfume se espalhou com enorme rapidez. Chénier ficou com os olhos vidrados de tanto contar dinheiro, e com as costas doendo dos profundos salamaleques que tinha de executar, pois apareceram nobres e importantes cavalheiros, ou ao menos serviçais de nobres e importantes cavalheiros. Houve ocasião em que a porta se abriu de tal modo que tudo ficou tilintando, e quem entrou foi o laçao do conde d'Argenson, gritando, como só laçaios são capazes de gritar, que queria cinco frascos do novo perfume.

Um quarto de hora depois Chénier ainda tremia de susto, pois o conde d'Argenson era Intendente e Ministro da Guerra de Sua Majestade, o homem mais poderoso de Paris.

Enquanto Chénier tratava de enfrentar sozinho a invasão da clientela, Baldini trancara-se no laboratório com o seu novo aprendiz. Para Chénier, justificou essa medida com uma fantástica teoria a que chamou "divisão de trabalho e racionalização". Durante anos — explicou ele — havia pacientemente ficado olhando como Péliissier e seus pares, contra as leis da corporação, haviam lhe roubado a clientela e estragado os negócios. Agora a sua paciência tinha acabado. Agora aceitava o desafio e bateria esses safados arrivistas, e isso com os próprios truques deles: a cada *saison*, a cada mês, se preciso fosse também a cada semana, lançaria novos perfumes, e que perfumes! Queria agora explorar plenamente a sua veia criativa. E para isso seria necessário que ele — apoiado apenas por um auxiliar destreinado — se dedicasse total e exclusivamente à produção de perfumes, enquanto Chénier deveria dedicar-se exclusivamente à loja. Com esse moderno método, abrir-se-ia um novo capítulo na história da perfumaria. Ele varreria a concorrência e ficaria incomensuravelmente rico — sim, falava propositadamente num tom impessoal, pois pensava dar uma percentagem de participação nessas imensuráveis riquezas a Chénier, seu antigo auxiliar.

Poucos dias antes, Chénier teria interpretado as palavras do seu mestre como um início de maluquice do velho. Agora ele está pronto para a Charité, teria

pensado, agora não vai mais demorar muito até ele largar o malhete da mão.

Mas já não pensava mais nada. Nem chegava mais a tanto, simplesmente tinha coisas demais para fazer. Tinha tanto que fazer que, à noite, de tão cansado, mal estava em condições de esvaziar a caixa e separar a sua parte. Nem sonhava duvidar que se operavam coisas corretas quando Baldini saía quase a cada dia de seu laboratório com algum aroma novo.

E que aromas! Não só perfumes em sentido estrito, da mais alta escola, da mais alta das altas escolas, mas também cremes, talcos, sabonetes, loções para cabelo, águas, óleos... Tudo o que tinha de cheirar, cheirava agora de um modo novo e mais maravilhoso do que antes. E o público saltava como que possesso, sem se importar com os preços, em cima de tudo, mas realmente tudo, mesmo em cima das novas fitas perfumadas para cabelo, que o curioso capricho de Baldini produzira. Tudo o que Baldini criava se tornava sucesso. E o sucesso era tão avassalador que Chénier o tomava por obra da natureza e não se perguntava mais pelas causas. Que talvez o novo aprendiz, o pobre gnomo, que se alojava no laboratório como um cão e que, quando o mestre saía, podia ser visto parado nos fundos, lavando vidros e limpando almofarizes — que esse pingo de gente pudesse ter alguma coisa a ver com o miraculoso florescimento dos negócios, nisso Chénier não teria acreditado nem se lhe fosse jurado.

Naturalmente, o gnomo tinha tudo a ver com isso. O que Baldini trazia para a loja e deixava com Chénier para ser vendido era apenas um fragmento daquilo que Grenouille compunha a portas trancadas. Baldini nem conseguia mais cheirar tudo. Era-lhe muitas vezes uma verdadeira tortura escolher entre as maravilhas que Grenouille produzia. Esse aprendiz de feiticeiro teria sido capaz de prover a França com receitas, sem se repetir, inclusive sem produzir uma única vez algo de qualidade inferior ou mesmo mediana. Quer dizer, com receitas, com fórmulas, exatamente, ele *não* teria podido provê-la, pois de início Grenouille compunha os seus perfumes daquela maneira caótica e completamente não profissional que Baldini já conhecia, ou seja, de improviso, misturando ingredientes numa confusão aparentemente caótica. Se não fosse para controlar, então ao menos para poder entender essa atividade maluca, Baldini pediu um dia a Grenouille que fizesse a gentileza, ainda que considerasse isso desnecessário, de se utilizar da balança, dos medidores e da pipeta, ao preparar as suas misturas; que, além disso, fizesse a gentileza de se acostumar a não confundir espírito de vinho com material aromático, mas com solvente, que só deveria ser acrescentado no fim; e que, pelo amor de Deus, deveria manipular as coisas devagar, calma e vagorosamente, como cabia a um artesão.

Grenouille assim o fez. E pela primeira vez Baldini teve condições de acompanhar as diversas manipulações do mestre de feitiçaria e documentá-las. Com

pena e papel, ficava sentado ao lado de Grenouille e anotava, sempre advertindo para que ele fosse mais devagar, quantos gramas desse ingrediente, quantas medidas daquele, quantas gotas de um terceiro eram encaminhados para o garrafão de mistura. Desse modo incomum, à medida que analisava *a posteriori* um processo justamente com aqueles instrumentos sem cuja utilização anterior ele nem sequer ocorreria, Baldini finalmente chegava a ficar de posse da receita sintética. Como Grenouille estava em condições de, sem esta receita, misturar os seus aromas, continuou sendo um enigma para Baldini, ou melhor, um milagre, mas ao menos agora ele havia convertido o milagre em uma fórmula e, com isso, até certo ponto satisfeito o seu espírito sedento de regras, salvando de um completo colapso a sua visão perfumística do mundo.

Pouco a pouco, arrancou de Grenouille as receitas de todos os perfumes que este havia até então inventado e, por fim, inclusive o proibiu de fazer novos aromas sem que ele, Baldini, estivesse presente com pena e papel, observando o processo com olhos de Argos e documentando tudo passo a passo. As suas anotações, em breve muitas dúzias de fórmulas, ele transcrevia então com todo cuidado em dois caderninhos diferentes, um dos quais enfiava no seu cofre-forte, que era à prova de fogo; o outro, carregava sempre consigo, até para dormir. Isso lhe dava segurança. Agora podia, quando quisesse, repetir ele mesmo os milagres de Grenouille que presenciara e o tinham abalado tão profundamente. Com a sua coletânea de fórmulas por escrito, acreditava poder controlar o terrível caos criativo que brotava do seu aprendiz. O fato de não ficar mais apenas olhando boquiaberto, mas de participar do ato criativo observando e registrando, também tinha sobre Baldini um efeito calmante e reforçava a sua autoconfiança. Depois de algum tempo, até acreditava que contribuía de modo fundamental para a efetivação dos sublimes perfumes e aromas. E uma vez que os tivesse inscrito em seus caderninhos e os guardasse no cofre e junto do próprio peito, não duvidava mais nem um pouco que agora fossem completamente seus.

Mas também Grenouille tirava proveito do procedimento disciplinado que Baldini lhe impusera. Ele mesmo não dependia disso. Jamais precisava olhar de novo uma antiga fórmula para reconstituir um perfume após semanas ou meses, pois simplesmente não esquecia cheiros. Mas, com a utilização obrigatória de medidas e balanças, aprendeu a linguagem dos aromas e instintivamente sentiu que o conhecimento dessa linguagem podia ser útil. Após poucas semanas, Grenouille dominava não só os nomes de todas as substâncias aromáticas do laboratório de Baldini, como estava em condições de transcrever ele mesmo a fórmula dos seus perfumes e vice-versa, transformar fórmulas alheias e prescrições em perfumes e outros produtos aromáticos. E ainda mais! Tendo aprendido a expressar as suas ideias perfumísticas em gramas e gotas, nem sequer precisava mais do passo

intermediário da experimentação. Se Baldini o encarregava de criar um novo composto aromático, seja para um perfume de lenços, para um sachê ou para um creme, Grenouille já nem pegava mais frascos e pós, mas simplesmente se assentava à mesa e transcrevia diretamente a fórmula. Aprendera a ampliar o caminho de sua concepção aromática interior até o perfume acabado através da criação da fórmula. Para ele, isso era só um caminho mais longo. Aos olhos do mundo, isto é, aos de Baldini, era um progresso. Os milagres de Grenouille continuavam a ser os mesmos. Mas a receita com que ele agora os provia tirava-lhes o caráter assustador, e isso era vantajoso. Quanto melhor Grenouille dominasse os processos e os procedimentos artesanais, quanto mais normalmente soubesse expressar-se na linguagem convencional da perfumaria, tanto menos o mestre o temia e dele suspeitava. Logo Baldini passou a considerá-lo um homem de faro excepcionalmente talentoso, mas não mais como um segundo Frangipani ou até um incrível mestre de feitiçaria, que Grenouille era, aliás, com todo o direito. O "*como*" técnico-artesanal servia-lhe de bem-vindo disfarce. Ele como que mimava Baldini com seu modelar procedimento ao pesar os ingredientes, ao balançar o garrafão de mistura, ao borrifar o branco lenço de prova. Já sabia sacudi-lo quase tão delicadamente, deixá-lo flutuar tão elegantemente diante do nariz quanto o mestre. E por vezes, a intervalos bem dosados, cometia erros, arranjos de tal modo que Baldini necessariamente os notaria: escrevia uma percentagem absurdamente alta de tintura de âmbar numa fórmula... e deixava que o erro lhe fosse apontado para então ser corrigido. Conseguia manter assim Baldini na ilusão de que, afinal de contas, tudo estava sob controle. Não queria atropelar o velho. Realmente queria aprender com ele. Não a misturar perfumes, não a correta composição de um aroma, naturalmente não! Nisso, não havia no mundo ninguém capaz de ensinar-lhe qualquer coisa, e os ingredientes disponíveis na firma de Baldini nem de longe teriam bastado para concretizar a sua concepção de um perfume realmente grandioso. O que ele conseguia realizar junto a Baldini, em termos aromáticos, eram brincadeiras em comparação com os cheiros que carregava dentro de si e que um dia pensava realizar. Mas para tanto, ele o sabia, precisava de dois pressupostos imprescindíveis: um era o manto de uma existência burguesa; ter ao menos o grau de auxiliar, sob cuja proteção poderia entregar-se à sua verdadeira paixão e perseguir, sem ser perturbado, os seus verdadeiros objetivos. O outro era o conhecimento daqueles processos artesanais, de acordo com os quais se produziam, isolavam, concentravam, conservavam substâncias aromáticas e, com isso, chegava-se a torná-las disponíveis para uma utilização superior. Pois Grenouille possuía de fato o melhor nariz do mundo, tanto analítico quanto também visionário, mas ainda não tinha a capacidade de se apoderar fisicamente dos cheiros.

E assim foi que ele animadamente deixou-se introduzir na arte de cozinhar sabão a partir da gordura do porco, de costurar luvas com camurça, de misturar talco a partir da farinha de trigo e do farelo de amêndoas e de raízes de cravo em pó. Formava os rolos das velas aromáticas a partir de carvão vegetal, salitre e lascas de sândalo. Confeccionava pastilhas orientais prensando mirra e pó de âmbar. Amassava incenso, laca e canela, fazendo pelotas aromáticas para turíbulos. Peneirava e dividia *Poudre Impériale* a partir de pétalas de rosas, flores de alfazema e cascas moídas. Ficava mexendo cremes, brancos e azuis, e criava batons carmesins. Amassava os mais finos pós para as unhas e pastas de dentes com sabor de menta. Misturava líquidos de ervas para perucas e gotas de verrugas para os calos, branqueador de sardas para a pele e extrato de beladona para os olhos, pomada de cantárida para os cavalheiros e vinagre fiigiênico para as damas... A produção de tudo quanto é tipo de águas-de-colônia e pozinhos, artigos de toalete e de embelezamento, mas também de preparados de chás e de raízes, de licores, de peixe em conserva e similares, em suma, tudo o que Baldini podia ensinar-lhe com o seu conhecimento tradicional, Grenouille aprendeu impecavelmente, ainda que sem especial interesse.

Especial interesse ele tinha, no entanto, quando Baldini lhe ensinava a preparação de tinturas, extratos e essências. Era capaz de amassar incansavelmente caroços de amêndoas amargas na prensa de rosca, de esmagar bagos de almíscar, picar com a faca gordurosas pelotas de âmbar cinzento ou raspar raízes de violetas para depois decompor as lascas no álcool mais fino. Aprendeu a usar o funil divisor, com o qual se separava o óleo puro das cascas de limão prensadas e o caldo escuro dos resíduos. Aprendeu a secar ervas e flores, torrâ-las em fogo brando e conservar a folhagem seca e estalante em panelas e arcas fechadas com cera. Aprendeu a arte da lavagem de pomadas, de elaborar, filtrar, concentrar, clarear e retificar infusões.

É claro que o laboratório de Baldini não era apropriado para nele se fabricarem em grande estilo óleos de flores ou de ervas. Mas em Paris dificilmente teriam também sido encontradas as quantidades necessárias de plantas frescas. Ocasionalmente, porém, quando se conseguia barato no mercado alecrim fresco, salva, hortelã ou semente de anis, ou quando chegava uma partida maior de bulbos de íris ou de raízes de valeriana, cominho, noz-moscada ou cravos secos, então a veia alquimística de Baldini se excitava e ele buscava o seu grande alambique, uma botelha de cobre para destilar com uma panela de condensação colocada em cima — um assim chamado alambique cabeça de mouro como orgulhosamente ele anunciava, com o qual já há quarenta anos havia destilado lavanda ao ar livre nas faldas do lado

sul da Ligúria e nos altiplanos do Luberon. E enquanto Grenouille picava em pedacinhos o material a ser destilado, Baldini preparava com pressa febril — pois uma rápida elaboração era a alma do negócio — o fogo sobre o qual colocava o caldeirão de bronze, com uma boa porção de água dentro. Jogava aí as partes das plantas, metia o cabeça de mouro sobre as escoras e ligava nele duas pequenas mangueiras para a entrada e saída de água. Esta refinada solução para refrigeração a água só tinha sido acrescentada mais tarde, pois à sua época, no campo, só se tinha, obviamente, refrigerado com vento gerado a mão. Daí ele acendia o fogo.

Pouco a pouco a caldeira começava a borbulhar. Depois de algum tempo, primeiro timidamente gota a gota, logo num filete bem fino, escorria um destilado do terceiro caninho do cabeça de mouro numa garrafa florentina, que Baldini havia colocado por baixo. Primeiro tinha uma aparência bastante desagradável, como uma sopa rala, turva.

Mas pouco a pouco, especialmente quando a garrafa cheia era trocada por uma nova e deixada de lado, o caldo se dividia em dois líquidos diferentes: embaixo ficava a água de flores ou raízes, por cima nadava uma grossa camada de óleo. Deixando então escorrer cuidadosamente através da torneirinha de baixo da garrafa florentina a água de flores, que só cheirava suavemente, ficava então retido o puro óleo, a essência, o forte princípio aromático da planta.

Grenouille ficou fascinado pelo processo. Se alguma coisa na vida conseguira entusiasmar-lo — é claro que não de modo externamente visível, mas em contido entusiasmo, a arder como que em chama baixa — era esse trabalho, com fogo, água e vapor e uma delicada aparelhagem, de arrancar às coisas a sua alma aromática. Essa alma aromática, o óleo etéreo, era afinal o melhor que nelas havia, a única razão pela qual se interessava. Todo o resto — flores, folhas, cascas, fruto, cor, beleza, vida e tudo o que nelas mais houvesse de supérfluo — nada disso o interessava. Isso era apenas envoltório e peso morto. Tinha de ser eliminado.

De tempos em tempos, quando o destilado já havia ficado claro como água, retiravam o alambique do fogo, abriam-no e jogavam fora o material cozinhado. Parecia mole e pálido como palha posta de molho, como ossos de passarinhos que tivessem sido postos em cal, como legumes que tivessem cozinhado tempo demais, insípidos e fibrosos, empapados, dificilmente reconhecíveis, horivelmente cadavéricos, tendo-lhe sido roubado praticamente todo o aroma. Jogavam isso pela janela, no rio. E realimentavam o alambique com novas plantas frescas, completavam a água e recolocavam-no sobre o fogo. E de novo a caldeira começava a borbulhar e de novó o suco vital das plantas escorria para as garrafas florentinas. A coisa transcorria a noite toda assim. Baldini cuidava do fogão, Grenouille ficava de olho nas garrafas, mais não havia a fazer durante o período entre as trocas.

Ficavam sentados em banquinhos à volta do fogo, no fascínio do grosso botijão, ambos deslumbrados, ainda que por razões muito diversas. Baldini se deliciava com o arder do fogo e o rubro das chamas e do cobre, gostava do chiado da lenha queimando, do gorgolejar do alambique, pois isso era como antigamente. Aí se podia começar até a delirar! Apanhava uma garrafa de vinho na adega, pois o calor lhe dava sede, e beber vinho, ah, isso também era como antigamente. E começava a contar histórias de antigamente, sem parar. Da guerra da sucessão espanhola, da qual havia participado modelarmente, lutando contra os austríacos; dos *camisards*, com os quais havia deixado os habitantes de Cevènes inseguros, da filha de um huguenote de Esterel, que tinha ficado sujeita aos seus caprichos, inebriada pelo aroma de lavanda; de um incêndio na mata que por pouco deixou de atear e que depois teria espalhado o fogo por toda a Provença, tão certo como o amém na igreja, pois soprava um forte mistral; e falava do processo de destilação, como era feito ao ar livre, à noite, ao luar, acompanhado de vinho e cantoria de cigarras, e contava sobre um óleo de lavanda, tão fino e forte, que ele assim havia criado e que fora logo vendido por seu peso em prata; do seu tempo de aprendizado em Gênova, dos seus anos de andança, e da cidade de Grasse, na qual havia tantos perfumistas quanto sapateiros noutros lugares, e entre eles alguns tão ricos que viviam como príncipes, em casas luxuosas com jardins arborizados e terraços e salas de jantar revestidas de madeiras de lei, onde comiam em pratos de porcelana e com talheres de ouro, e assim por diante...

Contava essas histórias o velho Baldini, bebericando vinho e ficando com as faces bem avermelhadas, em fogo, do vinho e do calor, e do entusiasmo por suas próprias histórias. Mas Grenouille, que ficava sentado mais à sombra, nem prestava atenção. Não interessavam velhas histórias, só lhe interessava o novo processo. Ficava olhando sem cessar os caninhos na cabeça do alambique, do qual o destilado escorria num filete fino. E à medida que olhava, imaginava ser ele mesmo um alambique, no qual borbulhava e do qual brotava um destilado como esse, só que bem melhor, mais novo, incomum, um destilado daquelas esquisitas plantas que ele mesmo havia criado em seu interior, que nele floresciam, não percebidas senão por ele mesmo, e que, com seu perfume único, poderiam transformar o mundo num aromático paraíso, no qual, para ele, a existência poderia ser olfatoriamente mais ou menos suportável. Ser um grande alambique, que inundasse o mundo inteiro com os destilados por ele mesmo criados, esse era o sonho a que Grenouille se entregava.

Mas enquanto Baldini, atizado pelo vinho, contava histórias cada vez mais compridas sobre como as coisas eram antigamente, e cada vez se enrolava mais desenfreadamente em seus próprios delírios, Grenouille em breve abandonou a sua bizarra fantasia. Tirou primeiro da cabeça a concepção do grande alambique e, em vez disso, ficou pensando sobre como poderia tornar úteis os conhecimentos recém-

adquiridos, para metas bastante mais próximas.

Não demorou muito em tornar-se especialista na área da destilação. Descobriu — e o seu nariz o ajudou mais do que o conjunto de regras de Baldini — que o calor do fogo tinha uma influência decisiva na qualidade do destilado. Cada planta, flor, madeira e cada oleácea exigia um procedimento específico. Uma precisava de um vapor forte, outra só devia cozinhar em fogo brando, e muitas flores só davam o melhor resultado quando se as deixava escaldar em chama muito baixa.

De similar importância era a depuração. Hortelã e lavanda podiam ser destiladas em molhos. Outras plantas exigiam cuidadosa seleção, tinham de ser desfolhadas, picadas, raspadas, amassadas ou até usadas como mosto antes de entrarem no caldeirão de bronze. Mas diversas nem sequer podiam ser destiladas, e isso exasperava Grenouille.

Ao notar a segurança com que Grenouille dominava a aparelhagem, Baldini concedeu-lhe total liberdade na manipulação do alambique, e Grenouille usou essa liberdade em larga escala. Durante o dia misturava perfumes e preparava os demais produtos aromáticos e ervas, e à noite se ocupava exclusivamente com a arte misteriosa da destilação. Seu plano era produzir substâncias aromáticas completamente novas e, com isso, criar ao menos alguns odores que carregava dentro de si. No começo chegou a ter alguns pequenos êxitos. Conseguiu um óleo de flores de urtiga e de sementes de agrião, uma água de cascas recém-extraídas do sabugueiro e de ramos de teixo. Na realidade, os perfumes dos destilados eram diferentes dos materiais originais, mas de qualquer modo sempre serviam para outras reelaborações. Havia, no entanto, materiais com que o processo fracassava completamente. Grenouille procurou, por exemplo, destilar o cheiro do vidro, o odor frio, barrento do simples vidro, que nem consegue ser percebido por pessoas normais. Obteve vidro de janelas e de garrafas, trabalhando-os em grandes pedaços, em fragmentos, em estilhaços, em forma de pó — sem nenhum êxito. Destilou latão, porcelana e couro, grãos e cascalhos; trabalhou com terra pura; sangue, madeira e peixe fresco; os seus próprios cabelos. Por fim destilava até água do Sena, cujo cheiro peculiar parecia-lhe merecer ser preservado. Acreditava poder, com a ajuda do alambique, extrair desses materiais o seu cheiro característico, assim como era possível fazê-lo com tomilho, lavanda e cominho. É que não sabia que a destilação nada mais é do que o processo que, a partir de materiais compostos, separa os seus componentes mais e menos voláteis e que só é útil à perfumaria na medida em que consegue separar o óleo volátil e etéreo de certas plantas de seus restos sem aroma ou pobres em aroma. No caso de substâncias em que faltava esse óleo

essencial, o processo da destilação não tinha qualquer sentido. Para nós, hoje, graças à Física, isto é fácil de entender. Para Grenouille, no entanto, reconhecer isso custou grande esforço, a partir de uma longa cadeia de frustrantes tentativas. Por meses e meses ele ficara, noite após noite, junto ao alambique e tentara, de todas as maneiras imagináveis, criar, através da destilação, odores radicalmente novos que jamais haviam existido sobre a face da Terra em forma concentrada. E com exceção de alguns ridículos óleos de plantas, nada brotara disso. Do profundo poço, imensuravelmente rico, da sua imaginação, não conseguira nem uma única gota de essência aromática; de tudo o que havia sonhado em termos aromáticos, não conseguira realizar nem um átomo.

Convencido do seu fracasso, encerrou os experimentos e caiu mortalmente doente.

Ficou com febre alta, febre que nos primeiros dias veio acompanhada de sudações e, mais tarde, como se os poros da pele já não bastassem mais, rebentaram nele inúmeras pústulas. O corpo de Grenouille estava crivado dessas bolhazinhas vermelhas. Muitas delas rebentavam e vazavam o seu conteúdo aguado, para depois novamente se encherem. Outras evoluíam, transformando-se em verdadeiros furúnculos, inchadas e vermelhas; rebentavam como crateras e cuspiam grosso pus e sangue cravado de estrias amareladas. Passado algum tempo, Grenouille parecia um mártir apedrejado pelo lado de dentro, supurando por uma centena de ferimentos. Baldini ficou, naturalmente, preocupado. Era-lhe muito desagradável perder o seu aprendiz exatamente no momento em que se preparava para expandir o seu negócio para além dos limites da capital e até mesmo do país. Pois efetivamente, com frequência cada vez maior, acontecia chegarem encomendas não só da província, mas também das cortes estrangeiras, procurando esses novos tipos de perfume pelos quais Paris tinha ensandecido; e Baldini pensava criar uma filial no Faubourg Saint-Antoine para atender a essa demanda, uma verdadeira pequena manufatura, onde os perfumes mais procurados deveriam ser misturados *en gros* e, *en gros*, postos em pequenos e simpáticos frascos, empacotados por pequenas e simpáticas garotas e enviados para a Holanda, Inglaterra e o Império Alemão. Para um mestre de Paris, tal empreendimento não era completamente legal, mas agora Baldini contava com a proteção de instâncias elevadas, os seus refinados produtos aromáticos haviam-lhe arranjado isso, não só junto ao Intendente, mas também junto a personalidades tão importantes quanto o senhor arrendatário da alfândega de Paris e alto membro do gabinete das finanças do rei e incentivador de empresas economicamente florescentes como o era o Senhor Feydeau de Brou.

Este havia acenado inclusive com a perspectiva de um privilégio real, o máximo que alguém podia desejar, pois era uma espécie de *passe-partout* para escapar a todos os controles estatais e estamentais, o término de todas as preocupações comerciais e uma garantia perene para uma riqueza segura e inviolável.

E havia ainda um outro plano com o qual Baldini andava grávido, o seu plano predileto, uma espécie de projeto antitético ao da manufatura no Faubourg Saint-Antoine; ainda que não produzindo mercadorias em massa, produziria no entanto algo não vendável a qualquer um: para um seletivo número de clientes da mais alta categoria, queria criar, ou melhor, fazer com que fossem criados perfumes que, como roupas de costureiros, fossem talhados para uma só pessoa, só podendo ser usados

por essa pessoa e ostentando tão somente o seu augusto nome. Ele imaginava um *Parfum de la Marquise de Cernay*, um *Parfum de la Maréchale de Villars*, um *Parfum du Duc d'Aiguillon* e assim por diante. Sonhava com um *Parfum de Madame la Marquise de Pompadour*, até mesmo com um *Parfum de Sa Majesté le Roi*, um precioso frasco de ágata polida, com engaste de ouro e, escondido na parte interna do pé, o nome gravado de "Giuseppe Baldini, *Parfumeur*". O nome do rei e o seu próprio num único e mesmo objeto! A tão sublime sonhos se atrevera Baldini! E agora Grenouille ficara doente. Embora Grimal, que Deus tenha a sua alma, houvesse jurado que esse rapaz nunca precisava de nada, que aguentava tudo, que até a peste negra ficava longe dele. Estava mesmo à morte. E se morresse? Horrível! Com ele morreriam os maravilhosos planos da manufatura, das pequenas e simpáticas garotas, do privilégio real e do perfume do rei.

Por isso Baldini decidiu não deixar de tentar de tudo para salvar a preciosa vida do seu aprendiz. Ordenou a sua transferência do estrado do laboratório para uma cama limpa no andar de cima da casa. Mandou recobrir a cama com damasco. Com as suas próprias mãos, ajudou a carregar o doente pela estreita escada acima, embora se enojasse com as pústulas e os furúnculos a supurar. Mandou que sua mulher cozinhasse caldo de galinha com vinho. Mandou chamar o mais renomado médico do bairro, um certo Procope, que tinha de ser pago adiantado — vinte francos! — para simplesmente dispor-se a fazer uma visita.

O doutor veio, levantou com a ponta dos dedos o lençol, lançou um único olhar sobre o corpo de Grenouille, que realmente parecia ter sido trespassado por cem balas, e saiu do quarto sem ter sequer aberto a bolsa que o assistente carregava o tempo todo atrás dele. O caso, disse ele a Baldini, era completamente claro. Tratava-se de uma variante sífilítica da varíola negra misturada com sarampo purulento *in stadio ultimo*. Um tratamento já não seria mais necessário. Pois uma balestilha para a sangria nem sequer poderia ser adequadamente empregada nesse corpo em decomposição, mais parecido com um cadáver do que com um organismo vivo. E embora o fedor pestilento característico do avanço da doença ainda não pudesse ser percebido — o que, em todo caso, era de se admirar e que, de um ponto de vista estritamente científico, representava uma pequena curiosidade —, não podia haver nenhuma dúvida quanto à morte do paciente dentro das próximas quarenta e oito horas. Após o quê, fez com que lhe fossem pagos mais vinte francos pela visita feita e pelo diagnóstico estabelecido — cinco francos dos quais poderiam ser devolvidos no caso de o cadáver com os sintomas clássicos ser-lhe entregue para fins de demonstração — e despediu-se.

Baldini estava fora de si. Lamentava-se e gritava de desespero. Mordeu-se nos dedos de raiva quanto ao seu destino. Mais uma vez os planos para o grande, para o

imenso êxito eram-lhe estragados pouco antes da meta. Antes havia sido Pélissier e sua camarilha, com sua riqueza inventiva. Agora era esse rapaz com seu inesgotável estoque de novos perfumes e aromas, este fedelhozinho que valia mais que o seu peso em ouro e que justamente agora, na fase de montagem do negócio, tinha de pegar varíola sifilítica e sarampo purulento *in stadio ultimo!* Justamente agora! Por que não daqui a dois anos? Por que não daqui a um? Até lá teria sido possível explorá-lo como a uma mina de prata, como a um asno de ouro. Em um ano ele teria podido morrer em paz. Mas não! Morria agora, sacramento de Deus! Dentro de quarenta e oito horas!

Por um breve instante Baldini sopesou a ideia de peregrinar até Notre-Dame e implorar a cura de Grenouille à Santa Mãe de Deus. Mas depois deixou essa ideia de lado, pois o tempo era estrito demais. Buscou tinta e papel e tocou a esposa para fora do quarto do doente. Sentou-se então numa cadeira ao lado da cama, com as folhas de anotação sobre os joelhos, a pena úmida de tinta na mão, tentando arrancar de Grenouille uma última bênção perfumística. Que ele, pelo amor de Deus, não deveria levar consigo os tesouros que carregava dentro de si! Que agora, em suas últimas horas, deveria confiar a mãos fiéis um testamento para que a posteridade não deixasse de ter acesso aos melhores perfumes e aromas de todos os tempos! Ele, Baldini, executaria cuidadosamente esse testamento, esse cânone de fórmulas dos mais sublimes perfumes e aromas jamais cheirados, e haveria de fazê-los florescerem. Haveria de trazer imortal glória ao nome de Grenouille, sim — e isso ele jurava por todos os santos —, haveria de depor aos pés do próprio rei o melhor desses aromas, num frasco de ágata com incrustações de ouro e uma dedicatória gravada.

"De Jean-Baptiste Grenouille, *Parfumeur à Paris*". Assim falava, ou melhor, assim sussurrava Baldini junto ao ouvido de Grenouille, jurando, implorando, lisonjeando sem cessar.

Mas foi tudo em vão. De Grenouille não saía nada, exceto secreção aguada e pus sanguinolento. Calado jazia no damasco e exteriorizava esses sucos nojentos, mas não os seus tesouros, o seu saber, não a mínima fórmula de um aroma. Baldini teria sido capaz de estrangulá-lo, de açoitá-lo, de arrancar a bofetadas, de dentro do corpo moribundo, os preciosos segredos caso tivesse alguma perspectiva de êxito... e caso isso não contrariasse de modo tão escandaloso a sua concepção de amor cristão ao próximo.

E assim ele continuou a murmurar e a flautear avante nos mais adocicados tons e a cuidar do doente e a limpá-lo de leve com panos refrescantes — por mais esforço que isso lhe custasse para se controlar — na testa úmida de suor e nos chamejantes vulcões das feridas; dava-lhe colheradas de vinho na boca, para fazer

com que a sua língua falasse, e isso por toda a noite — em vão. Ao alvorecer, desistiu.

Caiu esgotado numa poltrona e ficou olhando, já nem sequer raivoso, mas se entregando a uma silenciosa resignação quanto ao pequeno corpo moribundo de Grenouille deitado lá na cama, que ele não podia salvar nem assaltar, do qual nada mais podia salvar para si, cujo naufrágio ele só podia ainda ficar contemplando sem nada fazer, como um capitão vê afundar o navio que arrasta toda a sua riqueza para as profundezas.

De repente se abriram os lábios do moribundo e, com uma voz que, em sua clareza e firmeza nem de longe sugeria passamento próximo, falou:

— Diga, *maitre*: além de prensar e destilar, existem outros meios para se extrair o odor de uma substância?

Baldini, que acreditava que a voz tinha se originado de sua imaginação ou do além, respondeu mecanicamente:

— Sim, existem.

— Quais? — perguntou Grenouille da cama, e Baldini abriu os olhos cansados. Imóvel, Grenouille estava deitado nos travesseiros.

O cadáver tinha falado?

— Quais? — perguntou ele novamente, e desta vez Baldini reconheceu o movimento nos lábios de Grenouille.

"Agora acabou", pensou ele, "agora se vai, isso é o delírio da febre ou a agonia da morte." Ele se levantou, foi até a cama e curvou-se sobre o doente. Este abriu os olhos e ficou olhando Baldini com o mesmo e estranho olhar de espreita com que o havia fixado no primeiro encontro.

— Quais? — insistiu ele.

Isso tocou o coração de Baldini — ele não queria deixar de atender ao último pedido de um moribundo — e respondeu:

— Existem três, meu filho: *enfleurage à chaud*, *enfleurage à froid* e *enfleurage à l'huile*. Sob muitos aspectos, são superiores à destilação, e os usamos para obter os mais finos de todos os aromas: do jasmim, da rosa e da flor de laranjeira.

— Onde? — perguntou Grenouille.

— No Sul — respondeu Baldini. — Sobretudo em Grasse.

— Bom — disse Grenouille.

E, com isso, cerrou os olhos. Baldini ergueu-se lentamente. Estava muito deprimido. Tratou de juntar suas folhas de anotações, nas quais não estava escrita

nem uma única linha, e apagou a vela. Lá fora já se fazia dia. Estava morto de cansaço. Pensou que deveria ter mandado chamar um padre. Então fez com a mão direita um rápido sinal da cruz e saiu.

Mas Grenouille estava tudo, menos morto. Apenas dormia profundamente e sonhava, recuperando os seus fluidos. Já as bolhazinhas sobre a sua pele começavam a ressecar, as crateras de pus a se retrair, já começavam as suas feridas a se fechar. Em uma semana estava curado.

Teria ido logo para o Sul, onde se podiam aprender as novas técnicas das quais o velho havia lhe falado. Mas, naturalmente, nem pensar. Era apenas um aprendiz, isto é, um nada. A rigor — explicou Baldini, passada a sua alegria inicial pela ressurreição de Grenouille —, ele era ainda menos que um nada, pois um aprendiz normal precisava ter ascendência imaculada, isto é, legítima, ter parentesco adequado ao seu nível e um contrato de aprendizado, e Grenouille não tinha nada disso. Se Baldini quisesse, no entanto, ajudá-lo a alcançar um dia o grau de auxiliar, ele faria só por consideração ao incomum talento de Grenouille, por um comportamento vindouro sem máculas, bem como por causa da sua infinita bondade, que, embora ela com frequência o tivesse prejudicado, ele jamais poderia renegar.

Para cumprir essa promessa de boa vontade, deu-se um bom prazo, isto é, uns três anos. Nesse período, com a ajuda de Grenouille, Baldini realizou seus sonhos mais grandiosos. Abriu a indústria no Faubourg Saint-Antoine, impôs-se à corte com os seus perfumes exclusivos, obteve o privilégio real. Seus finos produtos aromáticos foram vendidos até em Petersburgo, Palermo e Copenhague. Seus perfumes eram disputados até mesmo em Constantinopla, onde, sabe-o Deus, possuíam aromas próprios. Nos escritórios elegantes da City londrina, sentia-se o cheiro dos perfumes de Baldini, assim como na corte de Parma; no castelo de Varsóvia não era diferente do castelo do Conde von Lippe-Detmold. Depois de já ter-se conformado em passar a sua velhice em amarga pobreza em Messina, Baldini havia, aos setenta anos, ascendido à posição de maior perfumista da Europa e à de um dos cidadãos mais ricos de Paris.

No início de 1756 — ele já havia adquirido a casa vizinha no Pont au Change, exclusivamente para moradia, pois a velha casa estava agora literalmente abarrotada até o teto com materiais aromáticos e especiarias —, comunicou a Grenouille que estava agora disposto a declará-lo liberto, mas sob três condições: primeira, ele não deveria, no futuro, produzir nem repassar a fórmula de nenhum dos perfumes criados sob o teto de Baldini; segunda, teria de sair de Paris e, enquanto Baldini vivesse, não deveria mais pôr os pés na cidade; e, terceira, manteria absoluto sigilo sobre as duas primeiras condições. Isso tudo ele teria de jurar por todos os santos, pela pobre alma da sua mãe e pela sua própria honra.

Grenouille, que não tinha honra nenhuma, não acreditava em santos e nem mesmo na alma de sua pobre mãe, jurou. Teria jurado qualquer coisa. Teria aceito qualquer condição de Baldini, pois queria ter esse ridículo grau de auxiliar, que lhe possibilitaria viver sem chamar atenção, viajar sem ser importunado e encontrar

emprego. O resto lhe era indiferente. E que condições, afinal de contas, eram essas! Não mais pôr os pés em Paris! Para que precisava ele de Paris? Já conhecia até a sua última esquina fedorenta, carregava-a consigo onde quer que fosse, possuía Paris há anos. Não produzir nenhum dos perfumes de Baldini, não passar nenhuma fórmula adiante? Como se não pudesse inventar mil outras, tão boas e até melhores, bastando querer! E nem queria. Não tinha a menor intenção de entrar em concorrência com Baldini ou qualquer dos outros perfumistas burgueses. Não pretendia fazer dinheiro com a sua arte, nem sequer pretendia viver dela, se fosse possível viver de outro modo. Queria externar o seu interior, nada mais que o seu interior, que ele considerava mais maravilhoso do que tudo que o mundo externo tinha para lhe oferecer. E por isso as condições de Baldini não eram difíceis para Grenouille.

Partiu na primavera, num dia de maio, bem cedo pela manhã. Havia recebido de Baldini uma pequena mochila, uma segunda camisa, dois pares de meias, uma linguiça grande, uma manta de cavalo e vinte e cinco francos. Isso era muito mais do que estava obrigado a dar, disse Baldini, uma vez que Grenouille não havia pago nem um tostão pelo aprendizado, pela profunda formação que obtivera. Estava obrigado a dar apenas dois francos pela saída, e nada mais. Mas não podia negar a sua bondade nem a profunda simpatia que no decorrer dos anos haviam se acumulado em seu coração pelo bom Jean-Baptiste. Desejava-lhe muita felicidade em suas andanças e advertia-o ainda uma vez de que não esquecesse o seu juramento. Com isso, levou-o até a porta de serviço, onde certa vez o havia recebido, e dispensou-o.

Não lhe estendeu a mão: tão longe também não ia sua simpatia. Nunca lhe dera a mão. Aliás, sempre evitara tocá-lo, devido a um certo nojo, como se houvesse o perigo de nele se contaminar, nele se sujar. Só disse um bem curto *adieu*. E Grenouille inclinou a cabeça e se afastou, curvado.

A rua estava vazia.

Baldini ficou olhando-o arrastar os pés ponte abaixo, até a ilha, pequeno, curvado, carregando a mochila como uma corcova, parecendo um ancião. No outro lado, junto ao palácio do Parlamento, perdeu-o de vista e sentiu-se extraordinariamente aliviado.

Nunca gostara desse sujeitinho. Finalmente podia reconhecer isso. Durante todo o tempo em que o havia abrigado sob o seu teto e espoliado, não se sentira bem. Bem não se sentira, como um homem idôneo e de ilibada conduta que pela primeira vez faz algo proibido, joga um jogo com meios ilícitos. Certamente o risco que lhe adviera das artimanhas havia sido pequeno, e o êxito fora enorme; mas proporcionalmente grandes eram também o nervosismo e a má consciência. De fato, em todos aqueles anos não havia passado um dia em que não tivesse sido perseguido pela desagradável ideia de que, de algum modo, teria de pagar por isso, por ter-se envolvido com essa criatura.

Tomara que tudo dê certo! — assim ele voltava a rezar cheio de temor para si mesmo, — ah, se ao menos eu conseguir embolsar o êxito dessa ousada aventura sem ter de pagar por isso! Ah, se eu conseguisse! Na verdade não é correto o que estou fazendo, mas Deus há de fechar um olho, há de fazer isso! No decorrer da minha vida, tantas vezes Ele me puniu duramente sem qualquer motivo, por isso seria justo se, dessa vez, Ele se mostrasse generoso. Em que consiste, afinal, o meu delito, se é que chega a ser um delito? No máximo, no fato de agir irregularmente em relação à corporação, na medida em que exploro o maravilhoso talento de alguém sem formação e apresento como minha a sua capacidade. No máximo, no fato de que me desviei um pouco da trilha tradicional da virtude artesanal. No máximo, no fato de hoje eu estar fazendo o que ainda ontem eu amaldiçoava. É isso um crime? Outros enganam durante a vida toda. Eu só andei enganando por uns poucos anos. E também só porque o acaso me ofereceu uma oportunidade única para isso. Talvez nem sequer tenha sido o acaso, talvez tenha sido o próprio Deus quem me enviou o mágico, para compensar o tempo de humilhação por Pélissier e sua camarilha. Talvez a disposição divina nem se ordene a meu favor, mas *contra* Pélissier! Isso bem que poderia ser possível! De que outro jeito teria Deus condições de punir Pélissier senão me elevando? Em decorrência disso, a minha felicidade foi o instrumento da justiça divina e, enquanto tal, eu não só podia, mas tinha de aceitá-la, sem pruridos e sem o menor arrependimento...

Assim havia Baldini pensado com frequência nos últimos anos, pela manhã, quando descia a estreita escada para a loja; à tardinha, quando subia com o conteúdo da caixa e contava as pesadas moedas de ouro e prata para depositá-las no seu

cofre; e à noite, quando ficava deitado ao lado do esqueleto roncador de sua mulher e não conseguia dormir de tanto medo diante da sua felicidade.

Mas agora, finalmente, acabavam esses pensamentos sinistros. O desagradável e estranho hóspede fora embora e jamais retornaria. A riqueza, porém, permanecia e estava garantida para todo o sempre. Baldini colocou a mão sobre o peito e sentiu, através da roupa, o livrinho sobre o seu coração. Seiscentas fórmulas estavam aí registradas, bem mais que gerações inteiras de perfumistas poderiam realizar. Se ele hoje tudo perdesse, só com esse maravilhoso livrinho, no prazo de um ano, poderia tornar-se um homem várias vezes rico. Na verdade, que mais podia ele querer?

O sol da manhã caía, amarelo e quente, sobre o seu rosto. Baldini continuava olhando para o sul, estrada abaixo, na direção do palácio do Parlamento — era simplesmente agradável demais não ver mais rastro de Grenouille! — e decidiu, por um transbordante sentimento de gratidão, peregrinar ainda hoje à Notre-Dame, jogar uma moeda de ouro no saco de esmolas, acender três velas e agradecer de joelhos ao Senhor, por tê-lo cumulado de tanta felicidade e tê-lo poupado da vingança.

Mas, por azar, algo de novo então se interpôs, pois à tarde, quando queria pôr-se a caminho da igreja, espalhou-se o boato de que os ingleses haviam declarado guerra à França.

Isso em si não era inquietante. Como, porém, Baldini queria expedir justamente nesses dias uma remessa de perfumes para Londres, postergou a visita à Notre-Dame e, em vez disso, foi para a cidade, a fim de obter informações e, em seguida, à sua indústria no Faubourg Saint-Antoine para, em primeiro lugar, cancelar a remessa para Londres. À noite, na cama, pouco antes de adormecer, teve outra ideia genial: em vista do próximo conflito em torno das colônias do Novo Mundo, pretendia lançar um perfume com o nome de *Prestige du Quebec*, um perfume resinoso e heroico, cujo êxito — e este era certo — haveria mais que indenizá-lo pela perda do negócio com a Inglaterra. Com esse doce pensamento em sua velha cabeça louca, projeto pelo qual rezou aliviado sobre o travesseiro (debaixo do qual se fazia sentir agradavelmente a pressão do livrinho de fórmulas), *Maitre* Baldini pegou no sono e nunca mais acordou.

Durante a noite ocorreu uma pequena catástrofe, que, com o devido atraso, fez com que, pouco a pouco, por ordem do rei, todas as casas sobre todas as pontes da cidade fossem arrasadas: sem causa sabida, o Pont au Change rompeu-se entre o terceiro e o quarto pilares em seu lado oeste.

Duas casas caíram dentro do rio, de modo tão completo e tão súbito que nenhum de seus moradores pôde ser salvo.

Felizmente só se tratavam de duas pessoas, ou seja, Giuseppe Baldini e a sua

mulher Teresa. Os serviçais haviam saído, com ou sem permissão. Chénier, que só voltou para casa pelas primeiras horas da manhã, ligeiramente bêbado — ou melhor, quis voltar para casa, pois a casa já não estava mais lá —, sofreu um colapso nervoso. Durante trinta anos ele havia se entregue à esperança de ser, por testamento, herdeiro de Baldini, que não tinha filhos nem parentes. E agora, de um só golpe, toda a herança se fora, tudo, casa, negócios, matérias-primas, laboratório, o próprio Baldini — sim, até mesmo o testamento, que talvez ainda pudesse ter representado a perspectiva da propriedade sobre a indústria!

Nada foi encontrado — os cadáveres, o cofre, o livrinho com as seiscentas fórmulas. A única coisa que restou de Baldini, o maior perfumista da Europa, foi um aroma misto de almíscar, canela, vinagre, lavanda e milhares de outras substâncias que, por diversas semanas, ficou ainda pairando sobre o Sena, de Paris até o Havre.

SEGUNDA PARTE

No momento em que a casa de Giuseppe Baldini caía no rio, Grenouille se encontrava na estrada para Orléans. Deixara para trás a atmosfera poluída da grande cidade e, a cada passo que se afastava, o ar ao seu redor se tornava mais claro, puro e limpo. A atmosfera como que se expandia. Não competiam mais, metro após metro, centenas, milhares de cheiros diferentes em rápida variação, mas os poucos que havia — o cheiro da estrada arenosa, dos campos, da terra, das plantas, da água — estendiam-se em longas órbitas pela zona rural, lentamente se expandindo, lentamente se desvanecendo, poucas vezes se interrompendo de modo abrupto.

Grenouille sentiu essa simplicidade como uma salvação. Os pacatos aromas agradavam ao seu nariz. Pela primeira vez na vida não precisava estar, a cada inspiração, preparado para farejar algo novo, inesperado, hostil, ou para perder algo agradável. Pela primeira vez podia respirar quase livremente, sem ter de cheirar como que espreitando. "Quase", dizemos nós, pois realmente livre não havia nada que fluísse pelo nariz de Grenouille. Mesmo quando não havia o menor motivo, restava nele sempre uma instintiva reserva, atenta a tudo que viesse de fora e que pudesse penetrá-lo. Durante toda a sua vida, mesmo nos poucos momentos em que vivenciara ressonâncias de algo como plenitude, satisfação, inclusive talvez até felicidade, ele preferia expirar a inspirar — assim como também não havia iniciado a vida com uma busca esperançosa de ar, mas com um grito assassino. No entanto, abstraindo-se dessa restrição, que nele era antes uma limitação constitutiva, quanto mais deixava Paris para trás, tanto melhor sentia-se Grenouille, respirando cada vez com maior facilidade, andando num passo cada vez mais vibrante, às vezes assumindo uma postura ereta, de tal modo que, visto de longe, tinha quase a aparência de um rapaz comum, um artesão, uma pessoa normal.

Ainda mais libertadora era a distância em relação a pessoas. Em Paris vivia mais gente do que em qualquer outra cidade do mundo. Seiscentas, setecentas mil pessoas moravam em Paris. As ruas e praças pululavam de gente, e as casas eram atonetadas, do porão até o telhado. Não havia um canto em Paris que não estivesse cheio de gente, nenhuma pedra, nenhum pedacinho de terra que não cheirasse a coisa humana.

Que essa massa humana durante dezoito anos o havia oprimido, como uma atmosfera prenhe de tempestade, só se tornava claro para Grenouille agora que começava a escapar disso. Até então, acreditara que era do mundo de um modo geral que ele precisava escapar. Não era, porém, do mundo, mas das pessoas. Parecia-lhe que num mundo vazio de gente até dava para viver.

No terceiro dia de sua viagem, entrou no campo gravitacional olfativo de Orléans. Bem antes que qualquer sinal visível indicasse a proximidade da cidade, Grenouille percebeu o conglomerado humano no ar e, contra a sua intenção original, decidiu evitar Orléans. Não queria deixar que a recém-obtida liberdade de respiração lhe fosse tão cedo estragada pelo sufocante clima humano. Descreveu um grande arco em torno da cidade, perto de Châteauneuf, deparou com o Loire e o atravessou perto de Sully. Até lá bastou a sua língua. Comprou uma outra e, deixando o curso do rio, dirigiu-se então para o interior.

Agora evitava não apenas as cidades, mas também as aldeias. Estava como que embriagado pelo ar cada vez mais puro, cada vez mais distanciado de seres humanos. Só para conseguir novas provisões é que ele se aproximava de uma colônia ou de um sítio isolado, comprava pão e desaparecia de novo nas matas. Passadas algumas semanas, tornaram-se demasiados para ele os encontros com uns poucos viajantes nos caminhos mais inusitados, e não conseguia mais suportar o cheiro dos camponeses que avistava aqui e ali, cheirando o primeiro capim dos campos. Com medo, desviava-se de cada rebanho de ovelhas, não por causa das ovelhas, mas para escapar ao cheiro do pastor. Saía do caminho nos campos, tomava desvios de vários quilômetros ao cheirar que um esquadrão de cavaleiros, ainda horas distante, encaminhava-se em sua direção. Não porque, como outros jovens artesãos e vagabundos, temesse vir a ser controlado, temesse ter os papéis examinados e, possivelmente, fosse obrigado a prestar o serviço militar — ele nem sequer sabia que estava havendo uma guerra —, mas porque se enojava do cheiro humano dos cavaleiros.

E assim ocorreu que aos poucos foi-se apagando, sem qualquer resolução especial, o seu plano de ir pelo caminho mais rápido para Grasse; o plano como que se dissolveu no ar livre, como todos os outros planos e propósitos. Grenouille não queria mais ir para um lugar determinado, só queria ir embora, para longe das pessoas.

Por fim só caminhava à noite. Durante o dia se escondia na vegetação rasteira, dormia debaixo de arbustos, na mata, em lugares inacessíveis ao máximo, enrodilhado como um animal, o cobertor marrom, cor de terra, puxado por cima do corpo e da cabeça, o nariz enfiado no cotovelo e voltado para a terra, para que nem mesmo o menor cheiro estranho perturbasse os seus sonhos. Acordava ao anoitecer, farejava na direção de todos os pontos cardeais, e só quando tinha cheirado com plena certeza que inclusive o último camponês havia abandonado o seu campo e também o mais ousado viajante procurara um abrigo frente à escuridão que fazia, só quando a noite com seus supostos perigos havia varrido os homens da terra é que Grenouille se arrastava para fora de seu esconderijo e continuava viagem. Não

precisava de luz para ver. Já antes, quando ainda caminhava durante o dia, com frequência mantivera durante horas os olhos cerrados, só caminhando orientado pelo nariz. Doía-lhe a imagem viva da paisagem, ofuscante, fazia-lhe mal ver com os olhos. Só a luz do luar lhe agradava.

A luz do luar não conhecia cores e só vagamente assinalava os contornos do terreno. Ela percorria o campo cinza-sujo e por uma noite estrangulava a vida. Esse mundo como que fundido em chumbo, no qual nada se mexia exceto o vento, que às vezes caía como uma sombra sobre as matas cinzentas e no qual nada vivia exceto os odores da noite, desnuda, era o único mundo que ele permitia que reinasse, pois parecia com o mundo da sua alma.

Assim ele avançou na direção sul. Mais ou menos na direção sul, pois não seguia nenhuma bússola magnética, mas apenas a bússola do seu nariz, que lhe permitia evitar cidades, aldeias, vilarejos. Durante semanas não viu ser humano. E poderia ter-se embalado na calma crença de que estava sozinho no mundo iluminado pela obscura e frígida luz do luar se a refinada bússola fosse tão precisa.

Também à noite havia gente. Mesmo nos territórios mais remotos havia seres humanos. Eles só tinham se retirado para os seus refúgios, como os ratos, e dormiam. A terra não estava limpa deles, pois mesmo no sono exalavam os seus cheiros que, através da janela aberta e das frestas de suas moradias, escapuliam para o ar livre e empestevam a natureza. Quanto mais Grenouille se acostumava com o ar puro, mais sensível ficava ao cheiro humano que, de repente, de um modo totalmente inesperado, voejava de bem perto, miserável como o fedor de um ogro, a revelar a presença de algum abrigo de pastores, uma cabana de carvoeiro ou uma caverna de ladrões. E ele fugia avante, reagindo cada vez mais sensivelmente ao cheiro do homem, que ia se tornando cada vez mais raro. Assim, o nariz conduziu-o para regiões cada vez mais remotas do país, afastando-o cada vez mais dos seres humanos e empurrando-o com ímpeto cada vez maior na direção do polo magnético da maior solidão possível.

Esse polo, ou seja, o ponto mais distante das pessoas em todo o reino, encontrava-se no maciço central de Auvergne, cerca de cinco dias de viagem ao sul de Clermont, no cume de um vulcão de dois mil metros chamado Plomb du Cantal.

A montanha consistia num enorme cone de rocha cinzenta e estava rodeada por um altiplano infinito, parco de vegetação, onde só cresciam musgo cinza e capoeira cinzenta, da qual aqui e acolá afloravam pontas marrons de rochas como dentes podres e algumas árvores carbonizadas por incêndios. Mesmo à luz do dia essa região era tão irremediavelmente antieconômica que o mais pobre pastor de ovelhas não teria conduzido até ela os seus animais. E à noite então, sob a luz pálida da lua, em seu ermo abandonado por Deus, ela não parecia mais pertencer a este mundo. Mesmo Lebrun, o muito procurado bandido de Auvergne, preferira ficar pelas Cévennes e lá deixar-se prender e esquartejar do que se esconder no Plomb du Cantal, onde por certo ninguém o teria procurado nem encontrado, mas onde ele também teria morrido de uma morte que certamente lhe teria parecido pior, a da solidão eterna. Por quilômetros e quilômetros ao redor da montanha não vivia homem algum e nenhum animal de sangue quente de porte, só morcegos, alguns insetos e víboras. Há decênios ninguém escalava aquele cume.

Grenouille alcançou a montanha numa noite de agosto de 1756. Ao amanhecer, estava no topo. Não sabia ainda que a sua viagem terminara. Pensava que só era uma etapa na busca de ares ainda mais puros e moveu-se em círculos, deixando o olhar do seu nariz percorrer o impressionante panorama do ermo vulcânico: para leste, onde jaziam os extensos altiplanos de Saint-Flour e os pantanais do rio Riou; para norte, a região de onde ele viera e onde durante dias andara por planaltos calcários; para oeste, de onde o suave vento matinal nada lhe trouxe, senão o cheiro de pedra e mato seco; para sul, por fim, onde as faldas do Plomb se estendiam por quilômetros até as sombrias gargantas da Truyère. Por toda parte, em cada direção, dominava a mesma distância em relação aos homens e, ao mesmo tempo, um passo em qualquer direção teria significado de novo maior proximidade humana. A bússola ficou girando e rodopiando. Não deu mais nenhuma orientação. Grenouille chegara à meta. Mas, ao mesmo tempo, estava aprisionado.

Quando o sol se levantou, continuava ainda parado no mesmo ponto, mantendo o nariz no ar. Com desesperado esforço, procurava farejar a direção de onde vinha a ameaça humana e a direção contrária, para onde ele teria de fugir.

Pois suspeitava ainda encontrar em qualquer direção um escondido fragmento de cheiro humano. No entanto não havia nada aí. Havia apenas paz, se assim se pode

dizer, paz olfativa. Ao seu redor dominava apenas o odor homogêneo, soprando com leve sussurro, das pedras mortas, dos líquens cinzas e das gramíneas ralas, nada mais.

Grenouille precisou de muito tempo para acreditar no que não cheirava. Não estava preparado para tanta felicidade. Sua desconfiança defendeu-se longamente contra esse entendimento. Quando o sol se ergueu, aceitou inclusive a ajuda dos olhos, procurando no horizonte o menor sinal de presença humana, o teto de uma cabana, uma fumaça, uma cerca, uma ponte, um rebanho. Colocou as mãos em concha junto às orelhas, escutando em busca do afiar de uma foice, algo como o latido de um cão ou o grito de uma criança. Durante o dia todo manteve-se sob o maior calor, no topo do Plomb du Cantal, esperando em vão pelo menor indício. Só quando o sol se pôs é que a sua desconfiança deu lugar a uma sensação cada vez maior de euforia: havia escapado! Estava completamente só! Era o único homem sobre a terra!

Um imenso júbilo irrompeu dentro dele. Assim como um náufrago, após semanas errando, saúda em êxtase a primeira ilha habitada por seres humanos, Grenouille festejava a sua chegada à montanha da solidão. Gritou de alegria.

Jogou longe mochila, cobertor, bengala, e deu pulos de alegria, lançou os braços para o alto, dançou em círculo, berrou o seu próprio nome aos quatro ventos, cerrou os punhos, sacudiu-os triunfante contra as terras distantes que se estendiam contra o sol poente, triunfante, como se tivesse tocado o próprio céu. Comportou-se como um maluco até altas horas da noite.

Gastou os dias seguintes para se ajeitar na montanha — pois estava certo de que tão cedo não abandonaria essa abençoada região. Primeiro farejou em busca de água e a encontrou numa fenda logo abaixo do topo, onde ela escorria numa película fina pela rocha. Não era muita, mas se lambesse pacientemente por uma hora, teria satisfeito a sua própria necessidade de umidade por um dia. Também encontrou alimento, ou seja, pequenas salamandras e cobras-d'água, que, após tê-las decapitado, engolia com pele e ossos. Além disso, comia líquen seco, capim e bagos de musgo. Esse regime alimentar, completamente inconcebível segundo os padrões burgueses, não o incomodou nem um pouco. Já durante as últimas semanas e meses não tinha mais se alimentado com comida preparada por gente, como pão e linguiça e queijo, mas, quando sentia fome, devorava tudo o que lhe parecesse comestível e que atravessasse em seu caminho. Era tudo menos um *gourmet*. Não se importava nada com o prazer, se prazer consistisse em algo que não fosse o puro cheiro incorpóreo. Não se importava também com comodidades e teria se satisfeito mantendo o seu acampamento sobre a pedra lisa. Mas encontrou coisa melhor.

Perto da água descobriu uma galeria natural, que, através de muitas sinuosidades estreitas, levava ao interior da montanha até que, após cerca de trinta metros, terminava num entulho. O fim da galeria era tão estreito que os ombros de Grenouille tocavam a rocha, e tão baixo que só curvado ele conseguia pôr-se de pé. Mas podia sentar e, quando se curvava, podia até mesmo deitar. Isso satisfazia plenamente a sua necessidade de conforto. Pois o local tinha imensuráveis vantagens: no fim do túnel, mesmo durante o dia, imperava a noite mais escura, era silencioso como a morte, e o ar ostentava um frescor úmido, salino. Grenouille logo cheirou que nenhum ser vivo jamais estivera nesse lugar. Sobreveio-lhe um sentimento de sacro temor ao dele tomar posse. Cuidadosamente estendeu a sua manta sobre o chão, como se recobrisse um altar, e deitou-se.

Sentia-se divinamente bem. Jazia na mais solitária montanha da França, cinquenta metros abaixo da terra, como em sua própria sepultura. Jamais se sentira tão seguro na vida — nem mesmo na barriga da sua mãe. Lá fora o mundo podia pegar fogo, aqui ele não notaria nada. Silenciosamente, começou a chorar. Não sabia a quem agradecer por tamanha felicidade. No período seguinte ele só saía ainda para o ar livre a fim de lamber a água, livrar-se rapidamente de sua urina e de seus excrementos e caçar cobras e lagartos.

À noite eles eram fáceis de apanhar, pois se escondiam debaixo de lajes ou em pequenas tocas, onde ele os percebia pelo cheiro.

Durante as primeiras semanas, subiu até o cume ainda um par de vezes para farejar o horizonte. Em breve isso se tornara, no entanto, mais um enfadonho hábito que uma necessidade, pois nem uma única vez cheirara algo ameaçador. E, assim, afinal encerrou as suas excursões, só pensando ainda em retornar tão rápido quanto possível para a gruta, após ter feito as coisas mais absolutamente necessárias para a pura e simples sobrevivência. Pois era aí, na gruta, que ele realmente vivia. Isso quer dizer que ficava sentado bem mais de vinte horas por dia em completa escuridão e completo silêncio e completa imobilidade sobre a manta de cavalo no fim da galeria rochosa, recostado contra o entulho, os ombros presos entre os rochedos, e bastava-se a si mesmo.

Sabe-se de homens que procuram a solidão: penitentes, fracassados, santos ou profetas. Retiram-se preferencialmente para desertos, onde vivem de gafanhotos e mel silvestre. Alguns vivem também em cavernas, claustros ou em ilhas remotas, ou se enfiam — algo mais espetacular — em gaiolas penduradas em varas, no ar. Fazem isso para estar mais perto de Deus. Mortificam-se com a solidão e através dela se penitenciam. Agem na crença de levarem uma vida que agrade a Deus. Ou ficam esperando durante meses ou até anos para que, na solidão, lhes advenha uma mensagem divina que, depois, querem divulgar o quanto antes entre os homens.

Nada disso adequava-se a Grenouille. Não tinha em mente nada parecido com "Deus". Não se penitenciava nem esperava qualquer inspiração do alto. Só para a sua própria e única diversão é que se retraía, só para estar mais perto de si mesmo. Banhava-se em sua própria existência, não desviado por nada mais, e achava isso maravilhoso. Jazia na gruta de rochedos como o seu próprio cadáver, como o cadáver de si mesmo, mal respirando, o coração mal batendo — e, no entanto, vivia tão intensa e desvairadamente como nenhum farrista jamais viveu no mundo.

Palco desse delírio era — como não poderia deixar de ser — o seu império interior, no qual desde o nascimento tinha enterrado os contornos de todos os cheiros com que alguma vez se houvesse deparado. Para ficar no estado de ânimo certo, invocava primeiro os mais antigos, os mais remotos: o vapor hostil, fumacento, do quarto de dormir de Madame Gaillard; o odor de couro estragado das suas mãos; a respiração de vinagre azedo do Padre Terrier; o suor histérico, quente, da ama Bussie; o fedor de cadáveres do Cimetière des Innocents; o cheiro de assassina de sua mãe.

E ele se regalava em ódio e nojo, e os seus cabelos ficavam de pé com prazerosa indignação.

Às vezes, quando esse aperitivo de abjeções ainda não o houvesse deixado suficientemente animado, permitia-se uma pequena parada odorífica em Grimal e provava do fedor dos couros crus e cheios de carne e dos caldos de curtir, ou imaginava os excrementos de seiscentos mil parisienses no calor abafado e pesado do alto verão.

E daí, de uma só vez, aflorava — era este o sentido do exercício — com força orgiástica o seu ódio reprimido.

Como uma tempestade, ele perpassava por sobre esses cheiros que haviam ousado ofender o seu augusto nariz. Como granizo em campo de centeio, caía sobre ele malhando, como um furacão deixava em pó a canalha e a afogava num enorme e purificador dilúvio de água destilada. Tão justa era a sua ira. Tão grande era a sua vingança. Ah! Que sublime instante! Grenouille, o pequeno homenzinho, tremia de excitação, o seu corpo se retorcia e contorcia de prazeroso deleite, soerguendo-se de tal modo que num momento batia com a cabeça no teto de galeria, para em seguida lentamente cair de volta e ficar deitado, redimido e profundamente satisfeito. Era, de fato, gostoso demais esse eruptivo ato de extinção de todos os cheiros detestáveis, realmente gostoso demais... Esse número quase que era o seu predileto em toda a sequência de cenas de seu teatro interior, pois transmitia a maravilhosa sensação de justo cansaço que só acompanha os feitos realmente grandes, heroicos. Agora, por um tempo, ele podia descansar em paz.

Estendia-se todo, corporeamente, tanto quanto era possível, no estreito aposento de pedra. Interiormente, no entanto, na recém-varrida esteira de sua alma, ele se esticava confortavelmente em todo o seu comprimento e dormitava e deixava que refinados aromas dançassem à volta do seu nariz: um ventinho bem temperado, como que trazido por prados primaveris; um vento morno de maio, a soprar entre as

primeiras folhas verdes da faia; uma brisa do mar, acre como amêndoas salgadas. Era final de tarde quando ele se levantava — por assim dizer final de tarde, pois naturalmente não havia tarde, ou manhã ou noitinha ou manhãzinha, não havia nenhuma luz nem escuridão alguma, não havia prados primaveris nem verdes folhas da faia... a rigor não havia sequer coisas no universo interior de Grenouille, mas apenas odores de coisas. (Por isso falar desse universo como uma paisagem é uma *façon de parler*, certamente um modo adequado e o único possível, pois a nossa linguagem não serve para descrever o mundo olfativo.) Era, portanto, final da tarde, o que quer dizer um estado e um momento na alma de Grenouille que impera no sul da Europa ao final da *siesta*, quando a paralisia do meio-dia lentamente se esvai da paisagem e a vida retida quer recomeçar.

O calor do ódio a queimar — inimigo dos aromas sublimes — havia se dissipado, o pacto demoníaco estava aniquilado. As campinas interiores estavam vazias, amaciadas no lascivo sossego do acordar, esperando que a vontade do amo e senhor sobre elas viesse imperar.

E Grenouille erguia-se — como foi dito — e sacudia o sono dos seus ossos. Levantava-se, o grande Grenouille interior, como um gigante, em toda a sua glória e grandeza, maravilhoso era poder contemplá-lo — era quase de se lastimar que ninguém o visse — olhando ao redor, orgulhoso e pleno de dignidade.

Sim! Este era o seu reino! O estranho e exótico reino de Grenouille! Por ele, pelo exótico e estranho Grenouille criado e dominado, por ele devastado quando lhe apetecia, e de novo posto de pé, por ele ampliado até o imensurável e defendido com a espada em chamas contra qualquer invasor. Aí nada valia senão a sua vontade, a vontade do grande, do maravilhoso Grenouille, o único. E depois que os horrendos fedores do passado haviam sido dissipados, queria que houvesse perfumes em seu reino. E ele andava com imensas passadas pelos largos campos a semear aromas das mais diversas espécies, esbanjando aqui, poupando ali, em plantações infinitamente extensas e pequenas ofertas especiais íntimas, jogando a semente às mancheias ou enfiando uma por uma em lugares por ele mesmo selecionados. Até as regiões mais remotas do seu reino se apressava o Grande Grenouille, o veloz jardineiro, e logo não havia mais nenhum recanto em que não tivesse lançado um grão de aroma.

E quando via que tudo estava bem e que a terra toda estava permeada pela divina semente de Grenouille, o Grande Grenouille deixava cair uma chuva de espírito de vinho, macia e constante, e por toda parte principiava a brotar e nascer, crescendo a sementeira de modo a alegrar o coração. Já ondulava abundância sobre as plantações, e nos recônditos jardins estavam as hastes cheias de seiva. As flores em botão simplesmente estouravam de seus envoltórios.

Em seguida o Grande Grenouille ordenava que cessassem as chuvas. E assim se fazia. E ele ordenava o suave sol do seu sorriso sobre a terra; em seguida, de uma só vez, abria-se a milionária ostentação das flores, de uma ponta do reino até a outra, num único tapete colorido, formado de miríades de preciosos recipientes de aroma. E o Grande Grenouille via que tudo estava bem, muito, muito bem. E do seu alento o vento soprava por sobre a terra. E as flores, tangidas, deixavam fluir seu aroma e misturavam suas miríades de aromas em um só aroma em sua homenagem, um aroma em constante mudança e, no entanto, na constante alteração um aroma ainda unitário e universal, homenagem a Ele, o Grande, o Único, o Maravilhoso Grenouille, e este, entronizado sobre uma odorífica nuvem dourada, respirava novamente, farejando esse ar, e o cheiro do sacrifício lhe era agradável. E ele condescendeu em abençoar por diversas vezes a sua criação, e recebeu as graças oferecidas com regozijo e júbilo e repetidas nuvens de odor. Entrementes havia-se tornado noite e os aromas fluíram mais longe, misturando-se ao azul da noite em notas cada vez mais fantásticas. Formava-se uma verdadeira noitada de perfume, com gigantescos fogos de artifício aromáticos a brilhar.

Mas o Grande Grenouille ficara um tanto cansado e bocejou, dizendo:

— Vejam, fiz uma grande obra e ela me agrada muito. Mas como tudo o que se tenha concluído, aperfeiçoado, começa a me aborrecer. Quero me retirar e, para concluir esse dia tão rico em trabalhos, quero permitir-me, nas câmaras do meu coração, ainda um pequeno prazer.

Assim falava o Grande Grenouille e, enquanto o povo simples dos aromas dançava e festejava, ele, sobranceiro, velejava em nuvem dourada por sobre a terra noturna da sua alma para casa, em seu coração.

Ah, como era agradável retornar ao lar! A dupla função de vingador e demiurgo era muito cansativa e, depois, deixar-se festejar durante horas pelas suas próprias criaturas tampouco era um repouso. Cansado das obrigações da criação e da representação divina, o Grande Grenouille suspirava pelas alegrias do lar.

Seu coração era um purpúreo castelo. Localizava-se num deserto rochoso, camuflado atrás de dunas, circundado por uma depressão pantanosa e por trás de sete muralhas de pedra. Só voando podia ser alcançado. Possuía mil câmaras e mil adegas e mil finos salões, entre eles um que tinha um simples canapé púrpura, sobre o qual Grenouille (que agora já não era mais o Grande Grenouille, mas o simples Grenouille ou simplesmente o querido Jean-Baptiste) costumava descansar dos esforços do dia.

Mas nas câmaras do castelo havia estantes do chão até o teto, e nelas se encontravam todos os aromas que Grenouille, ao longo da vida, havia recolhido em si. Milhões deles. E nas adegas do castelo descansavam em barris os melhores aromas de sua vida. Ao chegarem à maturação, eram engarrafados e ficavam, então, em quilométricos corredores, frescos e úmidos, ordenados segundo ano e origem, e havia tantos que uma vida não bastaria para prová-los todos.

E quando o querido Jean-Baptiste, finalmente de volta *chez soi*, no salão púrpura, deitado sobre o seu simples e doméstico sofá — tendo finalmente, por assim dizer, tirado as botas — batia palmas para convocar os serviçais, que permaneciam invisíveis, impossíveis de perceber, inaudíveis, sobretudo inodoros, completamente imaginários, portanto, ordenava-lhes que fossem às câmaras e providenciassem esse ou aquele volume da grande biblioteca dos aromas e que descessem ao porão para buscar-lhe algo para beber. Os serviçais imaginários se apressavam e, na dolorosa expectativa, o estômago de Grenouille tinha câimbras.

Sentia de repente um certo mal-estar, como um bebedor que no balcão do bar é invadido pelo medo de que, por uma razão qualquer, possa ser-lhe negado o copo pedido.

O que seria se, subitamente, as adegas e câmaras estivessem vazias, se subitamente o vinho estivesse estragado nos tonéis? Por que era deixado esperando? Por que não chegavam? Precisava logo daquilo, com urgência, estava louco por ele, morreria aí mesmo se não o recebesse.

Mas calma, Jean-Baptiste! Calma, meu caro! Já está vindo, já vão trazer o que deseja. Os serviçais já vêm voando. Em invisível bandeja trazem eles o livro dos

aromas, em invisíveis mãos enluvasadas de branco trazem as preciosas garrafas, depositam-nas com extremo cuidado e, curvando-se, desaparecem.

E deixado sozinho, finalmente (mais uma vez!) só, Jean-Baptiste apanha os odores desejados, abre a primeira garrafa, enche uma taça até a borda, leva-a aos lábios e bebe. Bebe a taça toda, de uma vez, até o fim o fresco aroma, e é delicioso! É tão bom que, de tanto prazer, os olhos do querido Jean-Baptiste ficam marejados d'água, e logo ele enche uma segunda taça desse aroma: um aroma de 1752, colhido na primavera, antes do sol nascer, sobre o Pont Royal, com o nariz apontado para oeste, de onde vinha uma brisa suave, em que se misturavam cheiro de mar, cheiro de mato e um pouco de cheiro do breu das barcas ancoradas. Era o aroma do final da primeira noite em que ele, sem a permissão de Grimal, havia passado caminhando ao léu por Paris. Era o fresco aroma do dia que se aproximava, do primeiro alvorecer que ele vivia em liberdade. Esse cheiro, então, significara a liberdade. Significara para ele uma outra vida. O cheiro daquela manhã era para Grenouille um cheiro de esperança. Guardou-o com todo o cuidado. E a cada dia dele bebia um pouco.

Depois de ter esvaziado a segunda taça, dele desapareciam todo nervosismo, dúvidas e inseguranças. Invadia-o uma maravilhosa calma. Recostava-se nos macios travesseiros do canapé, abria um livro e começava a ler suas memórias. Lia os cheiros da sua infância, da escola, das ruas e das esquinas da cidade. Os cheiros das pessoas. E um agradável tremor percorria-o todo, pois eram justamente os cheiros odiados, os que exterminavam, que aí eram invocados.

Com enojado interesse lia Grenouille no livro dos maus cheiros, e quando a repugnância superava o interesse, ele simplesmente o fechava, punha-o de lado e pegava outro.

Ao lado disso bebia ininterruptamente os aromas nobres. Depois da garrafa com o aroma da esperança, tirava a rolha de uma de 1744, que estava cheia do quente odor do lenho diante da casa de Madame Gaillard. Depois desta, bebia uma garrafa de um aroma de uma noite de verão, perpassado de perfume e carregado de flores, colhido à beira de um parque em Saint-Germain-des-Prés, *anno* 1753.

Agora estava bêbado de aromas. Os membros jaziam cada vez mais pesados nos travesseiros. O espírito ficava maravilhosamente enevoado. E mesmo assim ainda não estava no fim a orgia. É verdade que os seus olhos não podiam mais ler, o livro há muito já lhe resvalara da mão — mas ele não queria encerrar a noite sem ter esvaziado a última garrafa, a mais maravilhosa: o cheiro da jovem da Rue des Marais...

Bebe devotadamente e, para tanto, sentara-se ereto sobre o canapé, embora isso lhe fosse difícil, pois o salão púrpura oscilava ao seu redor a cada movimento.

Numa postura de escolar, os joelhos bem juntos, os pés postos um ao lado do outro, a mão esquerda colocada sobre a coxa esquerda — assim o pequeno Grenouille bebia o mais precioso perfume da adega do seu coração, taça após taça, ficando cada vez mais triste com isso. Sabia que estava bebendo demais. Sabia que não suportava tanta coisa boa.

E no entanto bebia até esvaziar a garrafa: caminhava pela escura passagem da rua até o pátio interno. Ia na direção do foco de luz. A garota estava sentada abrindo nectarinas. Ao longe estouravam os foguetes e petardos dos fogos de artifício...

Depois o copo e, como que petrificado pelo sentimentalismo e pela bebedeira, ficou ainda sentado por alguns minutos, até o último resto do gosto desaparecer da língua.

Ficava olhando de olhos arregalados à sua frente. Seu crânio estava, de repente, tão vazio quanto as garrafas. Então ele caía de lado sobre o canapé púrpura e, de um momento para o outro, afundava num sono como que narcotizado.

No mesmo momento o próprio Grenouille externo adormecia sobre a manta de cavalo. E o seu sono era tão profundo quanto o do Grenouille interior, pois os feitos hercúleos e os excessos de um esgotavam igualmente ao outro — pois eram ambos, afinal, a mesma e única pessoa.

No entanto, quando acordava, não acordava no salão púrpura do seu castelo púrpura, atrás de sete muralhas, e também não na primaveril paisagem perfumada da sua alma mas tão somente no abrigo de pedra ao final da galeria, sobre o solo duro, na escuridão. E sentia-se mal, com fome e sede, calafrios e mal-estar, como um bêbado inveterado após passar a noite toda bebendo. Saía se arrastando de quatro pela galeria.

Lá fora era uma hora qualquer do dia, em geral a noite começando ou acabando, mas mesmo à meia-noite a claridade da luz das estrelas lhe doía como agulhas cravadas nos olhos. O ar lhe parecia poeirento, a queimar os pulmões, a paisagem dura, ele se machucava nas pedras. E mesmo os cheiros mais suaves atingiam com força o seu nariz corrosivamente, desacostumado que estava ao mundo. Grenouille, o carrapato, ficara sensível como um caranguejo que tivesse abandonado a sua casca e andasse exposto e desnudo pelo mar.

Ia até o local da água, lambia a umidade da parede, durante uma, duas horas. Isso era uma tortura, o tempo não tinha mais fim, o tempo em que o mundo real lhe queimava a pele. Arrancava alguns pedaços de musgo e líquen das pedras, engolia-os, agachava-se, cagava enquanto comia — rápido, rápido, tudo tinha de ser rápido — e, como se fosse caçado, como se fosse um animalzinho de carne macia e lá no céu já andassem os urubus em círculos, ele corria de volta à sua caverna, até o fim

da galeria, onde estava estendida a manta. Ai finalmente estava seguro.

Deitava-se contra o pedregulho caído, espichava as pernas e ficava esperando. Tinha agora de manter o corpo bem quieto, bem quieto, como um tonel que, por excesso de movimento, ameaça transbordar. Pouco a pouco conseguia conter a respiração. Seu excitado coração batia mais devagar, o batimento das ondas interiores cessava lentamente.

E de súbito a solidão caía sobre o seu ânimo qual negra superfície de espelho. Ele cerrava os olhos. Abriam-se os escuros portões de seu interior, e ele entrava. Iniciava-se o espetáculo seguinte do teatro grenouilliano da alma.

Assim passava dia após dia, semana após semana, mês após mês. Assim se passaram sete anos inteiros.

Durante esse tempo, transcorria uma guerra no mundo exterior, uma guerra mundial. Combatia-se na Silésia e na Saxônia, em Hannover e na Bélgica, na Boêmia e na Pomerânia. As tropas do rei morriam em Hessen e na Vestfália, nas Ilhas Baleares, na Índia, no Mississippi e no Canadá, isso se não tivessem sucumbido ao tifo na viagem até lá. A guerra ia custando a vida de um milhão de pessoas, ao rei da França o seu reino colonial, e tanto dinheiro a todos os Estados participantes que, por fim, tiveram de, lamentando, acabar com ela.

Uma vez, nesse período, Grenouille, sem notar, quase teria congelado no inverno. Cinco dias jazia ele no salão púrpura e, quando acordou na galeria de pedra, não podia mais se mexer de tanto frio. Fechou de novo os olhos, para dormir até a morte. Mas daí sobreveio uma mudança do clima, que o aqueceu e salvou.

Houve ocasião em que a neve esteve tão alta que ele já não tinha mais força para se arrastar até os líquens. Alimentou-se de morcegos congelados de frio.

Uma vez um corvo jazia morto diante da caverna. Comeu-o. Esses foram os únicos acontecimentos exteriores de que tomou conhecimento, durante sete anos. Fora isso, vivia só em sua montanha, no reino autogerado de sua alma. E teria ficado ali até morrer (pois nada lhe faltava), se não tivesse ocorrido uma catástrofe, que o exilou da montanha e o cuspiu de volta para o mundo.

A catástrofe não foi um terremoto, não foi um incêndio da mata, não foi um deslizamento da montanha nem uma avalanche. Nem foi uma catástrofe externa, mas uma catástrofe interior e, por isso, especialmente penosa, pois bloqueou o caminho de fuga predileto de Grenouille. Ocorreu durante o sono. Ou melhor, num sonho. Melhor ainda, num sonho, no sono, no coração, em sua fantasia.

Estava ele deitado sobre o canapé no salão púrpura, dormindo. Ao seu redor estavam as garrafas vazias. Bebera enormemente, terminando com duas garrafas do aroma da jovem de cabelos ruivos. Provavelmente isso acabou sendo demais, pois o seu sono, embora aparentemente com a profundidade da morte, dessa vez não era sem sonhos, mas percorrido por fendas fantasmagóricas de sonhos. Essas fendas eram fragmentos nitidamente reconhecíveis de um cheiro. Primeiro perpassavam apenas em finas estrias sob o nariz de Grenouille, depois se tornaram mais densas, verdadeiras nuvens. Eram então como se ele estivesse parado no meio de um pântano, do qual subia a névoa. Lentamente a névoa subia cada vez mais alto. Em breve Grenouille estava completamente envolto em névoa, impregnado de névoa, e entre as nuvens de névoa já não havia mais nem um pouco de ar livre. E a névoa era, como já foi dito, um cheiro.

E Grenouille sabia que cheiro. A névoa era o seu próprio cheiro. O próprio cheiro de Grenouille era a névoa.

E o terrível era que Grenouille, embora soubesse que esse era o *seu* cheiro, não conseguia cheirá-lo. Era capaz de se afogar em si mesmo, mas não conseguia cheirar a si próprio.

Quando isso se tornou claro, ele gritou tanto, com tão terrível força, como se estivesse sendo queimado vivo. O grito destruiu as paredes do salão púrpura, os muros e muralhas do castelo, partiu do coração e passou além das covas e pantanais e desertos, percorreu a paisagem noturna da sua alma como uma tempestade de fogo, reboou de sua boca através da sinuosa galeria, para o mundo, muito além do altiplano de Saint-Flour — como se a própria montanha gritasse. E Grenouille acordou com o seu próprio grito. Ao acordar, ficou se debatendo como se tivesse de afugentar a invisível névoa que queria sufocá-lo. Estava mortalmente assustado, tremia-lhe o corpo todo de pura angústia imortal. Se o grito não tivesse rasgado a névoa, ele teria se afogado em si mesmo — atroz morte. Arrepiava-se só de pensar. Ali sentado, ainda tremendo, tentando organizar seus pensamentos confusos e angustiados, de uma coisa já sabia com toda certeza: mudaria a sua vida, ainda que fosse apenas por não querer sonhar de novo um sonho tão terrível. Não sobreviveria.

Jogou a manta de cavalo sobre os ombros e se arrastou para o ar livre. Lá fora a manhã era recente, uma manhã de fim de fevereiro. O sol brilhava. A terra recendia a pedra úmida, a musgo e água. Já havia no vento um leve aroma de anêmonas. Agachou-se diante da caverna. A luz do sol o aqueceu. Inspirou o ar fresco. Ainda ficava todo arrepiado ao relembrar a névoa de que havia escapado; e se arrepiou de tanto bem-estar ao sentir o calor às costas.

Até que era bom que esse mundo externo ainda existisse, mesmo que fosse apenas como um ponto de fuga! Impossível pensar o horror que seria se, à saída do túnel, não tivesse mais encontrado mundo algum! Nenhuma luz, nenhum cheiro, nada de nada — só a névoa horrenda, dentro, fora, por toda parte...

Pouco a pouco o choque passou. Pouco a pouco afrouxou-se a garra da angústia, e Grenouille começou a sentir-se mais seguro. Por volta do meio-dia, recuperara o sangue frio. Colocou o médio e o indicador da mão esquerda sob o nariz, respirando por entre o dorso dos dedos. Cheirou o úmido vento primaveril temperado por anêmonas. Dos seus dedos não cheirou nada. Virou a mão para o outro lado e farejou a palma. Sentiu o calor da mão, mas não cheirou nada. Arregaçou então as puídas mangas da camisa, enterrou o nariz na dobra do cotovelo. Sabia que este era o lugar em que todos os homens se cheiram. Ele, no entanto, nada cheirou. Também não cheirou nada na axila, nos pés, nem no sexo, em cuja direção se curvou tanto quanto possível. Era grotesco: ele, Grenouille, capaz de farejar qualquer outro ser humano a milhas de distância, não era capaz de cheirar o seu próprio sexo, a menos de um palmo!

Apesar disso, não entrou em pânico, mas, meditando friamente, disse para si mesmo: — Não é que eu não cheire, pois tudo tem cheiro. Não sinto o meu cheiro porque desde que nasci, dia após dia, eu me cheirei e, por isso, o meu nariz está insensível ao meu próprio cheiro. Se eu pudesse separar de mim o meu cheiro, ao menos parte dele, e, depois de algum tempo de me desacostumar, voltar a ele, seria capaz de senti-lo — e, portanto, cheirar perfeitamente a mim mesmo.

Colocou no chão a manta de cavalo e tirou as roupas, ou o que delas havia restado, frangalhos, farrapos. Durante sete anos não os havia tirado do corpo. Deviam estar completamente impregnados de seu cheiro. Amontoou-os em frente à caverna e afastou-se. Em seguida subiu, pela primeira vez em sete anos, até o topo da montanha. Lá colocou-se no mesmo lugar em que naquela ocasião, ao chegar, estivera, apontou o nariz para oeste e deixou que o vento soprasse em seu corpo desnudo. Sua intenção era arejar-se completamente, encher-se tanto de vento oeste — ou seja, com o cheiro do mar e dos prados úmidos — que esse cheiro superasse o do seu próprio corpo e, com isso, pudesse estabelecer-se uma cascata aromática entre ele, Grenouille, e as suas roupas que, então, ele poderia perceber com nitidez.

E para receber no nariz o mínimo possível do próprio cheiro, curvou-se para a frente da cintura para cima, espichou o pescoço tanto quanto possível contra o vento e estendeu os braços para trás. Parecia um nadador prestes a mergulhar.

Manteve-se nessa posição extremamente ridícula por várias horas, com o que a sua pele branca, desacostumada ao sol, ficou vermelha como uma lagosta, apesar do sol ainda fraco. Ao anoitecer, voltou para a caverna. Ainda ao longe viu o montinho de roupas. Nos últimos metros manteve o nariz fechado e só abriu ao tê-lo bem junto aos trapos. Fez a prova do faro como aprendera com Baldini, inspirou o ar e depois deixou-o sair de novo em etapas. Para captar o cheiro, formou com as duas mãos uma campânula, um sino, por cima das roupas, onde enfiou o nariz como um badalo. Fez de tudo para conseguir captar das roupas o seu próprio cheiro. Mas o cheiro não estava ali. Decididamente não estava ali. Havia ali milhares de outros cheiros: de pedra, líquido, resina, sangue de corvo — até o cheiro da linguiça que, anos antes, havia comprado perto de Sully ainda era nitidamente reconhecível. As roupas continham um diário olfatório dos últimos sete, oito anos. Só o seu próprio cheiro, o cheiro daquele que as havia ininterruptamente vestido nesse período, é que elas não continham.

Teve um certo medo. O sol havia se posto. Grenouille estava nu à entrada da caverna, no escuro fundo da qual vivera ao longo de sete anos. O vento frio soprava frigidamente, e Grenouille estava enregelado, mas não percebia que sentia frio, pois dentro dele havia o contrário do frio, medo. Não era medo igual ao que sentira no sonho, aquele terrível medo de sufocar em si mesmo e que tinha de ser eliminado a qualquer preço e do qual ele queria escapar.

O que agora sentia era o medo de não saber ao certo sobre si mesmo. Era o contrário do outro. Não podia escapar a ele, mas tinha de enfrentá-lo, ir ao seu encontro. Precisava saber — ainda que fosse terrível o conhecimento —, e saber de modo indubitável, se tinha ou não cheiro. E isso logo, agora. Imediatamente.

Voltou para a caverna. A alguns metros da entrada já estava envolto em total escuridão, mas conseguia localizar-se como sob a luz mais clara. Milhares de vezes havia percorrido esse caminho, conhecia cada passo e cada curva, era capaz de cheirar cada pedaço de rocha pendente e cada pedrinha saindo do solo ou das paredes. Achar o caminho não era difícil. Difícil era lutar contra a lembrança do sonho claustrofóbico, que nele produzia ondas tanto mais altas quanto mais ele avançava. Isto é, lutava contra o medo de não saber, contra o medo diante do conhecimento, e isso ele conseguiu porque sabia que não tinha escolha. Ao chegar ao fundo da caverna, onde começava o entulho de pedras, ambos os medos desapareceram. Sentiu-se tranquilo, a cabeça lúcida, o nariz afiado como um bisturi. Agachou-se, tampou os olhos e cheirou. Nesse lugar, nesse túmulo de pedra longe

do mundo, vivera deitado por sete anos. Se em algum lugar no mundo, era aí que devia estar o seu cheiro. Respirou lentamente. Analisou com cuidado. Deu-se tempo para julgar. Passou um quarto de hora agachado.

Tinha infalível memória e sabia exatamente como havia cheirado esse lugar sete anos antes: um cheiro de pedra e de úmido frio, um cheiro salino, tão limpo que nenhum ser vivo, pessoa ou animal, podia alguma vez ter estado aí...

Mas exatamente assim é que cheirava agora.

Ficou agachado ainda algum tempo, quieto, só balançando levemente a cabeça, para a frente e para trás. Depois deu meia-volta, primeiro curvado e, quando a altura da galeria o permitiu, em posição ereta, saiu para o ar livre.

Lá fora vestiu os seus trapos (os sapatos já haviam apodrecido há anos), colocou a manta sobre os ombros e, nessa mesma noite, abandonou o Plomb du Cantal na direção sul.

Estava com uma aparência horrível. Os cabelos iam-lhe até os joelhos, a barba rala até o umbigo. As unhas pareciam garras e, nos braços e nas pernas, onde os trapos não chegavam mais a cobrir o corpo, a pele caía-lhe em pedaços.

As primeiras pessoas que encontrou, camponeses num campo perto da cidade de Pierrefort, saíram correndo, gritando quando o viram. Na cidade, no entanto, causou sensação. As pessoas se juntavam às centenas para olhá-lo, boquiabertas. Várias acharam que era um preso fugido das galés. Várias disseram que não era bem um ser humano, mas um cruzamento de gente com urso, uma espécie de bicho do mato. Um, que já estivera no mar, afirmava que parecia um índio de uma tribo de Caiena, que vivia do outro lado do grande oceano. Grenouille foi conduzido ao prefeito. E, para espanto de todos, apresentou a sua carta de artesão, pôs-se a falar e contou com palavras gaguejantes — eram as primeiras que proferia após um intervalo de sete anos —, mas bem inteligíveis, que em suas andanças havia sido assaltado por ladrões, aprisionado e, por sete longos anos, mantido preso numa caverna. Durante esse tempo não enxergara a luz do sol nem seres humanos, tendo sido alimentado por um balaio descido na escuridão e, por fim, libertado mediante uma escada, sem saber por que e sem ter visto uma única vez o seu sequestrador ou salvador. Inventara essa história, que lhe parecia mais crível do que a verdade, e tais sequestros não eram raros nas montanhas de Auvergne, Languedoc e Cévennes. De qualquer modo, o prefeito registrou o caso sem objeções e fez um relatório sobre o incidente para o Marquês de la Taillade-Espinasse, senhor da cidade e membro do parlamento em Toulouse.

Há mais de quarenta anos o marquês dera as costas à vida da corte de Versailles, retirando-se para as suas propriedades e vivendo para a ciência. De sua pena provinha uma importante obra sobre a economia nacional dinâmica, em que propunha a eliminação de todos os impostos sobre a terra e produtos agrícolas, bem como a introdução de um imposto de renda inversamente progressivo, que atingisse mais duramente os mais pobres, obrigando-os assim a um mais pleno desenvolvimento de suas atividades econômicas.

Incentivado pelo êxito desse livrinho, redigiu um tratado sobre a educação de meninos e meninas entre os cinco e os dez anos de idade, voltou-se em seguida para a agricultura experimental, tentando criar um ser que fosse produto de um cruzamento animal-vegetal, para produção do leite, pela transposição de sêmen de touro sobre diferentes espécies de gramínea: uma espécie de flor-mamal. Depois de alguns êxitos iniciais, que até o habilitaram a produzir um queijo feito do leite da

gramínea e que foi descrito pela Academia de Ciências de Lyon como tendo "gosto de leite de cabra, embora um pouco mais amargo", teve de encerrar as experiências devido ao enorme custo do sêmen de touro espargido aos hectolitros pelos campos. Mesmo assim, essa preocupação com problemas agrobiológicos despertara o seu interesse não só pela propriedade da terra, mas pela terra em geral, e em suas relações com a biosfera.

Mal havia ele concluído os seus trabalhos relativos à flor produtora de leite, lançou-se com grande entusiasmo de pesquisador a um ensaio sobre as relações entre proximidade da terra e força vital. Sua tese era de que a vida só poderia desenvolver-se a uma certa distância da terra, já que a própria terra fazia fluir constantemente um gás destrutivo, um assim chamado *fluidum letale*, que paralisaria as forças vitais e que, a médio ou longo prazo, acabaria levando inexoravelmente à morte. Por isso é que todos os seres vivos almejavam afastar-se da terra através do crescimento; cresceriam portanto para longe dela e não, digamos, para dentro dela; por isso, carregavam as suas partes mais preciosas na direção do céu: o cereal, as espigas; a flor, seus botões; o homem, a cabeça; e por isso, quando a idade os curvava de novo na direção da terra, também acabavam inevitavelmente sucumbindo ao gás letal, no qual eles mesmos, após a sua morte, finalmente se metamorfoseariam através do processo de decomposição.

Quando o Marquês de la Taillade-Espinasse ficou sabendo que se havia encontrado em Pierrefort um indivíduo que teria estado preso durante sete anos dentro de uma caverna — portanto completamente circundado pelo elemento putrefaciente "terra" —, ficou fora de si de encantamento e ordenou que Grenouille fosse logo trazido ao seu laboratório, onde o submeteu a um pormenorizado exame. De modo mais que evidente viu a sua teoria confirmada: o *fluidum letale* já havia atacado Grenouille de tal modo que o seu corpo de vinte e cinco anos apresentava nítidos fenômenos de decadência senil. Só o fato de que, durante o seu aprisionamento, Grenouille tivesse sido alimentado com plantas distantes da terra, possivelmente pão e frutas — explicava Taillade-Espinasse — é que teria impedido a sua morte. Agora, o antigo estado de saúde só podia ser restabelecido através de uma radical eliminação do fluido mediante um aparelho de ventilação de ar vital por ele inventado. Um deles estava instalado no celeiro do seu palácio de Montpellier e, caso Grenouille quisesse colocar-se à sua disposição como objeto de uma experiência científica, ele queria não só livrá-lo de sua desesperadora infestação de gás telúrico, mas também passar-lhe ainda uma bela soma em dinheiro...

Duas horas depois estavam sentados no coche. Embora as estradas estivessem em estado miserável, conseguiram em menos de dois dias fazer os cento e três quilômetros até Montpellier, pois apesar de sua idade avançada o marquês não

deixava de chicotear pessoalmente cocheiro e cavalos, auxiliando com as próprias mãos nos vários casos de quebras dos varais e das molas, tão entusiasmado estava ele com o seu achado, tão ansioso por apresentá-lo o mais depressa possível a um público acadêmico. Grenouille, no entanto, não pôde abandonar nem uma só vez o coche. Tinha de ficar lá dentro sentado em seus farrapos, completamente envolto em um cobertor impregnado de terra úmida e barro. Para comer recebeu, durante a viagem, raízes cruas. Desse modo o marquês esperava conservar ainda por algum tempo o envenenamento pelo fluido da terra num estado ideal.

Chegando a Montpellier, mandou que Grenouille fosse imediatamente levado ao porão do seu palácio, enviou convites a todos os membros da faculdade de medicina, da associação botânica, da escola de agronomia, da união químico-física, da loja maçônica e das demais associações acadêmicas, das quais a cidade possuía mais de uma dúzia.

E alguns dias mais tarde — exatamente uma semana após ter abandonado a solidão da montanha —, Grenouille se encontrava sobre um pódio, na aula magna da Universidade de Montpellier, apresentado a uma multidão de centenas de pessoas como a sensação científica do ano.

Em sua conferência, Taillade-Espinasse qualificou-o de prova viva quanto à correção da teoria do fluido telúrico letal. Enquanto ia lhe arrancando os trapos do corpo, explicava o assolador efeito que o gás putrefaciente exercera sobre o corpo de Grenouille: aí se viam pústulas e cicatrizes, provocadas pela corrosão do gás; ali, no peito, um enorme carcinoma, vermelho, provocado pelo gás; por toda parte, a decomposição da pele; e até um nítido aleijamento do líquido do esqueleto, que aflorava visivelmente no aleijão do pé e na corcova. Também os órgãos interiores, baço, fígado, pulmões, trato digestivo, estariam fortemente prejudicados pelo gás, como a análise de uma amostra das fezes, que se encontrava à disposição de todos numa bacia aos pés do demonstrador, demonstrava isso de modo indubitável. Em síntese, poder-se-ia dizer, portanto, que a inibição das forças vitais em decorrência de sete anos de infestação através do *fluidum letale* Taillade já teria avançado tanto que o objeto de demonstração — cuja aparência externa apresentava, aliás, significativamente traços de toupeira — precisaria ser qualificado como um ente mais próximo da morte do que da vida. Mesmo assim, o conferencista se comprometia a restabelecer esse ente condenado à morte no prazo de oito dias, por meio de uma terapia de ventilação combinada com dieta vital, a ponto de os sinais de uma completa recuperação saltarem aos olhos de todo mundo, convidando os presentes a se convencerem, dentro do prazo de uma semana, quanto ao êxito desse prognóstico, fato que, então, certamente teria de ser encarado como uma prova válida da exatidão da teoria do fluido telúrico letal.

A conferência foi um enorme sucesso. O público de doutos aplaudiu com entusiasmo o palestrante e, em seguida, desfilou à beira do pódio sobre o qual Grenouille estava parado. Em seu conservado desleixo, e com as suas antigas cicatrizes e aleijões, ele tinha de fato uma aparência tão horrível que qualquer um o consideraria semimorto e irremediavelmente desenganado, embora ele próprio se sentisse saudável e forte. Alguns dos cavalheiros deram-lhe pancadinhas profissionais, mediram-no, espiaram-lhe a boca e os olhos. Alguns dirigiram-lhe a palavra, informando-se sobre a sua vida na caverna e sobre o seu atual paradeiro.

Ele se ateve, no entanto, rigorosamente a uma advertência que antes lhe fora feita pelo marquês e só respondia às perguntas com um ronco sufocado, fazendo ao mesmo tempo com as duas mãos gestos desesperados na direção da sua laringe para, com isso, significar que também esta já estava carcomida pelo *fluidum letale Taillade*.

Ao término do evento, Taillade-Espinasse empacotou-o novamente e transportou-o para casa, para o celeiro do seu palácio. Lá ele o encerrou, na companhia de alguns seletos doutores da faculdade de medicina, no aparelho de ventilação de ar vital, um tabique de tábuas de pinho bem encaixadas que, por meio de uma chaminé de captação que subia acima do telhado, era ventilado por ar das alturas, livre de gás letal, e que, por meio de uma ventilação formada por uma portinhola de couro, podia novamente escapar. Essa aparelhagem era mantida em funcionamento através de todo um batalhão de serviçais, que dia e noite providenciava para que os ventiladores inseridos na chaminé não parassem. E enquanto Grenouille estava assim envolto por uma permanente corrente de ar purificador, de hora em hora eram-lhe oferecidas, através de uma portinhola encaixada ao lado, com parede dupla para represar o ar, comidas oriundas de longe do solo: sopa de pomba, pastéis de cotovia, guisado de pato selvagem, frutas em calda, pão feito de variedades de trigo especialmente altas, vinho dos Pireneus, leite de cabra-montesa e creme de clara de ovos de galinhas criadas nos telhados de Paris.

Cinco dias durou essa cura desinfetante e revitalizadora. Depois o marquês mandou parar os ventiladores e transportou Grenouille para um banheiro, onde ele ficou durante horas, de molho em água de chuva bem morna e, por fim, foi lavado dos pés à cabeça com sabão de óleo de nozes da cidade andina de Potosí. Apararam-lhe as unhas dos dedos das mãos e dos pés, limparam-lhe os dentes com talco dos Dolomitas transformado em fina pasta, barbearam-no, cortaram e pentearam o seu cabelo, puseram-lhe talco e uma peruca. Foram chamados um alfaiate, um sapateiro, e Grenouille ganhou uma camisa de seda, com franzido branco e pregas brancas nas botoeiras, meias de seda, jaquetão, calças e colete de

veludo azul e belos sapatos de fivela feitos de couro negro, sendo que o pé direito disfarçava com jeito o pé aleijado. Com suas próprias mãos, o marquês colocou pó e creme brancos no rosto cheio de cicatrizes de Grenouille, passou-lhe carmesim nos lábios e nas maçãs do rosto e, com o auxílio de um macio lápis de carvão de tília, deu às sobrancelhas uma curvatura realmente nobre. Daí espargiu-o com o seu perfume pessoal, um perfume bastante simples de violetas, deu alguns passos para trás e demorou bastante tempo para dar palavras ao seu espanto.

— *Monsieur* — começou ele por fim —, estou entusiasmado comigo mesmo. Estou espantado com a minha genialidade. É verdade que nunca duvidei da correção da minha teoria fluidal; encontrá-la, porém, tão maravilhosamente confirmada na terapia prática deixa-me comovido, e espantado. O senhor era um bicho, e eu o fiz um ser humano. Um feito plenamente divino. Permita-me estar comovido! Coloque-se à frente daquele espelho e dê uma olhada em si mesmo! Pela primeira vez em sua vida o senhor há de reconhecer que é um ser humano; não um ser humano especial, fora do comum, notável, mas de qualquer modo bem passável. Vá, *monsieur*! Olhe-se e admire o milagre que eu realizei!

Era a primeira vez que alguém tratava Grenouille de *monsieur*!

Ele foi até o espelho e deu uma olhada. Até essa data ele também nunca se olhara em um espelho. Viu um cavalheiro em fina roupagem azul, com uma camisa e meias de seda, e, instintivamente, curvou-se, como sempre se curvava diante de cavalheiros tão finos. Mas o fino cavalheiro também se curvou e, quando Grenouille ficou novamente ereto, o fino cavalheiro fez o mesmo, e daí ambos ficaram parados, olhando-se fixamente.

O que mais espantava Grenouille era o fato de ter uma aparência tão incrivelmente normal. O marquês estava certo: não tinha uma aparência especial, não tinha uma boa aparência, mas também não era especialmente detestável.

Acabara sendo um pouco baixo, a sua postura era um tanto desajeitada, o rosto algo inexpressivo, em suma, tinha a aparência de milhares de outras pessoas. Se agora descesse para a rua, ninguém haveria de se virar para olhá-lo. Nem mesmo a ele próprio chamaria a atenção. Salvo que se fosse cheirá-lo, excetuando-se o perfume de violetas, esse alguém tinha tão pouco cheiro quanto o cavalheiro no espelho e o próprio sujeito que estava à sua frente.

E, no entanto, dez dias antes, camponeses haviam saído correndo aos berros ao avistá-lo. Naquela ocasião não se sentira diferente de agora, e, quando fechava os olhos, não se sentia nem um pouquinho diferente de então. Inspirou o ar que subia do seu corpo e cheirou o mau perfume, o veludo e o couro recém-colado dos seus sapatos; cheirou o tecido de seda, o pó, o creme, o fraco aroma do sabonete vindo de Potosí. E subitamente compreendeu que não tinham sido a sopa de pomba e nem a

ventilação milagrosa que haviam feito dele um ser humano normal, mas tão somente o par de peças de roupa, o corte do cabelo e um pouco de cosmético.

Abriu os olhos pestanejando e viu como *monsieur* no espelho pestanejava com ele e como um pequeno sorriso percorria o contorno dos lábios rubros de carmesim, exatamente como se quisesse assinalar que não o achava completamente antipático. E Grenouille também achou que o *monsieur* no espelho, essa figura disfarçada de gente, mascarada, sem cheiro, não deixava de ter um certo quê; ao menos lhe pareceu que era como se ela pudesse — bastando apenas que se aperfeiçoasse a sua máscara — produzir certo efeito no mundo externo, como ele, Grenouille, jamais teria creditado a si mesmo. Curvou-se em saudação diante da figura e percebeu que, enquanto de novo se curvava, ela inflava as narinas farejando...

No dia seguinte, o marquês estava lhe ensinando as poses, os gestos e passos de dança mais necessários para o *début* social que vinha pela frente quando Grenouille fingiu um desmaio, caindo, aparentemente sem forças, sobre um divã e como que prestes a sufocar.

O marquês ficou fora de si. Chamou os serviçais aos berros, mandou que o abanassem e trouxessem ventiladores portáteis. Enquanto os serviçais se apressavam, ajoelhou-se ao lado de Grenouille, abanou-o com o seu lenço impregnado do aroma de violetas, conclamando-o, literalmente suplicando-lhe, que se levantasse, que não deixasse ir agora a sua alma com o seu último suspiro, mas que, se de algum modo isso fosse possível, esperasse até depois de amanhã. Caso contrário, a sobrevivência da teoria do fluido letal estaria extremamente ameaçada.

Grenouille virou-se e retorceu-se, tossiu, gemeu, agitou os braços contra o lenço e por fim deixou-se cair do divã de modo bem dramático, indo esconder-se no canto mais afastado da sala.

— Não este perfume! — gritava ele com as suas últimas forças. — Não este perfume! Ele me mata!

E só após Taillade-Espinasse ter jogado pela janela o lenço e posto no quarto vizinho o seu jaquetão (que também cheirava a violetas) é que Grenouille deixou acalmar o seu ataque e, com voz cada vez mais suave, contou que, como perfumista, possuía um nariz sensível, mas especialmente agora, na época da recuperação, reagia de modo extremado a certos perfumes. Que justamente o aroma da violeta, uma flor em si bem aprazível, o atingisse de modo tão forte ele só podia explicar pelo fato de que o perfume do marquês continha uma alta percentagem de extrato de raízes de violeta, que, por causa de sua origem subterrânea, agia ruinosamente sobre uma pessoa afetada pelo fluido letal. Já ontem, à primeira aplicação do perfume, havia se sentido completamente tonto e hoje, ao perceber por diversas vezes o cheiro de raiz, sentira exatamente como se fosse enfiado de volta dentro do horrendo e sufocante buraco na terra, no qual vegetara por sete anos. Sua natureza se rebelara contra isso, não havia outra explicação. Depois que lhe fora presenteada uma vida de ser humano, com o ar livre de fluidos, através da arte do senhor marquês, preferia morrer a entregar-se novamente ao odiado fluido. Ainda agora tudo nele ficava em câimbras e espasmos só de pensar em perfumes de raízes. Mas acreditava com firmeza que ficaria instantaneamente recuperado caso o marquês lhe permitisse desenvolver um perfume próprio para a eliminação completa do aroma de raiz de violeta. Para tanto, pensava num perfume especialmente leve, com um toque etéreo e

arejado, um perfume constituído principalmente de ingredientes distantes da terra, como água de amêndoas e de flor de laranjeira, eucalipto, óleo da agulha do abeto e óleo de cipreste. Só uma borrifada de um perfume desses sobre as suas roupas, só algumas gotas no pescoço e nas faces — e de uma vez por todas ele estaria imune contra uma repetição do penoso ataque que ainda há pouco o dominara...

O que nós aqui, para melhor entendimento, reproduzimos num discurso indireto e ordenado foi na realidade uma torrente de palavras de meia hora, interrompida por tosses, arquejos e faltas de ar, uma encenação que Grenouille sublinhou com tremores, gesticulações e rolar de olhos. O marquês ficou profundamente impressionado. Mais do que a sintomatologia do sofrimento, convenceu-o a sutil argumentação do seu protegido, apresentada totalmente a favor da teoria do fluido letal. Naturalmente, o perfume de violetas! Um detestável produto próximo à terra, sim, até mesmo subterrâneo! Provavelmente ele mesmo, que o usava há anos, já estava infectado. Não tivera nenhuma noção de que, dia após dia, trouxera, através desse perfume, a morte para mais perto de si. A artrite, a pressão na nuca, a flacidez do seu membro, as hemorroidas, o problema no ouvido, os dentes podres — isso tudo provinha, sem dúvida, do fedor dessa raiz da violeta impregnada pelo fluido.

E esse idiotazinho, esse montinho de merda ali no canto da sala, é que o fizera entender isso. Estava comovido. De preferência teria ido até ele, levantado-o e o apertado ao encontro do seu esclarecido coração. Mas temia estar ainda cheirando a violetas e, assim, chamou várias vezes os serviçais, ordenando que fosse afastado da casa todo perfume de violetas, ventilado todo o palácio, desinfetadas as suas roupas no ventilador de ar vital e que Grenouille fosse imediatamente levado em sua liteira ao melhor perfumista da cidade. E justamente isso era o que Grenouille procurara com o seu ataque.

A perfumaria tinha antiga tradição em Montpellier e, embora nos últimos tempos tivesse decaído um tanto se comparada com a concorrente cidade de Grasse, ainda viviam na cidade, no entanto, diversos bons mestres em perfumaria e luvaria. O mais respeitado entre eles, um certo Runel, em vista das suas relações comerciais com a casa do Marquês de la Taillade-Espinasse, da qual era fornecedor de sabonetes, óleos e substâncias aromáticas, estava disposto a dar esse passo pouco habitual, de sair do seu ateliê por uma hora em favor do estranho auxiliar de perfumista, oriundo de Paris e trazido em liteira. Este não permitiu que nada lhe fosse explicado, não queria saber onde poderia encontrar as coisas, assegurou que já conhecia isso, encontraria tudo; trancafiou-se no laboratório e lá ficou bem uma hora, enquanto Runel ia para uma taberna com o mordomo do marquês beber uns copos de vinho, sendo lá informado sobre por que não se deveria mais cheirar a sua água de violetas.

O laboratório e a loja de Runel não eram nem de longe tão bem providos quanto a perfumaria de Baldini em Paris. Com os poucos óleos de flores, águas e especiarias ali existentes, um perfumista médio não teria podido avançar muito. Grenouille, no entanto, à primeira cheirada, reconheceu que os materiais disponíveis bastavam plenamente para os seus objetivos. Não queria criar um grande perfume; não queria misturar uma aguinha de prestígio como naquela ocasião para Baldini, uma dessas que se destaque do mar da mediocridade e que atinja as pessoas. Nem sequer um simples aromazinho de flor de laranjeira, como prometera ao marquês, era a sua verdadeira meta. As essências correntes de óleo de nerol, eucalipto e ciprestes só deveriam escamotear o verdadeiro odor que ele se propusera produzir: este era, no entanto, o aroma do humano. Ele queria apropriar-se, e mesmo que por enquanto fosse apenas um mau subproduto, do cheiro de gente, cheiro que ele mesmo não tinha. É verdade que não existe o *cheiro de gente*, assim como tampouco existe o *semblante humano*. Cada ser humano cheira de um modo, ninguém sabia disso melhor que Grenouille, que conhecia milhares e milhares de cheiros individuais e era capaz de distinguir pelo faro pessoas desde o nascimento. E no entanto havia um aroma humano essencial, aliás bastante simples: um tema básico, sudorento e gorduroso, de queijo azedo, um tema em si bastante nojento, que impregnava igualmente todos os homens e por sobre o qual flutuavam, mais refinadas e isoladas, as nuvenzinhas de uma aura individual.

Mas essa aura, complicada, inconfundível, do cheiro *pessoal* não era, de qualquer modo, perceptível para a maioria das pessoas. A maioria das pessoas nem sequer sabia que a possuía e, além disso, fazia de tudo para escondê-la sob as roupas e os perfumes artificiais da moda. Só conheciam aquele odor básico, aquela primitiva odoração humana, só viviam dentro dela e só nela se sentiam salvos, e só quem soltava essa nojenta bruma generalizada é que era encarado como um semelhante.

Foi um perfume bastante estranho o que Grenouille criou naquele dia. Mais estranho não havia até então existido na face da Terra. Não cheirava como um odor, mas como *um homem que cheira*. Caso se tivesse cheirado esse perfume num recinto escuro, ter-se-ia acreditado que aí havia uma segunda pessoa. E se uma pessoa, tendo ela mesma o cheiro de pessoa, o tivesse utilizado, então ela nos teria aparecido, em termos de cheiro, como duas pessoas, ou, pior ainda, como um monstruoso ente duplo, como uma figura que não se pode mais fixar univocamente pois se apresenta evanescente e pouco nítida, como uma imagem no fundo do mar, sobre a qual as ondas tremulam.

Para imitar esse odor humano — bastante insuficiente, como ele mesmo sabia, mas suficiente para enganar os outros, — Grenouille tratou de reunir ingredientes

dos mais bizarros no laboratório de Runel.

Havia ali um montinho de merda de gato atrás do umbral da porta que levava ao pátio, ainda bastante fresco. Pegou meia colherinha disso, juntando-o a algumas gotas de vinagre e sal moído no garrafão de misturar. Debaixo da mesa da oficina encontrou um pedacinho de queijo do tamanho de uma unha, provavelmente resto de uma refeição de Runel. Estava bastante velho, começava a se decompor e emanava um forte odor. Da tampa do tonel de sardinhas, nos fundos de trás da loja, raspou algo como ranço de peixe, misturou-o com ovo podre e castóreo, amoníaco, noz-moscada, raspa de chifre e toucinho chamuscado, cortado em pedacinhos. A isso acrescentou uma quantidade relativamente alta de almíscar. Misturou esses horríveis ingredientes com álcool, deixou dissolver e filtrou numa segunda garrafa. O caldo tinha um cheiro devastador. Cheirava a cloaca pútrida, e quando se misturava a sua evaporação à brisa pura do movimento do leque, era como se se estivesse num dia quente de verão na Rue aux Fers, em Paris, esquina da Rue de la Lingerie, onde se encontravam os odores das galerias, do Cimetière des Innocents e das casas superlotadas.

Por cima dessa horrenda base, que em si cheirava mais a cadáver que a gente, Grenouille acrescentou uma camada de aromas oleosos frescos: menta, lavanda, terebintina, limão, eucalipto, que foram ao mesmo tempo controlados e agradavelmente mascarados por um buquê de finos óleos de flores como gerânio, rosa, laranjeira e jasmim. Depois de mais uma dissolução em álcool e um pouco de vinagre, não havia mais nada de nojento a cheirar daquela base sobre a qual repousava toda a mistura. O fedor latente havia se perdido através dos frescos ingredientes até o imperceptível, o horrendo fora embelezado pelo aroma das flores até se tornar quase interessante e, estranhamente, do putrefato não havia mais nada para cheirar, nem mais o mínimo.

Pelo contrário, parecia emanar do perfume um odor extremamente etéreo de vida.

Grenouille encheu com isso dois frascos, que tampou e guardou no bolso. Depois lavou as garrafas, almofarizes, funis e colheres cuidadosamente com água, esfregou-os com óleo de amêndoa amarga para apagar todos os vestígios aromáticos e pegou um segundo garrafão de misturar. Nele compôs rapidamente um outro perfume, uma espécie de cópia do primeiro, que igualmente se compunha de elementos frescos e aromáticos, não contendo mais, no entanto, em sua base, aquele caldo de bruxa, mas, de um modo bastante convencional, um pouco de almíscar, âmbar, bem pouquinho de algália e óleo de cedro. Considerado em si, cheirava de um modo completamente diverso do primeiro — menos marcante, menos carregado, menos virulento —, pois lhe faltava o componente da imitação do odor humano. Pois

se uma pessoa comum o aplicasse e o conjugasse ao seu próprio cheiro, então ele não seria mais distinguível daquele que Grenouille havia produzido exclusivamente para si mesmo.

Depois de ter posto também o segundo perfume em frascos, desnudou-se e borrifou as suas roupas com o primeiro. Em seguida aspergiu-se sob a axila, entre os dedos, no sexo, no peito, no pescoço, nas orelhas e nos cabelos, pôs novamente as roupas e saiu do laboratório.

Ao chegar à rua, ficou de repente com medo, pois sabia que pela primeira vez em sua vida espalhava um cheiro humano. Ele mesmo, porém, achava que estava fedendo de um modo nojento. E não conseguia imaginar que outras pessoas não percebessem igualmente o seu odor como fedor, e não ousou ir diretamente para a liteira, onde Runel e o mordomo do marquês esperavam por ele. Pareceu-lhe menos arriscado testar a nova aura num meio anônimo.

Pelas mais estreitas e sombrias ruelas, deslizou até o rio, lá embaixo, onde os curtumes e tinturarias tinham os seus galpões e tocavam as suas fedorentas atividades. Se alguém cruzava por ele ou se passava pela entrada de uma casa onde crianças brincavam ou senhoras de idade estivessem sentadas, obrigava-se a andar mais devagar e carregar o seu odor consigo numa grande e pesada nuvem.

Desde jovem estava acostumado a que as pessoas que por ele passavam nem sequer tomassem conhecimento, não por desconsideração — como uma vez havia acreditado — mas porque não notavam a sua existência. Não havia espaço algum em torno dele, nenhum impulso de onda que ele, como as outras pessoas, emanasse na atmosfera, nenhuma sombra, por assim dizer, que ele tivesse podido projetar sobre o rosto das outras pessoas. Só quando ele subitamente dava um encontrão direto em alguém, na multidão ou em uma esquina, é que então ocorria um curto instante de percepção: e com indignação o atingido recuava, ficava olhando para Grenouille por alguns segundos, como se estivesse vendo um ser que nem sequer deveria existir, um ser que, embora inegavelmente *ali*, de algum modo não estava presente — e procurava então além e instantaneamente já se esquecia dele...

Mas agora, nas ruelas de Montpellier, Grenouille via e nitidamente sentia — e toda vez que via isso percorria-o de novo um vivo sentimento de orgulho — que ele provocava uma reação nas pessoas. Ao passar por uma mulher que se inclinava sobre a borda de um poço, notou como ela ergueu por um momento a cabeça para ver quem estava ali e depois, evidentemente tranquilizada, voltou-se de novo para o balde. Um homem, de costas para ele, voltou-se e ficou olhando um tempão, curioso. Crianças com as quais se encontrava desviavam-se — não amedrontadas, mas para dar-lhe lugar; e mesmo quando vinham correndo de viés das entradas das casas, indo diretamente ao seu encontro, elas não se assustavam, mas deslizavam, de um modo óbvio e natural, ao longo dele como se tivessem tido uma noção prévia de que ele se aproximava.

Através de vários encontros assim, aprendeu a avaliar de modo mais preciso a força e o efeito da sua nova aura, tornando-se mais seguro de si e mais atrevido. Ia

mais rápido na direção das pessoas, passava mais perto delas, até espichava mais um braço e tocava como que por acaso o braço de um transeunte. Uma vez até abalroou, aparentemente por distração, um homem pelo qual queria passar.

Ficou parado, desculpou-se, e o homem, que ainda na véspera teria se sentido chocado com a aparição súbita de Grenouille como se fosse por um raio, agiu como se nada tivesse acontecido, aceitou o pedido de desculpas, até sorriu ligeiramente e deu uma pancadinha no ombro de Grenouille.

Abandonou as ruelas e foi para a praça da catedral de Saint-Pierre. Os sinos tocavam. Nos dois lados do portal, pessoas se acotovelavam. Acabava um casamento. Todos queriam ver a noiva. Grenouille misturou-se à multidão. Empurrou, enfiou-se nela, queria ir aonde as pessoas estavam mais amontoadas, queria ficar ombro a ombro com elas, queria esfregar o seu odor diretamente no nariz delas. E abriu bem os braços no meio do aperto, afastou as pernas e abriu a gola para que o odor pudesse fluir de seu corpo sem ser perturbado. Sua alegria foi ilimitada ao reparar que os outros não notavam nada, realmente nada, que todos esses homens e mulheres e crianças comprimidos ao seu redor se deixavam enganar tão facilmente e inalavam como cheiro de seus semelhantes o seu fedor de uma mistura de merda de gato, queijo e vinagre, aceitando Grenouille, filho do demo, em seu meio como um ser humano entre seres humanos.

Nos seus joelhos sentiu uma criança, uma garotinha que aí estava entre os adultos. Ergueu-a, cheio de cuidado hipócrita, segurando-a nos braços para que pudesse ver melhor. A mãe não só tolerou isso, como até agradeceu, enquanto a criança ria de prazer.

Assim ficou Grenouille parado mais de um quarto de hora no meio da multidão, tendo uma criança alheia junto ao peito hipócrita. E enquanto o cortejo nupcial passava, acompanhado pelo retumbante ressoar dos sinos e pelo júbilo da multidão, sobre a qual jorrava uma chuva de moedas, explodiu em Grenouille um outro júbilo, um júbilo negro, maldosa sensação de triunfo, que o fez estremecer e deixou-o fora de si como um ataque de luxúria, tendo ele de se conter para não deixar isso respingar, como veneno e fel, em cima de todas essas pessoas, lançando aos berros de júbilo em seus rostos: que não tinha medo delas; quase nem as odiava mais; mas que as desprezava com todo o fervor, porque eram burras até não mais poder; porque elas se deixavam lograr e enganar por ele; porque não eram nada, e ele era tudo! E como que em escárnio, estreitou a criança ainda mais, encheu os pulmões de ar e gritou com os outros em coro: — Viva a noiva! Salve a noiva! Viva o maravilhoso casal!

Quando o cortejo nupcial se afastou e a multidão começou a se dispersar, ele devolveu a criança à mãe e entrou na igreja para se recuperar da sua excitação e

descansar.

No interior da catedral, o ar estava carregado de incenso, que em bafejos frios brotava de dois turíbulos em ambos os lados do altar e se sobrepunha como um sufocante cobertor aos cheiros mais suaves das pessoas, que até há pouco tinham estado aí sentadas. Grenouille sentou-se num banco embaixo do coro.

De súbito sobreveio-lhe um enorme contentamento. Não de embriaguez, como sentira em suas orgias solitárias na montanha, mas uma satisfação fria e sóbria, como a que é gerada pela consciência do próprio poderio. Sabia agora do que era capaz. Com recursos mínimos havia, graças ao seu gênio, imitado o odor do ser humano e, de uma tacada, logo acertara tão bem que inclusive uma criança se deixara enganar por ele. Sabia agora que era capaz de ir ainda mais longe. Sabia que podia melhorar esse odor. Ainda seria capaz de criar um odor que fosse não só humano, mas sobre-humano, um odor angélico, tão indescritivelmente bom e com tanta energia vital que quem o cheirasse ficaria enfeitiçado, ficaria sob um encantamento, tendo de amar de todo o coração a Grenouille, o portador desse fantástico aroma.

Sim, amá-lo é o que deveriam quando estivessem sob o fascínio do seu cheiro, não apenas aceitá-lo como igual, mas amá-lo até a loucura, até o sacrifício pessoal; deveriam tremer de encanto, uivar e gritar, chorar de prazer, sem saber por quê, cair de joelhos — isto é que deveriam fazer como sob o incenso frio de deus, só por chegarem a cheirá-lo! Queria ser o Deus onipotente do aroma, como o fora em suas fantasias, mas agora no mundo real e sobre pessoas reais. E ele sabia que isso estava em seu poder. Pois as pessoas podiam fechar os olhos diante da grandeza, do assustador, da beleza, e podiam tapar os ouvidos diante da melodia ou de palavras sedutoras. Mas não podiam escapar ao aroma. Pois o aroma é um irmão da respiração. Com esta, ele penetra nas pessoas, elas não podem escapar-lhe caso queiram viver. E bem para dentro delas é que vai o aroma, diretamente para o coração, distinguindo lá categoricamente entre atração e menosprezo, nojo e prazer, amor e ódio. Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas.

Calmíssimo, Grenouille ficou sentado no banco da catedral, rindo. Não era eufórico o seu estado de ânimo quando imaginou o plano de dominar pessoas. Não havia brilhos loucos em seus olhos nem uma louca máscara lhe vestiu o rosto. Não estava fora de si. Estava com o espírito tão claro e alegre que até ficou se perguntando por que queria isso. E disse para si mesmo que o queria por ser a última e absoluta maldade. E deu uma risadinha, muito satisfeita. Parecia completamente inocente, como qualquer homem que está feliz.

Por algum tempo ficou assim sentado, em devoto silêncio, observando em profundas inspirações o ar impregnado de incenso. E de novo um sorriso satisfeito perpassou-lhe o rosto: que cheiro miserável tinha esse Deus! Nem sequer um

incenso legítimo fumegava nos turíbulos. Era um mau substituto, falsificado com madeira de tília, canela em pó e salitre. Deus fedia. Deus era um pobre fedorentozinho. Estava enganado, esse Deus, ou ele mesmo era um enganador, em nada diferente de Grenouille — só que um enganador muito pior!

O Marquês de la Taillade-Espinasse estava fascinado com o novo perfume. Mesmo para ele — assim alardeava —, o descobridor do fluido letal, era espantoso verificar que espantosa influência uma coisa tão secundária e fugaz quanto um perfume podia exercer sobre o estado geral de um indivíduo, conforme tivesse a sua proveniência ligada à terra ou longe dela. Grenouille, que ainda há poucas horas aqui jazera pálido e próximo a um desmaio, tinha uma aparência tão fresca e fluorescente quanto só podia ter um homem saudável da sua idade; sim, até se podia dizer que ele — com todas as restrições a serem feitas a um homem de sua classe social e de sua formação limitada — tinha ganho algo como uma personalidade. Em todo caso, ele, Taillade-Espinasse, faria uma comunicação sobre o evento, no capítulo sobre dietética vital do seu próximo ensaio a ser publicado. Primeiro queria, porém, perfumar-se com o novo aroma.

Grenouille estendeu-lhe os dois frascos com o aroma convencional de flores e o marquês borrifou-se com isso. Mostrou-se altamente satisfeito com o efeito. Confessou que para ele era um tanto como se, após ter sido sobrecarregado anos a fio pelo horrível perfume de violetas, agora lhe crescessem asas fluorescentes; e se não se enganava, cessara tanto a horrenda dor do seu joelho quanto o zumbido do ouvido; além disso, sentia-se etéreo, tonificado e remoçado em vários anos.

Encaminhou-se na direção de Grenouille, abraçou-o e chamou-o de "meu irmão fluidal", acrescentando que não se tratava, de maneira alguma, de um modo de falar social, mas apenas puramente espiritual *in conspectu universalitatis fluidi letalis*, diante do qual — e só diante dele! — todos os seres humanos seriam iguais; inclusive planejava — e isto ele disse ao separar-se de Grenouille, e na verdade de modo muito cordato, nem um pouco repugnado, como se fosse um igual — fundar em breve um capítulo internacional, supracorporativo, cuja meta seria superar completamente o fluido letal e substituí-lo, no mais breve período, pelo puro fluido vital, sendo que desde já prometia inscrever Grenouille como seu primeiro prosélito. Daí fez com que a receita do perfume de flores lhe fosse escrita, guardou o papel num bolso e deu cinquenta luíses de ouro a Grenouille.

Pontualmente uma semana após a sua primeira conferência, o Marquês de la Taillade-Espinasse apresentou o seu protegido novamente à universidade. A afluência foi enorme. Montpellier inteira estava ali, não só a Montpellier científica, mas também e principalmente a social, inclusive muitas damas, que queriam ver o fabuloso homem das cavernas. E embora os adversários de Taillade, principalmente representantes do Círculo de Amigos dos Jardins Botânicos da Universidade e

membros da Associação pelo Desenvolvimento da Agricultura, tivessem mobilizado todos os seus simpatizantes, o evento foi um êxito fulminante. Para despertar a memória do público quanto ao estado de Grenouille uma semana antes, Taillade-Espinasse fez com que corressem desenhos que mostravam o homem das cavernas em toda a sua feiúra e degeneração. Em seguida fez com que o novo Grenouille fosse apresentado, num belo jaquetão de veludo azul e camisa de seda, empoado, maquiado e penteado; e já o seu modo de caminhar, empertigado e com passos cuidados e um elegante menear das cadeiras, o modo como galgou o pódio sem qualquer ajuda, o modo como se curvou profundamente em saudação, ora inclinando a cabeça aqui, ora ali, sorridente, fizeram com que todos os questionadores e críticos se calassem. Mesmo os Amigos dos Jardins Botânicos da Universidade calaram-se, comovidos. Era demasiada a modificação, impressionante demais o milagre que aqui se havia operado; onde há uma semana ruminara um animal degenerado, embrutecido, aí estava agora realmente um ser humano civilizado, uma bela figura. Espalhou-se um clima quase reverencial pela sala e, quando Taillade-Espinasse se ergueu para proferir a conferência, reinava perfeito silêncio.

Desenvolveu mais uma vez a sua abundantemente conhecida teoria do fluido telúrico letal, explicou então com que meios mecânicos e dietéticos ele o teria eliminado do corpo do objeto da demonstração, substituindo-o por fluido vital, conclamando por fim todos os presentes, tanto amigos quanto adversários, para que, em vista de tão poderosa evidência, cessassem as resistências contra a nova doutrina, lutando todos juntos com ele, Taillade-Espinasse, contra o fluido ruim e se abrindo ao bom fluido vital. Ao dizer isto, abriu os braços e volveu os olhos para o céu, e muitos dos doutos homens o imitaram, enquanto mulheres choravam.

Grenouille estava parado sobre o pódio e nem prestava atenção. Observava com imensa satisfação o efeito de um fluido totalmente distinto, um muito mais real: o seu próprio. De acordo com as capacidades especiais do grande auditório, ele tinha se perfumado muito, e a aura do seu aroma ia se espalhando poderosamente a partir dele. Pôde ver essa aura — de fato ele a viu até com olhos! — atingir os espectadores sentados mais à frente, expandir-se mais para trás e, por fim, alcançar as últimas fileiras e as galerias.

E quem ela atingia — o coração saltava de alegria no peito de Grenouille — se alterava visivelmente. Sob o fascínio de seu olor, mas sem terem disso consciência, as pessoas alteravam a sua expressão fisionômica, o seu comportamento, o seu sentimento. Quem no começo só o tinha encarado com mínimo espanto olhava-o agora com um olhar meigo; quem se tinha empertigado na cadeira, com a testa criticamente enrugada e os cantos da boca significativamente caídos, se inclinava agora mais solto para a frente e adquiria uma expressão infantil e solta; e mesmo no

rosto dos amedrontados, dos assustados, dos dois mais sensíveis, que só conseguiram suportar o seu espetáculo anterior com indignação, e o atual ainda com contido ceticismo, mostravam agora, quando o odor os atingia, traços de cordialidade, até de simpatia.

No fim da palestra, toda a assembleia se levantou, explodindo em frenético júbilo.

— Viva o fluido vital! Viva Taillade-Espinasse! Salve a teoria fluidal! Abaixo com a medicina ortodoxa! — assim gritava o douto povo de Montpellier, a mais importante cidade universitária do sul da França, e o Marquês de la Taillade-Espinasse teve o maior momento de sua vida.

Mas Grenouille, que já descera do pódio e se misturara à multidão, sabia que as ovações cabiam efetivamente a ele, só a ele, Jean-Baptiste Grenouille, mesmo que nenhum daqueles que se rejubilavam no salão tivesse qualquer noção disso.

Ficou ainda algumas semanas em Montpellier. Alcançara bastante fama e era convidado aos salões, onde lhe perguntavam sobre a sua vida nas cavernas e sua cura através do marquês. Tinha de contar e recontar a história dos assaltantes que o haviam sequestrado, do cesto que era baixado em sua direção e da escada. E a cada vez ele enfeitava mais a história, acrescentando novos detalhes. Assim, recuperou um certo treino da fala — é claro que bastante limitado, pois a fala nunca fora o seu forte — e, o que para ele era mais importante, uma convivência rotineira com a mentira.

No fundo, constatou que podia contar às pessoas o que quisesse. Uma vez que tivessem adquirido confiança — e elas adquiriam confiança em relação a ele à primeira inspiração do seu cheiro artificial —, elas acreditavam em tudo.

Alcançou com o tempo uma certa segurança no trato social, como jamais possuía. Ela se expressava até corporeamente. Era como se ele tivesse crescido. Sua corcova pareceu desaparecer. Andava quase completamente ereto. E quando lhe dirigiam a palavra, ele não mais se encolhia todo, mas ficava firme, ereto, enfrentando o olhar que lhe era dirigido. É claro que, nessa época, ele não se tornou um homem do mundo, um rei dos salões ou um soberano da sociedade. Mas visivelmente desaparecia nele o reprimido, o desajeitado, dando lugar a uma postura que era interpretada como modéstia natural ou, em todo caso, como uma leve timidez inata, que causou tocante impressão em várias damas — tinha-se naquela época, nos círculos mundanos, um fraco pelo natural ou por uma espécie de charme rústico.

No começo de março ele empacotou as suas coisas e foi embora, secretamente, bem cedo pela manhã, assim que os portões se abriram, vestido com um jaquetão marrom que não chamava a atenção, comprado à véspera no mercado de roupa usada, e um chapéu barato que lhe ocultava metade do rosto. Ninguém o reconheceu, ninguém o viu ou notou, pois nesse dia ele intencionalmente não usara o seu perfume. E quando por volta do meio-dia o marquês mandou dar buscas, os guardas juraram por todos os santos que tinham visto sair da cidade tudo quanto era tipo de gente, mas não o conhecido homem das cavernas, que com toda a certeza lhes teria chamado a atenção. Em vista disso, o marquês mandou espalhar que Grenouille saía de Montpellier com a sua concordância, a fim de viajar para Paris devido a questões familiares. Secretamente ele se incomodou demais com isso, pois planejava fazer com Grenouille uma turnê por todo o reino, a fim de conquistar discípulos para a sua teoria fluidal.

Passado algum tempo acalmou-se, pois a sua fama se espalhava mesmo sem a turnê, quase sem que ele nada fizesse. Apareceram longos artigos sobre *o fluidum letale* no *Journal des Savants* e até no *Courrier de l'Europe*, e de longe vinham pacientes letalmente infectados para serem curados por ele. No verão de 1764 fundou o primeiro Centro do Fluido Vital, que contava com cento e vinte membros em Montpellier, e montou filiais em Marselha e Lyon. Em seguida decidiu ousar o salto até Paris e, a partir de lá, conquistar todo o mundo civilizado para a sua doutrina. Antes porém queria ainda, para o apoio propagandístico de sua campanha, realizar um grande feito fluidal, que deixaria na sombra a cura do homem das cavernas, bem como todos os demais experimentos, fazendo-se acompanhar, no início de dezembro, por um grupo de indômitos adeptos em uma expedição para o alto do Pie du Canigou, que se situava no mesmo meridiano de Paris e era considerado a montanha mais elevada dos Pireneus. Esse homem, que estava no limiar da velhice, queria subir até o pico de dois mil e oitocentos metros de altura e lá expor-se ao mais puro, ao mais fresco ar vital para, como anunciava, descer pontualmente na noite de Natal, transformado num ardoroso rapaz de vinte anos.

Seus adeptos desistiram pouco depois de Vernet, o último sítio habitado, ao pé da terrível montanha. Ao marquês, no entanto, nada demovia. Tirando, jogando para longe de si, naquele frio de gelo, as suas roupas, e com enormes gritos de júbilo, começou a subida sozinho. O último que dele se viu foi a silhueta, que, com mãos erguidas em êxtase para o céu e cantando, desapareceu na tempestade de neve.

Na noite de Natal, em vão esperaram os mais jovens pelo retorno do Marquês de la Taillade-Espinasse. Não retornou nem como ancião nem como jovem. Mesmo na primavera do ano seguinte, quando os mais ousados foram dar uma busca e galgaram o cume ainda nevado do Pie du Canigou, nada mais dele se encontrou, nenhuma peça de roupa, nenhuma parte do corpo, nenhum ossinho.

Isso não causou, obviamente, nenhum prejuízo à sua doutrina. Ao contrário. Logo se espalhou a lenda de que ele havia se acasalado no topo da montanha com o fluido vital eterno, se dissolvido nele e o dissolvido em si, flutuando desde então invisível, mas em eterna juventude, por sobre os cumes dos Pireneus. Quem subisse até ele, com ele comungaria, ficando por um ano protegido de doenças e do processo de envelhecimento. Até décadas avançadas do século XIX, a teoria fluidal de Taillade foi defendida em diversas cátedras de escolas de medicina e aplicada terapeuticamente em muitas associações ocultistas. E ainda hoje há, de ambos os lados dos Pireneus, ou seja, em Perpignan e Figueras, secretos centros tailladistas, que se encontram uma vez por ano para escalar o Pie du Canigou.

Lá acendem uma grande fogueira, oficialmente por motivo do solstício e em

honra de São João. Na realidade, porém, para homenagear o seu mestre Taillade-Espinasse e o seu grande fluido, e para alcançar a vida eterna.

TERCEIRA PARTE

Enquanto Grenouille precisara de sete anos para a primeira etapa da sua viagem através da França, a segunda foi percorrida em menos de sete dias. Não mais evitou as estradas movimentadas nem as cidades, não fez mais desvios. Tinha um odor, tinha dinheiro, tinha autoconfiança e tinha pressa.

Já à noite daquele dia em que saiu de Montpellier, alcançou Le Grau-du-Roi, pequena cidade portuária a sudoeste de Aigues-Mortes, onde embarcou num veleiro de carga em direção a Marselha; aí procurou logo um navio que o levasse ao longo da costa, na direção leste. Dois dias mais tarde estava em Toulon, mais três dias, em Cannes. O resto do caminho ele percorreu a pé. Seguiu uma trilha que, indo para o interior, levava para o norte, subindo os morros.

Em duas horas estava na cumeeira. Diante dele, espalhava-se uma bacia de vários quilômetros de extensão, uma espécie de enorme painel paisagístico, cuja delimitação ao redor consistia em morros de suave ascensão e abruptas cadeias de montanhas e cujo extenso vale era recoberto por campos recém-cultivados, jardins e plantações de oliveiras. Havia um clima totalmente peculiar nessa bacia, estranhamente íntimo. Embora o mar estivesse tão perto que se pudesse vê-lo desde o cume dos morros, não imperava lá embaixo nada marítimo, nada salino-arenoso, nada aberto, mas um quieto distanciamento, exatamente como se se estivesse a vários dias da costa. E embora na direção norte se localizassem as grandes montanhas, nas quais ainda havia e ainda haveria neve por longo tempo, aí embaixo não havia qualquer aspereza nem escassez e nenhum vento frio.

A primavera se encontrava mais avançada do que em Montpellier. Uma suave fragrância recobria os campos como uma redoma de vidro. Pessegueiros e amendoeiras floresciam, e o vento quente espalhava as emanções dos narcisos.

No outro lado da grande bacia, talvez a três quilômetros de distância, jazia, ou melhor, grudava-se uma cidade nas encostas das montanhas. À distância, não causava uma impressão especialmente pomposa. Não havia nenhuma catedral imponente que se sobrepusesse às casas, apenas a pontinha de uma torre de igreja, nenhuma fortaleza dominadora, nenhum prédio luxuoso e marcante. As muralhas pareciam tudo, menos protetoras; aqui e ali, casas iam além dos seus limites, sobretudo descendo na direção da planície, emprestando ao flanco uma aparência bastante desolada. Era como se o lugar já tivesse sido conquistado e desalojado vezes demais, como se ele estivesse cansado de ainda contrapor séria resistência a futuros invasores — mas não por fraqueza, e sim por preguiça ou até por uma sensação de força. Parecia não ter necessidade de brilhar. Dominava a grande bacia

aromática a seus pés, e isso parecia bastar-lhe.

Este lugar ao mesmo tempo nada vistoso e consciente de sua dignidade era a cidade de Grasse, desde há alguns decênios indiscutivelmente a metrópole da produção e comercialização de substâncias aromáticas, artigos de perfumaria, sabonetes e óleos. Giuseppe Baldini sempre dizia o seu nome entre suspiros e em êxtase. Uma Roma dos perfumes é o que seria a cidade, a louvada pátria dos perfumistas, e quem não tivesse aí merecido as suas esporas não tinha o direito de dizer-se perfumista.

Grenouille olhava sem paixão para a cidade de Grasse. Não procurava nenhuma pátria dos perfumistas, e seu coração não disparara ao avistar esse ninho grudado nas encostas. Viera porque sabia que havia técnicas de obtenção de aromas que ali podiam ser aprendidas melhor do que em qualquer outro lugar. E dessas ele queria se apropriar, pois precisava delas para os seus propósitos. Puxou o frasco com o seu cheiro do bolso, espargiu-o com parcimônia e pôs-se a caminho. Uma hora e meia mais tarde, por volta do meio-dia, entrava em Grasse.

Almoçou num albergue na parte alta da cidade, na Place aux Aires. A praça era, em seu comprimento, atravessada por um riacho, no qual os curtumes lavavam as suas peles para, em seguida, estendê-las e secá-las. O cheiro era tão forte que muitos hóspedes perdiam o apetite. Grenouille, não. Esse cheiro era-lhe familiar, dava-lhe sensação de segurança. Em todas as cidades procurava primeiro o quarteirão dos curtumes. Era então como se, vindo da esfera do fedor e conhecendo a partir dela as outras regiões do lugar, não fosse mais um estranho.

Ficou a tarde toda percorrendo a cidade. Era incrivelmente suja, apesar da ou talvez exatamente por causa da muita água que jorrava de dezenas de fontes e poços, gorgolejando em riachos e regos não canalizados cidade abaixo, minando as ruelas ou cobrindo-as de lama. Em vários quarteirões as casas eram tão próximas umas das outras que para as passagens e escadinhas só restava uma braça de largura, e os transeuntes enterrados na lama e no lodo tinham de passar uns pelos outros se comprimindo contra as paredes. E mesmo nas praças e nas poucas ruas mais largas, as carroças mal podiam desviar-se umas das outras.

No entanto, apesar de toda a sujeira e aperto, a cidade pululava de atividade. Em suas andanças, Grenouille contou nada menos do que sete fábricas onde se cozinhava sabão, uma dúzia de mestres em perfumaria e luvaria, inúmeras pequenas destilarias, ateliês de pomadas e de especiarias e, por fim, cerca de sete atacadistas de aromas.

Estes eram, no entanto, negociantes que dispunham de depósitos realmente grandes de material aromático. Muitas vezes não se percebia isso olhando para as suas casas.

As fachadas voltadas tinham uma aparência burguesa e modesta. Mas o que estava depositado atrás, em prateleiras e enormes porões, em tonéis de óleo, em montes do mais fino sabonete de lavanda, em garrações de águas de flores, vinhos, álcoois, em bolas de couro aromáticas, em sacos, baús e caixotes atulhados de especiarias...

Grenouille cheirou isso em todos os detalhes através das paredes mais grossas — nem príncipes possuíam tanta riqueza ao cheirar. E mais atentamente nessa direção, para além dos escritórios e depósitos dispostos prosaicamente para a rua, descobriu então que no lado de trás dessas medíocres casas burguesas encontravam-se construções da mais luxuosa espécie. Ao redor de pequenos mas encantadores jardins, onde cresciam oleandros e palmeiras e gorgolejavam repuxos adornados com bacias d'água, expandiam-se, em geral construídas em forma de U na direção sul, as alas da moradia propriamente dita: banhadas de sol, dormitórios forrados com tapetes de seda nos andares superiores, salões luxuosos mobiliados com cadeiras exóticas ao rés do chão e salas de jantar, às vezes construídas em forma de terraço ao ar livre, nas quais, como Baldini havia contado, comia-se de fato com talheres de ouro em pratos de porcelana. Os homens que moravam atrás dessas modestas fachadas cheiravam a ouro e poder, a riqueza sólida e segura, cheirando mais a isso do que tudo o que Grenouille tivesse cheirado nesse sentido em sua viagem pela província.

Ficou parado por mais tempo em frente a um desses palácios camuflados. Era no início da Rue Droite, a rua principal, que atravessava a cidade em todo o seu comprimento, de leste a oeste. Não havia nada de extraordinário para nela ver, só era um pouco mais larga e ampla na parte frontal do que as construções vizinhas, mas de maneira alguma imponente. Diante da entrada havia uma carroça com barris que iam sendo descarregados. Uma segunda carroça esperava. Um homem no escritório, levando papéis, saiu de novo com outro homem, e ambos desapareceram no portão de entrada. Grenouille ficou parado do outro lado da rua, olhando o movimento. O que aí ocorria não o interessava. Mesmo assim ficou parado. Alguma coisa o prendia.

Fechou os olhos e concentrou-se nos cheiros que lhe vinham do prédio em frente. Estavam aí os cheiros dos barris, vinagre e vinho, depois as centenas de pesados cheiros do depósito, depois os cheiros da riqueza, que transpiravam dos muros como fino suor dourado e, por fim, os cheiros de um jardim, que devia ser do outro lado da casa. Não era fácil captar esses suaves aromas do jardim, pois eles só perpassavam em finas estrias por cima das cumeeiras da casa para descer até a estrada. Grenouille localizou magnólias, jacintos, troviscos e rododendros... mas parecia haver ainda alguma outra coisa, algo fantasticamente bom que odorava nesse

jardim, um cheiro tão extraordinário quanto ele em sua vida ainda não — ou sim, somente uma única vez — sentira ao seu nariz... Precisava chegar mais perto desse odor.

Pensou se devia simplesmente ir entrando pelo portão para a parte residencial. Mas aí estavam, nesse ínterim, tantas pessoas ocupadas com a descarga e o controle dos barris que certamente seria notado. Decidiu voltar pela rua para encontrar uma ruela ou uma passagem que talvez levasse ao longo da lateral da casa. A alguns metros alcançou o portão da cidade, no início da Rue Droite. Atravessou-o, manteve-se bem à esquerda e acompanhou o percurso da muralha da cidade morro abaixo. Não distante cheirou o jardim, primeiro fraco, ainda misturado com o vento dos campos, depois cada vez mais forte. Por fim sabia que estava bem perto dele. O jardim limitava com a muralha da cidade. Localizava-se exatamente ao lado dela. Dando alguns passos para trás, podia ver os galhos mais altos das laranjeiras espiando por cima da muralha.

Fechou novamente os olhos. Os aromas do jardim caíram sobre ele, nítidos e em contornos precisos como as estrias coloridas de um arco-íris. E aquele odor, o mais precioso, aquele que lhe importava, estava entre eles. Grenouille sentiu ardor de excitação e frio de medo. O sangue subiu-lhe ao rosto como um garoto pego em flagrante, tornou a escorrer pelo corpo, e subiu de novo, e novamente desceu, e ele não conseguia fazer nada para impedi-lo. Esse ataque aromático chegara súbito demais. Por um momento, pelo tempo de uma inspiração, por uma eternidade, pareceu-lhe que o tempo havia se duplicado ou radicalmente desaparecido, pois não mais sabia se agora era agora e se aqui era aqui, ou se, pelo contrário, talvez agora fosse outrora e aqui, lá, ou seja, a Rue des Marais, em Paris, setembro de 1753, o odor que vinha do jardim era o mesmo da jovem de cabelos ruivos que ele havia matado. Que ele tivesse de novo encontrado esse aroma no mundo marejou-lhe os olhos de felicidade — e que isso não podia ser verdade fez com que ficasse mortalmente assustado.

Sentiu vertigens, cambaleou e teve de se apoiar na muralha, e lentamente recostado nela foi se pondo de cócoras. Tendo assim controlado e acalmado o seu espírito, começou a puxar para dentro de si o odor fatal, em inspirações curtas, menos arriscadas. E constatou que era, na verdade, extremamente parecido, mas não completamente igual ao da jovem de cabelos ruivos. Por certo provinha igualmente de uma garota ruiva, não cabia nenhuma dúvida quanto a isso. Grenouille via a jovem diante de si, sua imaginação olfatória, como em uma imagem: não ficava parada, quieta, mas pulava para lá e para cá, aquecia-se e novamente esfriava; evidentemente estava jogando algum jogo, no qual precisava mover-se rapidamente e de novo ficar bem quieta — aliás, com uma segunda pessoa, de um cheiro

completamente insignificante. Possuía uma pele branca, deslumbrante, olhos esverdeados. Tinha sardas no rosto, no pescoço e nos seios... isto é — Grenouille conteve um instante a respiração, depois farejou com maior frenesi, tentando repelir a recordação olfatória da jovem da Rue des Marais — isto é, essa garota nem tinha ainda seios no verdadeiro sentido da palavra! Mal tinha as formações iniciais dos seios. Infinitamente suaves e estritamente olorosos, pontilhados de sardas, começando talvez apenas há poucos dias, talvez apenas há poucas horas... apenas, na verdade, desde este instante, a se expandirem. Tinha apenas a pequena coifa inicial dos seios. Em uma palavra: a jovem era ainda uma criança. Mas que criança!

A testa de Grenouille porejava de suor. Sabia que crianças não cheiram de modo especial; são as flores em verde botão antes de desabrocharem. Essa, porém, essa flor em botão quase ainda fechada, ali atrás da muralha, que mesmo ainda há pouco — e não ainda notada por ninguém exceto por ele, Grenouille — lançara as primeiras pontas aromáticas, tinha um cheiro tão assustadoramente divino que, quando viesse a se desenvolver em todo o seu esplendor, exalaria um perfume como jamais o mundo até então havia sentido. Já agora ele cheirava melhor, pensou Grenouille, do que a outra jovem da Rue des Marais — não com tanta força ou volume, mas de um modo bem mais fino, com mais nuances e, ao mesmo tempo, mais natural. Em um ou dois anos, no entanto, esse odor estaria maduro, passando a produzir um impacto a que nenhum ser humano, homem ou mulher, escaparia. E as pessoas ficariam dominadas, desarmadas, perdidas diante do fascínio dessa garota, e não saberiam por quê. E porque eram burras e só sabiam usar as suas ventas para ofegar, mas acreditavam poder reconhecer a tudo e a todos com os seus olhos, diriam que era porque essa mocinha possuía beleza, graça e encanto. Em sua limitação, louvariam a regularidade dos seus traços, a figura elegante, os impecáveis seios. E os seus olhos, diriam, eram como esmeraldas, os dentes como pérolas e as pernas e os braços tão suaves como o marfim — e várias outras comparações idiotas, dessa ordem. E ela seria eleita e coroada rainha do jasmim, seria retratada por pintores idiotas, o seu retrato seria contemplado por multidões boquiabertas. Diriam até que era a mais linda mulher da França.

E rapazes chorariam noites a fio ao som de bandolins, sentados ao pé da sua janela... velhos gorduchos e ricos se poriam de joelhos diante do seu pai a fim de suplicar-lhe a mão da filha... e mulheres de toda idade iriam suspirar ao vê-la e, à noite, sonhar terem, ainda que só por um dia, uma aparência tão sedutora quanto a dela. E nenhum deles saberia que não era pela aparência, na verdade, que tinha ficado seduzido, não por sua beleza externa, ainda que imaculada, mas por sua maravilhosa, incomparável fragrância! Só ele, Grenouille, é que saberia, tão somente ele. Pois já agora sabia disso.

Ah! Ele queria essa fragrância! Não daquele modo tão inútil, brutal como obtivera a fragrância da garota da Rue des Marais. Essa tinha apenas sorvido e, com isso, destruído. Não, da fragrância da jovem atrás da muralha ele realmente queria se apropriar; extraí-la como uma pele e fazer dela o seu próprio odor. Como faria isto, não sabia ainda. Mas tinha dois anos para aprender. No fundo, não devia ser mais difícil do que roubar o perfume de uma flor exótica.

Levantou-se. Quase reverente, como se abandonasse algo sagrado ou uma bela adormecida, afastou-se, humilde, calado, para que ninguém o visse, ninguém o escutasse, ninguém percebesse o seu precioso achado. Assim, deslizou ao longo da muralha até o lado oposto da cidade, onde o perfume da garota finalmente se perdeu e ele pôde entrar de novo na cidade pela Porte des Fénéants. Ficou parado à sombra das casas. O vapor úmido das ruelas deu-lhe segurança e ajudou-o a controlar a paixão que se apossara dele. Um quarto de hora depois estava de novo completamente calmo. Em primeiro lugar, pensou, não passaria mais perto daquele jardim. Não era necessário. Ficava excitado demais. Aquela flor se desenvolveria sem que ele fizesse nada, e como ela floresceria ele de qualquer modo já sabia. Não devia deixar-se embriagar por sua fragrância antes do tempo. Tinha de mergulhar no trabalho. Tinha de ampliar os seus conhecimentos e aperfeiçoar as suas habilidades artesanais, para estar pronto à época da colheita. Tinha dois anos de tempo.

Perto da Porte des Fénéants, na Rue de la Louve, Grenouille descobriu um pequeno ateliê de perfumista e perguntou se havia trabalho.

Aconteceu que o patrão, o Mestre Perfumista Honoré Arnulfi, havia falecido no inverno anterior e a sua viúva, mulher cheia de vitalidade, cabelos negros e talvez trinta anos de idade, levava os negócios adiante com o auxílio de um aprendiz.

Madame Arnulfi, depois de ter-se queixado longamente dos tempos difíceis e da sua precária situação econômica, explicou que, na verdade, não podia dar-se o luxo de mais um artesão, mas que, por outro lado, devido ao excesso de trabalho, bem que precisava urgentemente de alguém; além disso, nem sequer podia abrigar em casa um segundo auxiliar, mas, por outro lado, dispunha de uma pequena cabana em seu olival, atrás do convento dos franciscanos — a menos de dez minutos dali, no qual, em caso de necessidade, um jovem sem grandes exigências podia ficar; fora isto, como patroa conscienciosa, bem sabia de sua responsabilidade pelo bem-estar físico de seus aprendizes, mas não tinha a mínima condição de fornecer duas refeições quentes por dia. Em suma, Madame Arnulfi era, como Grenouille, aliás, já havia percebido, uma mulher muito bem de vida e com muito senso para os negócios. E como o dinheiro não era o mais importante, declarou-se satisfeito com dois francos por semana e com as demais e mesquinhas condições, rapidamente chegaram a um acordo. Foi chamado o outro auxiliar, um homem enorme de nome Druot. Grenouille logo percebeu que esse Druot estava acostumado a partilhar a cama de madame, e que ela evidentemente não tomava certas decisões sem consultá-lo. Ele colocou-se diante de Grenouille — que na presença desse gigante parecia ridiculamente minúsculo — com as pernas abertas, espalhando uma nuvem com cheiro de esperma, inspecionou-o, encarou-o firmemente, como se assim quisesse reconhecer quaisquer inconfessáveis propósitos ou um rival potencial, grunhiu por fim desdenhosamente e, com um sinal de cabeça, deu o seu consentimento.

Com isso tudo estava acertado. Grenouille recebeu um aperto de mão, um jantar frio, um cobertor e a chave da cabana, um casebre sem janelas, que cheirava agradavelmente a bosta antiga de ovelha e a feno, e onde se acomodou da melhor maneira possível. No dia seguinte, começou o seu trabalho junto a Madame Arnulfi.

Era época de narcisos. Madame Arnulfi mandava cultivar as flores em terras próprias, na parte baixa da cidade, na grande bacia, ou comprava-as aos camponeses, com os quais pechinchava violentamente cada tostão. As flores eram entregues bem cedo, jogadas aos cestos no ateliê, às dezenas de milhares, em montes aromáticos e volumosos, mas leves como penas. Druot, entretanto, fazia uma sopa cremosa de

sebo de porco e de gado num grande caldeirão, no qual, enquanto Grenouille mexia com uma pá de madeira, comprida como uma vassoura, ele jogava as mancheias de flores frescas. Como olhos mortalmente assustados, elas jaziam por um segundo à superfície e murchavam instantaneamente, já que a longa espátula as empurrava para baixo e a banha quente as recobria. E quase no mesmo instante já estavam pálidas e abatidas, sobrevivendo-lhes a morte tão rapidamente que não lhes restava nenhuma outra escolha se não entregar seu último suspiro aromático exatamente àquele meio que as sufocava. Pois — e Grenouille percebeu-o com indescritível emoção — quanto mais flores ele empurrava para o fundo do caldeirão, tanto mais a gordura ganhava aroma. E, na verdade, não eram as flores mortas que continuavam cheirando na gordura, não, era a própria gordura, que se apropriava do perfume das flores.

Com o tempo, o mingau se tornava tão espesso que eles tinham de passá-lo através de grandes peneiras para livrá-lo dos cadáveres já sugados e deixá-lo pronto para flores frescas. Depois jogavam maços de flores, mexiam e continuavam a coar, o dia todo, sem pausas, pois essa faina não tolerava delongas, até que à noitinha o monte inteiro de flores tivesse passado pelo caldeirão de gordura. Os restos — para que nada se perdesse — eram passados em água fervente e por uma prensa de rosca, torcidos até ser arrancada a última gota, o que sempre rendia um suave óleo aromático. Mas a maior parte do aroma, a alma de um mar de flores, ficara no caldeirão, aprisionada e resguardada na gordura cinza-clara, de medíocre aparência e que agora lentamente ia se solidificando.

No dia seguinte, a maceração — assim é que se chamava esse processo — continuou, o caldeirão foi novamente aquecido, a gordura derretida e coalhada de novas flores.

Isso continuou por diversos dias, de manhã à noite. O trabalho era estafante. Grenouille tinha os braços pesados como chumbo, bolhas nas mãos e dores nas costas ao sair se arrastando, vacilante, para a sua cabana. Druot, que era três vezes mais forte do que ele, não o substituiu nem uma vez na pá, limitando-se a derramar as flores leves como penas, cuidar do fogo e, por causa do calor, às vezes ir beber um trago. Mas Grenouille não reclamou. Sem se queixar, empurrava flores na gordura, de manhã à noite, quase não sentindo o esforço enquanto mexia, pois estava totalmente fascinado pelo processo que se desenvolvia sob os seus olhos e sob o seu nariz: o rápido fenecimento das flores e a absorção do seu perfume.

Passado um certo tempo, Druot achava que a gordura já estava saturada e não mais absorveria nenhum aroma.

Apagavam o fogo, peneiravam a grossa sopa pela última vez e enchiam tachos de louça, onde ela rapidamente se solidificava em uma pomada com um perfume maravilhoso.

Esta era a hora de Madame Arnulfi, que vinha para examinar o precioso produto, rotulá-lo e registrá-lo em seus livros segundo qualidade e quantidade. Depois de ter pessoalmente tampado, lacrado e guardado os tachos no porão profundo e fresco, envergava o seu vestido preto, vestia o véu de viúva e fazia um giro pelos comerciantes e perfumarias da cidade. Com palavras comovedoras, descrevia a sua situação de mulher sozinha, recebia as ofertas, comparava preços, suspirava e, por fim, vendia — ou deixava de vender. Pomada aromática, armazenada em local frio, conservava-se por muito tempo. E se por ora os preços deixavam a desejar, quem sabe seriam melhores no inverno ou na primavera seguinte. Também era de se pensar se, em vez de vender a esses unhas-de-fome, não seria melhor, com outros pequenos produtores, embarcar um carregamento de pomada para Gênova ou participar de um comboio para a feira de outono em Beaucaire — empreendimentos arriscados, por certo, mas em caso de êxito extremamente rentáveis. Essas diversas possibilidades Madame Arnulfi sopesava cuidadosamente, levantava uma e outra e agia por uma terceira, por sua própria conta e risco. Ao tomar suas informações, se ficasse com a impressão de que o mercado de pomadas estava saturado e não se recuperaria num período previsível, corria para casa, o véu flutuando ao vento, e encarregava Druot de submeter toda a produção a uma lavagem, transformando-a em *essence absolue*.

A pomada era novamente retirada do porão, aquecida com o máximo cuidado, acrescentava-se o mais fino espírito de vinho, e Grenouille, com uma batedeira, tornava a mexer e a lavar. De volta ao porão, a mistura esfriava rapidamente, o álcool se separava da gordura que se enrijecia em pomada, podendo ser engarrafada. Constituía agora quase um perfume, mas de enorme intensidade, enquanto que a pomada restante perdia a maior parte do seu aroma. A fragrância das flores, então, passara para um outro meio.

Mas a operação ainda não chegara ao fim. Depois de cuidadosa filtração através de gazes, quando as menores partículas de gordura eram retidas, Druot colocava o álcool perfumado em um pequeno alambique e o destilava lentamente, em fogo baixo. O que restava depois da evaporação do álcool era uma diminuta quantidade de um líquido pálido, que Grenouille conhecia bem, mas que não havia cheirado nessa qualidade e nesse grau de pureza, seja na casa de Baldini, seja na de Runel: o puro óleo das flores, o seu aroma desnudo, concentrado centenas de milhares de vezes em um pequeno volume, essência absoluta, *essence absolue*. Essa essência já não cheirava mais delicada e carinhosamente. Cheirava de um modo intenso, quase doloroso, agudo e marcante. E, no entanto, bastava uma gota dissolvida em um litro de álcool para ressuscitá-la, dar nova vida a todo um campo inodoro de flores. O volume resultante era espantosamente diminuto. Três frasquinhos eram tudo o que a destilação produzia. Do perfume de centenas de

milhares de flores não restavam mais que três frasquinhos. Valiam no entanto uma fortuna, mesmo em Grasse.

E várias vezes mais em Paris, Lyon, Grenoble, Gênova ou Marselha! Ao contemplar essas garrafinhas, o olhar de Madame Arnulfi derretia-se. Ela as beijava com os olhos e, quando as pegava e as tampava com tampas de vidro adequadamente moldadas, até prendia a respiração para não dispersar nada do precioso conteúdo. E para que, mesmo depois de tampar, nem o menor átomo escapasse por evaporação, lacrava as tampas com cera derretida e as encapsulava com uma bexiga de peixe, bem amarrada no gargalo. Depois colocava-as numa caixinha forrada de algodão, guardando-as no porão sob correntes e cadeados.

Em abril maceravam giestas e flores de laranjeira; em maio, um mar de rosas, cuja fragrância mergulhava a cidade por um mês inteiro numa adocicada névoa creme. Grenouille trabalhava feito um cavalo. Modesto, quase um escravo, efetuava todos os serviços subalternos que Druot lhe ordenava. Mas enquanto ele, aparentemente idiota, remexia, manejava a pá, lavava garrafas, limpava o local de trabalho ou carregava lenha, não escapava à sua atenção nada das coisas essenciais desse ramo de atividades, nada da metamorfose das fragrâncias. De um modo bem mais exato do que jamais o teria conseguido, ou seja, com o seu nariz, Grenouille acompanhava e controlava a passagem da fragrância desde as pétalas das flores, pela gordura e o álcool, até os preciosos frasquinhos. Muito antes de Druot, ele sentia pelo cheiro quando a gordura aquecia demais, quando a flor estava esgotada, quando o caldo estava saturado de aroma. Acompanhava o que ia acontecendo no interior dos recipientes, e em que preciso momento o processo de destilação tinha de ser encerrado. E dava isso a entender, claro que com muito tato e sem abandonar a sua atitude subalterna. Caso não estivesse enganado, dizia ele, talvez a gordura estivesse quente demais; quem sabe logo se poderia filtrar; tinha impressão, quem sabe, de que o álcool no alambique já evaporara... E Druot, que não era uma grande inteligência, mas também não era completamente idiota, com o tempo descobriu que decidia melhor quando fazia ou ordenava aquilo que Grenouille estava mesmo "achando" ou "tinha a impressão". E já que Grenouille jamais manifestava em voz alta ou fazia de conta saber melhor aquilo que "acreditava" ou "tinha a impressão", e porque jamais — e sobretudo jamais na presença de Madame Arnulfi! — chegava a pôr em dúvida a autoridade de Druot, e a sua posição preponderante como primeiro auxiliar, nem de brincadeira, Druot não via motivo algum para não seguir os palpites de Grenouille, chegando mesmo a, abertamente, deixar por sua conta cada vez mais decisões.

Com frequência cada vez maior, acontecia que Grenouille não só mexia, mas ao mesmo tempo jogava as flores, aquecia e peneirava, enquanto Druot dava um pulinho no Quatre Dauphins, desaparecendo para um copo de vinho ou para exercer junto à madame os seus direitos. Sabia que podia confiar em Grenouille. E Grenouille, embora tivesse de trabalhar dobrado, adorava estar sozinho, aperfeiçoar-se na nova arte e, eventualmente, fazer pequenas experiências. E com imensa alegria constatou que a pomada preparada por ele era incomparavelmente mais fina; e a sua *essence absolue* era ainda mais pura do que aquela que fazia com Druot.

No final de julho começava a época dos jasmims, em agosto a dos jacintos da

noite. Essas duas flores eram de um perfume tão exótico e, ao mesmo tempo, tão frágil que não apenas tinham de ser colhidas antes do nascer do sol como exigiam também uma elaboração toda especial, extremamente delicada. Calor demais diminuía seu perfume; o banho súbito em gordura quente da maceração era destruição completa. Essas mais nobres de todas as flores não deixavam que a alma lhes fosse simplesmente arrancada; era preciso literalmente seduzi-las e conquistá-las. Numa sala especial de aromatização, eram espalhadas sobre uma chapa pincelada com gordura fria ou envoltas frouxamente em panos embebidos em óleo, adormecendo lentamente até a morte. Só após três ou quatro dias é que estavam murchas, tendo, ao expirar, entregue o seu perfume à gordura e ao óleo. Eram então retiradas com cuidado e flores frescas eram espalhadas. O processo chegava a ser repetido de dez a vinte vezes; já era setembro até que a pomada estivesse saturada e o óleo aromático pudesse ser prensado dos panos.

O resultado era ainda quantitativamente menor que na maceração. Mas a qualidade dessa pasta de jasmim obtida mediante *enfleurage* a frio ou a de uma *huile antique de tubéreuse* superava em finura e fidelidade o original de qualquer outro produto da arte da perfumaria. Ou seja, no caso do jasmim, parecia que a erótica fragrância adocicada da flor ficava espelhada na chapa de gordura, que a devolvia com absoluta fidelidade à sua natureza — *cum grano salis*, obviamente. Pois o nariz de Grenouille ainda reconhecia, é claro, a diferença entre o cheiro da flor e o seu aroma conservado; como um véu suave, aí estava o peculiar cheiro da gordura. Podia ser tão pura quanto se quisesse, sobre a imagem aromática do original, diminuindo-a, enfraquecendo-a suavemente, até tornando talvez a sua beleza suportável para pessoas comuns... Mas, em todo caso, *enfleurage* a frio era o meio mais refinado e eficaz de captar fragrâncias suaves. Melhor não havia. E ainda que o método não fosse suficiente para convencer de modo pleno o nariz de Grenouille, este sabia muito bem que bastava para enganar mil vezes todo um mundo de narizes insensíveis.

Em pouco tempo superara mestre Druot tanto na maceração como na arte de *enfleurage* a frio, dando-o a entender do seu modo discreto, velado e submisso. Era com prazer que Druot deixava-o ir ao matadouro comprar as gorduras adequadas e depois limpá-las, derretê-las e determinar a proporção da mistura — tarefas sempre difíceis e temidas por Druot, pois uma gordura impura, rançosa ou que cheirasse demasiado a porco, cordeiro ou vaca seria capaz de arruinar a pomada mais preciosa. Druot deixava por sua conta determinar a distância entre as chapas na sala de aromatização, o momento exato de trocar as flores, o grau de saturação da pomada; logo deixou por conta dele todas as decisões difíceis que Druot, como Baldini à sua época, só era capaz de tomar segundo certas regras estabelecidas, mas que Grenouille tomava pela infalibilidade do seu nariz — algo de que Druot, é claro,

nem suspeitava.

— Tem boa mão — dizia Druot. — Tem jeito para a coisa. — E às vezes pensava também: "A verdade é que é muito mais talentoso do que eu, é um perfumista cem vezes melhor." E ao mesmo tempo considerava-o um completo idiota, já que Grenouille, como ele acreditava, não tirava nenhum proveito do seu talento, enquanto ele, Druot, com habilidades bem mais modestas, não tardaria em tornar-se mestre artesão. E Grenouille reforçava-lhe essa opinião, esforçando-se para se mostrar desajeitado, não exibindo a menor ambição, agindo como se nada soubesse da sua própria genialidade, limitando-se a cumprir as ordens do muito mais experiente Druot, sem o qual ele não seria nada. E desse modo se entendiam muito bem.

E assim chegaram o outono e o inverno. Na oficina tudo estava mais calmo. Os perfumes das flores estavam presos no porão, em tigelas e frascos, e se madame não quisesse que se lavasse uma ou outra pomada ou não mandava destilar um saco de especiarias secas, não havia mais muito a fazer. Ainda apareciam azeitonas, a cada semana um par de cestos. Tiravam-lhes o azeite virgem e o resto ia para o moinho. E vinho, do qual Grenouille destilava e retificava uma parte para converter em álcool.

Druot aparecia cada vez menos. Cumpria as suas obrigações na cama de madame e quando reaparecia, cheirando a suor e sêmen, era só para logo desaparecer no Quatre Dauphins. Também madame pouco descia. Ocupava-se com os assuntos financeiros e com a reformulação do seu guarda-roupa para depois do ano de luto. Grenouille passava dias sem ver ninguém, exceto a criada, de quem ao meio-dia recebia sopa e, à noite, pão e azeitonas. Quase não saía. Da vida corporativa, dos encontros regulares dos companheiros e dos desfiles dos artesãos, ele participava com frequência suficiente para que ausência nem presença chamassem atenção. Não tinha amigos nem conhecidos, mas tomava muito cuidado no sentido de não ser considerado arrogante nem marginal. Deixava que os outros oficiais considerassem a sua companhia aborrecida e pouco interessante. Era mestre na arte de gerar monotonia e de parecer desajeitado — mas não exagerando a ponto de ficarem gozando à sua custa ou de virem a usá-lo como vítima das pesadas brincadeiras da corporação. Deixavam-no em paz, e ele não queria outra coisa.

Passava todo o seu tempo no laboratório. Para Druot, disse que queria inventar uma receita de água-de-colônia. Na realidade, porém, fazia experiências com cheiros muito diferentes. O seu perfume, que ele havia preparado em Montpellier, acabava aos poucos, embora o usasse com muita parcimônia. Mas desta vez não se contentou mais em imitar de modo aproximado, a partir de materiais reunidos às pressas, o cheiro humano básico, mas empenhava-se em preparar um perfume pessoal, ou melhor, um grande número de perfumes pessoais.

Primeiro preparou um odor discreto, um aroma cinzento, no qual figurava naturalmente o odor de queijo azedo, mas que só fluísse para o mundo exterior como que através de uma espessa camada de tecidos de linho e de lã sobre a pele ressequida de um ancião. Com esse cheiro, podia ficar tranquilamente entre as pessoas. O perfume era suficientemente forte para fundamentar olfatoriamente a existência da pessoa e, ao mesmo tempo, tão discreto que não importunava ninguém. Com isso, Grenouille não era percebido olfatoriamente e, ainda assim, justificava a sua presença do modo mais modesto, um estado híbrido que lhe era muito conveniente tanto na casa de Arnulfi como também em suas eventuais andanças pela cidade.

É claro que, em certas ocasiões, o modesto perfume tinha os seus inconvenientes. Quando, por ordem de Druot ou para si mesmo, queria comprar nalgum comerciante um pouco de almíscar ou alguns grãos de noz-moscada, podia ocorrer que, em sua perfeita discrição, passasse despercebido, não fosse visto nem servido, ou fosse visto, mas servido erradamente ou, ainda, esquecido enquanto era atendido. Para tais eventos, havia preparado um perfume um pouco mais marcante, com um leve cheiro de suor, com alguns ângulos e cantos olfatórios que lhe davam uma presença mais agressiva, fazendo crer que estava com pressa e era solicitado por negócios urgentes. Com uma imitação da *aura seminalis* de Druot, que sabia fazer enganadoramente semelhante por meio de aromatização de um pano de linho engordurado com uma pasta de ovos frescos de pata e farinha de trigo fermentada, teve bastante êxito quando tratava de despertar um certo grau de atenção.

Um outro perfume em seu arsenal era um aroma que despertava compaixão e que se mostrou eficaz com senhoras de meia-idade e idade avançada. Cheirava a leite fresco e madeira limpa e macia. Mesmo sem se barbear, com as feições sombrias e todo encapuzado, Grenouille produzia o efeito de um pobre garoto pálido num velho casaco puído, a quem era preciso ajudar. As mulheres do mercado, quando o percebiam com esse cheiro, davam-lhe nozes e peras secas, pois parecia

tão faminto e desamparado. E com a mulher do açougueiro, matrona inexorável e severa, obtinha grátis restos velhos e fedorentos de carne e de osso, pois o seu "ar" de inocência tocava-lhe o coração maternal. Desses restos, por sua vez, obtinha, através da dissolução direta em álcool, os principais componentes de um perfume que ele punha quando realmente queria estar sozinho e ser evitado. O cheiro criava em torno dele uma atmosfera ligeiramente repugnante, um hálito podre, como exalam ao acordar bocas velhas e maltratadas. Era tão eficaz que até o pouco exigente Druot tinha de dar meia-volta e afastar-se em busca de ar livre, sem ter bem ideia do que o havia repellido. E algumas gotas do repelente, espargidas na porta da cabana, bastavam para deixar longe qualquer intruso, homem ou animal.

Ao abrigo desses diferentes cheiros, que ele trocava como roupas de acordo com as circunstâncias externas, servindo todos para estar no mundo dos homens sem ser importunado, permanecendo desconhecido em sua essência, Grenouille dedicou-se então à sua verdadeira paixão: a sutil caça de perfumes. E por ter diante de si um grande objetivo, e mais de um ano de prazo, agia não só com apaixonado fervor, mas também de modo planejado e sistemático, afiando suas armas, limando suas técnicas, aperfeiçoando os seus métodos. Começou onde havia parado com Baldini, capturando aromas de coisas inanimadas: pedra, metal, vidro, madeira, sal, água, ar...

O que antes lamentavelmente fracassara com a ajuda do tosco processo da destilação teve agora êxito graças à forte capacidade de absorção da gordura. Uma maçaneta de latão, cujo aroma fresco, algo bolorento, agradava-o, foi envolvida durante um par de dias com sebo de vaca. E, surpresa, quando raspou e cheirou o sebo, cheirava, vaga mas inconfundivelmente, como aquela determinada maçaneta. Mesmo depois de uma lavagem em álcool o cheiro ainda estava ali, infinitamente suave, distante, eclipsado pelo vapor do álcool e só perceptível pelo refinado nariz de Grenouille — mas estava ali, e isso queria dizer, ao menos em princípio, disponível. Se tivesse dez mil maçanetas, mil dias enebadas, seria capaz de produzir uma diminuta gota de *essence absolue* da maçaneta de latão, tão forte que qualquer um teria diante do nariz a ilusão irrefutável do original.

O mesmo aconteceu com o poroso odor de cal de uma pedra que encontrara entre as oliveiras em frente à sua cabana. Macerou-a e obteve um punhadinho de pomada pétrea, cujo cheiro infinitesimal fascinou-o enormemente. Combinou-o com outros cheiros, tirados de tudo que havia à volta da cabana, produzindo pouco a pouco um modelo olfatório em miniatura daquele olival atrás do convento dos franciscanos, e que, fechado num diminuto frasco, podia levar consigo e, quando quisesse, evocá-lo olfativamente.

Eram virtuosismos perfumísticos que ele executava, maravilhosas brincadeiras, que, por certo, ninguém mais além dele seria capaz de valorizar ou sequer perceber.

Ele mesmo estava, porém, comovido com essas absurdas perfeições e em sua vida não houve, nem antes nem depois, momentos de uma felicidade de fato inocente como naquela época, quando recriava com lúdico zelo perfumadas paisagens, naturezas-mortas e cópias de imagens de diversos objetos. Mas não tardou a passar para objetos vivos.

Pôs-se a caçar moscas, larvas, ratos, gatinhos, e os afogava em gordura quente. À noite entrava furtivamente em estábulos para envolver por algumas horas vacas, cabras e porcos em panos nos quais havia esfregado gordura, ou para enrolá-los em bandagens oleosas. Ou então se escondia num estábulo de ovelhas para, em segredo, tirar a lã de uma ovelhinha, cheirosa lã que ele lavava em álcool. No início os resultados não foram muito satisfatórios. Ao contrário dos objetos inanimados como pedras e maçanetas, os animais não deixavam arrebatado de bom grado os seus odores. Os porcos tiravam os panos esfregando-se nos postes de pocilga; as ovelhas baliavam quando ele se aproximava à noite com a faca para tosquiá-las; as vacas sacudiam os panos gordurosos dos úberes; alguns insetos que ele pegou produziam, enquanto os trabalhava, secreções nauseabundas; e ratos, certamente por medo, cagavam nas suas altamente sensíveis pomadas. Ao contrário das flores, os animais que ele queria macerar não entregavam sem queixas ou só com um calado suspiro o seu odor, mas se defendiam desesperadamente da morte, não queriam de jeito nenhum deixar-se empurrar gordura abaixo, esperneavam e lutavam, suavam com tal profusão que estragavam a gordura quente por excesso de acidez. Assim não dava para trabalhar direito. Os objetos tinham de ser reduzidos à imobilidade, e isso de modo tão súbito que nem sequer chegassem a ter medo ou a resistir. Era preciso matá-los.

Primeiro experimentou com um cachorrinho. Diante do matadouro, conseguiu afastá-lo de sua mãe com um pedaço de carne até levá-lo para dentro do laboratório. Enquanto o animalzinho, abanando o rabo de contentamento, tentava pegar a carne na mão esquerda de Grenouille, este deu-lhe com a direita uma pancada com uma acha de lenha, uma pancada curta e seca no alto da cabeça. A morte veio tão súbita para o cachorrinho que uma expressão de felicidade ainda pairava em suas mandíbulas e em seus olhos quando Grenouille já o havia acomodado, na sala de aromatização, numa grelha entre as chapas de gordura, onde ele então espalhava o seu puro cheiro de cachorro, não perturbado pelo suor do medo.

É claro que era preciso atenção! Cadáveres, como flores colhidas, decompunham-se rapidamente. E, assim, Grenouille montou guarda junto à sua vítima durante cerca de doze horas, até notar que os primeiros miasmas evoluíam do cadáver do cachorrinho. Um odor falsificado, ainda que agradável. Imediatamente interrompeu a *enfleurage*, livrou-se do cadáver e depositou o pouco de gordura

aromatizada num caldeirão, onde a lavou cuidadosamente. Destilou o álcool até o volume de um dedal e colocou esse resto num diminuto cilindro de vidro.

O perfume tinha nitidamente o odor fresco, úmido e um pouco forte do pelo do cachorro; com efeito, surpreendia pela intensidade. E quando Grenouille deixou a velha cadela do matadouro farejar, ela explodiu em latidos de alegria, ganiu, uivou e não queria mais tirar as narinas da proveta. Mas Grenouille tampou-a, guardou-a e a carregou ainda por longo tempo consigo, como uma recordação daquele dia de triunfo, em que pela primeira vez lhe fora possível arrebatrar de um ser vivo a sua alma aromática.

Depois, lenta e cuidadosamente, foi-se aproximando de pessoas. Primeiro caçou a prudente distância, com uma rede de malha larga, pois lhe importava menos obter uma grande presa do que provar o princípio do seu método de caça.

Disfarçado em seu leve odor de discríção, misturou-se à noite entre os frequentadores da taberna Quatre Dauphins e grudou diminutos pedaços de material embebido em óleo e gordura debaixo de bancos e mesas e em nichos escondidos. Poucos dias após recolheu-os e os examinou. De fato, além de tudo quanto é tipo de cheiro de cozinha, de fumaça de tabaco e vinho, exalavam também um pouco de odor humano. Permanecia, porém, muito vago e confuso. Era mais a noção de uma bruma humana generalizada do que um cheiro pessoal. Uma aura maciça semelhante, porém com um cheiro a suor menos desagradável, pôde ser obtida na catedral, onde Grenouille plantou suas bandeiras de prova debaixo dos bancos, no dia 24 de dezembro, e recolheu-as no dia 26, depois de nada menos de sete missas terem sido assentadas sobre elas: um terrível conglomerado odorífico feito do suor de bunda, sangue menstrual, joelhos úmidos e mãos convulsas, misturado ao ar expirado de mil gargantas cantando em coro e declamando ave-marias, além da inibidora fumaça de incenso e da mirra, tinha se espalhado nos paninhos impregnantes: terrível em sua formação nebulosa, impreciso, nauseabundo e, assim mesmo, inequivocamente humano.

Grenouille capturou o primeiro cheiro individual no hospício da Charité. Conseguiu surrupiar o lençol da cama, antes que o deitassem ao fogo, de um artesão correeiro, recém-falecido de tísica e que por dois meses ficara envolto nele. O lençol estava tão impregnado de sudoração típica do correeiro que havia absorvido as suas emanções como uma pasta de *enfleurage*, podendo ser submetido diretamente à lavagem. O resultado foi fantasmagórico: em termos olfativos, do espírito do vinho ressuscitou sob o nariz de Grenouille, do mundo dos mortos, o correeiro flutuando, embora esquematicamente deformado pelas peculiaridades do método de reprodução e pelos numerosos miasmas de sua doença, mas um tipo razoavelmente reconhecível enquanto imagem aromática individual: baixote, de trinta anos, loiro, de nariz

achatado, membros curtos, pés chatos e branquelos, sexo inchado, temperamento colérico e cheiro podre na boca — pessoa nada bela em termos de cheiro, esse correeiro, não merecendo, ao contrário daquele cãozinho, ser preservado por mais tempo. E mesmo assim Granouille deixou-o flutuar uma noite toda por sua cabana enquanto espírito aromático, farejando-o sem parar, satisfeito e profundamente contente com a sensação de poder conquistado sobre a aura de outra pessoa. No dia seguinte deitou-o fora.

Realizou mais um teste nesses dias de inverno. Pagou um franco para uma mendiga muda que passava pela cidade a fim de que ela, durante um dia, andasse com diversas misturas de gordura e óleo em paninhos preparados diretamente sobre a pele. Descobriu que uma combinação de gordura de rins de cordeiro e sebo de porco e vaca refinados diversas vezes, postos na proporção de dois por cinco por três e com a adição de diminutas quantidades de óleo, era mais apropriada para captar o cheiro humano.

Com isso Grenouille deu-se por satisfeito. Desistiu de se apossar de uma pessoa viva qualquer e trabalhá-la perfumisticamente. Uma coisa dessas estava sempre associada a riscos e não teria trazido novos conhecimentos. Sabia que agora dominava a técnica de roubar o odor de alguém, e não precisava demonstrá-lo de novo para si mesmo.

A fragrância das pessoas em si era, para ele, indiferente. Tratava-se de uma fragrância que ele podia imitar suficientemente bem com substitutivos. O que ambicionava era a fragrância de *certas* pessoas: daquelas, extremamente raras, que inspiram amor. Essas eram as suas vítimas.

Em janeiro a viúva Arnulfi casou com o seu primeiro oficial, Dominique Druot, que com isso foi promovido a *maitre gantier et parfumeur*. Foi oferecido um grande jantar para os mestres da corporação, e outro mais modesto para os auxiliares; madame comprou um colchão novo para a cama que agora partilhava oficialmente com Druot e tirou o seu guarda-roupa colorido do armário. Quanto ao resto, ficou tudo na mesma. Ela preservou o velho e bom sobrenome Arnulfi, manteve a fortuna sem dividi-la, a direção financeira dos negócios e a chave do porão; Druot cumpria diariamente as suas obrigações sexuais, recuperando-se depois com vinho; Grenouille, embora agora fosse o primeiro e único artesão, executava a maior parte do trabalho, pelo mesmo salariozinho, a modesta alimentação e a mesquinha moradia.

O ano começou com a inundação amarela de cássias e também com jacintos, violetas e narcóticos narcisos. Num domingo de março — devia ter-se passado cerca de um ano desde sua chegada a Grasse —, Grenouille pôs-se a caminho para verificar como iam as coisas naquele jardim atrás da muralha, no outro lado da cidade. Dessa vez estava preparado para a fragrância, sabia com exatidão o que o esperava... e mesmo assim, quando farejou, a meio caminho daquele ponto na muralha, o seu coração bateu mais forte e ele sentiu o sangue ferver de alegria em suas veias: ainda estava ali, a bela e incomparável planta, havia sobrevivido ao inverno, sem danos, plena de seiva, crescia, expandia-se, luzia maravilhosas florações! Como ele esperava, sua fragrância se tornara mais forte, sem perder nada em delicadeza. O perfume, há um ano ainda suavemente esparso e em gotículas, agora era um rio fragrante, ligeiramente pastoso, que refulgia em mil cores, sem desperdiçar nenhuma. E esse rio — como Grenouille constatou, pleno de felicidade — nutria-se de um manancial cada vez mais rico. Mais um ano, só mais um ano, apenas doze meses, e esse manancial transbordaria e ele poderia vir captá-lo, apresar a selvagem explosão do seu perfume.

Correu ao longo da muralha até o conhecido local, atrás do qual se encontrava o jardim. Embora, como se evidenciava, a jovem não se encontrasse no jardim, mas na casa, numa câmara atrás de janelas fechadas, a sua fragrância flutuava em ondas como uma brisa suave e permanente. Grenouille permaneceu imóvel. Não estava em êxtase ou fora de si, como da primeira vez em que a tinha cheirado. Estava tomado pela sensação de felicidade do amante que, de longe, ouve ou observa a sua amada, sabendo que vai levá-la consigo dentro de um ano. Na verdade, Grenouille, o carrapato solitário, o monstrengo, o inumano, aquele que jamais sentira amor nem

nunca seria capaz de inspirá-lo, naquele dia de março, à muralha de Grasse, amou e foi invadido pela bem-aventurança do seu amor.

E bem verdade que não amava um ser humano, nem mesmo a jovem da casa por trás da muralha. Amava uma fragrância. Só ela e nada mais, e unicamente como a sua futura e própria fragrância. Iria buscá-la dentro de um ano, isso ele jurava por sua própria vida. E depois dessa estranha e solene promessa, dessa jura de amor, desse voto de fidelidade feito diante de si mesmo e de sua futura fragrância, abandonou alegre o local, voltando para a cidade pela Porte du Cours.

À noite, deitado na cabana, evocou novamente a lembrança da fragrância — não pôde resistir à tentação — submergiu-se nela, acariciou-a e deixou-se por ela acariciar, tão íntimo, tão sonhador, como se realmente já a possuísse, e amou a sua fragrância, e a si mesmo através dela, durante uma hora de preciosa embriaguez. Queria arrastar consigo para o sono essa sensação de se amar. Mas exatamente no instante em que cerrou os olhos, precisando apenas de um momento de inspiração para pegar no sono, ela o abandonou, desapareceu de repente e, em seu lugar, ficou no quarto o cheiro frio e forte do redil de cabras. Grenouille assustou-se.

"O que acontecerá", pensou, "se essa fragrância que vou possuir... desaparecer? Não como na lembrança, onde todos os aromas são eternos. A fragrância real evanesce no mundo. É volátil. E quando se gastar, não existirá mais o manancial onde a capturei. E eu estarei nu como antes, tendo de conformar-me com os meus sucedâneos. Não, será pior do que antes! Pois nesse ínterim terei conhecido e possuído a minha própria e maravilhosa fragrância, e não poderei esquecê-la, pois jamais esqueço um aroma. E, por toda a vida me consumirá sua lembrança, como me consome agora neste momento, a ideia de que hei de possuí-la... Para que dela necessito, então?"

Esse pensamento era extremamente desagradável para Grenouille. Aterrorizava-o que a fragrância, que ainda não possuía, deixaria inevitavelmente de ser sua quando a possuísse. Quanto tempo poderia conservá-la? Alguns dias? Algumas semanas? Talvez um mês, usando-a com máxima parcimônia? E depois? Viu-se agitando o frasco para extrair a última gota, lavando-o com álcool para nada desperdiçar, e viu, cheirou, como a sua amada fragrância se evolava para sempre, sem retorno. Seria como uma lenta agonia, uma espécie de asfixia interna, uma gradual e dolorosa evaporação de si mesmo para o horrendo mundo.

Tremia. Assaltou-o o desejo de desistir dos seus projetos, perder-se na noite e afastar-se dali. Cruzaria montanhas nevadas sem descanso, andaria os cento e cinquenta quilômetros até Auvergne, se arrastaria para a sua velha caverna, e lá dormiria até que viesse a morte. Mas não fez isso. Ficou sentado, sem ceder à tentação, embora fosse forte. Não cedeu, embora fosse uma velha tentação a de ir

embora e se esconder numa caverna. Isso ele já conhecia. O que, no entanto, ainda não conhecia era a posse de uma fragrância humana, tão maravilhosa quanto a fragrância daquela jovem atrás da muralha. E mesmo que soubesse que teria de pagar um preço terrivelmente alto pela posse dessa fragrância, seguida da sua subsequente perda, posse e perda lhe pareceram, no entanto, bem mais desejáveis do que a pura e simples desistência de ambas. Pois sempre havia renunciado às coisas. Possuir e perder, porém, ainda não.

Pouco a pouco, as dúvidas cederam e, com elas, os tremores. Sentiu o sangue quente voltando a animá-lo, e a vontade de fazer o que havia planejado voltava a tomar conta dele. Na verdade, ainda mais forte do que antes, já que essa vontade não se originava agora só de um desejo, mas também de uma decisão bem ponderada. O carrapato Grenouille, colocado diante da escolha entre estiolar-se ou deixar-se cair, decidiu-se pela segunda opção, consciente de que esta queda seria a sua última. Tornou a deitar-se na cama, cheio de bem-estar, na palha, sob o cobertor, sentindo-se muito heroico. Grenouille não seria porém Grenouille se uma sensação fatalista-heroica o tivesse satisfeito por longo tempo.

Para isso ele possuía uma vontade de autoafirmação demasiado persistente, um modo de ser demasiado elaborado e um espírito refinado demais. Bem, decidira possuir aquela fragrância da jovem atrás da muralha. E se após poucas semanas tornasse a perdê-la e, com a perda, viesse a morrer, então tudo bem. Melhor seria, porém, não morrer e, mesmo assim, possuir a fragrância ou ao menos adiar a perda tanto quanto possível. Era preciso torná-la mais perdurável. Seria preciso controlar a sua fugacidade, sem roubar-lhe o caráter — um problema perfumístico.

Há odores que permanecem por decênios. Um armário esfregado com almíscar, um pedaço de couro embebido em óleo de canela, uma pelota de âmbar, uma caixinha de cedro possuem, em termos de cheiro, praticamente a vida eterna. E outros — óleo de lima, bergamota, extrato de narciso e de angélica e muitos aromas de flores — evoluem em poucas horas, quando postos em contato direto com o ar. O perfumista enfrenta essa fatal circunstância ligando tais aromas demasiado voláteis a outros mais permanentes, portanto, como que colocando cadeias neles, consistindo a arte em deixar as cadeias tão frouxas que o perfume preso pareça em liberdade; no entanto, estará tão estreitamente amarrado que não poderá fugir. Grenouille conseguira efetuar uma vez esse malabarismo de modo perfeito, no caso do óleo de angélica, cuja efêmera fragrância prendera com diminutas quantidades de almíscar, baunilha, láudano e cipreste, conseguindo com isso que ele chegasse a se manifestar. Por que algo semelhante não seria possível com a fragrância da jovem? Para que teria de usá-la em estado puro e desperdiçar essa fragrância mais frágil que todas? Que simplório! Que falta absoluta de refinamento! Não se poliam diamantes?

Carregava-se por acaso ouro em pepitas ao redor do pescoço? Será que ele, Grenouille, era um larápio de material aromático, como Druot e outros maceradores, destiladores e prensadores de flores? Ou não seria ele, ao contrário, o maior perfumista do mundo?

Ficou batendo na cabeça, irritado de não ter chegado antes a essa conclusão: naturalmente, essa fragrância única não devia ser empregada nua e crua. Deveria tomá-la como a mais preciosa das pedras preciosas. Teria de forjar um diadema aromático, em cuja posição mais destacada, ao mesmo tempo preso a outros perfumes e os dominando, devia rebrilhar a *sua* fragrância. Faria um perfume de acordo com todas as regras da arte, e a fragrância da jovem atrás da muralha deveria ser a nota central.

Era certo que, como ajudantes, como notas de base, intermediárias e encabeçadoras, como cheiro supremo e como fixador, não seriam adequados almíscar nem noz-moscada, óleo de rosas ou de nerol. Para um perfume desses, para um perfume de gente, eram precisos outros ingredientes.

Em maio do mesmo ano, numa plantação de rosas a meio caminho entre Grasse e a vila de Opio, a leste, foi encontrado o cadáver desnudo de uma jovem de quinze anos. Fora morta com uma pancada na cabeça. O camponês que a descobriu ficou tão perturbado que quase se tornou suspeito ao comunicar, com voz trêmula, que jamais vira coisa tão linda — quando na verdade queria dizer que nunca vira coisa tão horrível.

De fato, a menina era de estranha beleza. Pertencia àquele tipo de mulheres plácidas, feitas de mel escuro, suaves e doces, que com um gesto, um menear de cabelos, um único e suave olhar, dominam um ambiente, permanecendo quietas como no centro de um redemoinho, aparentemente inconscientes da sua própria força de atração, com a qual arrastam irresistivelmente as almas e os suspiros, tanto de homens quanto de mulheres. E era jovem, muito jovem, o encanto do seu tipo ainda não se perdera na maturidade incipiente. Os membros carnudos eram ainda lisos e firmes, os seios como ovos descascados, e a superfície do rosto, circundado por cabelos negros e fortes, ainda possuía contornos bem suaves e recantos repletos de segredos. É verdade que o próprio cabelo havia desaparecido. O assassino o havia cortado e levado junto com as roupas.

Suspeitou-se dos ciganos. Dos ciganos era de se esperar tudo. Como se sabia, os ciganos teciam tapetes a partir de roupas velhas, recheavam travesseiros com cabelo de gente e faziam bonecas com a pele e os dentes de enforcados.

De um crime tão perverso, só ciganos podiam ser suspeitos. Mas nessa época não havia ciganos por ali, por todas as redondezas não havia nenhum deles: em dezembro é que pela última vez ciganos haviam percorrido as cercanias.

À falta de ciganos, suspeitou-se então dos trabalhadores temporários italianos. Mas italianos também não havia, era cedo demais, só viriam em junho para a colheita do jasmim, portanto não podiam ter sido eles. Por fim, suspeitou-se dos peruqueiros, tendo-se procurado com eles o cabelo da jovem assassinada. Em vão. Depois os judeus foram considerados responsáveis, depois ainda os monges, que se supunha serem tarados, do convento dos beneditinos — que, na verdade, tinham todos bem mais de setenta anos —, depois os cistercienses, os maçons, os loucos da Charité, os carvoeiros, os mendigos e, bem por fim, a nobreza sem escrúpulos, especialmente o Marquês de Cabris, que já era casado pela terceira vez e organizava, segundo se dizia, missas orgiásticas em seus porões, nas quais bebia sangue de virgens para aumentar a sua potência. Concretamente, nada se pôde provar, é claro. Ninguém vira o crime. Os cabelos e roupas da falecida não foram

encontrados. Depois de algumas semanas a polícia encerrou as buscas.

Na metade de junho vieram os italianos, muitos com suas famílias, para se empregarem na colheita. Os camponeses os empregaram, mas, lembrando o assassinato, proibiram às mulheres e filhas terem contato com eles. Seguro morreu de velho. Embora não fossem de fato responsáveis pelo assassinato, podiam, no entanto, em princípio ser responsáveis por ele e, por isso, era melhor ficar de olho neles.

Pouco depois de começar a colheita de jasmim, ocorreram mais dois crimes. De novo as vítimas eram moças belíssimas, de novo pertenciam àquele tipo tranquilo, de cabelos escuros, de novo foram encontradas nuas e em campos de flores, sem cabelos, com um ferimento na cabeça.

De novo, nenhum rastro do criminoso. A notícia espalhou-se como um rastilho de pólvora, e já ameaçavam rebentar hostilidades contra os recém-chegados quando ficou-se sabendo que as duas vítimas eram italianas, filhas de um trabalhador genovês.

Espalhou-se o temor por toda a região. As pessoas não sabiam mais contra quem deveriam voltar a sua raiva impotente. É verdade que ainda havia alguns que suspeitavam dos loucos ou do obscuro marquês, mas ninguém queria acreditar muito nisso, pois aqueles estavam dia e noite sob observação, e este último partira há tempos para Paris. Por isso, todo mundo ficou mais próximo. Os camponeses abriram os seus celeiros para os migrantes, que até então tinham acampado ao ar livre. Os moradores da cidade organizaram em cada bairro um serviço de patrulha noturna. O delegado de polícia reforçou a guarda nos portões. No entanto, todas as providências não adiantaram nada. Poucos dias depois do duplo assassinato, encontrou-se outro cadáver de uma jovem, nas mesmas condições das anteriores. Dessa vez se tratava de uma lavadeira sarda que trabalhava no palácio episcopal e que havia sido abatida perto do grande manancial d'água na Fontaine de la Foux, portanto diretamente diante dos portões da cidade. E embora os cônsules, pressionados pelos excitados cidadãos, tivessem tomado ainda outras medidas — controle mais rigoroso nos portões, reforço no patrulhamento noturno, proibição de saída de pessoas do sexo feminino após o escurecer —, não se passou mais nenhuma semana nesse verão sem que se encontrasse o cadáver de uma jovem. E eram sempre aquelas que haviam recentemente começado a se tornar mulher, e sempre eram as mais bonitas e, em geral, pertenciam àquele tipo escuro, atraente. Ainda que o assassino em breve já não mais desprezasse na população nativa o tipo de moça preponderantemente suave, de pele branca e bem fornida de carnes. Até morenas, até mesmo moças de cabelos castanho-escuros — desde que não fossem muito magras — tornaram-se por fim suas vítimas. Ele as rastreava por toda parte,

não mais só nas cercanias de Grasse, mas no meio da cidade, até mesmo dentro das casas. A filha de um marceneiro foi encontrada morta em seu quartinho no quinto andar, e ninguém na casa ouvira o menor ruído, e nenhum dos cães, que normalmente farejavam qualquer estranho e latiam, dera sinal de alarme. O assassino parecia ser inatingível, incorpóreo, como um espírito.

As pessoas se revoltaram e xingaram as autoridades. O menor boato levava a depredações. Um vendedor ambulante, que vendia "pó do amor" e outras charlatanices, quase foi massacrado, pois se disse que as suas mezinhas continham cabelos moídos. Houve tentativas de incêndio contra a câmara municipal de Cabris e contra o hospício da Charité. O negociante de tecidos Alexandre Misnard deu um tiro em seu próprio servente, quando este voltava à noite para casa, pois achou que era o famigerado assassino de moças. Quem podia dar-se a esse luxo mandava suas filhas adolescentes para parentes que morassem longe, ou para pensionatos em Nice, Aix ou Marselha. O Conselho da cidade demitiu o delegado de polícia. Seu sucessor mandou que os cadáveres das beldades de cabelos cortados fossem examinados por uma junta médica em relação à sua virgindade. Descobriu-se que todas elas haviam permanecido intocadas.

Estranhamente, essa descoberta aumentou, em vez de diminuir, a indignação, pois todo mundo suspeitara de que as moças houvessem sido violentadas. Então se teria ao menos um motivo para o assassinato. Agora não se sabia mais nada, agora se estava completamente desarvorado. E quem acreditava em Deus procurava apoio nas orações: que ao menos a sua própria casa fosse poupada da diabólica visita.

O Conselho da cidade, um grêmio dos trinta mais ricos respeitados burgueses e nobres de Grasse, em sua maioria cavalheiros esclarecidos e anticlericais, que até então tinham deixado o bispo quieto no seu canto e que teriam preferido fazer dos conventos e das abadias depósitos de mercadorias ou fábricas —, os orgulhosos, os poderosos cavalheiros do Conselho da cidade solicitaram, nesse estado de calamidade pública, ao Senhor Bispo, numa petição redigida em termos muito humildes, que ele se dignasse amaldiçoar e banir o monstruoso assassino de moças que o poder terreno não conseguia controlar, assim como o seu venerável predecessor fizera no ano de 1708 com a terrível praga de gafanhotos que naquela época ameaçara o país. E, de fato, no final de setembro, o assassino de moças, que até então havia eliminado nada menos que vinte e quatro das mais belas virgens de todas as camadas da população, foi posto sob solene banição e maldição, tanto em cartazes escritos quanto oralmente, de todos os púlpitos da cidade, pelo bispo pessoalmente, inclusive do púlpito de Notre-Dame-du-Puy.

O êxito foi fulminante. Os assassinatos cessaram de um dia para o outro. Outubro e novembro transcorreram sem cadáveres. No início de dezembro vieram

relatos de Grenoble de que por lá, recentemente, andava um assassino de moças, que estrangulava as suas vítimas e lhes arrancava aos pedaços as roupas, e os cabelos aos tufos. E embora esses crimes grosseiros não se parecessem de jeito nenhum com os assassinatos limpamente executados de Grasse, todo mundo estava, no entanto, convencido de que se tratava do mesmo criminoso. Os grassenses fizeram três vezes o sinal da cruz de alívio pelo fato de que a besta não estaria mais solta entre eles, mas em Grenoble, a sete dias de viagem. Organizaram uma *marche aux flambeaux* em homenagem ao bispo e, a 24 de dezembro, foi rezada uma missa solene de agradecimento. A 1º de janeiro de 1766 as reforçadas medidas de segurança foram relaxadas e a proibição de as mulheres saírem à noite foi levantada. Com incrível rapidez retornou a normalidade à vida pública e privada. O medo se fora como que levado pelo vento, ninguém falava mais do terror que ainda há poucos meses tomara conta da cidade e das redondezas. Nem mesmo nas famílias atingidas ainda se falava nisso. Era como se a maldição episcopal tivesse banido não só o assassino, mas também toda e qualquer recordação dele. E, para as pessoas, estava bem assim.

Só quem tinha uma filha chegando à maravilhosa idade não gostava de deixá-la ainda sem ser observada, ficava com medo quando anoitecia e se alegrava quando a encontrava pela manhã bem e disposta — mas sem querer admitir a razão disso.

Mas havia um homem em Grasse que não confiava na paz. Chamava-se Antoine Richis, ocupava o posto de vice-cônsul e morava numa residência urbana, no começo da Rue Droite.

Richis era viúvo e tinha uma filha chamada Laure. Embora não tivesse ainda quarenta anos de idade e mantivesse inabalada vitalidade, pensava deixar para mais tarde um novo matrimônio. Primeiro queria arranjar marido para a filha. E não com o primeiro que aparecesse, mas alguém de posição. Havia um certo Barão de Bouyon, que tinha um filho e um feudo perto de Vence, gozava de boa reputação e estava em difícil situação financeira: Richis já fizera com ele acordos sobre um futuro casamento dos filhos. Quando Laure estivesse casada, então, ele mesmo estenderia as suas antenas de pretendente na direção das reputadas casas Drée, Maubert ou Fontmichel — não porque fosse vaidoso ou quisesse a qualquer custo uma nobre na cama, mas porque pretendia fundar uma dinastia e pôr a sua descendência numa trilha que levasse à máxima respeitabilidade social e influência política. Para isso, precisava ainda pelo menos de dois filhos, dos quais um assumisse os seus negócios, enquanto o outro, por via da carreira jurídica e do parlamento em Aix, ascendesse ele próprio à nobreza. Como um homem pertencente à sua classe, ele só podia tecer tais ambições com perspectiva de êxito ligando-se à nobreza provençal.

O que o respaldava em planos tão altos era a sua fabulosa riqueza. Antoine Richis era, de longe, o mais rico burguês da região. Possuía latifúndios não só na região de Grasse, onde plantavam laranjas, azeitonas, trigo e cânhamo, mas também perto de Vence e na direção de Antibes, onde tinha terras arrendadas. Possuía casas em Aix, casas no campo, participação em navios que iam para as índias, um escritório permanente em Gênova e o maior depósito de substâncias aromáticas, especiarias, óleos e peles da França.

A coisa mais preciosa que Richis possuía, no entanto, era a sua filha. Era a sua única filha, acabara de completar dezesseis anos, e tinha cabelos ruivos e olhos verdes. Seu rosto era tão cativante que visitas de todas as idades e de ambos os sexos ficavam instantaneamente paralisadas, sem conseguirem mais despregar os olhos daquele rosto, a que lambiam como se lambessem sorvete com a língua, com expressão abobada. Mesmo Richis, quando olhava a própria filha, surpreendia-se por esquecer-se, durante algum tempo, talvez um quarto de hora, talvez meia hora, completamente do mundo e, com isso, dos seus negócios — o que, fora daí, não lhe acontecia sequer quando dormia —, perdendo-se completamente na contemplação dessa moça maravilhosa, esquecendo-se depois do que realmente fizera. E

recentemente — era com mal-estar que constatava isso — à noite, quando a levava para a cama, ou às vezes pela manhã, quando ia acordá-la e ela ainda dormia, deitada como que pelas mãos de Deus, e através do véu de seu camisolão afloravam as formas das suas ancas e dos seios, e do quadrilátero formado pelos seios, espáduas, cotovelo e braço desnudo, onde ela havia deitado o rosto, quando subia suave e quente o ar que ela expirava... — formava-se então uma bola em seu estômago, a garganta se estreitava, e ele engolia em seco e — sabe Deus! — amaldiçoava-se por ser pai dessa mulher e não um estranho, não um homem qualquer, diante do qual ela estivesse deitada como agora, mas que pudesse, sem pruridos, deitar-se junto a ela, sobre ela, dentro dela, com toda a sua concupiscência e todo o seu desejo. E ele ficava a suar, e os seus membros tremiam, enquanto sufocava em si esse horrendo desejo e se curvava na direção dela, para acordá-la em um casto beijo paternal.

No ano anterior, à época dos assassinatos, ainda não o haviam invadido tentações tão fatais. O fascínio que naquela época sua filha exercera sobre ele — assim ao menos quisera parecer-lhe — fora um fascínio infantil. E por isso ele inclusive jamais temera seriamente que Laure pudesse tornar-se vítima do assassino que, como se sabia, não atacava crianças nem mulheres, mas exclusivamente jovens virgens já crescidas. É verdade que ele havia reforçado a guarda da sua casa, colocado novas grades nas janelas do andar superior e ordenado à ama que compartilhasse o quarto de dormir com Laure. Mas repugnava-lhe enviá-la para longe, como o faziam os membros de sua classe com suas filhas, até com suas famílias inteiras. Considerou esse comportamento desprezível e indigno de um membro do Conselho e vice-cônsul que, conforme dizia, deveria ser para os seus concidadãos um modelo de tranquilidade, coragem e valor. Além disso, era um homem que não permitia que suas resoluções lhe fossem ditadas por outros, não por uma multidão em pânico e muito menos por um criminoso, um único e anônimo vagabundo. E assim, durante todo o período do terror, ele fora um dos poucos na cidade imune à febre do medo, mantendo a cabeça fria. Isso, no entanto, estranhamente agora se alterava. Ou seja, enquanto lá fora as pessoas festejavam o término da atividade do assassino, como se já o tivessem liquidado, e logo esqueciam completamente os tempos de desgraça, o medo penetrava no coração de Antoine Richis como um horrendo veneno.

Por longo tempo não quisera reconhecer que era o medo que o levava a adiar viagens que já deviam ter sido feitas, a não querer sair de casa, a encurtar visitas e reuniões para poder voltar o quanto antes para casa. Desculpava-se diante de si mesmo com inconveniências e excesso de trabalho, chegava inclusive a reconhecer tranquilamente que estava um pouco preocupado, como está preocupado todo pai que tenha uma filha em idade de casar, uma preocupação absolutamente normal...

Pois a fama da beleza dela já não ha via passado para o mundo exterior? Não se espichavam pescoços quando ia com ela aos domingos à igreja? Será que certos cavalheiros do Conselho não faziam alguns avanços, no seu próprio nome ou em nome de seus filhos...?

Num dia de maio, Richis estava sentado no salão e viu Laure saindo para o jardim. Trajava um vestido azul, sobre o qual caía o seu cabelo ruivo, chamejante à luz do sol; jamais a vira tão bonita. Ela desapareceu atrás de um arbusto. E demorou antes de reaparecer, talvez apenas duas pulsações de coração a mais do que ele esperara — e ele já estava mortalmente assustado, pois durante duas pulsações do coração ele pensara tê-la perdido para sempre.

Nessa mesma noite, acordou de um terrível sonho cujo conteúdo não conseguia mais lembrar, mas que tinha a ver com Laure, e irrompeu no quarto dela, convencido de que estava morta, assassinada, violada e de cabelos cortados na cama — e a encontrou intacta.

Regressou ao seu aposento, suando e tremendo de agitação, não, não de agitação, mas de medo: finalmente reconhecia que o puro medo havia tomado conta dele e, admitindo isso, ficou mais calmo e com a cabeça mais desanuviada. Com toda a honestidade, tinha de reconhecer que desde o início não acreditara na maldição do bispo; também não no boato de que o assassino andaria agora em Grenoble; nem que sequer tivesse abandonado a cidade. Em agosto e setembro, Richis vira algumas das mocinhas assassinadas. A visão o havia revoltado e, como precisava reconhecer, ao mesmo tempo fascinado, pois todas elas, e cada uma de um modo todo especial, era de grande beleza. Jamais pensara que havia tanta beleza desconhecida em Grasse.

O assassino havia-lhe aberto os olhos: tinha um bom gosto todo especial. E seguia um sistema. Não só que todos os crimes tivessem sido executados do mesmo modo; também a escolha das vítimas revelava um propósito próximo a um planejamento econômico. Na verdade, Richis não sabia *o que* o assassino realmente desejava de suas vítimas, pois o melhor delas — a beleza e o encanto da sua juventude — ele não lhes podia roubar... ou será que podia? Em todo caso, por mais absurdo que pudesse soar, o assassino não lhe parecia, no entanto, um espírito destrutivo, mas um cuidadoso colecionador. Ou seja, assim pensava Richis — quando se imaginava todas as vítimas não mais como indivíduos isolados, mas como partes de um princípio mais elevado, e se pensava, de um modo idealista, em todas as suas características como que fundidas em um todo unitário, essa imagem composta de tais pedrinhas de mosaico devia ser a imagem da própria beleza, e a sua magia não mais seria da espécie humana, mas divina. (Como vemos, Richis era um homem esclarecido, que não se assustava diante de conclusões blasfemas, e ainda que não pensasse em categorias olfativas, mas óticas, mesmo assim chegava

muito perto da verdade.)

Dado agora o caso — assim pensou Richis adiante — que o assassino fosse um colecionador de beleza e trabalhasse na imagem da perfeição, e mesmo que isto fosse apenas na fantasia da sua mente doentia; dado, além disso, que fosse um homem de extremo bom gosto e método perfeito, como de fato parecia, não se poderia supor que desistisse da pedra mais preciosa encontrável na terra para construir essa imagem: a beleza de Laure. Toda a sua criminosa obra até então não teria qualquer valor sem ela. Ela era o ápice da sua construção.

Enquanto chegava a essa terrível conclusão, Richis ficou sentado na cama, admirando-se da própria calma. Não mais sentia frio nem tremia. Desaparecera o indefinido medo que há semanas o assolava, dando lugar à consciência de um perigo concreto: o sentido e a ação do assassino estavam muito claramente dirigidos para Laure, desde o começo. E todos os outros assassinatos eram acessórios para o coroamento nesse último assassinato. Evidentemente permanecia obscura a finalidade material que os assassinatos deveriam ter, se é que realmente chegavam a tê-la. Mas o essencial, ou seja, o método sistemático e o motivo ideal do assassino, isso Richis percebera. E quanto mais pensava nisso, mais ambas as conclusões lhe pareciam acertadas, e maior se tornava o seu respeito pelo assassino — um respeito que, é claro, ao mesmo tempo se refletia sobre ele próprio como num espelho plano, pois de qualquer modo fora ele, Richis, que, com o seu refinado espírito analítico, captara a artimanha do adversário.

Se ele, Richis, fosse um assassino e estivesse possuído pelas mesmas apaixonadas ideias do assassino, não teria podido agir de modo diferente e, como ele, faria tudo para coroar a sua louca obra com o assassinato de Laure, maravilhosa, única.

Essa última conclusão agradou-o de um modo todo especial. Que ele estivesse em condições de se colocar mentalmente na situação do futuro assassino da sua filha o colocava em situação bem acima do assassino. Pois este, era certo, não estava, apesar de toda a sua inteligência, nem um pouco em condições de se colocar na posição de Richis — e mesmo que fosse apenas porque ele certamente não podia adivinhar que Richis já se colocara na sua posição de assassino. No fundo, não era nem um pouco diferente do que também ocorria no mundo comercial — *mutatis mutandis*, é claro. A um concorrente cujos propósitos se houvessem desvendado, era-se superior; por esse já não se deixava mais passar para trás; não quando essa pessoa se chamava Richis, tendo já nadado em todas as águas e sendo dono de uma natureza combativa. Afinal, a maior casa comercial de aromas da França e o cargo de vice-cônsul não lhe haviam chegado de graça; ele os conquistara, se apoderara em combate, capturara, à medida que reconhecera, em tempos perigosos, os planos dos

concorrentes, e eliminara rivais. E suas metas futuras, o poder e o título da nobreza de sua descendência, isso iria igualmente alcançar. E não de outro modo iria enfrentar os planos desse assassino, seu concorrente pela posse de Laure — ainda que fosse apenas porque Laure também constituía o ápice na elaboração dos seus próprios planos. Ele a amava, é claro; mas também precisava dela. E do que ele precisava para concretizar as suas mais elevadas ambições, não deixaria que ninguém tirasse dele, seguraria com unhas e dentes.

Agora sentia-se melhor. Depois de ter conseguido reduzir as suas cogitações noturnas relativas à luta contra o demônio ao nível de uma disputa comercial, sentiu como se dele tomasse conta um novo ânimo, uma superanimação. Desapareceram o último resto de medo, a sensação de desalento e de aflitiva preocupação que o haviam torturado como a um velho trêmulo e senil, dissipara-se a névoa das sombrias suspeitas em que há semanas se movia às apalpadelas. Encontrava-se em território conhecido, e sentiu-se em condições de enfrentar todo e qualquer desafio.

Aliviado, quase satisfeito, saltou da cama, puxou o cordão da sineta e ordenou ao criado, que, morto de sono, entrou cambaleando, que empacotasse roupas e provisões, pois pensava viajar para Grenoble com a filha ao nascer do dia. Em seguida vestiu-se e tirou os demais empregados da cama.

No meio da noite, a casa na Rue Droite acordou em febril atividade. Na cozinha chamejava o fogo, pelos corredores apressavam-se as empregadas nervosas, os empregados se agitavam escada acima e abaixo, nas arcadas do porão ressoavam as chaves do encarregado do depósito, no pátio brilhavam archotes, criados corriam para buscar cavalos, outros puxavam os burros para fora dos estábulos, colocavam-se arreios e selas, corria-se e carregava-se — podia-se até acreditar que hordas austro-sardas estavam a caminho de saquear e roubar, como no ano de 1746, e o dono da casa se preparava em pânico para fugir. Mas de jeito nenhum! Soberano como um marechal da França, o dono da casa estava sentado à escrivaninha do seu escritório e dava ordens aos serviçais, que a todo momento entravam às pressas. Além disso, escrevia cartas ao prefeito e ao primeiro-cônsul, ao seu secretário, ao seu advogado, ao seu banqueiro em Marselha, ao Barão de Bouyon e a diversos associados comerciais.

Por volta das seis horas da manhã, tinha liquidado a correspondência e completado todos os dispositivos necessários aos seus planos. Enfiou duas pequenas pistolas de viagem na cintura, afivelou o seu cinto de dinheiro em torno de si e trancou a escrivaninha à chave. Depois foi acordar a filha.

Às oito horas a pequena caravana pôs-se em movimento. Richis ia montado à frente, magnífico na aparência, com um casacão cor de vinho com aplicações de ouro, redingote negro e chapéu preto com elegante penacho. Atrás dele seguia a filha, vestida mais modestamente, mas tão maravilhosa que a população na rua e nas janelas só tinha olhos para ela, enquanto *ahs* e *ohs* percorriam a multidão e os homens tiravam o chapéu — aparentemente diante do vice-cônsul, na verdade porém diante dela, a rainha. Depois vinha, quase sem ser notada, a ama, depois ainda o camareiro de Richis com dois cavalos de carga — a utilização de uma carruagem era impossível por causa do notório mau estado da estrada para Grenoble — e o final do cortejo era constituído por uma dúzia de mulas carregadas com toda espécie de mercadorias, sob a supervisão de dois servos. Na Porte du Cours os guardas apresentaram armas e só as baixaram quando a última mula havia passado. Crianças ainda correram por longo tempo atrás deles e ficaram acenando para o séquito que lentamente se afastava morro acima, pelo caminho tortuoso e ascendente.

A saída de Antoine Richis com a filha causou profunda e rara impressão sobre as pessoas. Era como se tivessem presenciado uma antiga *via crucis*. Correria o boato de que Richis viajaria para Grenoble, para a cidade, portanto, onde vivia o monstro assassino de moças. As pessoas não sabiam o que pensar disso. O que Richis fazia seria uma punível falta de responsabilidade ou demonstração de coragem digna de admiração? Era um desafio ou um pedido de clemência aos deuses? Elas só adivinhavam, pouco nitidamente, que há pouco tinham visto pela última vez a bela moça dos cabelos ruivos. Adivinhavam que Laure Richis estava perdida.

Essa premonição havia de mostrar-se correta, embora se baseasse em pressupostos completamente falsos. Ou seja, Richis não foi para Grenoble. A pomposa saída não passara de um disfarce. Dois quilômetros a noroeste de Grasse, perto da aldeia de Saint-Vallier, ele mandou a caravana parar. Conferiu plenos poderes ao criado e entregou-lhe cartas de apresentação, ordenando-lhe que levasse os criados e a caravana de mulas para Grenoble.

Voltou então com Laure e a ama na direção de Cabris, onde fez uma parada ao meio-dia, e, depois, cavalgou para o sul através da região montanhosa de Tanneron. O caminho era péssimo, mas permitia circundar Grasse e a bacia de Grasse num grande arco pelo oeste e à noite alcançar a costa sem ser percebido...

No dia seguinte — este era o plano de Richis — pretendia fazer-se transportar com Laure para as Ilhas de Lérins, na menor das quais se encontrava o bem protegido Convento de Saint-Honorat. Era administrado por um pequeno grupo de idosos monges, mas ainda bem capazes de se defenderem, e que conheciam Richis muito bem, pois há anos ele comprava do convento e negociava toda a produção de essência de eucalipto, pinho e óleo de cipreste. E exatamente lá, no Convento de Saint-Honorat, certamente o lugar mais seguro da Provença, além da penitenciária de Château d'If e da prisão da Île Sainte-Marguerite, ele pensava abrigar nos primeiros tempos a sua filha. Ele mesmo retornaria imediatamente para terra firme, circundaria Grasse, dessa vez via Antibes e Cagnes, para ainda entrar em Vence na noite daquele mesmo dia. Já solicitara ao seu notário que fosse para lá, para um acerto a ser feito com o Barão de Bouyon quanto ao casamento dos seus filhos Laure e Alphonse. Queria fazer a Bouyon uma proposta que este não poderia rejeitar: assumiria as suas dívidas no valor de quarenta mil libras, daria um dote da mesma quantia, além de terras e um moinho de óleo perto de Maganosc, mais uma renda anual de três mil libras para o jovem casal. A única condição de Richis era que o casamento fosse efetuado dentro de dez dias, consumando-se no mesmo dia, e que o casal passasse a residir em Vence.

Richis sabia que, com um procedimento tão apressado, elevava às alturas o

preço da ligação de sua casa com a casa de Bouyon. Se esperasse mais tempo, conseguiria isso mais barato. O barão teria até suplicado poder elevar a filha do grande comerciante burguês à nobreza através do filho, pois a fama da beleza de Laure ainda iria crescer, assim como a riqueza de Richis e a miséria financeira dos Bouyon. Mas que fosse! Nesse negócio, o adversário não era o barão, mas o desconhecido assassino. Deste é que se precisava estragar o negócio. Uma mulher casada, deflorada e se possível já grávida não se adequaria mais à sua galeria exclusiva. A última pedra do mosaico ficaria descaracterizada, Laure perderia todo o valor para o assassino, a sua obra fracassaria. E ele teria de sentir na carne essa derrota! Richis queria realizar o casamento em Grasse, com grande pompa e publicamente. E ainda que não conhecesse o adversário e jamais viesse a conhecê-lo, mesmo assim seria um prazer para ele saber que o assassino presenciaria o acontecimento, tendo de ficar olhando com os próprios olhos como aquilo que ele mais desejava lhe era arrancado bem debaixo do nariz.

O plano era bem arquitetado. E de novo temos de admirar a sensibilidade de Richis em chegar tão perto da verdade. Pois de fato, Laure Richis levada para casa pelo filho do Barão de Bouyon teria significado uma derrota aniquiladora para o assassino de donzelas. Mas o plano ainda não fora concretizado. Richis ainda não levava a filha à salvadora ara nupcial. Ele ainda não a depositara no seguro Convento de Saint-Honorat. Ainda os três cavalos percorriam com dificuldade os altiplanos incultiváveis do Tanneron. Às vezes os caminhos eram tão ruins que era preciso apear do cavalo. Tudo ia muito devagar. Esperavam alcançar o mar à noitinha, junto a La Napoule, um lugarejo a leste de Cannes.

No momento em que Laure Richis abandonava Grasse com o pai, Grenouille encontrava-se no outro extremo da cidade, no laboratório arnulfiano, e macerava junquinhos. Estava sozinho e animado. Seu período em Grasse aproximava-se do fim. O dia do triunfo estava próximo. Lá fora, na cabana, numa caixinha forrada com algodão, jaziam vinte e quatro diminutos frascos, com a aura de vinte e quatro donzelas condensada em gotas — preciosíssimas essências que Grenouille, no último ano, obtivera através de *enfleurage* fria dos corpos, maceração dos cabelos e das roupas, lavagem e destilação. E hoje ele queria colher a vigésima quinta, a mais preciosa e mais importante. Já preparara para essa finalidade uma tigelinha com gordura várias vezes filtrada, um pano de linho mais fino e um balão de álcool altamente retificado, tudo para essa última caça. O terreno fora cuidadosamente sondado. Era lua nova.

Ele sabia ser inútil uma tentativa de assaltar a bem guardada residência da Rue Droite. Por isso, já ao anoitecer, antes dos portões serem fechados, ele pretendia introduzir-se furtivamente e, ao abrigo de sua própria ausência de odor, que como uma capa de invisibilidade o excluía da percepção de pessoas e animais, esconder-se num canto qualquer da casa. Mais tarde, quando tudo estivesse dormindo, conduzido pela bússola do seu nariz através da escuridão, subiria para a câmara do seu tesouro. Ali mesmo iria trabalhá-la num lençol embebido em gordura. Só os cabelos e as roupas é que, como de hábito, levaria consigo, já que essas partes podiam ser lavadas diretamente em espírito de vinho, o que podia ser feito com maior conforto no laboratório.

Para a elaboração final da pomada e para a destilação até o concentrado, ele calculava mais uma noite de trabalho. E se tudo corresse bem — e ele não tinha razão nenhuma para duvidar de que tudo iria bem —, então depois de amanhã ele estaria de posse de todas as essências para o melhor perfume do mundo e sairia de Grasse como o homem com o melhor odor do mundo.

Por volta do meio-dia, aprontou os junquinhos. Apagou o fogo, tampou o caldeirão de gordura e foi para a parte da frente da oficina tomar fresco. O vento vinha do oeste.

Já com a primeira inspiração de ar, notou que alguma coisa não estava certa. A atmosfera não estava em ordem. Na indumentária aromática da cidade, esse véu tecido com milhares de fios, faltava o fio de ouro. Durante as últimas semanas esse fio ficara tão forte que Grenouille já o percebia ainda fora da cidade, em sua cabana. Agora se fora, desaparecido, não era mais rastreável com um intensivo farejar.

Grenouille ficou como paralisado de susto.

Está morta, pensou. Depois, ainda mais assustado: ura outro chegou antes de mim. Um outro arrancou a minha flor e guardou para si o seu perfume! Não soltou grito algum, para tanto a sua comoção era grande demais, mas chegou às lágrimas que afloraram nos cantos dos seus olhos e, de repente, escorreram pelos dois lados do nariz.

Em seguida Druot retornou do Quatre Dauphins para almoçar e contou *en passant* que naquela manhã, bem cedo, o vice-cônsul fora com doze mulas e a filha para Grenoble. Grenouille engoliu as lágrimas e saiu correndo pela cidade na direção da Porte du Cours. Parou na praça em frente ao portão, farejando. E no puro vento oeste, intocado pelos cheiros da cidade, reencontrou de fato o seu fio de ouro; apesar de fino e fraco, mesmo assim inconfundível. No entanto, o amado odor não soprava de noroeste, para onde levava a estrada que ia para Grenoble, mas da direção de Cabris — quase do sudoeste.

Grenouille perguntou à guarda qual a estrada que o vice-cônsul tomara. A sentinela apontou para o norte. Não foi a estrada para Cabris? Ou a outra, que levava para o sul, na direção de Auribeau e La Napoule? Absolutamente não, disse a sentinela, vira com os seus próprios olhos.

Grenouille correu de volta para a sua cabana, empacotou um lençol de linho, uma panela de pomada, espátula, tesoura e uma pequena maça feita de madeira de oliveira; colocou tudo no saco de viagem e pôs-se sem demora a caminho — não de Grenoble, mas para onde o seu nariz apontava: para o sul.

Esse caminho, direto para La Napoule, passava ao longo das faldas do Tanneron, através das corredeiras de Frayère e Siagne. Era bom de se caminhar. Grenouille avançava rapidamente. Quando Auribeau apareceu à sua direita, pendurada lá no alto da montanha, farejou que quase alcançara os fugitivos. Pouco depois estava à mesma altura que eles. Agora os cheirava individualmente, sentia até mesmo o vapor úmido dos seus cavalos. No máximo podiam estar a um quilômetro a oeste, em algum ponto nas florestas do Tanneron. Dirigiam-se para o sul, na direção do mar. Exatamente como ele.

Por volta das cinco da tarde, Grenouille alcançou La Napoule. Foi para a hospedaria, comeu e pediu um alojamento barato. Disse que era oficial curtidor vindo de Nice, a caminho de Marselha. Foi-lhe dito que podia pernoitar no estábulo. Lá ele se deitou num canto e descansou. Cheirou que os três a cavalo se aproximavam. Tinha só que esperar.

Duas horas mais tarde — já escurecia bastante — chegaram. Para resguardar o anonimato, mudaram de roupa. As duas mulheres usavam agora vestidos e véus

escuros, Richis vestia um casacão escuro. Apresentou-se como um nobre vindo de Castellane; amanhã pretendia ir para as Ilhas de Lérins, o dono da hospedaria que providenciasse um bote que estivesse à disposição ao nascer do sol. Além dele e de sua gente havia outros hóspedes na casa? Não, disse o dono da hospedaria, só um curtidor de Nice, que pernoitava no estábulo.

Richis mandou as mulheres para os quartos. Ele mesmo foi até o estábulo para, conforme disse, buscar algo nas bolsas da sela. Primeiro nem conseguiu encontrar o curtidor, teve de pedir emprestada uma lanterna ao cavaleiro.

Viu-o então, deitado num canto sobre palha e uma velha coberta, a cabeça apoiada em seu saco de viagem, dormindo profundamente. Chamava tão pouco a atenção que por um momento Richis teve a impressão de que ele nem sequer estava ali, mas era apenas uma dessas quimeras projetadas pelas sombras oscilantes da lanterna. Em todo caso, Richis sentiu-se no mesmo instante seguro de que não havia o menor perigo a temer dessa criatura comovedoramente inocente, e se afastou sem ruído para não perturbar o seu sono, voltando para dentro da casa.

Jantou com a filha no quarto. Não explicara a ela as intenções nem as metas da viagem, e tampouco agora o fez, embora ela o pedisse. Amanhã a informaria, disse ele, e ela poderia confiar que tudo o que estava planejando e fazendo iria redundar em seu benefício e futura felicidade.

Depois da refeição jogaram algumas partidas de *hombre*, que ele perdeu todas, pois em vez de olhar para as cartas ficava sempre olhando o rosto dela, maravilhando-se com a sua beleza. Por volta das nove horas levou-a para o quarto, que ficava em frente ao seu, deu-lhe um beijo de boa-noite e trancou a porta pelo lado de fora. Em seguida ele mesmo foi para a cama.

Sentiu-se de repente muito cansado com os esforços do dia e da noite passada e, ao mesmo tempo, muito satisfeito consigo mesmo e com o andamento das coisas. Sem a menor preocupação, sem as sombrias premonições que até a véspera o haviam torturado e mantido acordado toda vez que apagava a luz, pegou logo no sono, dormindo sem sonhos, sem gemidos, sem convulsões e sem um nervoso virar e revirar do corpo. Pela primeira vez em muito tempo, Richis teve um sono profundo, calmo, repousante.

Por volta dessa mesma nora, Grenouille levantou-se no estábulo. Também ele estava satisfeito consigo mesmo e com o andamento das coisas, sentindo-se extremamente repousado, embora não tivesse dormido nem um segundo. Quando Richis viera ao estábulo procurá-lo, só fingira estar dormindo para tornar ainda mais evidente a impressão de inofensividade, que ele de qualquer modo já emanava graças à descrição do seu cheiro. Ao contrário de Richis em relação a ele, percebera Richis de um modo extremamente preciso, ou seja, olfatoriamente, e não lhe

escapara em nenhum momento o alívio de Richis ao vê-lo.

E, assim, nesse breve encontro, ambos se haviam convencido de sua inofensividade, correta e incorretamente, e, como achou Grenouille, assim estava tudo bem, pois a sua própria inofensividade aparente e a inofensividade real de Richis facilitavam as coisas para ele, Grenouille, uma visão de que, aliás, Richis teria, no caso inverso, compartilhado plenamente.

Com cuidados profissionais, Grenouille pôs-se a trabalhar. Abriu o saco de viagem, retirou dele lençol, pomada e espátula, estendeu o lençol de linho sobre o cobertor em que estivera deitado e começou a espalhar sobre ele a pasta gordurosa. Este era um trabalho que demandava um certo tempo, pois era preciso tratar de colocar a gordura aqui numa camada mais grossa, ali numa mais fina, conforme a parte do corpo que o pano viesse a tocar. Boca e axilas, seios, sexo e pés forneciam maiores quantidades de odor do que, por exemplo, canelas, costas e cotovelos; palmas das mãos mais do que as costas das mãos; sobrancelhas mais do que pálpebras *etc.* — e precisavam, de acordo com isso, ser providas de gordura. Grenouille modelava, portanto, como que um diagrama aromático do corpo a ser trabalhado no lençol, e essa parte do trabalho era a que, de fato, mais o agradava, pois se tratava de uma técnica artística que ocupava igualmente a mente, a fantasia e as mãos, antecipando, além disso, de um modo ideal, o prazer do resultado final a ser alcançado.

Depois de ter gasto todo o pote de pomada, ficou ainda retocando aqui e ali, retirou gordura de um lugar do lençol, acrescentou em outro, retocou, examinou ainda mais uma vez a paisagem modelada de gordura — aliás, com o nariz, não com os olhos, pois tudo isso transcorreu na absoluta escuridão, o que talvez fosse mais uma razão para o estado de ânimo alegre e equilibrado de Grenouille. Nessa noite de lua nova, nada desviava a sua atenção. O mundo não passava de cheiro e de alguns ruídos do mar. Estava no seu elemento. Depois dobrou o lençol como um tapete, de tal modo que as partes engorduradas ficassem juntas. Isso era para ele uma ação dolorosa, pois bem sabia que com isso, apesar de todos os cuidados, partes dos contornos formados eram aplainadas e deslocadas. Mas não havia outro jeito de transportar o lençol. Depois de tê-lo dobrado até o ponto de poder carregá-lo sem grande problema, deitado por sobre o antebraço, guardou a espátula, a tesoura e a pequena maça de oliveira junto ao corpo e saiu furtivamente para o ar livre.

O céu estava encoberto. Na casa já não havia mais luz. O único fulgor nessa noite escuríssima oscilava a leste, no farol do forte da Île Sainte-Marguerite, a quase dois quilômetros de distância, um diminuto ponto claro de agulha sobre tecido negro. Da baía soprava um vento suave com cheiro de peixe. Os cães dormiam.

Grenouille foi até um galpão coberto no pátio onde vira uma escada recostada. Levantou a escada e balançou-a de pé, três degraus presos debaixo do braço direito livre, o resto se apoiando sobre o seu ombro direito, levando-a pelo pátio até debaixo da janela de Laure. A janela estava entreaberta. Ao subir, comodamente como numa escadaria, felicitou-se pela circunstância de poder colher a fragrância da

jovem aqui em La Napoule. Em Grasse, com janelas gradeadas e casa sob severa vigilância, tudo teria sido muito mais difícil. Aqui ela estaria dormindo sozinha. Ele nem sequer teria de eliminar a ama.

Abriu a persiana, esgueirou-se para o quarto e depôs o lençol. Depois voltou-se para a cama. A fragrância do seu cabelo preponderava, pois ela estava deitada de bruços, tendo o rosto, emoldurado pelo ângulo do braço, enfiado no travesseiro, de tal modo que a parte de trás de sua cabeça se apresentava à pancada do porrete de um modo quase ideal.

O ruído da pancada foi surdo, abafado e rangente. Ele detestava isso. Detestava porque era um ruído, um ruído no seu negócio de resto silencioso. Só mordendo os dentes é que conseguia suportar esse horrível ruído e, depois que ele passava, ficava ainda um tempo parado, rígido e se mordendo, a mão tensa em torno da garganta, como se temesse que o ruído pudesse retornar como um eco de algum lugar. Mas não retornou, só retornou a quietude do quarto, uma quietude até maior, já que agora nem sequer havia mais a respiração suave da moça. E logo passou a postura tensa de Grenouille (que talvez pudesse também ser interpretada como uma postura de veneração, ou uma espécie de inibido minuto de silêncio), e o seu corpo, insinuante, afundou em si mesmo.

Depôs o porrete de lado e, agora, passou a um estado de frenética atividade. Primeiro abriu o lençol de aromatização, estendeu-o bem, com a parte de trás sobre a mesa e as cadeiras, cuidando para que o lado engordurado não fosse tocado. Depois retirou o cobertor. A maravilhosa fragrância da moça, em nuvem quente e compacta ascendendo de súbito, não mais o atingiu. Ele já conhecia isso, e usufruí-la, usufruí-la até o delírio, era algo que ele só faria mais tarde, só quando realmente viesse a possuí-la. Agora se tratava de captar o máximo possível dela, deixar o mínimo possível escapar: concentração e rapidez eram agora exigidas.

Com rápidos cortes de tesoura, abriu o camisolão de dormir, pegou o lençol engordurado e jogou-o sobre o corpo nu. Ergueu-a, enfiou o que restava do lençol por baixo do corpo, enrolou-a como um padeiro faz com um rocam-bole, dobrou as pontas, e envolveu-a dos pés à cabeça. Só o cabelo dela espiava ainda para fora do envoltório de múmia. Cortou o cabelo bem rente do crânio e enrolou-o no seu camisolão, que amarrou numa trouxa. Por último dobrou um pedaço de lençol que sobrava sobre o crânio alvo, alisou a ponta dobrada, fixou-a com toques suaves dos dedos. Examinou o pacote todo. Nenhuma fresta, nenhum buraquinho, nenhuma dobra com espaço sobrando, por onde a fragrância da jovem pudesse escapar. Estava perfeitamente empacotada. Não restava mais nada a fazer senão esperar, por seis horas, até que o cinza do amanhecer se anunciasse.

Pegou a poltronazinha sobre a qual estavam as roupas dela, carregou-a até junto

à cama e sentou-se. O longo vestido negro ainda estava impregnado de sua fragrância, misturada ao cheiro de pastilhas de anis, que ela enfiara no bolso como provisão de viagem. Colocou os seus próprios pés à beira da cama, perto dos pés de Laure, cobriu-se com o vestido dela e comeu as pastilhas de anis. Estava cansado. Mas não queria dormir, pois não é correto dormir enquanto se trabalha, mesmo que o trabalho consistisse apenas em ficar esperando. Lembrou-se das noites que passara destilando no laboratório de Baldini: o alambique preto de fuligem, o fogo oscilante, o leve barulho com que, cuspidando, o destilado pingava do caninho de refrigeração para dentro da garrafa florentina. De tempos em tempos era preciso dar uma olhada no fogo, completar a água de destilação, mudar a garrafa florentina, substituir o material destilado. E, mesmo assim, para ele havia sido sempre como se não estivesse vigiando para executar as coisas que eventualmente tinham de ser feitas, mas como se a vigília tivesse o seu próprio sentido. Mesmo aqui nessa câmara, onde o processo de *enfleurage* se efetuava por si mesmo, sim, onde até mesmo um examinar, virar e arrumar fora de hora o pacote perfumado só poderia perturbar o processo — mesmo aqui, assim pareceu a Grenouille, a sua vigilante presença era importante. O sono teria perturbado o espírito da empreitada.

Aliás, nem lhe era difícil ficar acordado e esperar, apesar do seu cansaço. Dessa espera ele gostava. Também com as outras vinte e quatro moças ele gostara, pois não era uma espera totalmente idiota e também não uma espera totalmente saudosa, mas uma espera acompanhando, cheia de sentido, até certo ponto uma espera ativa. Algo se fazia durante essa espera. Fazia-se o essencial. E mesmo que ele próprio também não fizesse isso, fazia-se, no entanto, através dele. Ele dera o melhor de si mesmo. Empregara toda a sua habilidade. Nenhum erro ocorrera. A obra era única. Seria coroada de êxito... Só precisava ainda esperar por algumas horas. Satisfazia-o profundamente essa espera. Nunca em sua vida se sentira tão contente, tão calmo, tão equilibrado, tão uno consigo mesmo — nem mesmo na sua montanha — como nessas horas de pausa artesanal, em que, no mais fundo da noite, ficava sentado junto à sua vítima, a esperar vigiando. Eram os únicos momentos em que, em sua mente sombria, se formavam pensamentos quase alegres.

Estranhamente, tais pensamentos não se voltavam para o futuro. Ele não pensava na fragrância que dentro de algumas horas iria colher, nem no perfume feito da aura de vinte e cinco mocinhas, ou em seus futuros planos, em alegria e êxito. Não, ele repensava o seu passado. Lembrou as etapas da sua vida, desde a casa de Madame Gaillard e da pilha de lenha úmida e quente diante dela até a sua viagem de hoje para a pequena aldeia de La Napoule, que cheirava a peixe. Pensou em Grimal, Giuseppe Baldini, no Marquês de la Taillade-Espinasse. Pensou na cidade de Paris, em seu imenso bródio, a cheirar mal em mil nuances, pensou na jovem ruiva da Rue des Marais, no campo aberto, no vento fino, nas matas. Pensou também nas

montanhas de Auvergne — de jeito nenhum evitou essa recordação —, na sua caverna, na atmosfera vazia de gente. Pensou também nos seus sonhos. E pensou em todas essas coisas com imenso agrado. Sim, parecia que, rememorando assim, era um homem especialmente bafejado pela sorte e que o seu destino o conduzira por um caminho, embora tortuoso, em última instância correto — e se assim não fosse, como teria sido possível que tivesse achado o caminho até aqui, nesse quartinho escuro, junto à meta dos seus desejos? Pensando bem, era um indivíduo realmente abençoado!

Nele explodiram comoção, humildade e gratidão.

— Eu lhe agradeço — disse ele baixinho —, eu lhe agradeço, Jean-Baptiste Grenouille, por você ser como é!

Tão comovido estava consigo mesmo.

Daí fechou as pálpebras — não para dormir, mas para entregar-se plenamente à paz dessa noite sagrada. A paz encheu seu coração. Mas parecia-lhe que ela também imperava ao seu redor. Cheirou o pacífico sono da ama no quarto ao lado, o sono profundamente satisfeito de Antoine Richis do outro lado do corredor, cheirou o pacífico dormir do hoteleiro e dos criados, dos cães, dos animais no estábulo, de toda a localidade e do mar. O vento havia parado. Tudo estava quieto. Nada perturbava a paz.

Uma vez ele curvou o pé para o lado e tocou de leve o pé de Laure. Não propriamente o pé, mas o pano que o envolvia, com a fina camada de gordura por baixo e que se embebia com o seu odor, com o maravilhoso odor dela, com o perfume dele.

Quando os pássaros começaram a cantar — portanto ainda um bom tempo antes do amanhecer ele se levantou e completou o seu trabalho. Abriu o pano e puxou-o como um esparadrapo de cima da morta. A gordura se descascava bem da pele. Só nos recantos angulosos é que ficavam pendurados alguns restos, que ele tinha de retirar com a espátula. Limpou os demais fiapos de pomada com a anágua da própria Laure, com a qual, por fim, ainda esfregou o corpo dela da cabeça aos pés, tão profundamente que formou farelos ainda com a gordura dos poros, levando com isso os últimos fragmentos e fiapos do seu odor. Só agora é que, para ele, ela estava realmente morta, fenecida, murcha e apagada como um resto de flor.

Jogou a anágua dentro do grande lençol de *enfleurage*, único lugar onde ela continuava vivendo, acrescentou o camisolão e os cabelos e enrolou tudo isso num pequeno pacote bem firme, que enfiou debaixo do braço. Não se deu o trabalho de cobrir o cadáver em cima da cama. E embora a escuridão da noite já tivesse se transformado no cinza-azulado do alvorecer e as coisas comesçassem a ganhar contornos no quarto, ele não deu mais nenhuma olhada para a cama a fim de ao menos uma vez na vida vê-la com os olhos. Sua figura sequer o interessava. Enquanto corpo, ela não existia para ele, só ainda enquanto odor incorpóreo. E este ele carregava debaixo do braço e levava consigo.

De leve, balançou por cima do peitoril da janela e desceu até a escada. Lá fora o vento recomeçara, e o céu ficava claro e derramava uma fria luz azul-escura sobre a paisagem.

Meia hora mais tarde, a criada acendeu o fogo na cozinha. Ao passar pela frente da casa para buscar lenha, viu a escada encostada, mas estava com sono demais para tirar qualquer conclusão quanto a isso. Pouco depois das seis horas o sol apareceu. Imenso e rubro-dourado, ergueu-se entre as duas Ilhas Lerinianas de dentro do mar. Não havia nuvem alguma no céu. Começava um belíssimo dia de primavera.

Richis, cujo quarto ficava do lado oeste, acordou às sete. Pela primeira vez em meses ele havia realmente dormido, e, ao contrário dos seus hábitos, ficou ainda por um quarto de hora deitado, espichou-se todo e bocejou de satisfação, escutando os agradáveis rumores que subiam da cozinha. Quando, então, levantou e abriu bem a janela, percebeu que lá fora imperava um belo tempo, entrava o ar fresco e gostoso da manhã e se ouvia a ressaca do mar; então o seu bom humor não conheceu mais limites e ele espichou os lábios e assoviou uma animada melodia.

Enquanto se vestia, continuou assoviando, e ainda assoviava ao deixar o seu

quarto; com pés alados atravessou o corredor até a porta da sua filha. Bateu. Bateu novamente, bem de leve, para não assustá-la. Não veio resposta. Deu um sorriso. Entendia que ela ainda estivesse dormindo.

Cautelosamente, enfiou a chave na fechadura e torceu o trinco, baixo, bem baixinho, cuidando para não acordá-la, quase ansioso por encontrá-la ainda dormindo, sono do qual ele gostaria de acordá-la aos beijos, ainda uma vez, pela última vez, antes de ter de entregá-la a outro homem.

A porta se abriu, ele entrou e a luz do sol caiu-lhe de cheio no rosto. O quartinho estava como que tomado por prata flutuante, tudo brilhava e, de dor, ele teve de fechar por um momento os olhos.

Ao abri-los novamente, viu Laure deitada sobre a cama, nua e morta, com o cabelo completamente cortado e esplendorosamente alva. Era como no pesadelo que tivera na noite anterior em Grasse, e depois esquecera, e cujo conteúdo lhe percorria agora o cérebro como um raio. De repente tudo era exatamente como naquele sonho, só que muito mais claro.

A notícia do assassinato de Laure Richis espalhou-se tão depressa pela região de Grasse quanto se tivesse dito "o rei está morto!" ou "estamos em guerra!" ou "os piratas aportaram na praia!", acarretando sustos semelhantes ou até piores. De repente, o medo cuidadosamente esquecido estava ali de novo, virulento como no outono anterior, com todos os seus fenômenos correlatos: o pânico, a indignação, a raiva, as suspeitas históricas, o desespero. As pessoas permaneciam à noite em casa, trancafiavam suas filhas, formavam barricadas, desconfiavam umas das outras e não dormiam mais. Todo mundo pensava que agora tudo prosseguiria como na vez anterior, a cada semana um assassinato. O tempo parecia ter voltado meio ano.

Ainda mais paralisante que há meio ano era a angústia, pois o súbito retorno do perigo que já se acreditava superado espalhava uma sensação de desamparo entre as pessoas. Se até mesmo a maldição do bispo fracassara! Se Antoine Richis, o grande Richis, o cidadão mais rico da cidade, o vice-cônsul, um homem poderoso, que tinha todos os recursos à sua disposição, não conseguira proteger a sua própria filha! Se a mão do assassino não se mantivera longe sequer da sagrada beleza de Laure — pois ela parecia de fato uma santa a todos os que a haviam conhecido, sobretudo agora, *a posteriori*, quando estava morta. Que esperança havia ainda de escapar do assassino? Ele era pior do que a peste, pois da peste se podia fugir, mas não desse assassino, como o demonstrava o exemplo de Richis. Ele possuía, evidentemente, qualidades sobrenaturais. Tinha por certo um pacto com o demônio, caso não fosse ele mesmo o demônio. E, assim, muitos, sobretudo os espíritos mais simplórios, não souberam pensar em outra coisa senão em ir à igreja e rezar, cada categoria profissional para o seu patrono: os chaveiros para Santo Aloísio, os tecelões para São Crispim, os jardineiros para Santo Antônio, os perfumistas para São José. E levavam junto as mulheres e filhas, rezavam juntos, comiam e dormiam nas igrejas, não saíam de dentro delas nem mesmo de dia, convencidos de que sô na proteção da desesperada comunidade e diante da Madona encontrariam a única segurança possível contra o monstro, se é que ainda havia segurança.

Outros, mais espertos, como a Igreja já falhara uma vez, reuniram-se em grupos ocultistas, contrataram por muito dinheiro uma experiente bruxa de Gourdon, enfiaram-se em uma das muitas grutas de calcário dos subterrâneos de Grasse e promoveram missas satânicas, para se mostrarem favoráveis ao demônio feito carne. Outros ainda, membros destacados da alta burguesia e da aristocracia culta, apostavam, por sua vez, nos mais modernos métodos científicos, magnetizavam as suas casas, hipnotizavam suas filhas, formavam círculos fluídicos esotéricos em seus

salões e tentavam, mediante emissões de pensamento produzidas coletivamente, banir telepaticamente o espírito do assassino. As corporações organizaram uma procissão de penitência, de Grasse até La Napoule, ida e volta. Os monges dos cinco conventos da cidade rezaram sem parar missas de súplica a Deus, com cantoria contínua, de tal modo que ora nessa ora naquela esquina da cidade podia-se ouvir uma lamentação ininterrupta, dia e noite. Quase não se trabalhava mais.

Assim o povo de Grasse ficou esperando, em febril inatividade, quase com impaciência, o próximo assassinato. Que ele ocorreria, disso ninguém duvidava. E em segredo cada um almejava a assustadora notícia, com a única esperança de que ela atingiria não a ele próprio, mas a um outro.

No entanto, as autoridades da cidade, da região e da província não se deixaram dessa vez contagiar pela histeria popular. Pela primeira vez, desde que o assassino de jovens aparecera, houve um trabalho conjunto, planejado e proveitoso entre as intendências de Grasse, Draguignan e Toulon, entre magistrados, polícia, intendentess, parlamento e marinha.

A razão para essa ação solidária dos poderosos era, por um lado, o temor de um levante popular, e, por outro, o fato de que com o assassinato de Laure Richis tinham-se pontos de partida que possibilitavam uma perseguição sistemática ao assassino. O assassino fora visto. Evidentemente se tratava daquele ominoso oficial curtidor que, na noite do crime, ficara no estábulo da hospedaria de La Napoule, e na manhã seguinte desaparecera sem deixar rastro. De acordo com as informações do estalajadeiro, do cavalição e de Richis, era um homem baixinho, sem traços marcantes, com um jaquetão marrom e um saco de viagens de linho grosso. Embora de resto a recordação das três testemunhas permanecesse estranhamente vaga, não conseguindo elas, por exemplo, descrever o rosto, a cor do cabelo ou o modo do homem falar, o estalajadeiro soube ainda dizer que, se não se enganava, notara a postura e o modo de caminhar capenga do estranho, como se tivesse um ferimento na perna ou um aleijão no pé.

Munidos desses indícios, já por volta do meio-dia do dia do crime, duas companhias de cavalaria da *maréchaussée* empreenderam a perseguição ao assassino na direção de Marselha — uma ao longo da costa, a outra pelo interior.

As redondezas próximas de La Napoule foram passadas no pente fino por voluntários. Dois comissários do tribunal regional de Grasse viajaram para Nice a fim de investigar oficiais curtidores. Nos portos de Fréjus, Cannes e Antibes foram controlados todos os navios que partiam, foi fechado todo acesso à fronteira com a Savóia, os viajantes tinham de mostrar documentos. Um cartaz descrevendo o criminoso apareceu, para aqueles que sabiam ler, em todos os portões das cidades de Grasse, Vence, Gourdon e nas portas das igrejas das aldeias. É claro que o

suposto aleijão no pé reforçou o ponto de vista de que, no caso, o criminoso era o próprio demo, e isso desencadeou antes o pânico na população, o que redundou em indicações úteis.

Só depois que o presidente do tribunal de Grasse prometeu, a mando de Richis, uma recompensa de não menos que duzentas libras para indicações que possibilitassem a captura do criminoso é que denúncias levaram à prisão de alguns curtidores em Grasse, Opio e Gourdon, dos quais um tinha efetivamente a infelicidade de mancar. Apesar do seu álibi, confirmado por várias testemunhas, já se pensava em submetê-lo a torturas quando, no décimo dia do assassinato, um homem da guarda da cidade anunciou-se junto à magistratura e fez a seguinte declaração aos juizes: ao meio-dia daquele dia, ele, Gabriel Tagliasco, capitão da guarda, estivera, como de costume, de serviço na Porte du Cours, quando fora abordado por um indivíduo cuja descrição combinava bastante com a dos cartazes, e ele repetida e insistentemente perguntara quanto ao caminho tomado pelo vice-cônsul ao sair da cidade pela manhã com a sua caravana. Nem naquela ocasião nem mais tarde ele dera qualquer importância ao incidente, e também não teria podido lembrar-se do indivíduo — era tão completamente insignificante — se não o tivesse visto ontem por acaso de novo, e isso aqui, em Grasse, na Rue de la Louve, em frente ao ateliê de *Maitre* Druot e Madame Arnulfi, ocasião em que inclusive lhe chamara a atenção que o homem, ao voltar para dentro da oficina, teria mancado nitidamente.

Uma hora mais tarde Grenouille foi preso. O estalajadeiro e o encarregado do estábulo de La Napoule, que se encontravam em Grasse para identificação dos outros suspeitos, logo o reconheceram como o oficial curtidor que se hospedara com eles: era ele, absolutamente, que devia ser o criminoso procurado.

Investigou-se o laboratório, investigou-se a cabana no olival atrás do convento dos franciscanos. Num canto, mal escondidos, estavam o camisolão cortado, a anágua e os cabelos ruivos de Laure Richis. E quando se escavou o solo, foram aparecendo, um após outro, os vestidos e cabelos das outras vinte e quatro moças. Encontrou-se a maça de madeira com que as vítimas tinham sido abatidas e a sacola de viagem feita de linho. Os indícios eram convincentes.

Mandaram tocar os sinos. O presidente do tribunal proclamou, por anúncios e cartazes, que o famigerado assassino de moças, procurado há quase um ano, finalmente estava preso e sob firme vigilância.

De início as pessoas não acreditaram nos anúncios. Consideraram-nos um truque, com o qual as autoridades queriam escamotear a sua própria incapacidade e acalmar o ânimo perigosamente sublevado do povo. Bem se lembravam ainda do tempo em que fora dito que o assassino teria se mudado para Grenoble. Desta vez, o medo penetrara fundo demais na alma das pessoas.

Só quando no dia seguinte foram publicamente expostas na praça da igreja diante da Prévôté — era um quadro horrendo ver enfileiradas as vinte e cinco roupas com os vinte e cinco escalpos, postos como espantalhos sobre estacas, na parte frontal da praça, olhando para a catedral — só então é que a opinião pública mudou.

Às centenas e centenas, as pessoas desfilaram ao longo da macabra galeria. Familiares das vítimas, ao reconhecerem os vestidos, desmaiavam aos gritos. O resto da multidão, em parte por sensacionalismo, em parte para ficar completamente convencido, desejava ver o assassino. Os clamores para que ele fosse mostrado logo se tornaram tão altos, a inquietação na pracinha cheia de gente se tornou tão ameaçadora que o presidente decidiu mandar trazer Grenouille de sua cela e apresentá-lo numa janela do primeiro andar do prebostado.

Quando Grenouille apareceu junto à janela, cessou o alarido. De repente tudo ficou tão quieto quanto ao meio-dia de um quente dia de verão, quando todo mundo está fora, nos campos, ou se esconde à sombra das casas. Não se ouvia mais um passo, um pigarro, uma respiração. A multidão só era ainda olhos e bocas abertas, por longos minutos. Ninguém conseguia entender que aquele homenzinho pouco convincente, pequeno, atarracado, lá em cima na janela, essa minhoca, esse montezinho de merda, esse nada, teria cometido mais de duas dúzias de assassinatos. Ele simplesmente não parecia um assassino. Ninguém, na verdade, teria sido capaz de dizer *como* realmente imaginara o assassino, esse demônio, mas todos concordavam num ponto: não era assim! E no entanto — embora o assassino nem sequer correspondesse bem à concepção das pessoas, e por isso, como se poderia supor, devia ter um efeito bem pouco convincente, paradoxalmente emanava só da presença desse homem à janela, e do fato de que só ele e nenhum outro tivesse sido apresentado como o assassino, um efeito convincente. Todos pensavam: isso não pode ser verdade! — e no mesmo momento sabiam que tinha de ser verdade.

Efetivamente, só quando os guardas já haviam devolvido o homenzinho à escuridão da cela, só quando ele não estava, portanto, mais presente nem visível, mas só existia ainda, embora também por pouquíssimo tempo, enquanto recordação, quase se poderia dizer enquanto um conceito na cabeça das pessoas, como a

concepção de um horrendo assassino — só então é que o espanto da multidão se esvaiu, dando lugar a uma adequada reação: as mandíbulas se fecharam, os mil olhos voltaram a viver. E daí ecoou um único grito de raiva e vingança, como um trovão: "Queremos ele!" E eles se preparavam para invadir a Prévôté para, com as próprias mãos, estrangulá-lo, destruí-lo, esfrangalhá-lo. Os guardas a muito custo conseguiram guarnecer o portão e repelir a multidão. Grenouille foi levado às pressas para a sua cela. O presidente foi até à janela e prometeu um processo rápido e exemplarmente severo. Apesar disso, ainda levou horas até a multidão se dispersar, dias ainda até que a cidade estivesse razoavelmente calma.

De fato, o processo contra Grenouille transcorreu com extrema rapidez, já que não só as provas eram esmagadoras, como o próprio acusado, ao ser ouvido, reconheceu sem delongas os crimes de que era acusado.

Perguntado quanto aos seus motivos, não soube dar nenhuma resposta satisfatória. Sempre repetia apenas que precisara das moças e, por isso, as liquidara. Para que delas precisara e o que, afinal, queria dizer "precisava delas" —, quanto a isso ele se calou. Foi repassado então para a tortura: ficou durante horas pendurado pelos pés, bombearam sete litros d'água para dentro dele, aplicaram-lhe torniquetes nos pés — sem o menor êxito. O homem parecia insensível a dores físicas, não soltava um pio, e toda vez que era perguntado, dizia apenas: "Precisava delas." Os juizes o consideraram louco. Suspenderam as torturas e decidiram levar o processo a cabo sem mais interrogatórios.

O único retardamento que ainda ocorreu foi um bate-boca jurídico com o magistrado de Draguignan, em cuja jurisdição estava La Napoule, e o parlamento em Aix, pois ambos queriam trazer para si o processo. Mas os juizes grassenses não deixaram a questão escapar de suas mãos. Eles é que haviam prendido o criminoso; na sua jurisdição é que ocorrera a grande maioria dos assassinatos, e a eles é que ameaçaria o crescente ódio popular caso deixassem o assassino para um outro tribunal. O sangue dele tinha que correr em Grasse.

A 15 de abril de 1766 foi realizado o julgamento, e lido para o acusado em sua cela: "O oficial perfumista, Jean-Baptiste Grenouille", assim rezava o texto, "deverá ser levado dentro de quarenta e oito horas à praça pública em frente aos portões da cidade; lá, com o rosto para o céu, será amarrado a uma cruz de madeira; ser-lhe-ão aplicadas, ao vivo, doze pancadas com uma barra de ferro, que lhe destroçarão as articulações dos braços, pernas, quadris e ombros, sendo depois preso à cruz, exposto até a morte."

A usual prática misericordiosa — estrangular o delinquente após o esmigalhamento por meio de uma corda — foi expressamente proibida ao carrasco, mesmo que a agonia viesse a se estender por dias. O cadáver deveria ser enterrado

onde eram enterrados os animais, sem que qualquer sinal marcasse depois o local.

Grenouille ouviu a sentença sem se manifestar. O oficial de justiça perguntou qual era o seu último desejo. "Nada", respondeu Grenouille; tinha, disse, tudo que precisava.

Um padre entrou na cela para ouvir-lhe a confissão, mas saiu depois de um quarto de hora, sem nada ter feito. Ao ser aventado o nome de Deus, o condenado o teria olhado com tão absoluta falta de entendimento como se ouvisse esse nome pela primeira vez, teria depois se estendido no seu catre para logo mergulhar no sono mais profundo. Qualquer palavra mais teria sido inútil.

Nos dois dias seguintes muitas pessoas vieram olhar de perto o famoso criminoso. Os guardas deixavam que dessem uma olhada pela portinhola da cela e pediam seis *sous* por olhada. Um escultor que queria fazer um esboço teve de pagar dois francos. Mas o modelo artístico era decepcionante. Acorrentado pelas mãos e pelos pés, o prisioneiro ficava deitado o tempo todo no catre e dormia. Tinha a cabeça voltada para a parede e não reagiu nem a pancadas na porta nem a chamados. A entrada na cela era rigorosamente proibida às visitas e, apesar das tentadoras propostas, os guardas não ousavam transgredir essa proibição.

Temia-se que o prisioneiro pudesse ser morto antes da hora por um familiar das suas vítimas. Pela mesma razão, era vedado oferecer-lhe comida de fora. Podia estar envenenada. Durante todo o período de prisão, Grenouille recebeu a sua comida da cozinha da criadagera do palácio episcopal, tendo o superintendente da prisão o dever de prová-la primeiro. É verdade que, nos dois últimos dias, não comeu nada. Ficou deitado, dormindo. Ocasionalmente ressoavam as suas correntes e, quando o guarda acorria até a portinhola, podia vê-lo tomar um gole da garrafa d'água, jogar-se novamente sobre o catre e continuar dormindo. Parecia que esse homem estava tão cansado da vida que nem sequer queria viver as suas últimas horas acordado.

Enquanto isso, a praça pública era preparada para a execução. Carpinteiros preparavam um cadafalso, três metros por três de largura, dois de altura, com corrimão e uma sólida escada — tão luxuoso como nunca se tivera em Grasse. Além disso, uma tribuna de madeira para as autoridades e uma cerca para conter o populacho, que precisava ser mantido a uma certa distância. Os lugares nas janelas à esquerda e à direita da Porte du Cours e no edifício da guarda já tinham sido há muito alugados por preços exorbitantes. Até na Charité, que ficava um tanto de lado, o auxiliar do carrasco tirara os doentes dos quartos e os alugara, com grande lucro, para os curiosos. Os vendedores de refrescos já misturavam galões de água de alcaçuz como provisão; o escultor fundia em cobre centenas de cópias do seu esboço do assassino feito na prisão e, com auxílio da fantasia, tornara-o um pouco mais horrível; caixeiros viajantes afluíam às dúzias à cidade; padeiros preparavam

bolos comemorativos.

O carrasco, *Monsieur Papon*, que há anos não tinha nenhum delinquente para esmigalhar, mandou fundir uma pesada barra de ferro de quatro cantoneiras e foi com ela até o matadouro para treinar os seus golpes em cadáveres de animais. Podia aplicar apenas doze golpes, e com estes as doze articulações deveriam ser quebradas com segurança, sem que partes valiosas do corpo, como por exemplo o peito ou a cabeça, fossem feridas — um negócio difícil, que exigia grande sensibilidade.

Os cidadãos se preparavam para o evento como para uma importante festividade. Que não se iria trabalhar, isso era óbvio. As mulheres passavam suas roupas de feriados, os homens tiravam o pó de seus jaquetões e mandavam engraxar bem as botas. Quem possuía um cargo militar ou um posto burocrático, quem era oficial de corporação, advogado, notário, diretor de uma irmandade ou alguma outra coisa significativa, punha uniforme e indumentária oficial, com ordens, faixas, correntes e perucas empoadas de branco. Os fiéis pensavam reunir-se para uma missa *post festum*, os jovens de Satã para uma pesada missa luciferina de agradecimento, a nobreza culta para a sessão magnética nos hotéis de Cabris, Villeneuve e Fontmichel. Já se cozinhava e assava nas cozinhas, buscava-se vinho nas adegas e enfeites florais no mercado; na catedral, o organista e o coro ensaiavam.

Na casa de Richis, na Rue Droite, tudo estava quieto. Richis proibira todo e qualquer preparativo para o "dia da libertação" (assim o povo chamava o dia da execução). Para ele, tudo era uma nojeira. Fora para ele algo nojento o temor que súbito tornara a irromper entre as pessoas, e essa febril alegria antecipada era asquerosa. Elas mesmas, as pessoas, todas juntas, eram para ele algo nojento. Ele não participara da apresentação do criminoso e das suas vítimas na praça em frente à catedral, do processo, do desagradável desfile dos ávidos de sensações frente à cela do condenado. Para a identificação dos cabelos e das roupas de sua filha, solicitara que o tribunal viesse até a sua casa, fizera de modo curto e controlado as suas assertivas e solicitara que as coisas lhe fossem deixadas como relíquias, o que de fato aconteceu. Levou-as para o quarto de Laure, deitou o camisolão cortado e a anágua sobre a sua cama, estendeu os cabelos ruivos sobre o travesseiro: sentou-se diante disso e não saiu mais do quarto, nem de dia nem de noite, como se quisesse, através dessa inútil vigília, corrigir aquilo que deixara de fazer na noite de La Napoule. Estava tão enojado, com tanto nojo do mundo e de si mesmo, que nem conseguia chorar.

Também ficou com nojo do assassino. Não queria vê-lo mais como ser humano, só como vítima a ser sacrificada. Só queria vê-lo na hora da execução, quando estivesse pendurado na cruz e as doze pancadas caíssem sobre ele; aí queria vê-lo,

bem de perto, tendo mandado que lhe fosse reservado um lugar na fila da frente. E quando o povo tivesse se dispersado, então queria subir até ele e sentar-se ao seu lado e manter vigília, noites a fio se fosse preciso, e ficar olhando nos olhos dele, do assassino da sua filha, e gotejar todo o nojo para dentro dos seus olhos, o nojo que nele havia, derramar dentro dele, em sua agonia, todo o nojo, como uma acidez que queimasse, até que essa coisa tivesse perecido..

E depois? O que faria ele depois disso? Não sabia. Talvez reassumisse a sua vida habitual, talvez casasse, talvez gerasse um filho, talvez não fizesse nada, talvez morresse.

Ficar meditando em torno disso pareceu-lhe tão inútil quanto pensar sobre o que ele deveria fazer após a sua própria morte, naturalmente, nada. Nada que agora pudesse saber.

A execução estava marcada para as cinco da tarde. Já pela manhã chegaram os primeiros espectadores e garantiram lugares para si. Trouxeram cadeiras e banquinhos, almofadas, mantimentos, vinho e os filhos. Quando por volta do meio-dia os camponeses de todas as partes chegaram em massa, a praça já estava tão repleta de gente que os recém-chegados tiveram de se ajeitar nos jardins e campos, que subiam em forma de terraços para além da praça e na estrada para Grenoble.

Os comerciantes faziam bons negócios, comia-se, bebia-se; zumbia e burburinhava como em uma feira anual. Logo haviam se juntado umas dez mil pessoas, mais do que para a festa da Rainha do Jasmim, mais do que para a grande procissão, mais do que em qualquer ocasião anterior em Grasse. Estavam paradas até bem além da encosta. Penduradas nas árvores, encarapitadas em cima dos muros e dos telhados, comprimidas às dezenas, às dúzias, nas janelas. Só no centro da grande praça o público, protegido pela barricada, como que se destacando da massa da multidão humana, permanecia ainda um espaço livre para a tribuna e para o cadafalso, que de repente parecia bem pequeno, como um brinquedo, ou como o palco de um teatro de marionetes. E foi mantido um caminho aberto, desde o local da execução até a Porte du Cours, entrando Rue Droite adentro.

Pouco depois das três, apareceram *Monsieur* Papon e seus auxiliares. Ressoaram aplausos. Eles carregaram a cruz de Santo André, feita de travessões de madeira, até o cadafalso e a colocaram na altura adequada para o trabalho, apoiando-a com quatro pesados cavaletes. Um auxiliar de marcenaria pregou-a. Cada ato dos auxiliares do carrasco e do marceneiro era acompanhado por aplausos da multidão. Quando Papon apareceu com a barra de ferro, rodeou a cruz, mediu os seus passos, executando ora deste ora daquele lado uma pancada imaginária, reboou um verdadeiro júbilo.

Às quatro, a tribuna começou a se encher. Havia muita gente fina para admirar, ricos cavalheiros com lacaios e boas maneiras, belas damas, grandes chapéus, cintilantes vestidos. Toda a aristocracia da cidade e do campo estava presente. Os cavalheiros do Conselho apareceram em corso fechado, liderado pelos dois cônsules, Richis portando roupas escuras, meias escuras, chapéu escuro. Atrás do Conselho veio marchando a Magistratura, sob a direção do Presidente do Tribunal. Por último veio o bispo em liteira aberta, paramentado de violeta brilhante e solidéu verde. Quem ainda estava com a cabeça coberta tirou rapidamente o chapéu. A hora tornava-se solene.

Durante cerca de dez minutos não aconteceu mais nada. Damas e cavalheiros

havam se assentado, o povo esperava quieto, ninguém mais comia, todos aguardavam. Papon e seus auxiliares estavam como que atarraxados sobre o cadafalso. O sol pendia imenso e amarelo por cima do Esterel. Da bacia grassense soprava um vento morno, trazendo a fragrância de flores de laranjeira. Estava muito quente e incrivelmente quieto.

Por fim, quando já se achava que a tensão não poderia mais durar por muito tempo sem estourar uma gritaria de milhares, um tumulto, uma correria, uma explosão em massa, ouviu-se no silêncio geral o ressoar de patas de cavalo e o ranger de rodas.

Descendo a Rue Droite, vinha uma carruagem fechada, puxada por dois cavalos — a carruagem do delegado de polícia. Passou pelo portão da cidade e apareceu, tornando-se visível para todo mundo, na ruazinha estreita que conduzia ao local da execução. O delegado de polícia insistira nesse tipo de encenação, pois não acreditava poder garantir de outro modo a segurança do delinquente. Costumeiro isso não era. A cadeia não ficava nem a cinco minutos do local da execução e, caso um condenado, seja lá por quê, não conseguisse percorrer a pé essa curta distância, então ela seria percorrida com uma carroça aberta puxada por uma mula. Que alguém desfilasse para a sua própria execução em carruagem com cocheiro, serviçais de libre e escolta, isso não se vira ainda.

Mesmo assim, não estourou na multidão nem inquietação nem rebeldia. Ao contrário. Ela estava satisfeita pelo fato de finalmente alguma coisa acontecer, considerou-se a questão da carruagem como uma boa ideia, assim como no teatro se gosta de ver uma conhecida peça ser representada de um modo surpreendentemente novo. Muitos acharam até que a encenação da entrada fora adequada.

Um criminoso tão incomumente horrendo merecia um tratamento incomum. Não se podia arrastá-lo em correntes até a praça, como um assaltante ordinário, e liquidá-lo. Nisso não teria havido nada de sensacional. Tirá-lo da carruagem e levá-lo para a cruz de Santo André — isso era de uma crueldade incomparavelmente mais imaginosa.

A carruagem parou entre o cadafalso e a tribuna. Os lacaios saltaram, abriram a portinhola e estenderam a escada. Desceu o delegado de polícia, depois dele um oficial de guarda e, por fim, Grenouille. Vestia jaquetão azul, camisa branca, meias brancas de seda e sapatos pretos de fivela. Não estava algemado. Ninguém o segurava pelo braço. Desceu da carruagem como um homem livre.

Foi quando aconteceu um milagre. Ou algo parecido com um milagre, ou seja, algo de tal modo inconcebível, inimaginável e incrível que todas as testemunhas o teriam depois classificado como milagre, se por acaso tivessem alguma vez falado sobre isso (o que não aconteceu, pois mais tarde todos se envergonharam de sequer

terem participado disso).

Ocorre que, de um momento para o outro, as dez mil pessoas no passeio público e nas cercanias sentiram-se tomadas pela inabalável crença de que o homenzinho de jaquetão azul, que há pouco descera da carruagem, *não podia ser de jeito nenhum um assassino*. Não que duvidassem da sua identidade! Ali estava o mesmo homem que, há poucos dias, tinham visto na praça da igreja, na janela da delegacia e que, naquela ocasião, caso tivessem conseguido apoderar-se dele, teriam linchado com imensa ira e ódio.

O mesmo que, dois dias antes, devido às esmagadoras provas e à sua própria confissão, fora condenado de acordo com a lei. O mesmo cujo esmigalhamento pelo carrasco elas há apenas um minuto tinham ansiosamente desejado. Era ele, indubitavelmente!

E mesmo assim — também não era ele, não podia ser ele, não podia ser um assassino. O homem que estava no local da execução era a própria inocência em pessoa. Disso sabiam nesse momento todos, do bispo até o vendedor de refrescos, da marquesa até a lavadeirinha, do Presidente do Tribunal até o garoto da rua.

Também Papon o sabia. E seus punhos, que mantinham segura a barra de ferro, tremiam. De repente sentiu tal fraqueza em seus fortes braços, tamanha moleza nos joelhos, tanto temor no coração quanto uma criança. Não seria capaz de erguer essa barra, jamais na vida seria capaz de juntar forças para erguê-la contra esse pequeno e inocente homem, ah, temia o momento em que ele fosse levado ali para cima, cambaleou, teve de se apoiar em sua barra assassina para não cair de joelhos, de tanta fraqueza, ele, o forte Papon!

Não foi outra coisa que ocorreu aos dez mil homens e mulheres e crianças e anciãos que ali estavam reunidos: ficaram fracos como mocinhas submetidas ao sedutor charme do namorado. Sobreveio-lhes um poderoso sentimento de simpatia, de delicadeza, de fantástica amorosidade infantil, sim, sabe Deus, de amor por esse pequeno assassino, e não queriam, não podiam fazer nada contra isso. Era como um choro contra o qual não se pode defender, como um choro retido há muito tempo e que sobe da barriga e maravilhosamente destroça, decompõe e joga fora tudo o que ofereça resistência. Ainda mais líquidas estavam as pessoas, liquidadas, liquidificadas por dentro em corpo e alma; eram apenas ainda amorfos líquidos, só sentindo ainda o coração como um montinho descontrolado a oscilar em seu interior e cada um, cada uma colocava-o na mão do homenzinho de jaquetão azul, pela vida e pela morte: todos o amavam.

Grenouille já estava ali há vários minutos, na porta entreaberta da carruagem, sem se mexer. O lacaio a seu lado caíra de joelhos e ia caindo cada vez mais profundamente, até prostrar-se completamente, como é habitual diante do sultão e de

Alá. E mesmo nessa posição ele tremia e balançava ainda, querendo afundar cada vez mais, deitar-se de bruços sobre a terra, ir para dentro dela, debaixo dela. Até o outro lado do mundo ele queria afundar, de tanta submissão. O oficial da guarda e o chefe de polícia, ambos homens durões, cuja tarefa teria sido conduzir o condenado ao cadafalso e entregá-lo ao carrasco, não conseguiram mais efetuar ações coordenadas. Choravam, tiravam os seus chapéus, colocavam-nos de novo, jogavam-nos no chão, abraçaram-se um ao outro, separaram-se, redemoinharam absurdamente com os braços pelo ar, estenderam as mãos, tremeram e fizeram caretas como possessos na dança de São Vito.

As autoridades que se encontravam pouco adiante entregaram-se ao seu desvario de um modo bem pouco discreto. Cada qual deixou caminho livre ao impulso do seu coração. Houve damas que, olhando para Grenouille, batiam os punhos no ventre e suspiravam de prazer; e outras que, de tanto desejarem e quererem o maravilhoso jovem — pois assim ele lhes parecia —, caíam desmaiadas sem soltar um pio. Houve cavalheiros que num repente pulavam de suas cadeiras e de novo se sentavam para novamente saltarem, suspirando enormemente, pondo os punhos em torno do cabo das adagas como se quisessem puxá-las e, quando já estavam puxando, empurravam de volta o aço, de tal modo que das bainhas só se ouvia o matraquear e estalar; e outros que, calados, apenas erguiam os olhos para o céu e juntavam as mãos em oração; o monsenhor, o bispo, que, como se estivesse se sentindo mal, curvava a parte superior do corpo para a frente e batia a testa sobre o joelho, até que o solidéu verde rolou-lhe da cabeça; e, no entanto, ele nem sequer estava se sentindo mal, mas estava gozando agora pela primeira vez em sua vida um êxtase religioso, pois um milagre acontecera diante dos olhos de todos, o senhor se interpusera pessoalmente aos braços do carrasco, ao revelar como anjo aquele que diante do mundo parecia um assassino — oh, que semelhante coisa ainda acontecesse no século XVIII! Como era grande o Senhor! E como era pequeno e ínfimo ele próprio, tendo proferido uma maldição e um esconjuro sem neles acreditar, e só para acalmar o povo! Oh, que ousadia, oh, que falta de fé! E agora o Senhor fazia um milagre! Oh, que maravilhosa humilhação, que doce rebaixamento, que graça poder ser, enquanto bispo, assim punido por Deus.

Do outro lado da barricada, o povo entregava-se, entrementes, cada vez mais desavergonhadamente à incrível embriaguez dos sentidos que a aparição de Grenouille desencadeara. Quem no começo, ao olhá-lo, sentira apenas compaixão e simpatia estava agora pleno de desejo nu e cru; quem primeiro admirara e desejara era levado ao êxtase.

Todos consideravam o homem do jaquetão azul o ser mais bonito, atraente e perfeito que se poderia imaginar: às freiras apareceu como a terra da salvação em

peessoa; aos adeptos de Satã, como luminoso senhor das trevas; aos esclarecidos, como ser supremo; às mocinhas, como um príncipe encantado; aos homens, como uma cópia ideal de si próprios. E todos se sentiam por ele atingidos e dominados em seu ponto mais sensível: ele os atingira em seu centro erótico. Era como se o homem possuísse dez mil mãos invisíveis e como se ele tivesse posto a mão sobre o sexo de cada uma das dez mil pessoas que o rodeavam, acariciando-o de tal modo que cada um, homem ou mulher, mais o desejava em suas mais secretas fantasias.

A consequência foi que a planejada execução de um aos criminosos mais merecedores da abominação em sua época acabou redundando na maior bacanal que o mundo havia visto desde o segundo século antes de Cristo: pudendas senhoras rasgavam as blusas, soltavam com histéricos gritos os seus seios, jogavam-se no chão com as saias puxadas para cima. Homens tropeçavam com olhares errantes pelo campo da lasciva carne exibida, puxavam, com os dedos a tremer, para fora das calças os seus membros endurecidos, duros como se tivessem sido congelados por uma geada invisível, caíam chiando, gemendo em qualquer lugar, copulavam nas mais impossíveis posições e combinações, velho com virgem, jornaleiro com mulher de advogado, aprendiz com freira, jesuíta com mulher de maçom, tudo misturado, conforme o acaso dispusesse. O ar estava pesado com o doce cheiro do suor do desejo e barulhento com a gritaria, com os grunhidos e gemidos dos dez mil animais humanos. Era infernal.

Grenouille estava parado e sorria. Às pessoas que o viam parecia que sorria o sorriso mais inocente, querido, encantador e, ao mesmo tempo, sedutor do mundo. Mas, na realidade, não era um sorriso: era um arrego horrendo, cínico, o que jazia em seus lábios e espalhava todo o seu triunfo e todo o seu desprezo. Ele, Jean-Baptiste Grenouille — nascido inodoro no lugar mais fedorento do mundo, achado no lixo, na merda e na podridão, criado sem amor, vivendo sem calor de alma humana, vivendo tão somente da teimosia e da força do nojo, pequeno, corcunda, coxo, feio, rejeitado, um monstrengo tanto por dentro quanto por fora —, conseguira tornar-se amado pelo mundo.

Amado! Venerado! Adorado! Ele realizara o feito de Prometeu! A chama divina, que às outras pessoas é dada de berço e só a ele não fora dada, ele a conseguira mediante infinito refinamento. Ainda mais! Ele a havia colocado inclusive em seu interior. Era ainda maior do que Prometeu. Tinha criado uma aura mais brilhante e eficaz do que qualquer outra que antes dele algum homem um dia tivera.

E não a devia a ninguém — a nenhum pai, mãe, e muito menos a um deus misericordioso — senão *a si mesmo*, tão somente. Ele era, de fato, o seu próprio deus, e um deus mais maravilhoso do que aquele Deus que fedia a incenso e morava nas igrejas. Diante dele jazia de joelhos um bispo de carne e osso a rolar de prazer.

Os ricos e poderosos, os orgulhosos cavalheiros e damas morriam de admiração, enquanto o povo todo ao redor, entre eles pais, mães, irmãos, irmãs das suas vítimas, festejava orgias em sua honra e em seu nome. A um aceno seu, todos iriam abjurar o seu Deus e rezar para ele, o grande Grenouille.

Sim, ele *era* o Grande Grenouille! Agora isto se demonstrava. Ele o era, como outrora em suas fantasias narcisistas, agora ele o era na realidade. Vivia nesse momento o maior triunfo da sua vida. E esse momento se tornou terrível para ele.

Tornou-se terrível para ele, pois não pôde gozar um segundo dele. No momento em que, saindo da carruagem, pusera o pé na praça iluminada de sol, impregnado do perfume que o tornava amado pelas pessoas, o perfume em que havia trabalhado por dois anos, o perfume que ele desejara possuir ao longo de toda a sua vida... nesse momento em que via e cheirava o efeito irresistível que provocara e, como, espalhando-se com enorme rapidez se apoderava das pessoas ao seu redor — nesse momento ressurgiu nele todo o seu nojo ante os seres humanos e conspurcou de tal modo o seu triunfo que não sentiu mais nenhuma alegria, nem sequer o menor sentimento de satisfação. O que ele sempre havia desejado, ou seja, que as outras pessoas o amassem, tornava-se, no instante do seu êxito, insuportável, pois ele mesmo não as amava, mas as odiava. E de repente soube que jamais encontraria satisfação no amor, mas tão somente no ódio, no odiar e no ser odiado.

Mas o ódio que sentia pelas pessoas permaneceu sem eco. Quanto mais ele as odiava nesse momento, tanto mais elas o adoravam, pois nada percebiam dele senão a sua aura, a sua máscara odorífera, o seu perfume roubado, e este era, de fato, divinamente bom.

Agora ele teria preferido eliminá-las da face da terra, essas pessoas estúpidas, fedorentas, erotizadas, exatamente como outrora, no país da sua alma negra como carvão, eliminara os cheiros estranhos. E desejava que notassem o quanto ele as odiava e que por isso, por causa desse seu único sentimento real, elas o odiassem de volta e, por sua vez, liquidassem com ele, como, afinal, originariamente pretendiam. *Uma vez* na vida ele gostaria de se externar. *Uma vez* na vida gostaria de ser também como outras pessoas e externar a sua interioridade: assim como elas externavam o seu amor e a sua idiota veneração, assim ele o seu ódio. *Uma vez*, uma única vez, queria ser considerado em sua verdadeira existência e receber de outra pessoa uma resposta ao seu único sentimento verdadeiro, o ódio. Mas isso não deu em nada. Não podia dar em nada.

E justamente hoje é que não. Pois ele estava mascarado com o melhor perfume do mundo, e debaixo dessa máscara ele não tinha rosto nenhum, nada senão a sua total ausência de cheiro. Então sentiu-se mal de repente, pois as névoas novamente o inundavam.

Como naquela vez na caverna, no sonho, no sono, no coração, na sua fantasia, subiram de repente as névoas, as horrendas névoas do seu próprio cheiro, cheiro que ele não podia cheirar, pois não tinha cheiro algum. E como naquela vez, ficou infinitamente atemorizado e em pânico, acreditando que iria sufocar. Mas, diferente daquela vez, isso não era nenhum sonho e nenhum sono, mas a nua e crua realidade. E diferente daquela vez, não estava agora deitado sozinho em uma caverna, mas parado em uma praça, à frente de dez mil pessoas. E diferente daquela vez aqui nenhum grito ajudava, um grito que o fizesse acordar e o libertasse, e não ajudava nenhuma fuga de volta para o mundo bom, caloroso, salvador. Pois este, aqui e agora, *era* o mundo, e este, aqui e agora, era o seu sonho concretizado. E ele próprio assim o quisera.

As terríveis e sufocantes névoas continuaram a subir do pantanal da sua alma, enquanto ao seu redor o povo gemia e uivava em orgiásticas contrações. Um homem veio correndo na sua direção. Saltara da fila da frente na tribuna de honra, tão entusiasticamente que o seu chapéu negro lhe caíra da cabeça, e agora esvoaçava com o seu jaquetão negro pelo local da execução, como um corvo ou como um anjo vingador. Era Richis.

Ele há de me matar, pensou Grenouille. Ele é o único que não se deixará enganar pela minha máscara. Não pode deixar-se enganar. O odor da sua filha está em mim, tão traiçoeiramente nítido quanto sangue. Ele terá de me reconhecer e me matar. Terá de fazer isso.

E estendeu os braços para receber o anjo que se aproximava. Já acreditava sentir o golpe do punhal ou da adaga como uma pancada maravilhosa no peito, e a lâmina que atravessava todas as suas camadas de proteção aromática e toda a sufocante névoa, bem dentro do seu coração enregelado — finalmente, finalmente algo em seu coração, alguma coisa diferente do que ele mesmo! Já se sentia quase liberto.

No entanto, de repente Richis estava deitado sobre o seu peito, não como um anjo vingador, mas um Richis comovido, lamentavelmente soluçante, a envolvê-lo com os braços, a agarrar-se firmemente nele, como se fora daí não mais encontrasse nenhum ponto de apoio num mar de felicidade. Nenhum golpe de punhal libertador, nem sequer um desaforo ou sequer um grito de ódio. Em vez disso, as faces de Richis, úmidas de lágrimas, grudadas nele e uma boca trêmula que choramingava: — Perdoe-me, meu filho, meu amado filho, perdoe-me!

Em seguida, lá do fundo dele mesmo, tudo ficou branco diante dos seus olhos e o mundo externo se tornou preto como carvão. As névoas retidas condensaram-se num líquido bravio, como leite fervente, espumante. Elas o inundaram, prensaram-no com insuportável tensão contra a parede interna do seu corpo, sem encontrar saída.

Ele queria fugir, fugir de qualquer jeito, mas para onde... Queria estourar, explodir, para não sufocar em si mesmo. Por fim caiu e perdeu a consciência.

Quando acordou, estava deitado na cama de Laure Richis. As relíquias, roupas e o cabelo dela haviam sido retirados. Uma vela queimava sobre o criado-mudo. Pela janela recostada, ele ouvia de longe o júbilo da cidade a festejar. Antoine Richis estava sentado em um escabelo ao lado da cama e fazia sua vigília. Tinha a mão de Grenouille na sua e a acariciava.

Antes mesmo de abrir os olhos, Grenouille provou a atmosfera. Ela estava calma. Nada burburinhava nem pressionava mais. Novamente preponderava a habitual noite fria em sua alma, e disso ele precisava para tornar a sua consciência fria e clara, e para dirigi-la para fora: lá ele cheirou o seu perfume. Este se havia modificado. As pontas tinham ficado um pouco mais fracas, de tal modo que agora a nota central do cheiro de Laure se projetava ainda mais maravilhosamente, um fogo suave, escuro, fulgurante. Sentiu-se seguro. Sabia que por algumas horas ainda era inatingível, e abriu os olhos.

O olhar de Richis pousava sobre ele. Amor infinito havia nesse olhar, delicadeza, comoção e a profundidade oca, boba, de quem ama.

Ele sorriu, apertou ainda mais firme a mão de Grenouille e disse: — Tudo agora vai dar certo. O magistrado anulou a condenação. Todas as testemunhas retiraram o que haviam dito. Você está livre. Pode fazer o que quiser. Mas eu quero que fique aqui comigo. Perdi uma filha, quero-o como a um filho. Você se parece com ela. É bonito como ela, os cabelos, boca, mão... Eu segurei o tempo todo a sua mão, que é como a dela. E quando olho nos seus olhos, então para mim é como se ela me olhasse. Você é o irmão dela e eu quero que seja o meu filho, a minha alegria, o meu orgulho, o meu herdeiro. Seus pais ainda vivem?

Grenouille sacudiu negativamente a cabeça, e o rosto de Richis ficou, de felicidade, vermelho como um pimentão.

— Então será o meu filho? — balbuciou ele, erguendo-se do banquinho para sentar-se à beira da cama e apertar também a outra mão de Grenouille. — Sim? Vai? Quer que eu seja o seu pai? Não diga nada! Não fale nada! Ainda está fraco demais para falar. Apenas acene com a cabeça!

Grenouille balançou a cabeça afirmativamente. Então a alegria explodiu em Richis por todos os poros e ele se inclinou sobre Grenouille e beijou-o na boca.

— Durma agora, meu querido filho! — disse ele, após ter-se posto novamente de pé. — Hei de vigiar até que tenha pegado no sono.

E depois de tê-lo contemplado por longo tempo em calado êxtase: — Você me

faz muito, muito feliz.

Grenouille repuxou de leve os cantos da boca, como havia observado fazerem as pessoas quando sorriem. Fechou os olhos. Esperou por algum tempo antes de deixar que a sua respiração fluísse de um modo mais calmo e profundo, como o fazem os que estão dormindo. Sentia o olhar amoroso de Richis sobre o seu rosto. Uma vez sentiu como Richis novamente se curvava para beijá-lo, deixando, porém, de fazê-lo, temendo acordá-lo. Por fim a vela foi apagada, e Richis esgueirou-se na ponta dos pés e saiu do quarto.

Grenouille ficou deitado até não ouvir mais ruídos na casa e na cidade. Quando levantou, já começava a alvorecer. Vestiu-se e saiu, sorrateiro pelo corredor, sorrateiro escada abaixo e pelo salão afora, para o terraço.

Daí podia-se ver para além da muralha da cidade, para além da bacia do território de Grasse, com tempo bom, inclusive até o mar. Agora havia uma névoa fina, antes um vapor, que vinha de lá; gramas, giestas e rosas estavam como que lavadas, limpas, simples, consoladoramente simples. Grenouille atravessou o jardim e saltou por cima da muralha.

Lá em cima na grande praça pública teve ainda de lutar para cruzar evaporações humanas, antes de ganhar o campo aberto. Toda a praça e as encostas pareciam um enorme acampamento desorganizado. Aos milhares, estavam deitadas por ali as figuras bêbadas, esgotadas pelas extravagâncias da festa noturna, várias delas nuas, várias semidesnudas e semicobertas de roupas, debaixo das quais haviam se escondido como sob um cobertor. Fediam a vinho azedo, a álcool, a suor e mijo, a cocô de criança e a carne carbonizada. Aqui e ali fumegavam ainda as fogueiras, onde tinham assado e bebido e dançado. Aqui e ali despontava ainda, em meio a milhares de roncões, um balbúcio ou uma risada. Talvez um ou outro ainda estivesse em vigília e lavasse com álcool os últimos restolhos de consciência para longe do crânio. Mas ninguém viu Grenouille, que subia através dos corpos espalhados, cauteloso e apressado ao mesmo tempo, como através de um pantanal. E quem chegasse a vê-lo, não o reconheceria.

Ele não tinha mais cheiro. O milagre passara.

Chegando ao fim do passeio público, não tomou a estrada na direção de Grenoble, nem na direção de Cabris, mas, atravessando os campos, foi na direção oeste, sem sequer olhar uma única vez ao redor. Quando o sol subiu, gorducho e amarelo e com um calor de matar, ele há muito já desaparecera.

Os grassenses acordaram com uma monumental ressaca. Mesmo aqueles que não tinham bebido sentiam a cabeça pesada e um mal-estar no estômago e no ânimo. Pela praça pública, em plena luz do sol, comportados campônios procuravam suas

roupas que, no auge da orgia, tinham jogado para longe; honradas senhoras catavam seus maridos e filhos; pessoas completamente estranhas se desenroscavam, indignadas, dos abraços mais íntimos; conhecidos, vizinhos, cônjuges defrontavam-se, de repente, na mais penosa nudez pública.

A muitos essa experiência pareceu tão horrorosa, tao completamente inexplicável e irreconciliável com as suas próprias concepções morais que, no instante da sua ocorrência, literalmente a apagaram da memória e, em decorrência disso, depois realmente não podiam mais lembrar-se dela. Outros, que não dominavam tão soberanamente o seu aparelho de percepção, tentaram deixar de ver e deixar de ouvir e deixar de pensar — o que não era tão simples, pois a vergonha era demasiado evidente e demasiado generalizada. Quem encontrara os seus pertences e seus familiares tratava de desaparecer tão rápida e discretamente quanto possível. Por volta do meio-dia o lugar estava como que varrido.

As pessoas na cidade só saíram de suas casas — se chegaram a sair — por volta da noitinha, para resolver as coisas mais urgentes. Ao se encontrarem, só se cumprimentavam rapidamente, só conversavam sobre coisas sem importância. Quanto aos eventos da véspera e da noite anterior, não se proferia palavra. Quanto mais desinibidas e frescas haviam se mostrado ontem, tanto mais envergonhadas ficavam agora. E todos estavam assim, pois todos eram culpados. Nunca o bom comportamento entre os cidadãos de Grasse pareceu melhor do que naquela época. Vivia-se como que em algodão.

Alguns, é verdade, por força dos cargos, tinham de ocupar-se mais diretamente com o que ocorrera. A continuidade da vida pública, a intangibilidade da lei e da ordem exigiam medidas rápidas. Já à tarde reuniu-se o Conselho da cidade. Os cavalheiros, entre eles também o vice-cônsul, abraçaram-se cerimoniosamente em silêncio, como se, através desse gesto conjuratório, reconstituíssem o sentido de sua assembleia. Daí se resolveu *una anima*, e sem que o evento ou mesmo o nome de Grenouille sequer tivessem sido mencionados, "mandar arrancar sem demora a tribuna e o cadafalso da praça, bem como mandar devolver o local e os campos pisoteados ao seu estado de ordem anterior". Para tanto foram liberadas cento e sessenta libras.

Simultaneamente reuniu-se o tribunal na Prévôté. Sem combinação prévia, a magistratura concordou em considerar o "caso G" resolvido, encerrar as atas e arquivá-las sem registro, abrindo um novo processo contra um até então desconhecido assassino de vinte e cinco donzelas na região de Grasse. Ao delegado de polícia foi dada ordem de retomar sem demora as investigações.

Já no dia seguinte o assassino foi encontrado. Tendo por base inequívocas suspeitas, foi preso Dominique Druot, *maitre parfumeur* na Rue de la Louve, em

cuja cabana haviam sido, afinal, encontradas as roupas e os cabelos de todas as vítimas. Os juizes não se deixaram enganar por seus protestos de inocência. Depois de catorze horas de tortura, ele confessou tudo, e até pediu para ser executado tão depressa quanto possível, o que também lhe foi concedido já no dia seguinte. Foi enforcado ao amanhecer, sem grandes pompas, sem cadafalso e sem tribunas, na presença simplesmente do carrasco, de alguns membros da magistratura, de um médico e um sacerdote. Depois de a morte ter ocorrido, ter sido constatada e protocolarmente registrada, mandou-se enterrar imediatamente o cadáver. Com isso o caso estava liquidado.

De qualquer forma, a cidade já o havia esquecido, e de um modo tão completo que viajantes que chegaram nos dias seguintes e perguntaram de passagem sobre o famigerado assassino de donzelas de Grasse não encontraram uma única pessoa razoável que lhes dissesse qualquer coisa. Só alguns malucos da Charité, notórios doentes mentais, balbuciavam ainda alguma coisa quanto a uma grande festa na Place du Cours, em razão da qual tiveram de desocupar os seus quartos.

E logo a vida se normalizara completamente. As pessoas trabalhavam com zelo, dormiam bem, tratavam dos seus negócios e se mantinham cômicas dos seus deveres. A água brotava como sempre das muitas fontes e poços, escorrendo a lama pelas ruas. A cidade estava de novo descuidada e orgulhosa nas encostas, sobre a fértil bacia. O sol brilhava quente. Logo seria maio. Colhiam-se rosas.

QUARTA PARTE

Grenouille caminhava à noite. Como no começo da sua viagem, evitava as cidades, evitava as estradas, deitava-se para dormir ao alvorecer, levantava à noitinha e continuava adiante. Comia o que achava pelo caminho: capim, cogumelos, flores, pássaros mortos, vermes. Atravessou a Provença, passou numa canoa roubada o rio Ródano ao sul de Orange, acompanhou o curso da Ardèche até bem no interior de Cévennes e depois o Allier para o norte.

Em Auvergne, chegou perto do Plomb du Cantal. Viu-o a oeste, grande e cinza-prateado à luz do luar, e cheirou o vento frio que dele vinha. Mas não lhe apetecia ir até lá.

Não tinha mais saudade da vida nas cavernas. Essa experiência já havia sido feita e se mostrara impossível de ser vivida. Assim como a outra experiência, a de viver entre as pessoas. Sufocava-se numa e noutra. Nem queria mais viver. Queria ir para Paris e morrer. Era isso o que queria.

De tempos em tempos enfiava a mão no bolso e a fechava em torno do frasquinho de vidro com o seu perfume. O vidrinho ainda estava quase cheio. Para a aparição em Grasse ele gastara apenas uma gota. O resto bastaria para fascinar o mundo inteiro. Caso quisesse, poderia em Paris deixar-se festejar não só por dez mil, mas por centenas de milhares; ou ir passar em Versalhes para que o rei lhe beijasse os pés; escrever uma carta perfumada ao papa e revelar-se como o novo Messias; em Notre-Dame, diante de reis e imperadores, deixar-se ungir como supremo monarca, sim, até mesmo como Deus sobre a terra — caso alguém ainda se deixasse ungir como Deus...

Tudo isso ele poderia fazer, bastava querer. Tinha poder para tanto. Segurava-o na mão. Um poder que era mais forte que o poder do dinheiro, do terror ou da morte: o insuperável poder de fazer as pessoas amarem. Só uma coisa esse poder não podia: não podia fazer com que ele mesmo cheirasse para si próprio. E ainda que chegasse a aparecer diante do mundo, através do perfume, como um Deus — se ele não podia cheirar a si mesmo e, por isso, jamais saberia quem ele era, — nada disso importava, não importava o mundo, ele próprio, o seu perfume.

A mão que envolvia o frasco tinha um cheiro, um perfume bem suave, quando ele a conduziu até o nariz e a farejou. Ficou melancólico e, por alguns segundos, esqueceu-se de caminhar e permaneceu parado, cheirando. Pensou: ninguém sabe como é realmente bom este perfume. Ninguém sabe como é *bem feito*. Os outros só se submetem ao seu efeito, sim, nem sequer sabem que se trata de um perfume o que

sobre eles atua e fascina. O único que alguma vez o reconheceu em sua verdadeira beleza fui eu, porque eu mesmo o fiz. E ao mesmo tempo sou o único a quem ele não pode fascinar, não pode deixar fora de si. Sou o único para quem não tem sentido.

E uma outra vez, quando já estava na Borgonha: quando eu estava recostado na muralha, na parte de baixo do jardim em que a moça de cabelo ruivo brincava e o seu odor soprava até mim... ou bem mais a promessa do seu odor, da sua fragrância, pois a sua fragrância posterior nem sequer existia — talvez tenha sido isso o que senti aquela vez, semelhante àquilo que as pessoas sentiram na praça pública, quando eu as inundei com o meu perfume...? Mas logo em seguida rejeitou a ideia: não, era uma coisa diferente. Pois eu já sabia que desejava a fragrância, não a jovem. As pessoas, no entanto, acreditavam que desejavam *a mim*, e o que elas realmente desejavam permaneceu um segredo para elas.

Depois não pensou em mais nada, pois pensar não era o seu forte, e ele também já estava em Orléans.

Atravessou o rio Loire em Sully. Um dia mais tarde, tinha no nariz os odores de Paris. A 25 de junho de 1767, pôs os pés na cidade, através da Rue Saint-Jacques, pela manhã cedo, às seis horas.

O dia se tornou quente, o mais quente até então nesse ano. Os milhares de cheiros e fedores brotavam como de mil bolhas rebentadas de pus. Nenhum vento soprava. As verduras nas bancas do mercado murchavam antes do meio-dia. Carnes de gado e peixe apodreciam. Nas ruazinhas pairava o ar empestado. Mesmo o rio parecia não mais correr, apenas ali parado e fedendo. Era como no dia do nascimento de Grenouille.

Atravessou o Pont Neuf até a margem direita e depois seguiu adiante para os mercados e o Cimetière des Innocents. Acomodou-se nas arcadas do prédio das ossadas, ao longo da Rue aux Fers. O cemitério jazia diante dele como um campo de batalha bombardeado, revirado, escavado, cheio de valas e buracos, semeado de crânios e ossadas, sem árvores, arbustos ou touceiras de capim, um depósito de lixo da morte.

Não se via viva alma. O fedor de cadáveres era tão forte que até mesmo os coveiros se haviam retirado. Só voltavam depois de o sol cair, a fim de, à luz dos archotes, abrir covas para os mortos do dia seguinte.

Só depois da meia-noite — os coveiros já tinham ido embora — é que o lugar voltou a ter vida — ladrões, assassinos, esfaqueadores, prostitutas, desertores, jovens desesperados. Havia-se acendido um pequeno fogo ao ar livre para cozinhar e para que o fedor se dissipasse.

Quando Grenouille saiu das arcadas e misturou-se com essa gente, primeiro nem sequer o perceberam. Ele pôde, sem ser perturbado, aproximar-se do seu fogo, como se fosse um deles. Isso reforçou mais tarde entre eles a opinião de que, no caso, devia ter se tratado de um espírito ou de um anjo ou de qualquer coisa sobrenatural. Pois normalmente reagiam com a maior aspereza à aproximação de um estranho.

O pequeno homem, em seu jaquetão azul, teria, porém, simplesmente estado aí de súbito, como que tendo brotado do chão, com uma garrafinha na mão e que ele havia destampado. Esta foi a primeira coisa de que todos podiam lembrar-se: de que alguém estava parado ali e destampara uma garrafinha. E depois ele teria se borrifado todo com o conteúdo dessa garrafinha e, de repente, teria estado imerso em beleza como num fogo irradiante.

Por um momento recuaram, cheios de temor reverencial e absoluto espanto. Mas no mesmo momento já sentiram que o recuo era mais um modo de tomar embalo, que o seu temor reverencial se convertia em desejo, o seu espanto em entusiasmo. Sentiram-se atraídos por esse anjo em pessoa. Um furioso fluxo emanava dele, maré que tudo arrastava, contra a qual homem nenhum podia conter-se, tanto menos quando ser humano algum queria conter-se, pois era a própria vontade o que essa maré minava, arrastando em sua direção: na direção dele.

Formara-se um círculo em torno dele, vinte, trinta pessoas, aproximando-se cada vez mais. Logo não cabiam mais todos no círculo, começaram a pressionar, a empurrar e a dar cotoveladas, cada qual querendo ficar mais perto do centro.

E rebentou de uma vez neles a última inibição, o círculo desfez-se. Todos se lançaram sobre o anjo, caíram sobre ele, arrastaram-no para o chão. Cada qual queria tocá-lo, cada qual queria ter uma parte dele, uma peninha, uma asinha, uma pequena chama do seu maravilhoso fogo.

Arrancaram-lhe as roupas, os cabelos, a pele do corpo, estraçalharam-no, enfiaram as suas unhas e os seus dentes em sua carne, caíram sobre ele como hienas.

Mas um corpo humano é bastante tenaz e não se deixa despedaçar assim, sem mais nem menos; mesmo cavalos têm nisso a maior dificuldade. E, assim, logo fulguravam as adagas, e apunhalavam e cortavam, e machados e machadinhas desciam zumbindo sobre os membros do corpo, quebravam com ruído os ossos. Em pouco tempo o anjo estava esquartejado em trinta partes e cada integrante da corja catou um pedaço e retirou-se, arrastado por um excitado desejo, para devorá-lo. Meia hora mais tarde, Jean-Baptiste Grenouille havia, em cada fibra, desaparecido da face da terra.

Quando os canibais, após terem feito a refeição, voltaram a se encontrar junto

ao fogo, nenhum disse palavra. Um ou outro arrotava levemente, cuspia um ossinho fora, dava um leve estalido com a língua, empurrava com o pé para dentro das chamas um pedacinho que restava do jaquetão azul: estavam todos perplexos e não ousavam olhar uns para os outros. Cada um deles, homem ou mulher, já havia uma vez cometido um assassinato ou algum outro crime bem pesado. Mas devorar um ser humano? Para uma coisa tão terrível, pensavam, não, jamais estariam dispostos. E se admiravam como isso lhes fora fácil e, apesar de toda a perplexidade, não sentiam o menor assomo de arrependimento. Ao contrário! Embora o estômago lhes pesasse um pouco, seus corações estavam bem leves. Em suas almas sombrias havia, de repente, um clima eufórico. E em seus rostos repousava um suave brilho de felicidade, um brilho de donzela. Daí talvez o pudor de alçarem o olhar e se olharem nos olhos.

Quando o ousaram, primeiro furtivamente e depois abertamente, foram obrigados a sorrir. Estavam extraordinariamente orgulhosos. Pela primeira vez, haviam feito algo por amor.

* * *

Table of Contents

Folha de Rosto

Primeira Parte

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

Segunda Parte

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

Terceira Parte

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

Quarta Parte

51